O LIVRO QUE INSPIROU O FILME DE BONG JOON-HO

MICKEY 7



"DEIXA O PÚBLICO SEM FÔLEGO!"
— *The Times*

ROMANCE

EDWARD ASHTON

Planeta minotauro

MICKEY 7

EDWARD ASHTON

MICKEY 7

TRADUÇÃO
Aline Storto Pereira

Planeta minotauro

Copyright © Edward Ashton, 2022
Publicado pela primeira vez nos Estados Unidos da América pela St. Martin's Press, um selo do St. Martin's Publishing Group
www.stmartins.com
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Copyright de tradução © Aline Storto Pereira, 2023
Todos os direitos reservados.
Título original: *Mickey7*

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, instituições e acontecimentos retratados neste romance são fruto da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia.

Preparação: Guilherme Kroll
Revisão: Renato Ritto e Elisa Martins
Projeto gráfico e diagramação: Nine Editorial
Capa: Ervin Serrano
Imagens de capa: space © Sergey Nivens / Shutterstock.com;
stars © Jurik Peter / Shutterstock.com
Adaptação de capa: Emily Macedo
Adaptação Para Ebook: Hondana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ashton, Edward

Mickey7 [livro eletrônico] / Edward Ashton; tradução de Aline Storto Pereira. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
ePUB

ISBN 978-85-422-2392-7 (e-book)
Título original: Mickey7

1. Ficção norte-americana 2. Ficção científica I. Título II. Storto, Aline

23-5215 | CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana

2023
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

Para Jen.
Se você não tivesse acabado com a civilização,
nada disso teria acontecido.

001

ESTA VAI SER A MAIS IDIOTA de todas as minhas mortes.

Passa um pouco das 26:00 e estou estatelado de costas em um chão de pedra tosca numa escuridão tão profunda que é como se estivesse cego. Meus oculares desperdiçam longos cinco segundos procurando por fótons perdidos no espectro visível antes de finalmente desistirem e passarem para o infravermelho. Mesmo assim não há muito o que ver, mas pelo menos consigo distinguir o telhado da câmara lá no alto, brilhando agora em um cinza pálido e espectral, e o círculo preto da abertura encrustada de gelo que deve ter me trazido até aqui.

Pergunta: o que diabos aconteceu?

Os últimos dez minutos da minha memória estão fragmentados, imagens desconectadas e frações de sons em sua maioria. Me lembro de Berto me deixando no topo da fenda. Me lembro de descer por um amontoado de blocos de gelo. Me lembro de andar. Me lembro de olhar para cima, de ver uma rocha que se projetava do gelo a uns trinta metros de altura na parede sul. Parecia um pouco a cabeça de um macaco. Me lembro de sorrir e então…

... e então não havia nada embaixo do meu pé esquerdo e eu caí.

Filho da puta. Eu não estava olhando para onde estava indo. Estava olhando para cima, para aquela rocha idiota com cara de macaco, pensando em como a descreveria para Nasha quando voltasse para a cúpula, e pisei num buraco.

A. Morte. Mais. Idiota. De. Todas.

Um calafrio percorre o meu corpo. O frio era ruim o bastante lá em cima, quando eu estava andando. Mas aqui embaixo, encostado no alicerce, o frio está se infiltrando, penetrando o traje epidérmico e as duas camadas de vestimentas térmicas, atravessando o cabelo e a pele e os músculos até chegar aos meus ossos. Estremeço de novo e uma súbita pontada de dor sobe do meu pulso esquerdo até o ombro. Baixo os olhos. Há uma saliência onde não deveria haver nenhuma, avolumando-se contra o tecido no ponto de encontro entre a luva e a vestimenta térmica externa. Começo a puxar a luva, pensando que talvez o frio ajude a diminuir o inchaço, mas outra pontada de dor faz o experimento cessar

quase antes mesmo de começar. Até ao tentar cerrar o pulso, a dor escala de ruim a excruciante assim que meus dedos começam a se curvar.

Devo ter batido em alguma coisa durante a queda. Fratura? Talvez. Torção? Definitivamente.

Dor significa que ainda estou vivo, certo?

Eu me sento devagar, chacoalho a cabeça para clarear os pensamentos e pisco para abrir uma janela de comunicação. Estou distante demais para captar algum dos repetidores da colônia, mas Berto ainda deve estar próximo, porque estou recebendo um resquício de sinal, não o suficiente para mensagens de áudio ou vídeo, mas provavelmente consigo enviar mensagens de texto. Meus olhos se fixam no ícone de teclado e ele se expande para preencher um quarto do meu campo de visão.

<Mickey7>: Berto, você está recebendo isto?
<FalcãoVermelho>: Afirmati*o. Ainda vivo, hein?
<Mickey7>: Por enquanto. Mas estou preso.
<FalcãoVermelho>: Não brinca. Eu vi o que aconteceu. Você caiu em um buraco.
<Mickey7>: É, eu percebi.
<FalcãoVermelho>: Não em um buraco pequeno, Mickey. Um dos grandes. Que diabos aconteceu, parceiro?
<Mickey7>: Eu estava olhando para uma rocha.
<FalcãoVermelho>: …
<Mickey7>: Ela parecia um macaco.
<FalcãoVermelho>: A morte mais idiota de todas.
<Mickey7>: É, bem, só se eu morrer, né? Falando nisso, alguma chance de você vir me pegar?
<FalcãoVermelho>: Ahn…
<FalcãoVermelho>: Não.
<Mickey7>: Sério?
<FalcãoVermelho>: Sério.
<Mickey7>: …
<Mickey7>: Por que não?

<FalcãoVermelho>: Bom, principalmente porque estou flutuando duzentos metros acima do ponto por onde você acabou de descer e ainda assim quase não consigo te captar. Você está nas profundezas do subsolo, meu amigo, e nós de**nitivamente estamos em território de

rastejadores. Seria necessário um esforço enorme e uma boa dose de risco pessoal para tirar você daí e não posso justificar esse tipo de risco por um prescindível, sabe?

<Mickey7>: Ah. Certo.
<Mickey7>: Nem por um amigo, hein?
<FalcãoVermelho>: Qual é, Mickey. Isso é jogo sujo. Não é como se você fosse morrer de verdade ou coisa assim. Vou registrar uma ocorrência da *ua perda quando eu voltar para a cúpula. Esse é o meu dever. É impossível Marshall não aprovar a sua regeneração. Você vai estar fora do tanque e de volta na sua cama amanhã.
<Mickey7>: Ah, que ótimo. Quero dizer, tenho certeza de que vai ser conveniente para você. Mas, nesse meio tempo, eu tenho que morrer em um buraco.
<FalcãoVermelho>: É, isso é péssimo.
<Mickey7>: É péssimo? Sério? É só isso que você tem para me dizer?
<Mickey7>: Sinto muito, Mickey, mas o que você quer? Lamento que você esteja prestes a morrer aí embaixo, mas, na verdade, esse é o seu trabalho, certo?
<Mickey7>: Eu nem estou atualizado, sabe? Não faço upload faz mais de um mês.
<FalcãoVermelho>: Isso… não é culpa minha. Mas não se preocupe. Vou deixar v*cê a par do que tem feito. Tem alguma coisa particular que fez desde o último upload que acha que talvez precise saber?
<Mickey7>: Hum…
<Mickey7>: Não, acho que não.
<FalcãoVermelho>: Perfeito. Então estamos prontos.
<Mickey7>: …
<FalcãoVermelho>: Tudo bem, Mickey?
<Mickey7>: Tá. Tudo bem. Muito obrigado, Berto.

Pisco para fechar a janela, me recosto contra a parede rochosa e fecho os olhos. Não consigo acreditar que aquele covarde desgraçado não vem me buscar.

Ah, quem estou tentando enganar? Claro que consigo acreditar.

E agora? Fico aqui e espero a morte? Não faço ideia de até que profundidade caí nessa cavidade ou fosso ou o que quer que seja antes de atingir o nível do solo nesse… seja lá o que for. Podem ter sido vinte metros. Pela maneira como Berto estava falando, poderia ter sido algo como cem metros. A abertura pela

qual eu caí está logo ali, a não mais de três metros. Mas, mesmo que pudesse chegar até lá, é impossível escalar com este pulso.

No meu ramo de trabalho, você passa muito tempo pensando em diferentes formas de morrer… isto é, quando não está de fato vivenciando-as. Nunca congelei até a morte antes. Mas definitivamente já pensei sobre isso. Foi difícil não pensar desde que pousamos nesta bola de gelo miserável. Deveria ser bem fácil, falando em termos gerais. Você fica gelado, adormece e depois não acorda, certo? Estou começando a cair no sono, pensando que talvez pelo menos não seja um jeito tão ruim de morrer, quando ouço o sinal dos meus oculares. Pisco para responder.

<VespaNegra>: Oi, meu bem.
<Mickey7>: Oi, Nasha. O que posso fazer por você?
<VespaNegra>: Apenas aguente firme. Estou no ar, chegada prevista em dois minutos.
<Mickey7>: Berto mandou um sinal para você?
<VespaNegra>: Mandou. Ele acha que não dá para recuperar você.
<Mickey7>: Mas?
<VespaNegra>: Ele só não está motivado o suficiente.

Sabe, a esperança é uma coisa engraçada. Trinta segundos atrás, eu tinha cem por cento de certeza de estar prestes a morrer e não estava com medo. Agora, porém, ouço meu coração bater acelerado e me vejo verificando uma lista de tudo o que poderia dar errado se Nasha realmente conseguisse colocar sua aeronave iônica no solo lá em cima e tentasse o resgate. Será que o chão da fenda é amplo o suficiente para ela pousar? Se for, será que vai conseguir me localizar? Se me localizar, será que vai ter cabo suficiente para chegar até mim?

Se tiver, quais são as chances de toda essa atividade fazer os rastejadores a atacarem?

Merda.

Merda, merda, merda.

Não posso deixar que ela faça isso.

<Mickey7>: Nasha?
<VespaNegra>: Oi?
<Mickey7>: Berto tem razão. Não dá para me recuperar.
<VespaNegra>: …
<Mickey7>: Nasha?

<VespaNegra>: Tem certeza, meu bem?

Fecho meus olhos outra vez, inspiro, expiro. É só uma viagem ao tanque, certo?

<Mickey7>: É, tenho. Caí bem fundo e estou muito ferido. Sinceramente, mesmo que você conseguisse me pegar, eles provavelmente acabariam me transformando em sucata mesmo.
<VespaNegra>: …
<VespaNegra>: Tudo bem, Mickey. A decisão é sua.
<VespaNegra>: Você sabe que eu teria ido te buscar, certo?
<Mickey7>: É, Nasha. Eu sei.

Ela se cala e eu fico ali vendo a intensidade do seu sinal aumentar e diminuir. Ela está circundando o local da queda. Está tentando triangular o meu sinal, tentando encontrar a minha localização.

Preciso acabar com isso.

<Mickey7>: Vá pra casa, Nasha. Vou fechar a conta agora.
<VespaNegra>: Oh.
<VespaNegra>: Tudo bem.
<VespaNegra>: Como você vai fazer isso?
<Mickey7>: Fazer o quê?
<VespaNegra>: Se desativar, Mickey. Não quero que você seja desativado como o Cinco. Você tem uma arma?
<Mickey7>: Não. Perdi meu chamejador na queda. Sinceramente, acho que eu não ia querer usar uma daquelas coisas em mim mesmo. Imagino que seria rápido, mas…
<VespaNegra>: É, acho que é uma boa decisão. E uma faca? Ou um machado de gelo?
<Mickey7>: Não para os dois. E o que exatamente você esperava que eu fizesse com um machado de gelo?
<VespaNegra>: Não sei. Eles são afiados, certo? Talvez você pudesse acertar a própria cabeça ou algo assim.
<Mickey7>: Olhe, Nasha, sei que está tentando ajudar, mas…
<VespaNegra>: Você podia simplesmente abrir a vedação do seu respirador. Não sei ao certo se a baixa porcentagem de oxigênio te afetaria primeiro ou a alta porcentagem de carbono, mas, de um jeito ou

de o*tro, não demoraria mais do que alguns minutos.
<Mickey7>: É. Sei que não tentei isso, mas, de alguma forma, acho que asfixia lenta não faz o meu tipo.
<VespaNegra>: Então o que você vai fazer?
<Mickey7>: Congelar até a morte, eu acho.
<VespaNegra>: É, funciona. Tranquilo, certo?
<Mickey7>: Espero que sim.

O sinal dela diminui até quase desaparecer, depois paira pouco acima de zero. Ela deve estar no limite de abrangência de transmissão.

<VespaNegra>: Ei, você fez backup, certo?
<Mickey7>: Não nas últimas seis semanas.
<VespaNegra>: Por que não tem feito upload?

Eu realmente não quero entrar nessa questão em especial neste exato momento.

<Mickey7>: Só preguiça, eu acho.
<VespaNegra>: …
<VespaNegra>: Sinto muito por isso, meu bem. Sinto muito mesmo.
<VespaNegra>: Quer que eu fique na linha com você?
<Mickey7>: Não. Pode levar um tempo, e, se acontecer alguma coisa com você aí fora, você não volta para casa, lembra? Você deveria voltar para a cúpula.
<VespaNegra>: Tem certeza?
<Mickey7>: É, tenho sim.
<VespaNegra>: Te amo, meu bem. Quando eu te encontrar amanhã, vou te dizer que você foi desativado como um profissional esta noite.
<Mickey7>: Obrigado, Nasha. Também te amo.
<VespaNegra>: Tchau, Mickey.

Pisco para fechar a janela e vejo o sinal de comunicação de Nasha diminuir até chegar a zero. Berto já saiu do alcance há muito tempo. Olho para cima. A abertura está olhando para mim como o ânus do demônio e, com ou sem backup, de repente não me agrada a ideia de morrer. Chacoalho a cabeça outra vez e fico de pé.

* * *

EIS AQUI UM EXERCÍCIO mental para você: imagine que descobriu que, quando vai dormir à noite, não apenas dorme. Você morre. Você morre e outra pessoa acorda no seu lugar na manhã seguinte. Ela tem todas as suas lembranças. Acha que é você e todos os seus amigos e entes queridos também acham. Mas ela não é você e você não é a pessoa que foi dormir na noite anterior. Você só existe desde a manhã e vai deixar de existir quando fechar os olhos à noite. Pergunte a si mesmo: faria alguma diferença em termos práticos na sua vida? Haveria alguma maneira de você sequer perceber?

Substitua "dormir" por "ser esmagado, ou vaporizado, ou incendiado" e você praticamente entendeu a minha vida. Problemas com o núcleo do reator? Eu cuido disso. Precisa testar uma vacina duvidosa? É comigo mesmo. Precisa saber se aquele absinto que você preparou na sua banheira é venenoso? Vou pegar um copo, seus malditos. Se eu morrer, vocês sempre podem fazer outro de mim.

A vantagem de todas essas mortes é que eu sou mesmo um tipo cagado de imortal. Não me lembro apenas do que Mickey1 fez. Me lembro de ser ele. Bem, em todo caso, de tudo menos dos últimos minutos da existência dele. A morte dele, ou a minha, aconteceu após uma ruptura no casco durante o trajeto. Mickey2 acordou algumas horas depois com a certeza absoluta de ter trinta e um anos e de ter nascido em Midgard. E quem é que sabe? Talvez tenha nascido. Talvez esse fosse o Mickey Barnes original olhando através de seus olhos. Quem poderia saber? E talvez, se eu me deitar no solo desta caverna, fechar os meus olhos e abrir as minhas vedações, eu acorde amanhã de manhã como Mickey8.

Mas, de certo modo, eu duvido.

Nasha e Berto talvez não sejam capazes de notar a diferença, mas, lá no fundo, em algum nível abaixo da razão, estou seguro de que saberia se estivesse morto.

* * *

NÃO HÁ PRATICAMENTE NADA no que se refere a fótons em escala visível aqui embaixo, mas o meu ocular está captando o suficiente no infravermelho de ondas curtas para dar uma olhada em volta. Ao que parece, existe meia dúzia de túneis saindo desta câmara, todos em declive.

Não deveria ser assim.

Nada disso deveria ser assim, na verdade.

Os túneis parecem tubos de lava, mas, de acordo com a pesquisa orbital, não deveria haver nenhuma atividade vulcânica dentro de um raio de mil quilômetros

daqui. Esse foi um dos motivos pelos quais escolhemos este lugar para o nosso acampamento-base, embora fique longe o suficiente do equador a ponto de o clima ruim deste planeta idiota ser ainda pior do que precisa ser. Percorro o perímetro da câmara devagar. Todos os túneis parecem iguais, tubos circulares de uns três metros de diâmetro, brilhando ligeiramente de uma forma que diz à minha mente consciente que há um gradiente positivo de temperatura em ação e ao mesmo tempo diz ao meu subconsciente que todos eles provavelmente levam direto ao inferno. Conto seis passos de cada um deles até o próximo.

Isso também não parece certo.

No entanto, não há tempo para me preocupar com esse detalhe. Escolho um túnel e começo a andar.

Depois de mais ou menos meia hora, começo a pensar que talvez devesse ter tentado contar a Nasha que não ia apenas ficar ali parado e congelar até a morte, afinal. Seria bom se ela soubesse para não deixar Berto registrar uma ocorrência de perda, a não ser que eu morra mesmo. A associação é bem progressista sobre muita coisa no que diz respeito à moralidade, mas algumas coisas realmente muito ruins aconteceram nos primórdios dos corpos bioimpressos e dos downloads de personalidade e, a essa altura, na maioria das colônias, é melhor você ser um assassino em série ou um sequestrador de crianças do que um múltiplo.

Abro uma janela de comunicação, mas claro que não estou recebendo nenhum sinal aqui. Muita rocha estratificada entre mim e a superfície. Provavelmente é melhor assim. Tenho certeza de que o único motivo pelo qual Nasha não insistiu em uma tentativa de resgate foi porque dei a impressão de que estava danificado mesmo. Se ela soubesse que eu estava de pé e andando por aqui com nada pior do que uma dor de cabeça e um pulso torcido, ela teria dado meia-volta e tentar vir me buscar, quer eu quisesse, quer não.

Não posso permitir isso. Nasha é a única coisa claramente boa que posso citar dos últimos nove anos da minha vida e, se acontecesse alguma coisa com ela por minha causa, não conseguiria viver comigo mesmo.

Não conseguiria, mas teria que viver, não teria? Não posso morrer… de qualquer maneira, não pra valer.

Em todo caso, a essa altura não sei ao certo se ela conseguiria me encontrar, mesmo que quisesse. Aqui embaixo é como um formigueiro, com túneis que se cruzam a cada doze metros mais ou menos. Tentei entrar nos que pareciam subir em vez de descer, mas acho que não estou me saindo muito bem nisso e não faço ideia de para qual direção estou indo.

Pensando pelo lado positivo, porém, não estou mais tremendo. No começo, achei que estava tendo hipotermia, mas o brilho infravermelho das paredes tem

se intensificado gradualmente e agora tenho certeza de que, quanto mais adentro os túneis, mais quente fica. Na verdade, estou começando a suar um pouco, o que não é problema por enquanto, suponho, mas vai ser ruim se eu realmente conseguir encontrar o caminho de volta para a superfície. Estava dez graus negativos quando rompi a crosta da abertura do fosso. As temperaturas à noite têm chegado aos trinta negativos ou menos, e nunca para de ventar. Se eu encontrar uma saída, pode ser uma boa ideia ficar aqui dentro até o sol voltar.

* * *

ESTOU SONHANDO ACORDADO com Nasha a primeira vez que escuto o deslizamento. É como um monte de pedrinhas caindo de uma parede de granito, só que começa e para, começa e para. Eu aperto o passo e não olho para trás. A essa altura, está claro para mim que esses túneis não são uma formação natural. Não sei que tipo de animal escavador faz túneis de três metros de diâmetro na rocha maciça, mas, seja lá qual for, tenho certeza de que não quero encontrar um.

À medida que avanço, os ruídos se tornam mais frequentes e mais próximos. Eu me vejo andando cada vez mais rápido, até estar quase correndo. Acabei de passar por um cruzamento de túneis quando percebo que não sei dizer se os ruídos que estou ouvindo vêm de trás ou da frente. Paro no meio do caminho e dou meia-volta.

E ali está ele, quase perto o bastante para eu tocá-lo.

Em termos gerais, parece um rastejador, o que acho que faz sentido: corpo segmentado, um par de pernas em cada segmento, garras duras e afiadas como patas. As mandíbulas são diferentes, contudo. Os rastejadores têm um par no segmento frontal. Este cara tem dois: um par ligeiramente mais longo paralelo ao chão e um par menor perpendicular ao primeiro. Assim como um rastejador, ele tem um par de cirros curtos e ágeis dentro da mandíbula e uma boca redonda cheia de dentes.

Existem algumas outras diferenças importantes. Os rastejadores são brancos por inteiro… evoluíram para se confundirem com a neve, talvez? É difícil dizer com base no infravermelho que estou captando, mas suponho que, no espectro visível, essa coisa seria marrom ou preta.

Além disso, claro, os rastejadores têm, talvez, um metro de comprimento e pesam algumas dezenas de quilos, enquanto o meu amigo aqui tem de largura a mesma medida da minha altura e se estende pelo túnel abaixo até onde consigo ver.

Lutar ou fugir? Nenhum dos dois parece uma boa aposta aqui. Ergo as minhas mãos, mostro as palmas abertas para ele e dou um lento passo atrás. Isso

provoca uma reação. Ele se empina e escancara as duas mandíbulas. Os cirros apontam para mim. Linguagem corporal. Para uma coisa como essa, meus braços levantados e abertos provavelmente parecem uma ameaça. Deixo os braços caírem nas laterais do corpo e dou outro passo atrás. Ele desliza em minha direção, seus segmentos frontais balançando devagar para trás e para a frente como a cabeça de uma cobra, e fico pensando que deveria ter ouvido Nasha, deveria ter aberto minhas vedações e deixado a atmosfera local fazer o seu trabalho, pensando que ser comido por uma centopeia gigante realmente não é o modo como eu gostaria de fechar a conta, quando ele ataca.

As mandíbulas se fecham ao meu redor mais rápido do que consigo reagir, entre as minhas pernas, sobre o meu ombro direito e em volta da minha cintura. O rastejador me ergue do chão e os cirros me seguram no lugar. A boca abre e fecha ritmadamente a menos de um metro de distância. Há fileiras e fileiras de dentes frios e pretos lá dentro, um atrás do outro até onde consigo ver naquela garganta quente como uma fornalha.

Mas ele não me puxa para dentro. Ele me pega e se locomove.

Os cirros são multiarticulados e terminam em ninhos de tentáculos que quase poderiam ser dedos, com garras de dois centímetros nas pontas. No começo, eu luto, mas eles mantêm os meus braços abertos e encostados nas mandíbulas com a força de um torno de aço. Posso chutar um pouco com os pés, mas não consigo alcançar nada que valha a pena chutar. A essa altura, suponho estar sendo levado de volta para o ninho. Um lanche para os pequeninos, talvez? Ou uma surpresa especial para a esposa? De qualquer forma, se pudesse abrir as minhas vedações agora, eu abriria. No entanto, não é uma opção, então fico ali, imaginando qual vai ser a sensação de ser triturado naquela boca inquieta.

O percurso é longo e, em determinado momento, acabo caindo no sono. Mas o tinido dos dentes do gigantesco rastejador me acorda e passo o resto do caminho vendo-os atritando-se uns contra os outros à medida que o diafragma da boca se abre e se fecha. É estranhamente fascinante. Os dentes devem crescer sem cessar ou cair e regenerar com bastante frequência porque estão, de fato, se danificando.

Depois de um tempo, percebo que os ângulos nos quais eles atingem uns aos outros são otimizados para mantê-los afiados.

Por fim, paramos em uma câmara semelhante àquela onde caí. O rastejador atravessa o espaço aberto e depois desliza a cabeça em um túnel lateral menor. Estico meu pescoço para olhar ao redor. A passagem parece terminar em um beco sem saída depois de cerca de vinte metros. A despensa da família? Ele coloca meus pés no chão, em seguida abre as mandíbulas. Os cirros me dão um leve empurrão e a cabeça recua.

Não sei ao certo o que vai acontecer agora, mas tenho certeza de que quero estar onde a coisa não esteja. Começo a subir o túnel. Há algo estranho no final da parede. Demoro alguns segundos para perceber que o meu ocular está registrando fótons no espectro visível pela primeira vez em horas.

Quando chego ao fim do túnel, a parede não é rochosa. É neve compactada. Encosto minha cabeça nela e empurro. Uma parte de meio metro de diâmetro cede. A luz do dia entra.

Nesse momento, de repente me lembro de ter nove anos de idade na casa de campo da minha avó em Midgard. Era uma manhã ensolarada de primavera e eu tinha pegado uma aranha no meu quarto. Apanhei-a nas mãos e a prendi, desci as escadas correndo e saí pela porta da frente com suas patinhas afiadas pisoteando a palma das minhas mãos. Agachei-me no jardim da frente, pus as mãos perto do chão e abri meus dedos. Enquanto ela fugia, eu me senti como um deus benevolente.

Pelo buraco na parede, consigo ver a saliência coberta de neve da nossa cúpula principal a não mais do que dois quilômetros de distância. Eu sou a aranha. Sou a aranha e aquela coisa no túnel acabou de me soltar no jardim.

* * *

TENTO MANDAR UM SINAL para Berto, depois para Nasha, logo que saio do túnel. Sem resposta. Não é de se surpreender, suponho. Ainda é cedo e os dois passaram a noite fora. Será que Berto me declarou morto em combate assim que voltou para a cúpula ou será que esperou até a manhã seguinte? E quanto tempo depois disso demorariam para me reinicializar de fato? Nunca estive por perto para ver essa parte, então não sei muito bem, mas suponho que não demore muito. Penso em deixar uma mensagem para Berto, mas algo me diz para esperar. Se ele foi direto para o tabique ao chegar ontem à noite, posso contar pessoalmente. Se não, com toda sinceridade, não sei o que acontece em seguida, mas tenho a estranha sensação de que talvez eu queira guardar meu status atual de não morto para mim mesmo por algum tempo.

A volta ao perímetro é uma longa caminhada de uma hora em meio a uma camada de neve recente que chega até o joelho. Apesar disso, na verdade faz uma manhã agradável, para variar. A temperatura é de pouco mais de zero grau pela primeira vez em quase uma semana. O vento cessou, o céu é de um suave tom rosado sem nuvens e o sol é uma grande bola vermelha logo acima do horizonte sul. Temos um perímetro de segurança de uns cem metros em torno da cúpula: torres com sensores, torreões com chamejadores automatizados, armadilhas, mecanismos. Nunca soube ao certo qual deveria ser o sentido

daquilo, uma vez que os rastejadores são os únicos animais grandes que vimos até agora e eles parecem ser capazes de se locomover debaixo da neve, onde os nossos sensores não conseguem encontrá-los, mas suponho que seja o procedimento operacional padrão.

Gabe Torricelli está operando o posto de controle que leva à câmara de descompressão principal esta manhã. Ele é um capanga da segurança, mas, no que se refere a capangas, é um cara legal. Está vestindo uma armadura de combate completa, exceto o capacete. Parece um fisiculturista enorme com uma cabecinha bem diminuta.

— Mickey — ele diz. — Você saiu cedo.

Eu dou de ombros.

— Sabe como é. Só para fazer a minha caminhada. Para que o equipamento? Nós declaramos guerra contra alguém enquanto eu estava em serviço na fenda?

Ele sorri atrás do respirador.

— Ainda não. A armadura é opcional para a guarda armada. Só que eu gosto da aparência dela. — Ele faz um gesto, apontando o caminho de onde eu vim. — Marshall continua mandando você fazer o reconhecimento das colinas, hein?

— É. Não faz sentido arriscar equipamento valioso para fazer o trabalho sujo quando vocês têm a mim, certo?

— Certo. Viu algo de bom por aí?

Sim, Gabe. Vi um rastejador do tamanho de uma nave de carga pesada. Ele me trouxe de volta para a cúpula e depois me soltou. Tenho certeza de que era senciente. Legal, né?

— Não — respondi. — Apenas um monte de pedra e neve.

— É — retorquiu ele. — Típico. Marshall só está desperdiçando o nosso tempo com essa bobagem, certo?

Argh. Ele está entediado e quer conversar. Preciso dar um basta nisso.

— Olhe — começo. — Eu adoraria ficar, mas tenho uma coisa a fazer na cúpula agora de manhã. Tudo bem se eu entrar?

— Tudo bem — ele concorda. — Claro. Acho que não preciso pedir identificação, hein?

— Não — respondo. — Provavelmente não.

Ele pega um tablet, digita alguma coisa, depois, com um aceno, me deixa passar e entrar na cúpula. Isso é bom. Talvez signifique que ninguém registrou Mickey8 junto à Segurança ainda. A preguiça do Berto pode ter me poupado de uma quantidade desconhecida de problemas. Por outro lado, foi basicamente a preguiça do Berto que me colocou nesta situação para começar. Teria sido difícil, mas tenho certeza de que ele poderia ter arrumado algum equipamento e voltado para me resgatar ontem à noite.

Eu não deixaria Nasha correr o risco de voltar para me pegar, mas o Berto? Se ele estivesse disposto, acho que teria tentado a sorte.

Claro, a razão de ter prescindíveis é que você não tem que voltar para buscá-los. Ainda assim, independentemente de como isso acabar, vou ter que reavaliar meus critérios para escolher melhores amigos.

A primeira parada é o meu tabique. Preciso me trocar, me limpar um pouco e colocar uma faixa de pressão no meu pulso. A essa altura, não acho que esteja quebrado, mas está roxo e inchado e tenho a impressão de que vai incomodar por algumas semanas pelo menos. Depois disso, posso entrar em contato com Berto e me certificar de que ele não está se preparando para fazer alguma coisa idiota. Preciso mandar um sinal para Nasha também, só para avisar que consegui sair.

Também para agradecê-la por estar disposta a tentar, suponho.

Sigo o corredor principal por dois terços da cúpula, depois subo quatro andares por uma escada metálica simples em espiral até as espeluncas. Os tabiques de qualidade inferior ficam aqui em cima, dezenas de cômodos de dois por três metros separados por divisórias de plástico extrudado e finas portas de espuma até perto do teto. Meu quarto fica próximo do centro. Tenho um quarto duplo com espaço suficiente para ficar de pé e erguer as mãos sobre a cabeça: um dos benefícios de ser um prescindível, suponho. É parecido com a forma como os astecas eram bem legais com aqueles atletas que jogavam bola com o traseiro, até arrastá-los ao altar e arrancar seus corações.

Percebo pela primeira vez que podemos ter um problema quando tento colocar a chave na minha porta. Já está destrancada. Eu a abro, o coração batendo em um ritmo desconexo no meu peito. Alguém está dormindo na minha cama, agasalhado com o cobertor até o queixo. Seu cabelo está empastado na testa e seu rosto está manchado com o que parece ser ranho ressecado. Avanço dois passos e fecho a porta ao passar. Ele abre os olhos ao ouvir a tranca se fechando.

— Ei — eu digo.

Ele se soergue e põe a mão no rosto.

— O quê… — Ele olha para mim e arregala os olhos. — Droga — ele diz. — Eu sou Mickey8, não sou?

002

A ESSA ALTURA, você deve estar se perguntando o que foi que eu fiz para ser designado como prescindível. Deve ter sido algo horrível, certo? Matei um cachorrinho, talvez? Empurrei uma velhinha escada abaixo?

Não e não. Acredite ou não, eu fui voluntário.

O modo como convencem você a se tornar um prescindível é que não chamam isso de se tornar um prescindível. Chamam de se tornar um imortal. Soa muito melhor, não é?

Não quero fazer parecer que sou um idiota. Eu sabia no que estava me metendo, mais ou menos, quando pus o meu polegar no contrato. Me sentei no escritório da recrutadora lá em Midgard e ouvi a conversa fiada inteira. Seu nome era Gwen Johansen. Era uma loira alta e corpulenta com um rosto inexpressivo e uma voz que soava como se tivesse passado a maior parte da manhã engolindo cascalho. Estava sentada atrás de uma mesa, olhando para uma tela nas mãos, e leu uma lista de coisas que poderiam pedir para eu fazer que provavelmente resultariam na morte daquela minha instanciação em particular.

Reparos externos durante o trajeto interestelar estava na lista, bem como a exposição à flora e à fauna local, experimentos médicos necessários, combate contra quaisquer inimigos que pudéssemos encontrar e assim continuou interminável até que enfim parei de prestar atenção. A verdade é que não importava o que iam fazer comigo. Eu não tinha escolha se queria uma vaga. Não era piloto. Não era médico. Não era geneticista, nem botânico, nem xenobiólogo. Não era sequer um figurante. Não tinha nenhum tipo de habilidade prática, mas precisava mesmo, *mesmo*, sair de Midgard e precisava ser logo. Essa era a primeira nave colonizadora que tínhamos fretado desde a nossa chegada duzentos anos antes e me inscrever como prescindível era a única maneira de conseguir uma passagem.

Eu sabia que, uma vez que tivesse submetido as amostras do meu tecido e permitido que fizessem o meu upload, seria o primeiro da fila para praticamente todos os trabalhos de perigosos a suicidas que aparecessem. O que eu realmente

não compreendi mesmo depois de ouvir Gwen repassar a ladainha inteira, porém, era quantos trabalhos de perigosos a suicidas existem na realidade em uma colônia em uma cabeça de ponte e com quanta frequência seria chamado para executá-los. Quero dizer, seria de se pensar que usaríamos comandos remotos para manusear a maioria das coisas realmente idiotas, coisas como explorar fendas possivelmente instáveis cheias de exemplares da fauna local possivelmente carnívoros só para pegar uma amostra aleatória. Foi o que fizeram em Midgard, por isso achei que esse posto poderia acabar sendo tranquilo.

Acontece, no entanto, que há toda uma gama de coisas, a maior parte delas envolvendo doses letais de radiação, mas estendendo-se a outros abusos também, que um corpo humano consegue de fato suportar por um período significativamente mais longo do que um robô pilotado e há toda uma gama de outras coisas, a maior parte delas envolvendo experimentos médicos e afins, que um robô não pode fazer de modo algum. Além do mais, na verdade é muito mais fácil substituir um prescindível em uma cabeça de ponte do que um robô. Não teremos nenhum tipo de extração mineral importante, muito menos indústria pesada, por um bom tempo ainda. Qualquer metal perdido está perdido para sempre até conseguirmos colocar essas coisas para funcionarem. Por outro lado, a matéria-prima de que precisam para fazer outro de mim requer apenas que coloquemos a nossa base agrícola on-line.

Não que tenhamos concretizado isso também. Fazer qualquer coisa crescer fora da cúpula em Niflheim vai ser um grande desafio de longo prazo e algo na microbiota local parece estar atrapalhando as coisas que estamos tentando cultivar lá dentro também, mas, teoricamente, é um projeto muito mais imediato.

Quando Gwen terminou de listar todas as coisas horríveis que poderiam me acontecer – várias das quais realmente me *aconteceram*, claro –, ela se recostou na cadeira, cruzou os braços e ficou me olhando por um longo e embaraçoso instante.

— Então — disse ela por fim —, isso parece mesmo o tipo de trabalho de que você gostaria?

Dei a ela o que esperava ser um sorriso confiante e respondi:

— Sim, acho que parece.

Ela continuou olhando até eu sentir pequenas gotas de suor nervoso se formando na minha testa. Eu já mencionei que precisava mesmo, *mesmo,* desse trabalho? Estava prestes a dizer alguma coisa sobre como sempre me senti confortável correndo riscos, sobre como tinha confiança na minha capacidade de me manter vivo nas circunstâncias mais desafiadoras quando ela se inclinou para a frente e perguntou:

— Você é um idiota completo e irrecuperável?

Aquilo me deixou embaraçado por um momento.

— Não — respondi. — Pelo menos, acho que não.

— Você ouviu o que eu disse antes, certo? A lista inteira?

Confirmei com a cabeça.

— Então quando eu falei “envenenamento agudo por radiação”, por exemplo, você entendeu. Compreendeu que o que eu quis dizer foi que você pode muito bem ser chamado para executar tarefas que te levariam a ser exposto de propósito a uma dose letal de radiação ionizante. Compreendeu que, depois disso, teria febre, erupções cutâneas, formação de pústulas e que, por fim, os seus órgãos internos meio que se dissolveriam e escorreriam pelo seu ânus durante dias, resultando no que sou levada a acreditar que seria uma morte extremamente dolorosa. Tudo isso ficou completamente claro para você?

— Ficou, mas isso não aconteceria de verdade, certo?

— Sim — retorquiu ela. — Poderia muito bem acontecer.

Chacoalhei a cabeça.

— Claro, posso sofrer exposição à radiação ou o que quer que seja, mas eu não teria uma morte longa, arrastada e agonizante. Eu simplesmente me mataria, certo? Tomaria um comprimido, fecharia os olhos e acordaria como um novo eu. Quero dizer, esse meio que é o objetivo de toda aquela coisa do backup, certo?

— É — disse Gwen. — É o que seria de se pensar, não é? Mas o fato é que a maioria dos prescindíveis não faz isso.

Esperei que ela continuasse. Quando ficou claro que não ia prosseguir, perguntei:

— Não fazem o quê?

Ela suspirou.

— Não se matam. Pelo que entendo, isso acontece muito raramente, apesar do fato de que faria todo o sentido. Ao que parece, três horas de palestras de capacitação não são suficientes para suplantar um bilhão de anos de instinto arraigado de autopreservação. Vai entender. Além do mais, em muitos casos, pode-se solicitar que os prescindíveis aturem tudo até o amargo fim, quer ele queira fazer isso, quer não. Pense nos experimentos médicos, por exemplo. Não dá para interromper com uma eutanásia prematura. O mesmo vale para a exposição à microbiota local. O Comando precisa saber exatamente quais são os efeitos biológicos, e não vão deixar você fechar a conta até terminarem de coletar dados. Entendeu?

Confirmei com a cabeça. Não consegui pensar em nenhuma resposta mais elaborada. Gwen ficou olhando para o teto por um bom tempo. Quando finalmente voltou a olhar para mim, tive a sensação de que ficou desapontada de me ver ainda sentado ali.

— Então me diga, sr. Barnes. O que exatamente acha atrativo na vaga oferecida?

Em seguida, ela pôs os cotovelos sobre a mesa e apoiou o queixo nas mãos.

— Bom — respondi —, quero dizer, mesmo se morrer uma ou duas vezes, eu seria basicamente imortal, certo? Foi o que você disse.

Ela suspirou de novo, mais alto desta vez.

— Certo. Você é um idiota. Em geral, tentamos não discriminar, mas o problema neste caso é que a Missão Prescindível é, na realidade, uma função extremamente importante para a expedição colonizadora. Mesmo uma mente tão simples como a sua ocupa uma quantidade quase inconcebível de espaço de armazenamento. Preparar você para o backup é um investimento enorme de recursos. Se você ocupar este posto, a sua personalidade para download é o único padrão biológico que a sua colônia vai levar. Isso significa que, se as coisas correrem mal, você pode acabar sendo a última coisa viva a bordo da *Drakkar*, exclusivamente responsável pelo bem-estar de milhares de embriões humanos armazenados, entre outros bens. Esse é mesmo um fardo que você está disposto a aceitar?

Eu dei a ela um sorriso nervoso. Ela ficou me olhando pelo que pareceu um longo tempo, depois se inclinou para trás na cadeira até os pés dianteiros se erguerem do chão, cruzou as mãos atrás da cabeça e voltou a atenção para o teto.

— Você sabe quantas pessoas se candidataram a esse posto em particular? — perguntou ela enfim.

— Ahn — disse eu. — Não.

— Adivinhe — falou ela. — Recebemos mais de dez mil inscrições para vagas nessa expedição no total. Seiscentos pilotos atmosféricos fizeram solicitações. Sabe quantas vagas nós temos para pilotos atmosféricos?

Sei a resposta para essa pergunta agora porque o Berto comentou isso mil vezes desde que saímos da órbita, mas não fazia ideia na época.

— Duas — revelou ela. — Seiscentos pilotos se candidataram a duas malditas vagas, e não são pilotos aleatórios de fim de semana. Cada um desses seiscentos seria perfeitamente qualificado para o trabalho. Miko Berrigan se candidatou para chefiar o nosso Setor de Física. Você acredita nisso?

Chacoalhei a cabeça. Não fazia ideia de quem era Miko Berrigan, mas, ao que parecia, era um ás da física.

Depois descobri que isso é verdade.

Também descobri que Miko Berrigan é meio que um cuzão, mas isso não é relevante para a história.

— A questão é que — continuou Gwen — nós escolhemos os melhores do rebanho para esta expedição. Como deve estar ciente, é uma honra tremenda ser

selecionado para uma missão colonizadora de cabeça de ponte para a qual a maioria das pessoas sequer tem a oportunidade de tentar se candidatar. Se quiséssemos, poderíamos preencher cada vaga da *Drakkar* com alguém com um olho verde e outro azul e ainda assim ter uma tripulação totalmente qualificada.

Então ela desencostou da parede, fazendo a cadeira bater no chão com estrondo, e inclinou-se na minha direção sobre a mesa. Tive que me forçar a não estremecer.

— O que me traz de volta ao nosso prescindível — declarou ela. — Você sabe quantas inscrições tivemos para esse posto?

Chacoalhei a cabeça.

— Você — revelou ela. — Você foi a única pessoa que se apresentou para preencher essa vaga em particular. Nós estávamos pensando seriamente em pedir à Assembleia autorização para *recrutar* alguém até você entrar pela minha porta. Bom, vejo pelos resultados dos seus testes padronizados que você, na realidade, não é uma pessoa completamente idiota. Na verdade, aqui diz que você é… historiador?

Confirmei com a cabeça.

— Isso é um emprego?

— De fato é — respondi —, ou pelo menos costumava ser. O estudo da história pode ser…

— Cada fragmento da história conhecida não está disponível para qualquer pessoa a qualquer momento?

Assenti.

— Então o que exatamente faz de você mais historiador do que eu, por exemplo?

— Bem — comecei —, na realidade, eu tive o trabalho de acessar muitos desses fragmentos.

Ela revirou os olhos.

— E alguém paga você por isso?

Hesitei.

— Acho que tecnicamente é mais um passatempo do que um emprego.

Ela ficou me olhando por uns cinco segundos mais ou menos, depois chacoalhou a cabeça e suspirou.

— Em todo caso, o posto para o qual você está se candidatando neste exato momento não é um passatempo. É sem sombra de dúvida um emprego, um emprego do qual, se aceitar, nunca vai poder desistir… e o que exatamente lhe diz o fato de que ninguém mais no planeta inteiro quer este emprego, sr. Barnes?

Então ela me olhou como se esperasse algum tipo de resposta, mas eu sinceramente não tinha ideia do que falar. Por fim, ela revirou os olhos de novo e

empurrou um leitor de biomarcas sobre a mesa até onde eu estava. Pus meu dedo no painel e senti uma leve picada enquanto ele extraía uma amostra de DNA. Ela pegou o leitor de volta e olhou para o monitor.

— Posso fazer uma pergunta? — falei.

Ela olhou para mim. Sua expressão era inescrutável.

— Claro. Por que não?

— Se ninguém se candidatou para esse emprego, se vocês estavam mesmo pensando em *recrutar* alguém para o cargo, por que está se esforçando tanto para me encorajar a desistir?

Ela baixou os olhos para o tablet.

— Excelente pergunta, sr. Barnes. Acho que talvez você me pareça um tipo decente e eu preferiria que esse emprego em particular fosse para um bundão.

Então ela se levantou, pousou o tablet na mesa e me estendeu a mão.

— Que seja — comentou ela. — Acho que vai ficar com você. Bem-vindo a bordo.

* * *

EIS A PERGUNTA que Gwen deveria ter feito para mim, mas não fez: o que há de tão ruim em Midgard para você estar disposto a correr o risco de as suas entranhas se dissolverem para ir embora do planeta? Quero dizer, Midgard é um lugar bastante razoável no que se refere a colônias de terceira geração. Fica no centro da zona habitável de uma gigante vermelha que acabou de engolir seu sistema interno. Isso significa que tiveram que fazer um pouco de terraformação quando a primeira nave apareceu, o que provavelmente foi uma chatice. Mas, pelo lado positivo, diferente do nosso lar atual, Midgard não é habitável há tempo suficiente para ter quaisquer seres vivos locais sofisticados para termos que lidar com eles. Tenho certeza de que algumas coisas ruins aconteceram com o prescindível deles também, mas pelo menos não era comido a torto e a direito.

O eixo de Midgard quase não tem inclinação, então não há muito em termos de estações para preocupar. É quente no equador e frio nos polos, com dois oceanos amplos, rasos e de baixa salinidade e um continente que circunda o planeta inteiro e os divide por completo. Superlotação não é um problema. Havia mais pessoas em uma megacidade da velha Terra pré-Diáspora do que em Midgard inteiro. As praias são boas. As cidades são limpas. O governo é eleito e se limita em grande parte a administrar a economia. Eu nunca sequer tive problemas com aquele grande sol vermelho preenchendo metade do céu, embora admita que o pequeno sol amarelo que temos aqui já pareça mais natural de certo modo.

Então qual era o problema? Você provavelmente tem alguns palpites, de forma que me deixe revisar a lista. Um caso amoroso que não deu certo? Não. Tive algumas namoradas, algumas boas e outras ruins, mas nenhuma delas ruim o bastante para me fazer sair do planeta e nenhuma no ano do meu primeiro upload. Problemas financeiros? Você não pensaria nisso, pensaria? Quase ninguém em Midgard tinha problemas financeiros. Praticamente toda a base industrial e agrícola era automatizada e o governo distribuía o benefício por cidadão, assim como quase todos os planetas da Associação. Segundo a maioria das maneiras de avaliar, Midgard era quase um paraíso.

Acontece que o problema que eu tinha com Midgard era exatamente o mesmo que tinha para sair de Midgard. Não era cientista. Não era engenheiro. Não tinha nenhum talento para as artes, nem para o entretenimento, nem para a retórica. Eu era – eu sou – o tipo de pessoa que, em uma idade precoce, teria sido algum tipo de acadêmico de baixo nível. Teria lido livros pouco conhecidos encontrados em arquivos pouco conhecidos e escrito artigos pouco conhecidos que ninguém teria lido. Em uma idade mais precoce do que essa, poderia ter investido o meu tempo em uma fábrica, ou em uma mina, ou talvez na infantaria. Em Midgard, porém, não havia acadêmicos de baixo nível. Como Gwen tão gentilmente salientou, a história estava ao alcance de qualquer um que quisesse. Com uma piscada do seu ocular ou alguns cliques no seu tablet, você poderia saber qualquer coisa que precisasse saber sobre qualquer coisa… não que alguém se desse ao trabalho de fazer isso, de fato.

Também não havia nenhum emprego nas fábricas, nem nas minas, nem mesmo na infantaria, aliás. Meu estipêndio padrão me dava o bastante para ter um teto sobre a cabeça e comida no estômago, mas, por mais que tentasse, não conseguia compreender para que era tudo aquilo. Não conseguia pensar em uma única forma em que o universo seria diferente se pulasse da minha sacada uma manhã.

E então, como homens entediados ao longo de toda a história, passei uma quantidade lamentável do meu tempo encontrando maneiras de me meter em confusão.

003

— Então — eu digo. — Parece que temos um problema.

Estou na minha cadeira da escrivaninha, voltado para a cama. Oito está sentado agora, inclinado para a frente com a cabeça apoiada nas mãos. Sei como ele se sente. Acordar diretamente saído do tanque é como a pior ressaca do mundo, com um pouco de lepra e de doença por descompressão misturadas para dar sabor.

— Você acha? Estamos ferrados, Sete. Estamos pior do que ferrados. Como você deixou isso acontecer?

Eu suspiro, me inclino para trás e esfrego o rosto com as duas mãos.

— Qual parte? Aquela em que o Berto presumiu que eu estava morto porque estava morrendo de medo de ser comido para voltar e me resgatar? Ou aquela em que eu inconvenientemente não morri de verdade?

— Não sei. Qualquer uma. Você pode me passar uma toalha?

Há uma toalha de mão pendurada na porta do guarda-roupa. Eu a puxo e a jogo para ele. Ele limpa a pior parte da imundície do rosto e do pescoço, depois tenta passar a toalha pelo cabelo.

— Isso é inútil — eu falo.

Ele me olha feio e continua esfregando.

— Sei disso, idiota. Eu me lembro de quando você acordou do tanque, certo? Me lembro de quando o Seis acordou e o Cinco e o Três e… bem, acho que isso é tudo, na verdade. De qualquer modo, me lembro de tudo o que você se lembra.

— Nem tudo — replico. — Faz mais de um mês que não faço upload.

— Ótimo. Obrigado por essa.

Eu suspiro.

— Não se preocupe. Você não perdeu nada de bom.

Ele joga a toalha cheia de gosma para mim, sai da cama e abre o guarda-roupa.

— Também não andou cuidando da roupa suja, hein?

— Não mesmo. As últimas semanas foram difíceis.

Ele pega um suéter encardido e uma calça de nylon da prateleira de cima.

— Você tem alguma cueca limpa?

— Olhe debaixo da cama.

Ele me dirige um olhar exatamente no meio do caminho entre ódio e repulsa.

— O que há de errado com você? Não me lembro de sermos porcos.

— Eu te disse. As últimas semanas foram difíceis.

Ele se agacha, apoiando-se em um joelho, e tira um calção de debaixo da cama, segura-o a certa distância, depois o aproxima e dá uma cheirada hesitante.

— Tá limpo — afirmo. — Acabou de ser chutado aí embaixo.

Ele me olha feio de novo, então se vira e se veste.

— Obrigado — eu falo. — É estranhamente desconfortável olhar para si mesmo andando nu por aí.

— É — ele replica. — Tenho certeza de que é.

Ele volta a se sentar na cama e passa a mão pelo cabelo. Ainda está duro e preto brilhante, mas pelo menos está começando a se dividir em mechas individuais. Mas não vai ficar bom até ele passar um par de vezes pelo lavador.

— Então — ele diz. — E agora?

Eu olho para ele. Ele para de mexer no cabelo e me olha de volta.

— E aí? — pergunta ele.

— Bem — eu respondo. — Quero dizer, você não deveria ter saído do tanque, certo? Eu não estou morto de fato. Se o Comando descobrir que somos um múltiplo…

Ele tinha um olhar duro e zangado agora.

— Explique o que quer dizer, Sete.

— Ah, qual é — digo. — Você sabe disso tão bem quanto eu. Um de nós vai ter que ir.

* * *

O ANÁLOGO MAIS PRÓXIMO à Diáspora e à formação da Associação na longa história humana provavelmente é a colonização da Micronésia. As ilhas do Pacífico lá na Terra são pequenas, estão separadas por centenas ou às vezes milhares de quilômetros de oceano aberto e foram colonizadas por pessoas que remavam canoas de doze metros. Quando essas pessoas chegavam em uma nova ilha, tinham o que havia sobrado em seus barcos após a viagem para socorrê-las até que pudessem fazer a nova terra produzir alguma coisa para comer.

Essa é basicamente a situação em que nos encontramos, só que os nossos barcos são um pouco maiores, as nossas viagens são muito maiores e não temos sequer como saber ao certo se alguma das plantas que trouxemos conosco vai

crescer onde pousarmos. Como consequência, há uma regra inflexível que todos os que embarcam em uma arca conhecem e aceitam: não há gordos nas colônias de cabeça de ponte.

As rações quando pousamos foram fixadas em mil e quatrocentas calorias por dia, como base, com bônus pautados pela massa corporal magra e pelo cronograma de trabalho. Elas já foram reduzidas duas vezes desde então porque, por razões inexplicáveis, até os tanques de hidropônicas estão tendo dificuldade para fazer alguma coisa crescer aqui. Não chegamos ao ponto de recorrer ao canibalismo ainda, mas a maioria de nós definitivamente está abatida nos últimos tempos.

O resultado disso é que, mesmo que ter múltiplas cópias de você perambulando por aí ao mesmo tempo não fosse o maior tabu da Associação, não há muitas sobras no jantar para um prescindível a mais.

* * *

— Olhe — diz Oito. — Se acha que estou louco de vontade de pular no biorreciclador por você, está prestes a ficar profundamente desapontado. Entendo que essa situação não é cem por cento culpa sua, mas é *zero* por cento minha.

Estou andando de um lado para o outro agora, o que não é muito satisfatório em um aposento de três por quatro metros. Oito está sentado na beirada da cama, os cotovelos nos joelhos, tentando se livrar do mau cheiro do tanque massageando as têmporas.

— Não se trata de consertar a culpa — argumento. — Mas de consertar o problema.

— Tudo bem, então vamos consertar os dois. *Você* vai pular no reciclador.

Eu chacoalho a cabeça.

— Não, isso não vai acontecer.

Ele me olha feio, depois faz uma careta e tira de dentro de uma orelha um pedaço de fluido endurecido do tanque.

— Como é que isso pode ser justo? Estou vivo faz, o quê, talvez vinte minutos? Você tem alguns meses, pelo menos. Você é que deveria ir.

Dou um sorriso nada amigável.

— Ah, não. Nem me venha com uma merda dessas. Você tem trinta e nove anos, assim como eu. Tem cada segundo de memória e experiência que eu tenho, menos as seis semanas desde o meu último backup. Você nem sequer saberia que acabou de sair do tanque se não estivesse coberto de gosma seca.

Ele me encara.

Eu o encaro.

— Não faz sentido tentar discutir isso, Sete. Quero dizer, não podemos mesmo chegar a um acordo a esse respeito, podemos? — diz ele por fim.

E ele está certo, claro. Não é o tipo de desacordo no qual uma pessoa ou a outra simplesmente desiste depois de um tempo. Não é como pagar a conta em um restaurante. Não podemos nos revezar.

— Tudo bem — concordo eu. — Então o que fazemos? Levamos para o Comando?

— Não — responde Oito um pouco rápido demais. — Má ideia. Marshall já pensa que somos uma abominação. Se ele descobrir que somos um múltiplo, vai matar os dois na hora. Precisamos manter isso entre nós.

A verdade é que, se fôssemos procurá-lo agora, Marshall provavelmente apenas diria que o Oito jamais deveria ter saído do tanque e que, portanto, deveria ser transformado de novo em lodo sem demora. Penso em mencionar isso neste momento, mas…

Não sei. Talvez Oito tenha alguma razão. De certo modo, parece injusto empurrá-lo de volta para o vazio antes mesmo que tenha tido a chance de tirar a gosma do tanque de dentro dos ouvidos.

Mas qual é a alternativa? Não quero passar pelo buraco de cadáver tanto quanto ele.

— Olhe — começo. — Podemos resolver isso. Me deixe trocar de roupa e me limpar um pouco aqui. Vá ligar o chuveiro químico no três e tirar o resto da gosma do tanque do corpo e me encontre no reciclador em meia hora.

Ele me dirige um olhar desconfiado, depois se levanta.

— Tudo bem — ele fala. — Meia hora. Te vejo lá.

Ele dá dois passos, gira o trinco e abre a porta. Começa a sair para o corredor, então hesita e volta a olhar para mim.

— Ei, você não está planejando se comportar como um babaca, está? Quero dizer, você não vai ligar para o Comando enquanto estou no banho e tentar levar isso para a justiça, vai?

— Não — respondo. — Não vou fazer isso, apesar de estar bastante seguro de que eu ganharia se fizesse. Nós mesmos vamos resolver esse assunto.

Ele sorri.

— Obrigado, Sete. Vejo você em meia hora.

A porta se fecha atrás dele.

* * *

CALCULO QUE OITO provavelmente precisa de pelo menos uma hora. É um

pesadelo tirar gosma de tanque de você e o chuveiro químico não é a maneira ideal de fazer isso. Estou me acomodando para uma rápida soneca quando ecoa um suave toc-toc-toc na porta.

— Entre — eu digo. A porta se abre. Berto põe a cabeça para dentro e olha ao redor, depois passa e fecha a porta.

— Ei, parceiro — fala ele. — Como está se sentindo?

Berto se senta à minha escrivaninha, assim como eu fiz quando peguei Oito de surpresa. Mas, diferente de mim, ele não cabe na cadeira. Berto tem quase dois metros de altura, uma raridade em uma cabeça de ponte, onde a compacidade é importante tanto para o conforto quanto para a eficiência. Eu mesmo mal chego a um metro e sessenta e a minha estatura está bem dentro da média por aqui. Entre a restrição calórica e o fato de que ele tem que se agachar e se curvar a maior parte do tempo, Berto se parece muito com um bicho-pau pálido e ruivo.

Eu me sento na cama e empurro o cabelo para trás com uma das mãos. Mantenho meu pulso torcido sob o cobertor.

— Acho que estou bem.

— Você parece muito bem para quem acabou de sair do tanque — comenta ele. — Já passou pelo lavador?

Confirmo com a cabeça. Ele me encara por um momento, depois desvia o olhar.

— Então — eu falo. — O que aconteceu dessa vez? O que aconteceu com Sete?

Berto chacoalha a cabeça.

— Irmão, você não vai querer saber.

— Hum. Não foi exatamente isso que você disse sobre o Seis?

Ele volta a olhar para mim.

— Talvez. Não sei. É importante?

— É — respondo. — Meio que é. Você é piloto, certo? Qual é a sua última e mais importante tarefa se for abatido?

Ele estreita os olhos.

— Sempre avise o que matou você.

— Certo. Acontece o mesmo com os prescindíveis. É por isso que, toda vez que o Marshall me mata, ele me obriga a fazer o upload logo antes de eu fechar a conta. Gostaria de saber o que aconteceu com Sete para me certificar de que não aconteça comigo. E, enquanto estamos nesse assunto, você pode me informar sobre Seis também. O que quer que o tenha matado, tenho certeza de que a minha constituição consegue cuidar disso.

Berto me encara, então dá de ombros e desvia o olhar outra vez. Eu faço uma

anotação mental para convidá-lo para jogar pôquer apostando rações um dia desses. Ele mente muito mal.

— Seis e Sete foram mortos da mesma forma — responde ele. — Cercados por rastejadores.

— Certo. Onde isso aconteceu e o que eu estava fazendo?

Ele suspira.

— Você estava fora em uma das inspeções estúpidas do Marshall. Nos últimos meses, ele fez você passar a maior parte do tempo mapeando as fendas ao redor da cúpula e verificando-as em busca de rastejadores. Pessoalmente, eu não entendo, mas ele parece ter desenvolvido algum tipo de obsessão por eles. — Ele hesita, depois continua: — Às vezes, parece que você também ficou obcecado, na verdade. Quando ele começou com essa merda, você reclamava o tempo todo. Mais ou menos uma semana depois que Sete saiu do tanque, no entanto, a reclamação parou. Nas últimas semanas, você apenas cumprimentava e saía. Tem ideia do que pode ter acontecido?

Chacoalho a cabeça.

— Minhas lembranças estão desatualizadas em seis semanas. Ao que parece, Sete não estava em dia com os uploads.

— É — diz Berto. — Ele mencionou alguma coisa sobre isso ontem à noite, quando percebeu que ia morrer.

Coço o queixo com a minha mão boa.

— Ahn. É mesmo? Quando estava sendo dilacerado por um enxame de rastejadores, o que passava pela mente dele era que ele não vinha fazendo upload?

A boca de Berto abre e fecha duas vezes sem emitir nenhum som, como um peixe tirado da água. Tenho que ranger os dentes para não rir. Ele de fato mente muito, muito mal.

— Foi antes disso — ele consegue responder enfim. — Acho que ele teve uma premonição.

— Uma premonição?

— É. Quero dizer, acho que foi.

Eu poderia insistir nesse ponto, mas tenho meu próprio segredo para guardar aqui, então decido deixar para lá.

— De qualquer modo — fala Berto —, deixei Sete perto da fenda a uns oito quilômetros do perímetro ontem à tarde. Ele tinha um chamejador. Como de costume, ele devia mapear a área e procurar rastejadores com o objetivo de trazer um de volta, se possível. Eu devia pegá-lo no circuito seguinte.

— Mas não deu certo.

— Não, não deu certo. Eles saíram da neve todos de uma vez, quase ao

mesmo tempo em que o deixei lá, uns vinte ou trinta deles. Estava flutuando logo acima dele, mas os bichos o dilaceraram antes que eu pudesse acionar a garra.

Entendo que ele não quer admitir que me deixou lá embaixo para morrer. Esse é o tipo de coisa que poderia definitivamente estragar uma amizade. Mas agora estou pensando sobre o que aconteceu de verdade com Seis. Será que Berto mentiu sobre isso também?

— Em todo caso — ele continua —, eu só queria passar por aqui e me certificar de que você estava preparado. Achei que a gente podia apresentar um relatório rápido para o Comando e talvez tomar um café da manhã.

Eu definitivamente *não* quero apresentar um relatório para o Comando, pelo menos não até eu resolver as coisas com o Oito.

— Sabe — digo. — Ainda estou bem exausto. Você vai na frente e pega alguma coisa para comer. Vou tirar um cochilo rápido. Vou me cadastrar com a Segurança quando acordar e podemos apresentar o relatório para o Comando depois disso.

Ele me dirige um olhar perscrutador. Ele sabe que algo está errado aqui. Em geral, vou direto para o refeitório depois que saio do tanque. Ninguém pula refeições por espontânea vontade aqui, mas, além disso, a bioimpressora não imprime nenhuma comida no seu sistema digestivo. Quando você acorda, o seu estômago está como estaria após setenta e duas horas de jejum.

— Tudo bem — concorda ele. — Mas não demore muito. Você sabe que sintetizar a sua bunda consome uma grande parte do nosso orçamento proteico. O Comando vai querer saber o que aconteceu e por quê, e como estamos planejando compensar pelo déficit. Essa é a nossa segunda regeneração nas últimas oito semanas, então vamos ter que inventar uma boa desculpa desta vez.

— Podíamos simplesmente contar para eles o que aconteceu de verdade.

Ele chacoalha a cabeça.

— Precisamos ser um pouco criativos nesse caso. O Comando está muito sensível quanto a perder calorias e proteínas do sistema neste exato momento e Marshall não está disposto a se responsabilizar por essa perda, apesar de que essas missões idiotas são ordens dele. É provável que ele vá ficar furioso com você por não ter se defendido de forma adequada e definitivamente vai ficar furioso comigo por não me meter lá e recuperar o seu corpo. Com toda sinceridade, se isso continuar, ele pode simplesmente se recusar a autorizar a sua regeneração uma hora dessas.

Um arrepio percorre a minha espinha. Será que foi uma premonição?

— Ei — diz ele. — Você está legal? Você não parece tão bem, Mickey.

Esfrego os olhos com a minha mão direita e torço para que ele não perceba

que a minha esquerda não saiu de baixo do cobertor durante todo esse tempo.

— Estou — eu falo. — Estou bem. Só preciso dormir para me livrar do mau cheiro do tanque. Te encontro no refeitório em uma hora.

Ele me olha de cima a baixo, então se levanta, estende a mão e dá uma batidinha no meu joelho.

— Ótimo, cara. Vou guardar um pouco de pasta do reciclador para você.

— Obrigado, Berto. Você é um amigão.

— A propósito — comenta ele no exato momento em que a porta está se fechando após a sua passagem. — Não pude deixar de reparar que você ficou com a mão no saco o tempo todo enquanto estive aqui. Cuidado com isso. A Nasha vai ficar com ciúmes.

— É, Berto, eu sei. Mas obrigado por reparar.

— Sem problemas. Te vejo em uma hora.

Posso ouvi-lo rindo entredentes quando a tranca se fecha com um estalido.

* * *

MORRI SEIS VEZES nos últimos oito anos. Seria de se imaginar que eu estaria acostumado a essa altura, não é?

Para ser justo, uma delas foi surpresa, uma foi uma situação de emergência e, em outra, uma das minhas instanciações se recusou a fazer upload antes de morrer. Só me lembro do que é transferido no upload, então tudo o que sei sobre o que aconteceu com essas iterações de mim é o que Nasha ou Berto me contaram ou o que vi em vídeos de vigilância. As outras três, porém, foram planejadas, e o procedimento padrão é que o prescindível faça o upload tão próximo do seu encerramento quanto possível, basicamente pelo motivo que dei a Berto: a iteração seguinte precisa saber o que aconteceu com a última para, com sorte, evitar que aconteça de novo. Então, acho que estou mais familiarizado com a sensação oca que está surgindo na boca do meu estômago neste exato momento do que a maioria das pessoas jamais consegue estar.

Esta não é exatamente como nenhuma daquelas vezes, claro. Para começar, os outros Mickeys sabiam com certeza que iam morrer. A menos que Oito esteja planejando me furar com um canivete ou algo do tipo, tenho só cinquenta por cento de chance de morrer desta vez.

Não sei ao certo se isso é bom. Existe uma certa paz em saber sem sombra de dúvida o que vai acontecer com você. A possibilidade de talvez sobreviver esta manhã é uma fonte de ansiedade assim como é fonte de esperança.

Mas a incerteza não é a grande diferença entre esta vez e as outras. A grande diferença é que, até agora, todas as vezes que morri, eu podia pelo menos

acreditar em parte na porcaria que os meus supervisores me passavam sobre a minha própria imortalidade. Eu sabia que, algumas horas após a morte de Mickey3, Mickey4 sairia do tanque, e podia imaginar que seria eu nas duas vezes fechando os olhos e depois abrindo-os.

Se morrer agora, contudo, não haverá outro eu saindo do tanque. O outro eu já está aqui e, apesar de todas as aparências, Oito definitivamente não é uma continuação de mim.

Com toda a sinceridade, ele nem parece gostar muito de mim.

* * *

O RECICLADOR FICA no andar mais baixo e no meio do caminho a partir do meu tabique. Não é uma caminhada longa, falando em termos realistas, mas hoje de manhã parece ser. Os corredores estão quase vazios e, à medida que os percorro, os únicos sons são os meus passos e a pulsação do sangue ecoando nos meus ouvidos. Sei que é irracional, mas lá no fundo posso sentir que não vai ser como eu queria. Quando subo os dois degraus rasos da entrada da câmara do reciclador, é como se estivesse subindo a escada da forca.

O biorreciclador é o coração e a alma de qualquer colônia de cabeça de ponte. Ele pega nosso cocô, nossos talos de tomate, nossas cascas de batata e ossos e cartilagem de coelho meio mastigada, nossas aparas de cabelo e unha, as cascas que caíram das nossas cicatrizes e nossos lenços de papel enrolados e, por fim, nossos cadáveres. Em troca, ele nos dá pasta proteica e polpa vitamínica e fertilizante. Ninguém quer viver à base de pasta de reciclador, mas uma colônia desesperada pode fazer isso por muito tempo.

O reciclador funciona quebrando qualquer coisa que você jogar pelo buraco de cadáver nos átomos que a compõem, depois juntando-os em qualquer ordem que você especificar. Isso consome uma quantidade indecente de energia, mas a nossa central elétrica é um motor de nave movido a antimatéria. Energia é a única coisa que temos mais do que o suficiente.

Terminei de transmitir o meu código de acesso ao console de comando quando Oito entra. Ergo a cobertura de segurança, aperto o grande botão vermelho e o diafragma do buraco de cadáver se abre no centro do piso.

O buraco de cadáver é uma dessas coisas em que tentamos não pensar muito. Só o vi aberto nas raras ocasiões em que fui destacado para recolher o lixo e nunca olhei lá dentro, de fato. Não sei ao certo como seria de se esperar que parecesse uma bocarra que devora tudo e que é movida a antimatéria – chamas crepitantes e fedor de enxofre, talvez? –, porém na verdade é silencioso e inodoro e até que bonito. É só um disco preto e plano no começo, mas então o

campo desintegrador começa a pegar partículas de pó e elas desaparecem uma a uma em pequenos lampejos de vaga-lume.

Não parece tão ruim.

Em todo caso, melhor do que ser dilacerado por um enxame de rastejadores.

— Então — diz Oito. — Está pronto?

Dou de ombros.

— É, acho que sim. Para ser sincero, meio que me arrependendo de não ter levado para a justiça a essa altura, mas vamos fazer isso.

Ele sorri e segura meu ombro.

— Você é legal, Sete. Vou me sentir muito mal quando te empurrar naquele buraco.

Meu coração para.

— O que você quer dizer com me empurrar?

O sorriso dele desaparece.

— Pense bem. Você quer mesmo entrar naquela coisa consciente?

Hum. Essa é uma boa questão. Cadáveres são baixados bem devagar no buraco. Não sei qual é a taxa de avanço máxima, mas, se for menos do que infinito, inconsciente ou já falecido provavelmente é a melhor forma de entrar.

Oito se vira para se postar do meu lado, olhando para dentro do buraco.

— Sabe — ele fala —, você ainda poderia fazer a coisa certa e se oferecer para ir.

— Claro — respondo. — Você também.

Ele passa o braço pelo meu ombro.

— Não vai acontecer, hein?

— Provavelmente não.

O disco ficou preto outra vez. Acabou a poeira, suponho. Oito escarra um pouco de gosma do tanque e cospe. A gosma brilha quando atinge o limiar, chia por um segundo e desaparece.

— Isso pode ser menos doloroso do que eu pensava — comenta ele.

— Verdade — concordo. — Quer saber… eu poderia estrangular você primeiro, depois te empurrar.

Ele abre um sorrizinho.

— Obrigado, Sete. Você é mesmo um filantropo.

Nós ficamos em silêncio por um tempo. O braço dele sobre o meu ombro vai ficando cada vez mais pesado. Por fim, eu me desvencilho e me viro para encará-lo.

— Olhe — digo. — Vamos mesmo fazer isso?

— Acho que sim — ele responde.

Ele ergue a mão esquerda. Eu ergo a direita. Cerramos os punhos e

pronunciamos as palavras juntos.

— Um…

— Dois…

— Três…

— Já.

Estou planejando optar por pedra até pouco antes de mostrarmos as mãos. Mas então me lembro de que ele sou eu. Ele provavelmente está pensando na mesma coisa. Então é papel, certo? Mas e se ele estiver pensando nisso também? Ele poderia estar calculando que vou optar por papel e escolhendo tesoura. Isso me leva de volta à pedra, o que é bom porque, quando consigo decidir em meio a todo esse raciocínio, é tarde demais e o meu pulso ainda está cerrado.

Olho para baixo.

A mão estendida está aberta.

— Sinto muito, irmão — ele fala.

Sente muito, sei.

Obrigado por isso, cuzão.

004

AJOELHADO ALI NO PISO, meu rosto a quinze centímetros da interface de campo do desintegrador, olhando para a perspectiva de ser transformado em polpa para os colonizadores famintos de Niflheim, me vejo outra vez contemplando a pergunta sobre se tomei a decisão certa quando coloquei meu dedo naquele painel leitor no escritório de Gwen Johansen nove anos atrás.

Mesmo agora, no entanto, tenho que dizer… tomei, sim. Não há qualquer dúvida, na verdade.

Não fui para casa ao sair do escritório da Gwen. Gostaria de ter ido porque estava cansado e com fome e precisava de um banho. Mas não pude, pelo mesmo motivo pelo qual não pude negar a proposta tão tentadora da Gwen de uma imortalidade meia-boca. Eu tinha entrado para a lista de devedores do Darius Blank, sabe… e, até onde sabia, não tinha nenhuma forma razoável de sair dela.

A raiz desse problema em particular, assim como a raiz de quase todos os meus problemas, agora que estou pensando no assunto, é o Berto.

Berto era a única pessoa na *Drakkar* que eu conhecia antes de dar o meu DNA para a Gwen e entregar a minha vida. Nós tínhamos nos conhecido na escola – ele era alto, inteligente, atlético e estranhamente bem apessoado, considerando como se transformou na maturidade, e eu era… bem, era mais ou menos o que sou agora, só que menor. Criamos laços por conta do nosso amor em comum pelo simulador de voo, que ele dominou em cerca de uma hora e que eu ainda batia quando nos formamos, e do nosso ódio pelos administradores da escola, que me odiavam de volta por eu ser obcecado por *história* quando poderia estar estudando algo útil, mas que, apesar de todos os nossos esforços, amavam Berto como o filho que nunca tinham tido. No décimo ano, o instrutor de cálculo de Berto disse a ele que deveria repensar o hábito de passar tanto tempo comigo se quisesse atingir seu potencial pleno.

Acho que Berto considerou aquilo apenas como mais um desafio.

O que você precisa entender sobre Berto é que ele era um desses garotos

detestáveis que tinham nível prodígio em quase tudo que experimentavam. Quando tínhamos quinze anos, a mãe dele comprou uma raquete de pog-ball para ele. Ele não fez aulas. Não entrou para um campeonato recreativo. Passou dois meses rebatendo a bola na parede do prédio da administração após a aula para descobrir como funcionava, fez uma temporada no time da escola, depois deu meia-volta e entrou para um torneio semiprofissional. Ninguém fazia ideia de quem ele era quando apareceu para o primeiro jogo. Ele ganhou com grande vantagem e, até o final da semana, tinha terminado em segundo lugar na sua faixa etária. No ano seguinte, ganhou a divisão amadora. No verão após a nossa formatura, começou a jogar por dinheiro. Quando largou o jogo para começar um treinamento sério de voo dois anos mais tarde, era o décimo melhor jogador do planeta.

Tudo isso seria a troco de nada, não fosse o fato de que, nove anos depois, eu estava morando em um apartamento extremamente antiquado em uma parte extremamente antiquada de Kiruna e Berto tinha sido selecionado para a tripulação da *Drakkar*. Estávamos sentados em um café chamado Shaky Joe's, tomando chá e matando o tempo enquanto esperávamos um jogo de bola começar na tela acima do balcão, quando ele mencionou que estava pensando em sair da aposentadoria uma última vez no torneio semiprofissional de primavera antes de desaparecer no desconhecido para sempre.

— Pense nisso — ele disse. — Se eu conseguir aquele troféu depois de todo esse tempo, serei uma lenda. Ainda vão estar falando de mim daqui a cem anos.

Abri a boca para falar que, tudo bem, ele seria uma lenda, mas não porque ganhou um torneio global e então se mandou para o pôr do sol. Seria porque achou que podia fazer isso depois de ficar fora do jogo durante nove anos e então perdeu a primeira partida para algum jovem de dezoito anos por cem pontos de diferença.

Mas não falei. Não falei porque de repente me passou pela cabeça que, enquanto *eu* sabia que, nos últimos nove anos, ele tinha passado quase todos os minutos que não estava no ar ou em órbita andando comigo, a maioria das pessoas não sabia. Eles ainda se lembravam do Berto Gomez de vinte anos ganhando de profissionais experientes sem parecer derramar uma gota de suor para conseguir isso. Lembravam-se dele fazendo coisas com uma raquete que as pessoas não tinham percebido que eram possíveis até aquele momento e lembravam-se dos comentaristas chamando-o de o jogador mais naturalmente talentoso que já tinham visto. Eles não faziam ideia de que ele basicamente não tinha nem tocado em uma raquete nos últimos nove anos.

— É — incentivei. — Faça isso, cara. Você vai ser uma lenda e tanto.

Então, ele fez. Inscreveu-se no torneio e uma das transmissões de notícia

pegou a história e fez uma entrevista com ele, mostrando-a junto com gravações de seu último torneio, o qual venceu sem perder um único jogo.

Nesse meio tempo, juntei todos os créditos que tinha e mais um monte que não tinha e apostei que Berto perderia a primeira partida.

Não tenho muito como defender essa decisão além de dizer que o mercado para historiadores amadores em Kiruna não era muito grande, eu não tinha perspectivas reais de nenhum tipo de emprego bem remunerado e a ideia de viver o resto da minha vida com subsídio básico era tão deprimente que eu não conseguia contemplá-la.

Era pior do que a perspectiva de ser dissolvido começando pela cabeça? Talvez não, mas eu ainda não estava pensando nessa direção.

Você provavelmente entende onde isso vai parar.

Quando Berto ganhou o maldito torneio, eu estava tão afundado em dívidas por dobrar e redobrar a aposta que, mesmo se conseguisse de algum modo um emprego remunerado, levaria metade da vida para me salvar.

A pessoa para quem eu estava devendo especificamente era Darius Blank.

Há muitos vídeos sobre caras que atrasam suas dívidas de apostas e são assassinados por isso, mas não é assim que costuma funcionar. Afinal, embora seja difícil receber uma dívida de um cara vivo, é incontestavelmente mais difícil recebê-la de um morto e, no fim das contas, receber a dívida é a única coisa com que alguém como Darius Blank se importa. Não me preocupava que ele fosse me matar. Acho que eu tinha uma vaga ideia de que ele confiscaria o meu subsídio e talvez me fizesse trabalhar como criado dele ou algo do tipo. Seria desagradável, mas eu ia sobreviver.

Berto, em seu favor, fez o melhor que pôde para me convencer de que eu estava enganado sobre tudo isso.

Também a seu favor, Berto se sentiu mal pelo que a sua vitória me custou. Ele tinha uma sugestão de como poderia me compensar. Queria que eu me inscrevesse para a *Drakkar*.

Tinha a vaga ideia de que poderia me ajudar a entrar como capanga da segurança. Ele era famoso, afinal, e sempre tinha conseguido o que queria até aquele ponto da vida. Por que não seria capaz de conseguir mais isso?

Gwen Johansen praticamente resumiu a resposta a essa pergunta para mim durante a nossa entrevista. Muita gente queria os postos de segurança e só havia dezoito vagas disponíveis. A maior parte delas ia para pessoas que tinham alguma qualificação – uma experiência como policial, treinamento com armas etc. – e conexões políticas. Eu não tinha nenhuma dessas coisas porque ter lido extensamente sobre a Batalha de Midway não conta como experiência militar e, como se constatou, Berto não tinha tanta influência quanto pensava ter.

Eu requisitei uma entrevista para um cargo de segurança. Recebi a recusa menos de um segundo depois.

Na tarde seguinte, me encontrei com Berto para tomar café no Shaky Joe's. Mostrei a ele o aviso de recusa no meu tablet.

— Ai — disse ele. — Que droga.

— É — concordei. — De qualquer forma, foi uma ideia meio que idiota. Estou devendo algum dinheiro. Você não foge de um planeta por causa de uma coisa dessas.

Berto chacoalhou a cabeça.

— Você deve muito dinheiro, Mickey, e caras como Darius Blank não perdoam e esquecem. Quanto é, cem mil créditos? Como planeja pagar isso?

Encolhi os ombros.

— Prestações?

— Você não acabou de comprar uma nave monomotora usada, parceiro?

— É — respondi. — Eu sei. — Mergulhei a cabeça nas minhas mãos. — Sou tão idiota. Não acredito que não te falei para perder a droga da partida de propósito.

Ele ficou me olhando por um bom tempo, depois riu.

— Você poderia ter pedido — ele pontuou —, mas eu não teria feito isso. Esse torneio é a última coisa que os jecas deste planeta vão ouvir falar de mim, Mickey. Não tinha jeito de eu não ganhar.

Esse é o problema com o Berto. A amizade com ele sempre foi até certo ponto e nunca além.

No caminho de volta do café para casa, me lembro de pensar que não ia ser tão ruim assim. É, Blank ia pegar uma parte do meu subsídio, mas ele ia ter que deixar o suficiente para eu continuar vivo, certo? Se eu morresse de fome, ele nunca receberia o dinheiro de volta. E talvez trabalhar para ele não fosse tão ruim. De qualquer forma, me daria um motivo para sair do apartamento.

Cheguei em casa. Peguei o tubo ascensor para o meu andar. Entrei no apartamento. A porta ainda estava se fechando às minhas costas quando as minhas pernas pararam de funcionar e eu caí de cara.

— Oi, Mickey — falou uma voz. Tentei responder, mas a minha boca também não estava funcionando e a única coisa que saiu foi um gemido baixo. — Apenas relaxe — continuou a voz. — Não vai durar muito. — Algo encostado na minha nuca.

Passei os trinta segundos seguintes no inferno.

Mais tarde, descobri que a coisa encostada no meu pescoço era, na realidade, um indutor neural. Estava ajustado para acessar diretamente os meus centros de dor. Não causou nenhum dano físico, mas, se você estiver curioso para saber o

que senti, tente esfolar a própria pele enquanto um amigo te queima com um maçarico.

Isso pode te dar uma ideia de dez por cento de como foi.

Quando acabou, fiquei espantado de descobrir que ainda estava vivo. Eu estava paralisado e soluçando e tinha me borrado, mas ainda estava vivo. Uma mão me deu um tapinha no ombro.

— Isso foi divertido — comentou a voz. — Nós vamos trabalhar juntos, você e eu, até você pagar a dívida com o sr. Blank. Te vejo amanhã, Mickey.

Ele não fechou a porta ao sair.

Demorou cerca de uma hora até eu conseguir me mexer de novo. Me levantei, cambaleei até o banheiro e me limpei. Tendo cuidado disso, me sentei e chorei bastante.

Aquela noite, acessei a página de recrutamento para a *Drakkar*. Ela listava os vários setores e cargos e quem fora selecionado para cada um até aquele ponto.

Todas as vagas estavam preenchidas.

Todas menos uma.

Mandei um sinal para Berto.

— Ei — eu disse. — O que é um *prescindível*?

— Essa — respondeu Berto — é a única vaga da *Drakkar* que você *não* vai querer.

— É a única que ainda está aberta. Eu quero.

Ele ficou em silêncio por um tempo. Quando voltou a falar, sua voz tinha o tom de quando você está explicando para alguém que você quer que ele desça do parapeito.

— Olhe — começou ele —, não me leve a mal. Eu realmente adoraria ter você comigo nessa viagem. É uma viagem só de ida e seria ótimo ter um amigo ao meu lado. Mas Mickey…

— Você pode falar de mim?

— Quero dizer…

— Berto — eu falei. — Estou pedindo a sua ajuda aqui. Você meio que fez isso comigo, sabe.

— Não fiz, não — respondeu ele. — Eu não te falei para apostar contra mim. Se tivesse me perguntado, eu teria dito para você apostar *em* mim. Eu sabia que ia vencer.

— Você vai me ajudar?

Ele suspirou.

— Sinceramente, Mickey? Acho que você não vai precisar da minha ajuda.

Ele cortou a conexão. Eu voltei para a página de recrutamento e marquei uma entrevista para a tarde seguinte.

Doze horas depois, quando Gwen leu a lista de todas as coisas horríveis que poderiam acontecer comigo durante o meu trabalho como prescindível, a única coisa que eu conseguia pensar era: *Na verdade, não parece tão ruim*. Eles se esforçaram um pouco em me treinar para não temer a morte assim que subi para a *Drakkar* e não conseguiram me fazer mudar de ideia quanto a me inscrever, mas, sinceramente, nada daquilo me impressionou muito. Eu tinha recebido todo o treinamento de que precisava nesse aspecto naquela tarde.

005

NÃO SOU EMPURRADO para dentro do reciclador desta vez. O campo desintegrador não me pega.

Explico isso agora porque você parecia nervoso.

Estou de quatro, olhando para o buraco. Juro por Deus, eu vou fazer isso. Abaixo a minha cara bem ao lado da interface. Posso sentir o campo me puxando, um formigamento em minhas bochechas e na ponta do meu nariz à medida que afaga a minha pele, e estou tentando descobrir um jeito de fazer isso que seja um pouco menos agonizante quando sinto uma mão no meu ombro.

— Só mais um minuto! — vocifero, imaginando Oito me empurrando de cara para dentro do buraco.

— Não — diz Oito. Ele me puxa para trás e me oferece ajuda para me levantar. — Isso não está certo. Não posso só ficar aqui e ver você se jogar.

Eu deixo que ele me puxe para cima. Estou tremendo tanto que mal consigo ficar de pé.

— Tudo bem — eu falo. — Estou com você nessa.

Respiro fundo uma vez, duas. Por algum motivo, olhar para aquele disco preto foi muito, muito pior do que olhar para a garganta daquela coisa no túnel ontem à noite.

— Então, ahn… o que você sugere?

— Vamos voltar lá para cima — sugere ele. — Posso afogá-lo no banheiro, depois desmembrar você no chuveiro químico e jogar no reciclador um pedaço por vez.

Eu o encaro. Ele está sorrindo.

— Muito cedo — respondo enfim. — Cedo demais. Sério, Oito, o que estamos fazendo aqui? Ainda temos apenas uma vaga e um cartão de provisões. Mais importante, só temos uma identidade registrada. Se *alguém* descobrir que somos um múltiplo…

Ele encolhe os ombros.

— São circunstâncias fora do comum, certo?

— É, talvez… mas, considerando as limitações de recursos pelas quais estamos passando, acho pouco provável que o Comando seja favorável. Se formos procurar o Marshall agora, um de nós definitivamente vai descer por aquele buraco.

— É muito provável — concorda ele. — E, se tentarmos esconder isso, há uma boa chance de nós dois acabarmos virando pasta.

Fecho meus olhos bem apertados e espero minha pulsação desacelerar do nível britadeira para o nível filhote de pássaro assustado e depois, por fim, para algo próximo ao normal. Quando os abro, Oito está me olhando com preocupação, claramente à beira de estar alarmado.

— Você está bem, Sete?

— Estou — respondo. Chacoalho a cabeça, inspiro, expiro. — Estou bem. As pessoas falam sobre ficar cara a cara com a morte, mas…

— Um pouco literal demais, hein?

— Certo — digo. — Se o Marshall acabar me jogando no reciclador, espero mesmo, mesmo que ele tenha a decência de me matar primeiro.

Oito põe uma das mãos no meu ombro.

— A você e a mim, irmão. Mas, nesse meio tempo, precisamos de algum tipo de plano.

— Concordo. Você tem algo em mente?

Ele passa as duas mãos pelo cabelo.

— Não sei… não sei… Eles não abordaram essa situação no treinamento.

Em todo caso, essa é a verdade. O treinamento era cem por cento voltado para a morte. Não me lembro de eles dedicarem muito tempo à sobrevivência.

— Olhe — ele diz. — Nós temos um cartão de provisões substancial. A menos que você tenha feito alguma estupidez desde o nosso último upload, devemos ainda estar recebendo duas mil calorias por dia.

— É — confirmo. — Acho que é isso.

— Então, se dividirmos ao meio, temos o suficiente para nos manter vivos por um tempo. Não felizes, talvez, mas vivos.

Posso sentir meu rosto se contorcendo em uma careta.

— Mil calorias por dia? Isso é pesado, Oito. Precisamos conseguir fazer melhor do que isso. E o Berto? Isso em grande parte é culpa dele. Se contássemos a ele o que está acontecendo, você acha que ele poderia se sentir culpado o bastante para contribuir com um pouco de pasta do reciclador?

Oito parece duvidar.

— Talvez. Mas prefiro guardar isso para um momento de desespero. Berto não é o cara mais altruísta de Niflheim e não sei até que ponto ele leva ao extremo essa coisa de múltiplo.

— É — concordo. — Você faz boas observações. Além do mais, ele me abandonou para morrer em uma caverna ontem à noite, então você pode colocar isso no lado talvez-não-confie-nele da balança.

— Certo — ele responde. — Tem isso. Tudo bem. Que tal pedir para o Marshall um aumento na nossa provisão?

Reviro meus olhos.

— Claro. Já vou tratar disso.

— Olhe, quando passei pelo refeitório no caminho para cá, a pasta estava sendo vendida com vinte e cinco por cento de desconto. Se não ficarmos com nada além dela, são mil duzentas e cinquenta calorias de nutrição real para cada um. Não é fantástico, mas…

— Tudo bem — concordo. — Ótimo. Acho que pelo menos não vamos morrer de fome logo de cara. Mas isso ainda não resolve o nosso principal problema. *Existem dois de nós*. Marshall faz cara de quem acabou de pisotear alguma coisa podre toda vez que tem que lidar com o fato de que existe um Mickey Barnes na colônia. Se ele tiver alguma suspeita disso, o reciclador é o cenário mais otimista para nós.

Devo salientar aqui que o comandante Marshall descobriu sobre o meu problema com Darius Blank mais ou menos uma semana depois de termos saído da órbita de Midgard e interpretou isso como evidência de que um criminoso tinha se infiltrado na colônia dele. Acrescente-se a isso o fato de que ele vem de uma tradição religiosa que considera todo o conceito de tirar pessoas do tanque, mesmo que um por vez, uma abominação, e você termina comigo a quase trinta segundos de ser jogado para fora de uma câmara de ar antes de a capitã da *Drakkar*, uma mulher muito legal chamada Mara Singh, que agora é chefe do nosso Setor de Engenharia, lembrá-lo de que ele não estava de fato no comando da missão até pousarmos em Niflheim.

De algum modo, não acho que essa situação vá melhorar a opinião que ele tem de mim.

— Eu sei — fala Oito. — Eu sei… mas, a não ser que você queira mudar de ideia sobre descer por esse buraco hoje, não há nada que possamos fazer sobre essa questão, né?

— Não — concordo. — Não tem nada.

— Claro, se você mudar de ideia…

— Não se preocupe, Oito. Você será o primeiro a saber.

Ele está sorrindo. Eu definitivamente não estou.

— Obrigado — diz ele. — Ei, e a Nasha? Acha que podemos conversar com ela a respeito disso?

Tenho que pensar sobre esse ponto. Nasha e eu estamos juntos desde que eu

era Mickey3 e, diferente de Berto, ela estava pronta para arriscar sua única vida para me tirar daquele buraco aquela noite. Se há uma pessoa em quem podemos confiar aqui, é ela.

Por outro lado, se um dia tivermos que acabar diante de Marshall para resolver essa questão, eu preferiria de verdade que ela não tivesse que morrer com a gente.

— Quer saber? — digo. — Vamos manter isso entre nós por enquanto?

— Claro — concorda Oito. — Quero dizer, pelo jeito como as coisas têm sido desde a aterrissagem, um de nós vai morrer logo, certo? Problema resolvido.

Argh. Ele provavelmente está certo quanto a esse detalhe.

* * *

SOBRE MORRER LOGO, eis aqui uma história para você: alguns meses após a aterrissagem, quando eu ainda era Mickey6, Berto me levou para um passeio. Pegamos uma aeronave monomotora de asa fixa para reconhecimento naquele dia em vez de uma das pesadas aeronaves iônicas que ele costuma pilotar. Já estávamos no ar e circulando a cúpula quando perguntei a ele como tinham conseguido fazer um gerador gravítico caber em uma nave tão pequena. Ele se virou para olhar para mim com um sorriso sutil no rosto.

— Gravítico? Você está brincando, né?

— Não — respondi. — Não estou.

Ele chacoalhou a cabeça, depois diminuiu a velocidade e nos colocou na subida íngreme de uma ribanceira.

— Isto é uma aeronave, Mickey. A única coisa que nos mantém aqui em cima é o princípio de Bernoulli.

Eu não fazia ideia de quem era Bernoulli ou de que princípios ele poderia ter tido, mas não gostei nem um pouco da ideia. Eu nunca tinha saído do chão antes sem ter certeza de estar cercado por um campo gravítico que não me permitiria, em nenhuma circunstância, mergulhar no chão a cento e cinquenta metros por segundo e rebentar como um melão maduro demais.

— Berto? — falei. — Você não quer nivelar a nave ou algo do tipo? Ou melhor ainda, talvez voltar e trocar esta coisa por algo um pouco mais estável?

Ele deu uma risada.

— Você está falando sério? Você tem ideia de quanto eu precisei bajular para me deixarem sair com a nave monomotora? A razão central de pegar esta coisa hoje é que ela pode fazer coisas que uma aeronave iônica pesada não consegue.

Abri minha boca para dizer algo sobre não desejar fazer coisas que uma

aeronave iônica pesada não consegue fazer, mas, antes que pudesse enunciar qualquer coisa, estávamos fazendo manobras malucas e eu estava gritando como um… bem, como algo que eu era, suponho, ou seja, alguém com um súbito, despudorado e aflitivo pavor da morte.

Acho que foi quando me dei conta pela primeira vez de que, apesar de todo o treinamento, apesar da doutrinação, apesar do fato indiscutível de que eu já tinha morrido cinco vezes àquela altura e claramente ainda estava vivo… lá no fundo, no meu íntimo, eu não acreditava na imortalidade.

* * *

— Então, por que esse café da manhã de indigente? — pergunta Nasha.

Estou na metade de uma tigela de seiscentas calorias de pasta do reciclador não adoçada. Devo mencionar aqui que, na economia de uma colônia de cabeça de ponte, uma caloria não é de fato uma caloria. Itens diferentes podem vir com qualquer coisa desde um grande desconto até um ágio, dependendo de quanto se parece com algo que você gostaria de pôr na boca de verdade. Como Oito disse, pasta e polpa são vendidos com vinte e cinco por cento de desconto no momento, o que significa que, se eu não comer nada além disso, provavelmente consigo manter a maior parte do meu peso corporal por ao menos uma ou duas semanas. Nasha está comendo purê de batata-doce e mexido de grilo apimentado grelhado. As coisas estão em pé de igualdade esta manhã. Na realidade, eles têm algumas coxas de coelho e alguns tomates de aspecto feio à venda, mas estão sendo vendidos com quarenta por cento de ágio. Suponho que posso esquecer esse tipo de luxo enquanto Oito estiver por aí.

— Bom — respondo —, andei pensando em fazer musculação. Imaginei que talvez, se maximizar as minhas calorias e ganhar um pouco de corpo, os rastejadores demorem mais para me devorar da próxima vez.

Ela ri. A risada de Nasha é uma de suas melhores características. É suave e delicada e, quando ri, ela tende a olhar para o lado e cobrir a boca com a mão. O efeito é tão incompatível com todo esse negócio de pilota de combate durona que é quase como se ela virasse outra pessoa.

— Fico feliz que você ainda consiga brincar com isso — comenta ela. — Você andou sendo abatido com bastante frequência desde que aterrissamos. Algumas pessoas talvez estivessem ficando amargas a essa altura.

Encho meu copo de água de novo. A pasta do reciclador realmente não foi feita para ser consumida sozinha. Não tem gosto de nada em particular, mas é grossa e granulada o suficiente para precisar de bastante líquido para descer.

— Bem — digo eu —, tento olhar para as coisas por essa perspectiva. Se o

Sete não tivesse sido morto, eu jamais teria saído do tanque, certo?

Seu rosto fica anuviado.

— Imagino que sim.

Tiro os olhos do meu café da manhã de merda.

— O que foi?

Ela chacoalha a cabeça.

— É difícil para mim, Mickey, e cada vez que você é abatido fica mais difícil. Eu me senti péssima ontem à noite… pior do que quando Seis morreu, talvez até pior do que me senti depois do que aconteceu com Cinco. Mesmo após você me dizer que ia se desativar, fiquei por perto, dentro da faixa de comunicação, na esperança de que mudasse de ideia. Quando finalmente desisti e voltei para a cúpula, fiquei uma hora no hangar, sentada na cabine, chorando como um bebê. Mas agora, aqui está você e, como disse, se eu *tivesse* te salvado ontem à noite, *esse* você não estaria aqui… e agora não sei o que sentir.

— É — comento. — A imortalidade é confusa, né?

— Nisso, você está certo — fala Berto. Eu me viro e o vejo de pé atrás de mim com uma bandeja de purê e grilos nas mãos.

— Bom dia, Berto — diz Nasha. — Pode sentar. Eu acho.

Ele pousa a bandeja ao lado da minha e se dobra para ocupar o assento.

— Por que a papa, Mickey? E o que aconteceu com a sua mão?

Olho para baixo. Enfaixei meu pulso bem apertado, mas ainda dá para ver partes de hematomas saindo pelas beiradas.

— Caí quando estava saindo da cama — respondo. — Fedor do tanque, né?

Berto me dá uma boa olhada e vejo as engrenagens em funcionamento.

— Certo — ele comenta. — Quando exatamente isso aconteceu?

— Depois que você passou pelo meu tabique — explico. — Por que se importa?

Nasha tira os olhos do café da manhã.

— Perdi alguma coisa?

— Talvez — responde Berto. — Quanto tempo depois que passei por lá?

— Não sei. Pouco antes de eu vir para cá. Talvez meia hora atrás?

— Seu pulso estava bom quando te vi na cabine de banho — pontua Nasha.

— Certo — concordo. — Foi depois disso.

Berto estreita os olhos e chacoalha a cabeça.

— É sério — fala Nasha. — O que está acontecendo?

— Não tenho certeza — retorque Berto. — Mickey? O que está acontecendo?

Pego a última colherada da pasta do reciclador. Estou me perguntando se Berto pode ter deparado com Oito a caminho daqui. Se for esse o caso, preciso

falar a verdade agora e esperar que ele esteja disposto a ficar de boca fechada. Mas se não for…

— Não está acontecendo nada. Só estou tentando terminar de tomar o meu café da manhã — afirmo.

Dou uma olhada rápida ao redor. Estamos atrasados para o café da manhã, mas é cedo para o almoço. Não há ninguém sentado perto o bastante para entreouvir o que estamos falando. Berto continua me encarando.

— E então? — indago. — Aonde você está querendo chegar?

Ele pega uma garfada de grilos e purê, mastiga devagar e engole.

— Não sei, Mickey. Vi você sair do tanque muitas vezes ultimamente. Tem alguma coisa meio estranha com você desta vez.

Sinto meu rosto se contorcer em uma carranca.

— Talvez se você se concentrasse menos em como eu me comporto quando saio do tanque e mais em não me deixar morrer e voltar para o tanque, para começar, não estaríamos tendo esta conversa.

— Ah, é — comenta Nasha. — Aí está o amargurado.

— De qualquer forma — diz Berto —, não me sentei aqui para discutir com Mickey como ele machucou a sua mão idiota. Na verdade, estava me perguntando se algum de vocês tinha ouvido qualquer coisa sobre o que aconteceu no perímetro hoje de manhã.

Nasha faz uma careta ao olhar para o que restou do seu café da manhã e cutuca sem entusiasmo uma casca de batata queimada.

— Ouvi falar que vou voltar a trabalhar daqui a uma hora, apesar de ter acabado de terminar o meu turno quatro horas atrás. Imaginei que havia um motivo, mas ninguém me disse nada.

Berto se inclina sobre a mesa e abaixa o tom de voz.

— Nós perdemos alguém.

— Perdemos? — retruca Nasha. — Perdemos como?

Berto encolhe os ombros.

— Ninguém parece saber. Foi o capanga da segurança que trabalha no ponto de verificação leste. Dani falou que foi Gabe Torricelli. Ele mandou um sinal às oito, mas não às oito e meia. Quando mandaram alguém procurá-lo, a única coisa que encontraram foi um monte de neve queimada.

Já estou com a boca aberta para contar que vi Gabe esta manhã antes de me lembrar que nenhum desses dois deve saber que eu estive fora da cúpula hoje. Gabe foi quem acenou para eu entrar quando voltei do labirinto. Isso deve ter sido em torno das…

Oito e quinze?

Puta merda.

Será que os rastejadores me seguiram de volta para a cúpula?

Volto a me lembrar daquela aranha que libertei no jardim muitos anos atrás. E se não foi aquilo que aconteceu ontem à noite? E se na realidade eu era uma formiga que não pisotearam para poder descobrir onde fica o formigueiro?

— O que foi? — pergunta Nasha.

Passo os olhos dela para Berto, depois de volta para ela. Os dois estão me encarando.

— Sério — fala Berto. — Você parece que acabou de mijar nas calças, Mickey. Que porra? Você era próximo desse cara?

É uma pergunta meio idiota, considerando que há menos de duzentos seres humanos neste planeta e estivemos presos a todos eles nos últimos nove anos. Isso diz algo sobre como nós três temos interagido pouco com nossos colegas colonizadores a ponto de eu realmente não ser próximo de Gabe. Na verdade, mal o conhecia além de reconhecer seu rosto e ter uma vaga sensação de que ele não era um dos ruins – nem obviamente nenhum dos dois aqui.

— Sei quem ele era — respondo. — Nós não éramos amigos. Mas importa? Acabamos de perder 0,6 por cento da nossa população, Berto.

— É — concorda Berto. — Imagino que seja verdade. Eu não era muito fã do velho Gabe, para ser sincero. Durante o percurso, ele era um daqueles caras que ficavam pegando no pé das pessoas por não dedicarem tempo suficiente na esteira rolante. Mas você fez uma boa observação. Até começarmos a descongelar os embriões, realmente não podemos nos dar o luxo de permitir tantos vazamentos no fundo do reservatório gênico.

— Não estou preocupada com isso — pontua Nasha. — Quero dizer, se precisarmos de mais caras brancos genéricos por aqui, sempre é possível produzir mais alguns Mickeys, certo?

Os dois dão risada. Eu hesito um pouco demais antes de rir também.

— Mas é sério — diz Berto. — O Mickey demonstrou ter razão.

Não me lembro de ter demonstrado nada, mas tudo bem.

— Verdade — concorda Nasha. — Sem dúvida o Gabe não saiu andando por aí.

— Ele foi pego por rastejadores — fala Berto.

Nasha levanta os olhos do resto do seu purê.

— Você tem certeza disso?

— Não, mas que outra coisa poderia ser? Não vimos mais nada neste planeta que seja maior do que uma ameba.

Nasha chacoalha a cabeça.

— Rastejadores chegando tão perto da cúpula é uma má notícia. Rastejadores abatendo um capanga armado é pior. Ele estava usando armadura?

Estava… mas, mais uma vez, eu não devia saber disso.

— Não sei — responde Berto. — Mas é provável que não. Até agora não havia motivo para estar, certo? Quero dizer, é a primeira vez que os rastejadores realmente mataram alguém.

— Eles me mataram — eu falo. — Duas vezes, na verdade.

Berto passa o braço ao redor dos meus ombros e me dá um apertão.

— Sei que mataram, parceiro.

Nasha dá uma risada sarcástica. Olho para ela, mas ela voltou a tomar café da manhã e não nota. Eu espero esse tipo de merda do Berto. Nasha costuma ser melhor do que isso.

— Com ou sem armadura — diz Berto —, o Gabe estaria portando um chamejador resistente, certo? Como você é assassinado por um monte de insetos quando está armado com uma coisa que pode fritar um búfalo?

— Eles não são afetados pelos chamejadores — saliento.

Os dois se viram para me encarar.

— O quê? — pergunta Nasha.

— É — concorda Berto. — Do que você está falando, Mickey?

Abro a boca para responder, então a deixo fechar de novo quando vejo Berto arregalar os olhos. Mais uma vez, preciso fazê-lo entrar em um jogo de pôquer.

— Tenho a sensação de não estar sabendo de alguma coisa — comenta Nasha. — Amigos não guardam segredos, Mickey.

— Não — diz Berto. — Não, na verdade, o Mickey tem razão. Ele tinha um chamejador quando foi abatido ontem à noite. Não serviu de nada para ele. Acho que me esqueci disso.

Lancei meu melhor olhar morto.

— Se esqueceu?

— É — ele responde. — Me esqueci.

— Você se esqueceu de que viu o seu melhor amigo ser destroçado menos de vinte e quatro horas atrás.

— Bom — fala Berto —, não sei se eu diria *melhor* amigo.

— Destroçado? — indaga Nasha. — Achei que ele tivesse congelado até a morte no fundo daquela fenda.

Dirijo a Berto meu melhor olhar confuso-porém-zangado.

— Que história é essa de congelar até a morte, Berto?

Ele dá uma olhada rápida e venenosa para Nasha, então chacoalha a cabeça e responde:

— Não importa. A questão é que você foi abatido e não havia nada que nenhum de nós pudesse fazer.

— Não é verdade — contesta Nasha e volta a cutucar o café da manhã. —

Eu poderia. — Ela olha para mim e me dá um meio sorriso triste. — Ele não me deixou. Você foi corajoso ontem à noite, Mickey. Não me deixou correr riscos por você. Não posso tirar isso de você, não importa o quanto tenha sido burro de cair naquele buraco para começar. — Seu sorriso desvanece então, substituído por uma carranca. — De qualquer forma, a verdadeira questão aqui é que, seja como for que ele conseguiu fazer isso, Gabe Torricelli foi morto, sequestrado ou devorado hoje de manhã e, por esse motivo, agora vou ter que fazer um maldito turno duplo no ar. — Ela olha para Berto. — Falando nisso… por que você está de folga agora de manhã? Não passou mais tempo do que eu trabalhando ontem à noite.

Berto encolhe os ombros.

— Acho que o Marshall gosta mais de mim.

Esse comentário ainda está no ar entre nós quando uma janela de bate-papo aparece no meu ocular.

<Comando1>: Você está sendo chamado para se apresentar no escritório do comandante Marshall no máximo até às 10:30. Não compare*er será considerado insubordinação e resultará em atribuição reduzida de ração. Por favor, confirme.

Acabo de mandar uma confirmação de leitura quando uma segunda janela se abre ao lado da primeira, cobrindo parcialmente de texto o rosto de Nasha.

<Mickey8>: Você também está vendo a convocação do Comando, certo?
<Mickey8>: É, estou vendo.
<Mickey8>: Argh. Nós dois somos Mickey8 agora, hein?
<Mickey8>: Parece que sim.
<Mickey8>: Ótimo. Isso vai ser confuso.
<Mickey8>: Tenho certeza de que vamos dar um jeito.
<Mickey8>: Você acha que a rede vai sinalizar o fato de que o mesmo nome está mandando sinal de duas localizações diferentes?
<Mickey8>: Provavelmente não, a menos que alguém investigue.
<Mickey8>: Nesse caso, estamos ferrados mesmo.
<Mickey8>: Certo.
<Mickey8>: De qualquer forma, acho que essa convocação foi porque o Marshall está querendo nos repreender por morrer outra vez e desperdiçar setenta quilos de proteína da colônia. Você se importa de

cuidar disso? Estou com um problema sério de fedor de tanque e um cochilo cairia bem.
<Mickey8>: Eu tenho escolha?
<Mickey8>: Zzzzzz

Fecho as duas janelas com uma piscada. Berto e Nasha estão me encarando.

— Mal-educado — diz Nasha.

— É — concorda Berto. — Extremamente. — Ele se afasta da mesa, se levanta e pega a bandeja. — Isso dito, tenho que correr. Divirta-se lá fora, Nasha.

Nasha pega um pedaço de casca de purê com o garfo e joga nas costas dele enquanto ele sai. Tenho que resistir ao impulso de ir pegar a casca e comê-la.

— Em todo caso — Nasha fala depois que ele se foi —, tenho uma hora livre antes de voar de novo. Quer terminar o que começamos no chuveiro?

Demoro um ou dois segundos para juntar isso com o que ela disse antes sobre me ver na sala de banho e perceber do que deve estar falando, depois mais dois ou três segundos para tirar a imagem dela com Oito da minha cabeça. Não posso sentir ciúmes de mim mesmo, posso?

Sim, aparentemente posso.

Mas não importa. Para o bem ou para o mal, tenho que estar em outro lugar.

— Na verdade — respondo —, acabei de receber um sinal do Comando. Preciso fazer uma visita para o Marshall.

— Ah — ela comenta. — Certo. Ele está zangado porque você jogou pelo ralo outro bocado de proteína, né?

— É — digo. — Provavelmente algo desse tipo.

Ela se soergue, se inclina sobre a mesa, me agarra pela nuca e me puxa para me beijar.

— Não aceite nenhum desaforo dele — fala ela. — Morrer congelado é o seu trabalho e você estava lá fora porque recebeu ordens. Ele não pode ficar bravo porque você é desastrado. — Ela me beija de novo, desta vez na testa. — Vou precisar de um descanso quando voltar, mas vou te mandar um sinal depois disso, hein? — Ela me beija na boca mais uma vez. — Mas escove os dentes antes. Aquela pasta de reciclador é nojenta.

Ela me dá uma palmadinha na bochecha, pega a bandeja e sai.

006

EU NÃO DEVERIA ESTAR NERVOSO por ir ver Marshall. Quer dizer, é pouco provável que ele mande me matar hoje. Especialmente nos últimos tempos, nem sempre posso dizer isso.

De qualquer maneira, ele pode ser o nosso comandante supremo, mas conheço Marshall há mais tempo do que qualquer outra pessoa em Niflheim além de Berto. Ele foi a primeira pessoa a me cumprimentar quando meu ônibus espacial atracou na unidade de montagem orbital onde estavam dando os toques finais na *Drakkar* dois dias depois da minha entrevista com Gwen Johansen e três dias depois que o lacaio do Darius Blank me fez passar os trinta segundos mais longos da minha vida olhando para a cara de Satã.

Bem, *cumprimentar* pode ser uma palavra forte para o que Marshall fez. Mas ele definitivamente estava lá.

Para ser justo com ele, eu provavelmente não passei uma boa primeira impressão. Nunca tinha experimentado a queda livre até os gravíticos do ônibus espacial serem desligados para se aproximar da estação. Tinha visto vídeos de pessoas em órbita, claro. Era impossível passar cinco minutos nas redes de entretenimento sem ver anúncios de resorts orbitais com turistas usando trajes planadores e jogando handebol com gravidade zero ou alguma porcaria. Sempre imaginei que seria meio que relaxante, como flutuar no oceano, mas sem ter que me preocupar com a possibilidade de ser devorado por um kraken.

Acontece que a coisa não se chama flutuação livre. Chama-se *queda* livre.

No segundo desligamento do campo gravítico, meu estômago foi parar na goela, meu coração começou a bater tão forte que eu conseguia senti-lo nas pontas dos dedos e o meu sensor de perigo me informou em termos muito claros que, evidências visuais à parte, estávamos caindo como chuva de um céu azul claro e estávamos definitivamente, mesmo, a ponto de morrer.

Não me descontrolei como alguns dos outros passageiros. Não gritei, não comecei a me debater e não precisei usar a máscara a vácuo que disponibilizavam na parte de trás do banco para as pessoas que não conseguiam

segurar o almoço no estômago. Eu não estava mal. Mas definitivamente não estava *bem,* e quando atracamos e eu passei pela câmara de descompressão e entrei no saguão de desembarque, estava molhado de suor e tremia.

Eu provavelmente parecia um viciado em morfina com dois dias de abstinência… e essa foi a primeira impressão que o comandante Marshall teve de mim.

Marshall estava no saguão esperando por nós, flutuando pela janela de visualização da câmara de descompressão do outro lado, olhando para o lado noturno de Midgard à medida que o planeta girava a mais de quinhentos quilômetros abaixo. Ele esperou até que a última dos doze possíveis colonizadores do ônibus espacial chegasse ao saguão e a porta interna da câmara de descompressão tivesse sido fechada após a passagem dela para nos cumprimentar. Pude ver logo de cara que estávamos na presença de alguém que se considerava No Comando das Coisas. Do corte de cabelo degradê preto escuro ao maxilar perpetuamente cerrado e ao fato de que conseguia, de algum modo, parecer que tinha uma haste de metal no lugar da espinha mesmo em queda livre, ele era quase uma paródia do tipo de militar de olhos frios e endurecido pelos combates que Midgard nunca de fato havia tido ou precisado.

Levei três anos e duas reencarnações para perceber que toda essa aparência dele era dez por cento verdadeira presunção, dez por cento insegurança e oitenta por cento supercompensação pelo fato de que, como comandante terrestre designado, poderia muito bem ter sido só um passageiro durante o percurso inteiro.

— Bem — falou Marshall e começou a flutuar em nossa direção. Ele se segurou com uma das mãos em uma barra fixada no teto, depois flutuou para baixo para uma posição mais ou menos vertical na minha frente. — Bem-vindos à Estação Himmel. Esta será a casa de vocês até a *Drakkar* estar liberada para o embarque. Meu nome é Hieronymus Marshall e vou estar no comando desta pequena expedição. Algum de vocês já saiu do planeta alguma vez? — Seis mãos se levantaram. Marshall acenou com a cabeça. — Excelente. E quantos dos outros estão tentando desesperadamente não vomitar agora? — Três mãos se levantaram, depois uma quarta hesitante. Marshall acenou com a cabeça de novo. — Pois bem. Vão acabar superando isso. Ou talvez não superem, imagino. De um jeito ou de outro, vocês estão aqui até o fim, como dizem.

— Senhor?

Era um dos vomitadores. Marshall se virou para olhar para ele.

— Sim?

— Dugan, senhor. Biologia. Quando… — Ele arrotou, fez uma careta e engoliu. — Argh… quando vão transferir os nossos itens pessoais? Não

deixaram a gente trazer no ônibus espacial.

Marshall lhe deu um sorriso forçado.

— Não vão, infelizmente. Massa, como você provavelmente pode imaginar, é um problema nesse tipo de viagem. Por isso tomamos a decisão de proibir o transporte de pertences pessoais. — A informação ocasionou uma série de gemidos por parte do grupo, mas Marshall os cortou com um gesto. — Chega disso, por favor. Prometo que receberão tudo o que precisam e acho que vão descobrir que não há muita necessidade para bugigangas em uma colônia de cabeça de ponte. — Ele passou os olhos por nós. — Alguma outra pergunta?

Ergui minha mão. Era o primeiro de vários erros que cometi nos meus primeiros tempos como colonizador.

— Sim — falou Marshall. — Você é?

— Mickey Barnes — respondi. — Disseram que tínhamos um limite pessoal de trinta quilos.

O sorriso dele se tornou ligeiramente mais forçado e significativamente menos parecido com um sorriso.

— Como eu disse, sr. Barnes, foi decidido rescindir esse limite.

— Ninguém informou nada para a gente — continuei. — Preciso de algumas das coisas que deixei na minha bolsa.

Marshall sem dúvida não estava mais sorrindo.

— Sr. Barnes — falou ele. — Quando estivermos totalmente carregados, haverá cento e noventa e oito colonizadores e tripulantes a bordo da *Drakkar*. Se cada um deles trouxesse trinta quilos de estatuetas e cremes para as mãos e tudo o mais, isso aumentaria a massa da nave em quase seis mil quilos.

— Eu sei — respondi. — Sei fazer conta. Eu só…

— Você sabe quanta energia é necessária para acelerar seis mil quilos até a 0.9 da velocidade da luz?

— Ahn… — falei.

O sorriso voltou.

— Não tão bom em matemática no final das contas, hein?

— Não importa — contestei. — Seis mil quilos não pode ser mais do que um erro de arredondamento na massa da nave.

— Importa sim — replicou Marshall. — A resposta, caso você estivesse se perguntando, é só um pouco a mais do que quatro vezes dez elevado a vinte e três joules e uma quantidade semelhante de energia é necessária no fim da viagem para desacelerar para voltar à imobilidade. A física é cruel, sr. Barnes, e a antimatéria que abastece a astronave é abominavelmente cara. A massa da *Drakkar* foi reduzida ao absoluto mínimo necessário para permitir que ela mantenha vocês vivos durante os nove anos, mais ou menos, que vamos levar

para chegar ao nosso destino a um custo astronômico para o governo de Midgard. Presumo que saiba que noventa por cento dos seus colegas colonizadores estão viajando na forma de embriões congelados, não é?

— Sei, mas…

— Por que acha que é assim, sr. Barnes? Acha que é porque todos nós queremos passar os nossos anos finais como babás de uma horda de crianças? — Ele fez uma pausa e olhou para mim como se esperasse uma resposta. Quando ficou claro que eu não ia lhe dar uma, ele continuou: — Não, não é. É porque os embriões são leves, e adultos completamente formados são pesados. Sabe o que mais é pesado? Comida, sr. Barnes. Quando vir qual vai ser a sua ração de caloria pelo resto da sua vida natural, vai poder começar a desejar que tivéssemos alocado aqueles seis mil quilos para aumentar a nossa capacidade agrícola. Pessoalmente, se tivéssemos essa quantidade de massa sobrando, eu estaria muito mais inclinado a alocá-la para mais setenta ou oitenta colonizadores. Porém, de qualquer modo, tenho certeza de que todos nós podemos pensar em centenas de formas mais proveitosas de alocar qualquer massa adicional que pudéssemos carregar do que a sua *bagagem*.

Abri minha boca para salientar que, diferente de mais setenta colonizadores, a minha *bagagem* não ia requerer um aumento das reservas de comida, água, oxigênio e área útil da nave em quarenta por cento e, mais importante, que, se alguém tivesse me contado que a minha *bagagem* não viria a bordo comigo, eu poderia ter colocado meu tablet e dois chips de memória, que são as únicas coisas que eu realmente queria, em um bolso ou algo do tipo antes de embarcar no ônibus espacial.

Não sou completamente idiota, no entanto. A expressão no rosto de Marshall me fez decidir que talvez o protesto silencioso fosse o caminho.

— A propósito — disse Marshall —, não entendi bem a sua função, sr. Barnes.

— Minha o quê?

— A sua função, filho. O sr. Dugan aqui é biólogo. Você é o quê?

Foi aqui que o meu erro inicial se agravou. Eu dei um sorriso.

— Sou o seu prescindível, senhor.

Marshall não sorriu de volta. Seu rosto se contorceu no tipo de careta que eu estava acostumado a ver em pessoas que tinham acabado de morder algo estragado ou talvez pisado descalços em uma pilha de estrume.

— Acho que eu devia ter imaginado — comentou.

Ele deu um impulso para segurar a barra outra vez, empurrou o corpo com as duas mãos em direção a uma saída no outro lado do saguão, depois deu uma cambalhota em pleno voo que o fez tocar o pé no chão para se impelir e deslizar

no planeio suave de um nadador.

— Obviamente, não há acomodações individuais suficientes disponíveis na estação para acomodar todos os colonizadores e tripulantes da missão — ele falou por cima do ombro enquanto a porta de saída se abria. — Mas existem redes de corda montadas em muitas das áreas comuns. Encontre uma. Ela será a sua casa até podermos subir a bordo da *Drakkar*.

Ele passou pela porta e ela se fechou após a sua passagem.

— Uau — comentou Dugan quando ele foi embora. — O que foi isso?

— O comandante Marshall é um natalista — falou uma mulher alta, de cabelo escuro, que flutuava perto da câmara de descompressão.

Dugan soltou uma risada curta e aguda.

— É sério? — Ele se virou para olhar para mim. — Você está ferrado, amigo.

Olhei de Dugan para a mulher e de volta para ele.

— Não entendo — disse eu. — O que é natalista?

— É um culto — respondeu Dugan.

— Não é um culto — contestou a mulher. Ela pôs os pés na parede e deu um impulso quase com tanta destreza quanto Marshall, segurou-se na barra e arremessou-se à minha frente. — É uma religião séria e o comandante Marshall é um adepto sério. Verifiquei o perfil digital dele. Verifiquei todos no Comando antes de me candidatar para este trabalho. Vocês não fizeram isso?

Achei que aquele não era necessariamente o melhor momento para entrar em detalhes sobre o fato de que eu estava ocupado demais fugindo de gângsteres com máquinas de tortura para me preocupar em me tornar detetive de mídias sociais, então apenas chacoalhei a cabeça.

Ela riu.

— Você só pode estar brincando. Você percebe que essas pessoas serão os nossos donos pelo resto das nossas vidas, certo? Você nem se preocupou em procurar saber quem são?

— Não — respondi. — Não, não me preocupei.

Dugan riu outra vez. Eu já tinha decidido que não gostava da risada dele.

— Ele não teria se preocupado — comentou Dugan. — Você foi recrutado, certo? Você era prisioneiro ou coisa do tipo?

— O quê? Não, eu não era prisioneiro e não, não fui recrutado. Fui *selecionado* para a missão, assim como vocês.

— Certo — falou Dugan. — Selecionado, recrutado, seja o que for. A questão é que você não teve escolha.

Chacoalhei a cabeça.

— Você não está prestando atenção. Eu tive escolha. Entrei no escritório de

recrutamento dois dias atrás por iniciativa própria. Uma mulher chamada Gwen me entrevistou. Ela disse que eu era um excelente candidato e que estavam muito felizes de contar comigo.

Os dois me olharam como se tivesse brotado uma segunda cabeça no meu corpo.

— Você está de brincadeira — retorquiu Dugan.

— Não — respondi. — Não estou, não.

— Se não se importa que eu pergunte — começou a mulher —, em que porra você estava pensando?

Pensei em contar sobre Darius Blank, mas o bom senso me impediu no último segundo. Não precisava que as pessoas com quem ia passar o resto da minha vida achassem que eu era alguma espécie de criminoso.

— Não importa — falei. — A questão é que fui voluntário, nunca estive na prisão e não, não fiz uma busca nas mídias sociais sobre ninguém antes de me candidatar.

— Eu também não — disse Dugan. — Esta é a primeira expedição colonizadora de Midgard, não é? Presumi que todos os envolvidos seriam os melhores e mais inteligentes. Não posso acreditar que colocaram um natalista no comando do espetáculo inteiro.

— Não é nada de mais — falou a mulher, então se virou para me fitar. — Bem, de qualquer forma, não é nada de mais para qualquer um, menos para esse cara. — Ela me dirigiu um olhar triste, depois estendeu a mão para Dugan. — A propósito, meu nome é Bree. Estou com o pessoal de Agricultura. Imagino que vamos trabalhar juntos.

O restante dos recém-chegados já tinha ido embora, presumivelmente procurando uma rede de cordas para chamar de sua. Enquanto Bree e Dugan sorriam e apertavam as mãos, comecei a desconfiar que todo o negócio de fuga-do-planeta não tinha sido um plano tão bom quanto eu pensava.

— Olhem — comecei. — Não tenho nenhuma pretensão de ser burro, mas será que algum de vocês poderia me explicar o que a religião do Marshall tem a ver comigo?

Bree girou na minha direção. Sua expressão dizia que Dugan era muito mais interessante, provavelmente porque ela tinha concluído que havia algo seriamente errado comigo e que eu estava começando a irritá-la.

— Um dos principais dogmas da Igreja Natalista — respondeu ela — é a crença na santidade da alma unitária.

— Hã…

— Eles não gostam de backups — explicou Dugan. — Eles acreditam que é uma alma para cada corpo e, quando o seu corpo original morre, a sua alma

morre também.

— Certo — continuou Bree. — O que significa que um corpo bioimpresso com uma personalidade gravada do backup é na realidade um monstro sem alma.

— É — retomou Dugan. — Uma abominação, sabe?

— Não totalmente humano.

Dugan aquiesceu.

— Nem um pouco humano, na verdade.

— Ahn — falei. — Isso é…

— Eu sei — disse Bree. — Lamentável.

— Mas, ei — comentou Dugan —, só porque você é o prescindível não significa que já foi despendido, certo? Quero dizer, você ainda é o seu eu original neste exato momento, não é?

— Bem, sou — respondi. — Acabei de me juntar à expedição dois dias atrás. Nem sei ao certo como essa coisa toda de backup funciona. Por enquanto, pelo menos, ainda estou no mesmo corpo em que nasci.

— Ótimo — continuou Dugan, e segurou meu ombro. — A única coisa que você tem que fazer para ficar numa boa com o Marshall é continuar assim.

Esse foi um bom conselho, irmão.

Não consigo imaginar porque não pensei em segui-lo.

007

GERALMENTE TENTO NÃO chegar atrasado, em especial quando o atraso pode ameaçar a minha provisão de comida. Mas também não sou um grande fã de chegar muito cedo, e isso vale em dobro quando estou chegando cedo para um sermão de Hieronymus Marshall. Gasto meu tempo andando pelos corredores, paro para conversar com duas pessoas pelo caminho, depois faço cera no corredor diante do escritório de Marshall até o cronômetro na extremidade do meu campo de visão marcar 10:29 antes de bater à porta.

— Entre.

A porta se abre. Marshall está sentado atrás de uma mesa baixa de metal e plástico. Ele está inclinado para a frente, os cotovelos apoiados nos braços da cadeira, as mãos cruzadas sobre a barriga. Berto está sentado de frente para ele, meio virado para olhar para mim.

— Feche a porta — ordena Marshall. — Sente-se.

Puxo uma cadeira ao lado de Berto e me sento. Marshall encara os dois sem dizer nada por um tempo dolorosamente longo.

— Então… — começa Berto enfim, mas Marshall o interrompe com um olhar zangado.

— Você — diz ele. — Barnes. Que iteração você é?

— Ahn — respondo. — Oito?

Ele ergue uma sobrancelha em resposta.

— Você parece não ter muita certeza disso.

— Não está carimbado na minha nuca, senhor, e não me lembro de grande parte da minha morte. Só sei que sou Oito porque o pessoal me fala.

— Você se lembra de sair do tanque, não se lembra?

Olho para Berto. Ele está olhando para a frente.

— Na verdade não, senhor. Normalmente, não recobro a consciência até algumas horas depois. Em geral, o que me lembro é de acordar na cama e me sentir de ressaca.

O rosto de Marshall escurece, mas sua expressão não muda.

— Considerando que você não tem acesso a álcool aqui em Niflheim, sr. Barnes, acho que podemos aceitar como um fato que é mais provável que essas experiências indiquem reinicializações do que o resultado de três dias de bebedeira, você não diria?

Tenho uma resposta engraçadinha para essa pergunta, mas tenho a impressão de que essa não é uma boa hora.

— Sim, senhor — respondo. — Acredito que seja uma suposição justa.

— Quantas vezes isso aconteceu, Barnes?

— Sete vezes, senhor.

— Então você é realmente a oitava iteração de Mickey Barnes?

— Sim, senhor — reitero. — Eu sou a oitava.

Marshall me olha por mais algum tempo, então volta seu olhar para Berto.

— Gomez, por que esse homem é a oitava iteração do sr. Barnes?

— Bem, senhor — ele responde. — O protocolo determina que temos que ter um prescindível em funcionamento o tempo todo.

— E?

— E, desde ontem à noite, a sétima iteração não estava mais funcional. Portanto, de acordo com o protocolo, apresentei um pedido para iniciar a produção do Mickey8.

— Obrigado — fala Marshall. — Foi muito oficioso, Gomez. Por um segundo, você realmente conseguiu parecer dar importância para o protocolo.

— Senhor — começa Berto, mas Marshall chacoalha a cabeça.

— Pode parar, filho. Apenas me explique, por favor, com palavras normais, que não parecem ter sido tiradas de um manual de campo, exatamente como você conseguiu desperdiçar setenta e cinco quilos de proteína e cálcio ontem à noite.

Na verdade, peso apenas uns setenta e um quilos e a maior parte deles é composta de água, que nós temos em quantidade mais do que suficiente empilhada em montes lá fora, mas esse não parece o momento certo para levantar a questão.

— Certo — responde Berto. — Bem, senhor…

Marshall se inclina para a frente, apoia o cotovelo na mesa e pousa o queixo sobre uma das mãos enquanto suas sobrancelhas se erguem em direção ao couro cabeludo. Berto pigarreia. Essa talvez seja a ocasião em que vi Berto mais nervoso.

— Como declarei no meu pedido de reinicialização, perdemos Mickey aproximadamente…

— A sétima iteração do sr. Barnes, você quer dizer.

— Sim, senhor. Mickey7. Nós o perdemos aproximadamente às 25:30 ontem

à noite enquanto explorávamos uma fenda a cerca de oito quilômetros a sudoeste da cúpula principal. Essa exploração estava em conformidade com as suas ordens permanentes para reconhecimento do entorno e vigilância da fauna local. Depois que confirmei que não dava para recuperar o corpo dele…

— Confirmou como?

Olhei para Berto. Ele continuava olhando direto para a frente. Isso vai ser divertido.

— Senhor?

— Achei que tivesse sido bem claro — replica Marshall. — Como você confirmou que o corpo dele não podia ser recuperado?

— Bem — fala Berto e então me lança um rápido olhar.

— Não olhe para mim — digo. — Eu era o corpo, lembra?

— Se isso está te deixando desconfortável, sr. Barnes, pode esperar lá fora até eu terminar este interrogatório — sugere Marshall.

Chacoalho a cabeça.

— Oh, não. Estou tão interessado em ouvir quanto o senhor.

Os olhos de Marshall voltam para Berto.

— Então?

— Bem — responde Berto —, ele caiu em um buraco.

Marshall se recosta na cadeira e cruza os braços sobre o peito.

— Ele o quê?

— Caiu em um buraco — repete Berto. — Um buraco extremamente fundo. Quando ele parou de descer, o sinal do transmissor--receptor dele estava praticamente nulo.

— Praticamente? Então você poderia tê-lo localizado.

— Quero dizer…

— Você poderia tê-lo localizado — pontua Marshall —, o que significa que poderia tê-lo resgatado. Isso não está correto?

— Hã — comento. — Parece bastante razoável para mim.

Marshall e Berto me dirigem olhares furiosos ao mesmo tempo. Berto pigarreia e tenta outra vez.

— No meu entender, senhor, não teria sido seguro tentar pousar na área onde Mickey caiu.

— Entendo — fala Marshall. —E, no entanto, você achou seguro o bastante deixá-lo lá. Correto?

— É — comento. — Como acontece uma coisa dessas?

Marshall aponta um dedo na minha direção.

— Silêncio, Barnes, vou cuidar de você quando terminar com o Gomez. — Ele se vira para Berto. — Olhe, filho, vocês têm ordens de explorar o entorno

imediato da cúpula e observar essas coisas que começaram a chamar de *rastejadores* onde e quando for prudente. Contudo, espero que usem algum maldito bom-senso na execução dessas ordens. Em especial, se no seu entender existir uma probabilidade razoável de que o prescindível possa morrer no desempenho de suas funções, espero que você tome providências para recuperar e reciclar o corpo dele. Estou sendo claro?

Nove anos atrás, eu poderia ter ficado ofendido com a clara inferência de que o problema não era o fato de que Berto me levou à morte, mas de que ele não fez esforço suficiente para pegar o meu cadáver depois. Mas, a essa altura, eu teria ficado surpreso se Marshall não tivesse expressado as coisas dessa forma.

Berto abre a boca para responder, mas Marshall estreita os olhos e tenho a impressão de que Berto pensa melhor, porque sua mandíbula volta a se fechar e ele assente em silêncio.

Marshall se volta para mim.

— Agora, Barnes. O que tem a dizer sobre tudo isso?

— Eu, senhor? Receio não ter nenhuma opinião sobre esse assunto. Se o senhor bem se lembra, acabei de sair do tanque e o Sete aparentemente não fazia uploads há várias semanas antes de sua morte ontem à noite. Não faço ideia do que vocês dois estavam falando.

— Hmm — comenta Marshall. — Sim, imagino que seja verdade. Às vezes esqueço que você é só um construto.

Normalmente, eu discutiria essa questão… mas, outra vez, esse de fato não parece ser o momento.

— Em todo caso — continua Marshall —, tenho certeza de que vocês dois sabem que o nosso Setor Agrícola está tendo muita dificuldade para fazer quase qualquer coisa crescer de maneira apropriada neste ambiente e que, como resultado, estamos trabalhando atualmente com uma margem muito pequena no que se refere às calorias. As suas atividades das últimas semanas eliminaram permanentemente quase trezentas mil calorias do nosso orçamento energético. A menos e até que consigamos fazer a nossa base agrícola atingir produção plena, essa perda vai exigir mais uma redução nas nossas rações de caloria. — Ele faz uma pausa e depois se inclina para a frente de novo com os cotovelos plantados sobre a mesa. — Tenho certeza de que vocês concordariam que é justo que os dois carreguem o peso dessa redução.

— Senhor — começa Berto, mas Marshall chacoalha a cabeça.

— Não, Gomez. Eu não quero ouvir. Os cartões de ração dos dois terão uma dedução permanente de vinte por cento.

— Mas…

— Eu disse — fala Marshall em tom áspero, articulando cada palavra — que

não quero ouvir. — Ele encara Berto, depois se volta para mim. — Tem alguma coisa a acrescentar, sr. Barnes?

— Bem — respondo —, para ser sincero, senhor, não ficou claro para mim por que devo ser penalizado por não conseguirem recuperar o meu próprio cadáver.

Marshall me encara por longos cinco segundos, então pisca e retorque:

— Permita que eu reformule a minha pergunta. Você tem alguma coisa a acrescentar que não seja simplesmente um comentário espertinho e fútil?

Eu tenho, mas está bastante claro que não faz sentido, então chacoalho a minha cabeça e respondo:

— Não, senhor.

— Ótimo — replica Marshall. — Talvez o ronco da barriga de vocês os faça se lembrar de tomar mais cuidado com os recursos da colônia no futuro. Dispensados.

* * *

— Então — diz Berto quando estamos a salvo fora do alcance dos ouvidos de Marshall —, qual é a sensação de ser um *recurso da colônia*?

— Boa pergunta — retruco. — Tenho uma pra você também: qual é a sensação de ser um merda mentiroso?

Ele para de andar. Eu giro para encará-lo. Ele realmente consegue parecer magoado.

— Qual é, Mickey. Isso não é justo.

— Você me falou que fui devorado por rastejadores, Berto.

Ele desvia o olhar.

— É. Não era exatamente verdade.

— Exatamente? Não era nem um pouco verdade. Você me deixou lá embaixo para morrer, não deixou?

Uma mulher do Setor de Biologia passa apressada, claramente fazendo o máximo para ignorar o que quer que estivesse acontecendo entre nós. Quando se passa nove anos amontoados em uma arca como coelhos em uma gaiola, aprende-se a fazer o possível para dar uns aos outros pelo menos um mínimo de privacidade.

— Por favor — pede Berto. — Mantenha a voz baixa, tá?

— Tá bom.

Eu me viro e começo a andar de novo. Ele hesita, depois corre para me alcançar.

— Olhe — ele começa. — Sinto muito. É sério. Eu devia ter te contado a

verdade.

— É — concordei. — Devia mesmo.

— Certo — ele fala. — Isso é culpa minha, mas eu *não* te deixei lá para morrer, Mickey. Você deve ter caído pelo menos cem metros. Quando chegou no fundo, já estava morto. Eu não ia arriscar o meu traseiro pelos setenta e cinco quilos de proteína do Marshall, mas, se existisse qualquer chance de tirar você de lá com vida, eu teria tirado. Você sabe disso, certo?

Santo Deus, tenho vontade de bater nele agora mesmo. Ele estava lá quando Nasha disse que estava em contato comigo depois da queda ontem à noite. É como se achasse que cuspir bobagens de maneira sincera o bastante as tornasse verdade. Se não fosse pelo fato de que ele não pode saber que sei exatamente o que ele fez e também pelo fato de que ele é mais alto, mais rápido e mais forte do que eu e provavelmente poderia quebrar o meu pescoço como se quebra o de uma galinha, talvez eu batesse mesmo.

— É — respondo. — Eu sei. Você jamais deixaria o seu melhor amigo para morrer, Berto. Quero dizer, você poderia deixar uma *iteração* de um *recurso da colônia* para morrer. Que mal há nisso? Mas, se um *amigo* estivesse em apuros? Você definitivamente iria com tudo.

Ele segura o meu ombro, me faz parar e virar. Mas me solta, levanta as duas mãos em um gesto de rendição e dá um passo para trás ao ver o meu rosto.

— Opa — ele diz. — Não sei o que está acontecendo aqui, Mickey, mas você precisa se acalmar. É horrível que você tenha morrido ontem à noite, mas fala sério, na sua profissão, faz parte do trabalho, certo? Quero dizer, o Marshall já matou você de propósito pelo menos três vezes. Não me lembro de você ficar bravo em nenhuma delas. Com o que você está tão irritado agora?

Fecho os meus olhos, respiro fundo e solto o ar lentamente.

— Estou zangado, Berto, porque vivo uma vida extremamente ferrada. De vez em quando, acordo na minha cama de ressaca e coberto de gosma e percebo que alguma coisa terrível acabou de acontecer comigo e não tenho nenhuma lembrança do que foi, ou de por que aconteceu, ou do que eu poderia fazer para evitar que aconteça de novo. E, quando isso ocorre, conto com você e com a Nasha para me colocarem a par, para me dizerem o que aconteceu. Tenho que confiar em vocês porque não tenho como lembrar essas coisas sozinho. E agora sei com toda certeza que você mentiu para mim sobre o que ocorreu pelo menos uma vez e isso me faz pensar em quantas outras vezes você mentiu para mim. Consegue entender?

Talvez esse comentário tenha mexido com ele, porque agora não consegue olhar nos meus olhos.

— É — ele responde em voz baixa. — Eu entendo isso. Sinto muito, Mickey.

Sinceramente, sinto muito. Nunca pensei nisso dessa forma.

Ele parece mesmo sincero. Talvez ele não fosse tão mau jogador de pôquer afinal.

— É, pois bem — eu falo. — Talvez você devesse pensar melhor.

— Talvez. — Ele alça o olhar e dá um sorriso. — Quer saber… da próxima vez, vou ver se consigo um vídeo do que quer que te mate. Se conseguir, vou mostrar para o Nove assim que ele sair do tanque.

Não quero deixar isso para lá ainda, mas, um merda mentiroso ou não, ele é mais ou menos meu melhor amigo.

— É muito atencioso da sua parte, cuzão.

Ele, então, estende os braços e me puxa para me dar um abraço bem apertado com aqueles malditos braços grandalhões de macaco.

— É sério — ele fala. — Sinto muito por ter mentido para você, Mickey. Não vai acontecer de novo.

— É — murmuro para o peito dele. — Aposto que não.

* * *

A ESSA ALTURA me ocorre que não estou pintando Berto de uma forma particularmente positiva e que você pode estar se perguntando por que um dia fiz amizade com esse cara. A resposta curta é que sempre acreditei que é importante aceitar as pessoas na sua vida pelo que elas são. Não existe um amigo perfeito, assim como não existe qualquer coisa que seja perfeita, e, se você criticar todas as pessoas da sua vida por suas muitas e variadas falhas, vai deixar de apreciar aquilo de bom que trazem para a mesa.

Como exemplo, durante os meus dois últimos anos na escola, eu tinha um amigo chamado Ben Aslan. Ele era uma boa pessoa. Era inteligente o bastante para me ajudar a passar em dois semestres de astrofísica, apesar da minha total falta de aptidão matemática; divertido o bastante para me fazer ser suspenso por dois dias no décimo segundo ano por cair na risada durante o funeral do nosso falecido vice-administrador; e leal o bastante para ficar por perto e levar uma surra comigo quando irritei um bando de caras mais velhos extremamente bêbados em um show do Punho de Cobre no verão após nossa formatura.

Ben também era incrivelmente, de forma quase patológica, mão de vaca.

A família Aslan possuía o controle acionário da companhia detentora da franquia de transporte marítimo intermunicipal do planeta inteiro. O pai dele entrava e saía da lista das vinte e cinco pessoas mais ricas de Midgard. O próprio Ben tinha uma nave monomotora, um carro terrestre, uma casa na praia e um cara que limpava o dormitório para ele. Apesar disso, em todo o tempo em que

convivi com ele, acho que Ben Aslan nunca pagou uma conta. Ele não tinha implantes porque dizia temer que, se os colocasse, alguém poderia arrancar seu olho para ter acesso ao seu fundo fiduciário, e parecia nunca se lembrar de trazer o telefone quando saíamos, pois por que faria isso? O resultado era que, quando a conta chegava, ele sorria e encolhia os ombros e prometia pagar a próxima.

Foi assim por anos.

Por que tolerei uma coisa dessas? Por que eu, um garoto que nunca teve mais do que vinte créditos na conta em qualquer momento da vida, comprava litros de cerveja e montanhas de comida para a pessoa mais rica que já tinha conhecido? É simples, na verdade. Eu sabia quem era Ben e aceitava. Somei os benefícios de tê-lo na minha vida, subtraí o incômodo de ter que pagar tudo toda vez que íamos a qualquer lugar e decidi que, colocando na balança, ele era positivo líquido. Quando tomei essa decisão, parei de me preocupar com as contas. Não valia a pena.

Acho que é mais ou menos a mesma coisa com Berto só que, em vez de ser avarento com as contas de restaurante, ele às vezes me deixa em um buraco para congelar até a morte e depois mente sobre o assunto. Ele é assim. Tudo fica mais fácil se você conseguir aceitar isso e seguir em frente.

* * *

QUANDO VOLTO PARA O MEU TABIQUE, encontro Oito deitado na minha cama em um sono profundo. Penso em deixá-lo dormir – o cheiro fétido do tanque é violento –, mas também estou cansado e temos coisas para discutir. Tranco a porta, agarro o lençol de cima e o tiro com um puxão. Ele está nu.

Faço um lembrete mental para trocar os lençóis.

Oito ergue a cabeça e pisca para mim, depois agarra o lençol e tenta se cobrir de novo. É nesse momento que noto que ele pôs uma faixa de pressão no pulso esquerdo.

— Ei — digo eu. — O que aconteceu com a sua mão?

Ele me dirige um olhar fulminante.

— Nada, idiota. Precisamos parecer a mesma pessoa agora, certo? Você não pode tirar a faixa do seu pulso, então precisei colocar uma no meu.

— Não está roxa.

Ele olha para a mão, em seguida olha para mim.

— O quê?

— A sua mão — respondo. — Está enfaixada, mas não está roxa. Qualquer pessoa que olhar para ela com mais atenção vai conseguir ver que você não está machucado.

— Se alguém estiver olhando com atenção — fala ele —, provavelmente já estaremos mortos.

Ele se deixa cair sobre o travesseiro outra vez e volta a puxar o lençol até o pescoço. Suspiro e puxo o lençol de novo.

— Desculpe — digo. — Hora de acordar. Temos algumas questões para examinar.

Ele se senta, esfrega os olhos com os nós dos dedos e puxa o lençol até a cintura.

— É sério? Você sabe que acabei de sair do tanque, certo? Normalmente nós não temos um dia para nos recuperarmos?

Eu me sento na beirada da cama.

— É, nós não vamos ter trabalho hoje… o que é bom porque uma das coisas que precisamos resolver é como exatamente vamos lidar com os nossos ciclos de trabalho. Apenas um de nós pode estar por aí de cada vez se não quisermos que o Marshall empurre os dois para o buraco de cadáver.

Oito boceja, esfrega os olhos outra vez e olha para mim. Um sorriso se abre devagar no rosto dele.

— Ei, esse é o ponto positivo. Na verdade, isso pode funcionar muito bem, não pode? Ter que fazer só metade das obrigações não é tão ruim, certo?

— É — respondo. — Desde que os nossos turnos sejam requisitados para a Agricultura ou a Engenharia, podemos compartilhar. Mas o que vai acontecer da próxima vez que o Marshall decidir que precisa de alguém para limpar a câmara de reação de antimatéria?

O sorriso dele desvanece.

— Isso com certeza vai acontecer em algum momento, não vai?

— Vai. Provavelmente é melhor resolvermos com antecedência como vamos lidar com isso, não?

Ele dá de ombros.

— Parece bastante óbvio para mim. Eu não deveria ter saído do tanque até você fechar a conta. Portanto, se quisermos corrigir as coisas, você é que deveria assumir a próxima missão suicida.

Isso não me parece óbvio. Estou prestes a explicar para ele exatamente por que seu argumento é uma completa asneira, mas…

Na verdade, não consigo pensar em um bom motivo para ele não estar certo.

— Tudo bem — concordo. — Se e quando Marshall inventar uma missão suicida concreta para nós… quero dizer, algo semelhante ao que aconteceu com Três… eu me sacrifico. Mas não vou pegar todos os trabalhos arriscados. Se ele nos mandar em outra missão de reconhecimento, ou nos designar para o perímetro, ou nos mandar na nave monomotora com o Berto outra vez, vamos

jogar pedra, papel e tesoura.

Ele estreita os olhos para mim, a cabeça inclinada para um lado e, por um segundo, acho que vai tentar discutir a questão. Mas, por fim, ele apenas dá de ombros e diz:

— Tá, é justo.

— Ótimo — eu falo. — Acho que podemos improvisar da próxima vez que recebermos uma convocação.

— De qualquer forma — comenta ele —, até e a menos que um de nós morra, viver com meia ração vai ser um saco, sem dúvida.

— É — digo. — Sobre esse assunto.

— Qual assunto? Rações ou obrigações?

— Rações — respondo. — Aquela reunião com o Marshall não saiu exatamente como eu esperava.

Sua expressão fica anuviada.

— Me conte.

— Ele cortou a nossa ração em vinte por cento.

Oito resmunga.

— Eu sei — comento. — Isso seria ruim mesmo se existisse só um de nós. Do modo como são as coisas, a próxima, não importa quanto tempo levar, será bem difícil mesmo.

Ele se recosta na parede, inclina a cabeça para trás e fecha os olhos.

— Você acha? Isso é um desastre, Sete. Acabei de sair do tanque. Estou literalmente morrendo de fome neste exato momento. Se eu não forrar o estômago com algumas calorias, corro o risco de arrancar o seu braço com uma mordida e comê-lo enquanto você dorme.

Passo as mãos pelo meu cabelo. Elas voltam com um ligeiro brilho de óleo, o que me faz lembrar que faz quase uma semana que não tomo banho.

— Você comeu alguma coisa hoje de manhã?

Ele abre os olhos, vira a cabeça e faz uma careta.

— Se quiser chamar aquilo de comida. Peguei uma batida de pasta e papa no caminho para o refeitório.

— Legal. Quantas calorias você queimou?

— Seiscentas, eu acho.

— É — digo. — Eu também. Isso nos deixa um total de quatrocentas para o dia.

— Caramba — geme ele. — Duzentas para cada um?

Eu respiro fundo, seguro o ar e depois solto.

— Pode ficar com elas.

Ele arregala os olhos.

— Está falando sério?

— Estou te dando duzentas calorias de papa — respondo. — Não dê tanta importância.

— E amanhã?

— Não abuse. Amanhã voltamos a dividir meio a meio.

Ele suspira.

— Tá, é justo. Na verdade, é mais do que justo. Obrigado, Sete.

Dou uma palmada no joelho dele.

— Sem problemas. Provavelmente é o mínimo que posso fazer depois que você decidiu não me matar hoje de manhã.

— É — ele concorda. — É verdade. Aquilo foi bem generoso da minha parte, para ser sincero. Tem certeza de que não quer me dar o cartão inteiro amanhã?

Dou um aperto quase doloroso na perna dele antes de soltar.

— Mais uma vez — eu falo —, não abuse. Tenho bastante certeza de que, da próxima vez que um de nós receber a ração completa de um dia, será porque o outro está morto.

Ele se recosta e cruza as mãos atrás da nuca.

— Algo para se esperar.

— É. — Estou prestes a continuar falando sobre como em dado momento limpar a câmara de reação pode não parecer tão má ideia quando me lembro da conversa no refeitório.

— Ei, enquanto estou pensando em uma coisa, você topou com o Berto no caminho de volta para cá?

— Não. Por quê?

— Eu o vi no refeitório hoje de manhã. Ele meio que insinuou que vocês se encontraram. Acho que ele está desconfiado de nós.

Ele dá de ombros.

— Se tivermos que contar para ele, então teremos que contar para ele. Provavelmente vai lhe causar repugnância, mas não é algo do tipo que ele possa ir se queixar ao Comando. Ele é tão culpado por isso quanto qualquer um.

— Verdade. — Começo a dizer mais alguma coisa, mas tenho que reprimir um bocejo. Os olhos de Oito já estão fechados.

Dou uma cutucada nele.

— Chega pra lá, hein?

Ele desliza para a beirada da cama. Eu tiro as minhas botas e me deito ao lado dele. É um pouco estranho dividir uma cama comigo mesmo, mas acho que vou ter que me acostumar.

Estou começando a cair no sono quando o meu ocular pisca.

<Comando1>: Precisamos de você na câmara de descompressão principal imediatamente, Barnes. Temos um problema.

Meu coração salta com força. Será que o Berto voltou para o escritório do Marshall e nos entregou?

Não. Se o Comando soubesse sobre nós, não teria simplesmente mandado um sinal. Viro a cabeça para olhar para Oito. Seus olhos ainda estão fechados.

— Acho que eles querem você, amigo — comenta ele.

Eu me sento.

— É uma convocação, Oito.

— É — ele diz. — Se for um trabalho terminal, fica por sua conta, certo? Se for só uma atividade básica, deveria ficar por sua conta hoje também porque eu acabei de sair do tanque.

— E se for um daqueles trabalhos intermediários? Vamos jogar pedra, papel e tesoura?

— Não — ele responde. — Acho que você me deve essa.

Ele vira de lado e puxa o lençol até o ombro. Desperdiço alguns segundos olhando feio para a nuca dele, depois ponho as pernas para fora da cama, me sento e volto a colocar as botas. Ele já está roncando quando tranco a porta depois de sair.

008

FAÇO MUITA COISA por toda a cúpula. Não estou vinculado a nenhum setor em particular, então geralmente me fazem alternar a cada dois dias para onde quer que precisem de um pouco de trabalho pesado extra. Cuidei das gaiolas dos coelhos para a Agricultura. Fiquei de vigia para a Segurança. Uma vez substituí a administração de Marshall enquanto ele tirava um dia de folga, que eu descobri depois ser, na verdade, o resultado de uma tentativa de produzir bebida alcoólica caseira que deu muito, muito errado. Mas essas atividades foram apenas atribuições aleatórias do sistema semiautônomo que administra o RH para a colônia. Quando recebo uma convocação direta do Comando, não é porque precisam de alguém para transportar caixas. É porque precisam que eu execute o meu trabalho de verdade.

Qual *é* de fato o meu trabalho de verdade ficou impresso em mim de forma bastante clara desde o início, começando pelo meu primeiro ciclo de dia na Estação Himmel. Eu tinha conseguido encontrar um banheiro àquela altura e, após dois erros penosos e caóticos, tinha entendido mais ou menos como se faz para mijar em gravidade zero. Tinha encontrado a sala onde estavam distribuindo pacotes de alimento. Tinha até encontrado uma rede de corda para chamar de minha, pendurada com outras quarenta mais ou menos no que parecia ser uma sala de conferências. O cheiro não era muito bom, mas eu já estava começando a me acostumar. No geral, senti que estava me habituando muito bem à minha nova vida.

Estava cochilando, embrulhado na minha rede, quase conseguindo finalmente imaginar que estava flutuando em vez de caindo, quando algo duro e pontudo espetou as minhas costelas. Bati no objeto, o que fez a rede girar no seu longo eixo. Abri os olhos para ver o chão, depois a parede, depois o teto, depois a pessoa que me cutucou. Ela era alta, careca e de pele negra, e vestia o macacão cinza amorfo usado por toda a equipe permanente da estação. Ela estendeu o braço para me segurar, travou os pés no chão e parou o giro.

— Você é o Barnes, certo?

Pisquei para ela.

— Talvez. Quem está perguntando?

Ela sorriu.

— Sou a Jemma. Levante-se. Hora de trabalhar.

* * *

DURANTE QUASE TODA a minha estadia na Estação Himmel, gostei de Jemma. Ela era uma excelente professora. Era engraçada e gentil e estranhamente atenciosa. Quando tínhamos sessões de manhã, ela me trazia ampolas de *chai* quente. Quando eu tinha dificuldade de entender alguma coisa, ela diminuía o ritmo, voltava e se repetia até ter certeza de que eu tinha entendido. Se, em algum momento desse processo, ela pôs na cabeça que eu era um palerma, fez questão de não deixar transparecer.

Naquele primeiro dia, começamos com o esquema dos sistemas motores da *Drakkar*. Aprendi onde estava armazenada a antimatéria, como era controlada, onde guardavam os reagentes, como juntavam os dois e (essa foi a parte que Jemma enfatizou) o que aconteceria se qualquer um desses componentes se decompusesse.

— Podemos pular o colapso na unidade de contenção de antimatéria — disse ela. — Esse problema se resolve sozinho.

Estávamos sentados de frente um para o outro em uma mesa de jogo no que parecia ser uma despensa desativada. Jemma me deu um meio sorriso e esperou. Uns cinco segundos depois, seu rosto se anuviou.

— Você não vai me perguntar como ele se resolve sozinho?

Revirei os olhos.

— Matando a todos nós?

— É — confirmou ela. — Mas eu ia falar isso de um jeito muito mais engraçado.

— Por que preciso saber sobre qualquer uma dessas coisas? Vamos ter engenheiros, certo? Se eles estiverem todos mortos, não acho que o que quer que você consiga enfiar na minha cabeça nas próximas duas semanas vá fazer muita diferença. Gosto de história. Posso te dizer quem foi Wernher von Braun, mas esse é mais ou menos o meu limite em termos de tecnologia de propulsão. Quase não passei em física de altas energias na escola e isso foi muito tempo atrás.

— Não estou tentando transformar você em um engenheiro — explicou ela. — A *Drakkar* vai levar um grupo totalmente redundante de especialistas em propulsão. Eles te dirão exatamente o que precisa ser feito se houver necessidade… mas é provável que o tempo seja escasso, se chegar a esse ponto,

e as coisas vão correr muito mais rápido se você souber o básico.

— E, se algo der errado, vão precisar da minha ajuda para consertar porque…

O sorriso dela desvaneceu.

— Porque uma hora após o desligamento, o fluxo de nêutrons na câmara de combustão ainda é alto o bastante para proporcionar uma dose letal mesmo através de uma armadura completa de combate em menos de sessenta segundos… e, se chegar a esse ponto, acredite em mim, você não vai usar uma armadura completa de combate. Essa merda custa caro.

— Certo — falei. — Não quis sugerir que eles mesmos fossem entrar nos motores. Quem faz isso? Minha intenção foi sugerir que usassem um drone.

Ela chacoalhou a cabeça.

— Drones são sujeitos a serem danificados por partículas de alta energia, assim como você. Na verdade, você ficaria surpreso de saber quanto tempo a mais dura um ser humano em um fluxo de partículas pesadas em relação a um objeto mecânico. Você pode estar morto para todos os efeitos depois de sessenta segundos lá, mas vai levar uma hora ou mais para o seu corpo perceber isso e você pode fazer coisas úteis durante esse tempo todo. Um drone nesse ambiente desliga em menos de um minuto e, quando estiver longe da base industrial de Midgard, um drone danificado vai ser muito mais difícil de substituir do que você. Seu cargo oficial é *Missão Prescíndível*, Mickey. Parte do meu trabalho pelos próximos doze dias mais ou menos é garantir que você realmente entenda o que isso significa.

Acho que provavelmente foi a essa altura que comecei a gostar dela um pouquinho menos.

* * *

NÃO CONVERSEI COM JEMMA só sobre esquemas e envenenamento por radiação. Quando ficou bastante claro que a minha cabeça estava cheia de dados técnicos por ora, passamos para filosofia, que era muito mais a minha praia.

Acontece que as pessoas vêm bisbilhotando a periferia do que se tornou a questão central da minha vida há muito tempo. Naquele primeiro dia, depois que terminamos de falar sobre as muitas maneiras diferentes pelas quais eu poderia sofrer a ação da irradiação até perder a consciência, Jemma me contou sobre o Navio de Teseu.

— Imagine — disse ela — que um dia Teseu sai para navegar pelo mundo.

— Tudo bem — interrompo. — Eu sei que deveria saber disso, mas quem é Teseu?

— Um antigo herói da Terra — respondeu ela. — Coisa muito antiga mesmo… talvez de três mil anos antes da Diáspora.

— Hm. E ele está navegando pelo mundo?

— Certo — ela retomou. — Ele está navegando pelo mundo em um navio de madeira. Enquanto viaja, partes do navio são danificadas ou ficam desgastadas e ele precisa substituí-las. Anos mais tarde, quando finalmente volta para casa, cada tábua e viga do navio original foi substituída. Então esse é ou não é o mesmo navio em que ele partiu?

— Isso é ridículo — respondo. — Claro que é.

— Tudo bem — ela fala. — E se o navio for destruído em uma tempestade e ele tiver que reconstruí-lo todo de uma vez antes de continuar a navegar? É o mesmo navio nesse caso?

— Não — respondo. — Isso é totalmente diferente. Se ele tiver que reconstruir o navio inteiro, é o Navio de Teseu II, a Continuação.

Então, ela se inclina para a frente, os cotovelos na mesa.

— É mesmo? Por quê? Que diferença faz se ele substitui cada componente um a um ou se substitui todos de uma vez?

Abri minha boca para responder, mas aí me dei conta de que não fazia ideia do que dizer.

— Essa é a chave para aceitar esse trabalho, Mickey. *Você* é o Navio de Teseu. Todos nós somos. Não existe nem uma única célula no meu corpo que estava viva e fazia parte de mim dez anos atrás e o mesmo acontece com você. Estamos constantemente sendo reconstruídos, uma tábua por vez. Se você realmente assumir esse cargo, é provável que seja reconstruído todo de uma vez em algum momento, mas, no final das contas, na verdade não há diferença, né? Quando um prescindível faz uma viagem ao tanque, ele só está fazendo de uma vez o que o seu corpo faria naturalmente no decorrer do tempo mesmo. Desde que a memória seja preservada, ele não morreu de verdade. Ele só passou por uma remodelação estranhamente rápida.

* * *

NÃO QUERO FAZER parecer que o meu treinamento foi todo sobre esquemas de motor e Teseus. Parte dele na realidade foi divertido. Jemma me ensinou noções básicas de como manusear um acelerador linear, por exemplo. Não pude ligar um acelerador de verdade na estação, mas ela me fez passar por uma simulação bastante realista em que pude lutar contra zumbis espaciais e, quando enfim tive a chance de usar a coisa em si anos mais tarde, não foi muito diferente. Ela me mostrou como entrar em um traje a vácuo e sair dele. Me mostrou como montar

uma armadura de combate completa. No Dia Seis, me levou para fora e escalamos o casco da estação durante uma hora e praticamos como usar chaves de porca sem recuo para apertar e soltar parafusos. Nunca vou me esquecer de estar ao lado dela na parte de baixo da estação e olhar para cima para ver passando o lado de Midgard onde era noite.

— Eu sei — comentou Jemma. — É uma vista e tanto, não é?

— Aquela parte iluminada — falei. — É Kiruna, certo?

— É — confirmou ela. — Você é de lá?

Afirmei com a cabeça. Ela não pôde ver através do meu visor espelhado, mas pareceu entender.

— E agora você vai embora para sempre — disse ela. Ficamos ali em silêncio por um tempo e vimos Midgard girando até Kiruna desaparecer no horizonte. — Admiro vocês — continuou ela então. — Os colonizadores, quero dizer. Não entendo vocês, mas admiro. Entendo o romantismo da empreitada. Entendo que disseminar a humanidade ao máximo, tornando-nos à prova de desastres tanto quanto possível, é o objetivo da Diáspora… mas eu jamais conseguiria simplesmente partir.

Encolhi os ombros.

— Bom, pois é. Acho que alguns de nós nascem exploradores.

Jemma deu uma resfolegada incrédula. Eu me virei para olhar para ela, mas não consegui ver seu rosto, assim como ela não conseguiu ver o meu.

— Já treinei prescindíveis antes — falou ela. — Precisamos deles aqui na estação de tempos em tempos. Eles costumam ser bem difíceis de lidar. Vocês são um saco, mas, normalmente, quando os trago aqui para fora como hoje, fico com receio de que cortem o meu cabo e me empurrem para o vazio. Por que será?

Suspirei.

— Sei que a maioria dos prescindíveis é composta por condenados — comentei. — Mas é diferente se candidatar para ser prescindível na Estação Himmel. É simplesmente concordar em ser morto de vez em quando sem nenhum motivo. Eu me inscrevi para uma missão colonizadora. Como você disse, tem uma atmosfera romântica, não tem?

Jemma deu risada.

— Ora, por favor — retorquiu ela. — Conversei com o seu amigo. Gomez? O piloto? Sei por que você se inscreveu para essa missão.

— Ah — disse eu. — Hm…

Ela riu de novo.

— Não se preocupe, não vou contar para ninguém importante. Seus motivos para ir provavelmente são pelo menos tão válidos quanto os dele, ou os de

Marshall, ou os de qualquer outra pessoa. Mas espero que saiba que essa é uma solução permanente para um problema temporário.

— Não é o que dizem sobre o suicídio?

Ela pôs uma das mãos no meu ombro.

— Venha, Mickey. Vamos voltar para dentro. Precisamos conversar sobre John Locke.

* * *

MEU PRIMEIRO BACKUP veio na manhã do meu décimo segundo dia na Estação Himmel. A parte física era bastante simples. Tiraram uma amostra de sangue, cortaram um pouco de pele da minha barriga, fizeram uma punção do meu líquido cefalorraquidiano e depois me colocaram em um scanner que passou três horas mapeando a distribuição e a composição química de cada célula do meu corpo. Jemma estava me esperando quando saí.

— Espero que esteja tendo um dia fantástico — ela falou. — Sua aparência de agora será exatamente a sua aparência toda vez que sair do tanque pelo resto da sua vida.

— Hm — comentei. — Isso acontece uma única vez?

— Receio que sim — respondeu ela. — Aquele scanner consome uma quantia inacreditável de energia, e o software de reconhecimento vai trabalhar durante quase uma semana classificando a informação extraída. Além do mais, você acabou de absorver o que, em circunstâncias normais, seria uma quantidade problemática de radiação.

— Oh.

Ela agarrou uma alça de mão e deu um impulso para descer o corredor. Eu fui atrás.

— Espere — falei quando chegamos à nossa próxima parada. — O que você quis dizer com “seria” uma quantidade problemática de radiação?

Ela me deu um meio sorriso triste.

— Você vai ver.

* * *

O BACKUP DE PERSONALIDADE, que venho repetindo regularmente desde então, era mais simples e ao mesmo tempo mais estranho do que o físico. Eu me sentei em uma cadeira e um técnico pôs um capacete na minha cabeça. O lado de fora era liso e metálico. O lado de dentro era coberto por cravos de ponta cega que faziam pressão contra o meu cérebro e a minha testa.

— Isso é vetor de lula — informou o técnico. — É um pouco desconfortável, mas não vai te fazer mal.

Mais tarde descobri que uma lula, além de ser um invertebrado marinho surpreendentemente inteligente, também é um dispositivo de interferência quântica supercondutor. Espero que isso signifique mais para você do que significou para mim.

O técnico estava certo sobre o processo de backup não ser doloroso. Ele é, contudo, profundamente estranho. Os backups de rotina são apenas atualizações. Demoram cerca de uma hora. Mas o primeiro levou quase dezoito e pareceu muito mais demorado. O processo de backup é como um sonho febril. Frações e fragmentos do seu passado passam voando, imagens e sons e cheiros e sensações, tudo fora do seu controle e rápido demais para você digerir. A lembrança mais vívida que tenho dessa primeira transferência de memória é uma imagem de perto do rosto da minha mãe. Ela morreu em um passeio de aeronave monomotora quando eu tinha oito anos e mal me lembro dela… porém, naquela imagem, ela era jovem, bonita e cheia de vida e, quando finalmente tiraram o meu capacete, eu estava chorando.

Quando terminou essa parte, Jemma me levou para o refeitório dos oficiais, pegou uma mesa para nós e me falou para eu pedir o que quisesse. Quando perguntei o que estava acontecendo, ela me deu aquele sorriso triste de novo e explicou:

— Vamos celebrar, Mickey. Hoje é a sua formatura.

— Sério? — indaguei. — Quando é a cerimônia?

Ela desviou o olhar.

— Assim que tivermos terminado por aqui. Não tenha pressa.

Ainda me lembro daquela como uma das horas mais estranhas da minha vida. A comida estava muito boa, considerando que a maior parte era sintética e preparada em gravidade zero. A conversa foi embaraçosa por motivos que entendi de forma completamente errada. Eu sabia que a *Drakkar* estava quase pronta para começar a ser carregada. Acredite ou não, pensei que Jemma pudesse estar triste porque ia sentir minha falta quando eu fosse embora.

Quando o jantar terminou e Jemma pagou a conta, achei que ia voltar para a minha rede para pôr o sono em dia. Eu não tinha ficado, de fato, acordado durante todo o procedimento de transferência, mas também não tinha descansado. Não estava exatamente cansado… estava mais é de barriga cheia e exausto e não mais tão conectado à realidade. Porém, Jemma segurou o meu braço quando comecei a descer o corredor.

— Não — disse ela. — A sua cerimônia de formatura, lembra?

— Ah — respondi. — Achei que fosse brincadeira.

Ela me encarou por alguns longos segundos, então chacoalhou a cabeça e deu um impulso para começar a descer o corredor em direção à nossa despensa. Dei de ombros e a segui.

* * *

— Então — falei quando ela fechou a porta depois de entrar. — Vou receber beca e capelo ou o quê?

Flutuei para mais perto dela.

Achei que estávamos prestes a fazer sexo.

Sim, sou burro exatamente a esse ponto.

O rosto de Jemma estava tão inexpressivo quanto uma máscara de madeira. Ela levou a mão a um bolso do macacão e tirou algo… preto e reluzente… pouco maior do que a sua mão.

— O que é isso? — perguntei.

Ela ergueu o objeto. Ele tinha coronha como uma pistola e um cano curto com uma ponta de cristal branco. Pela primeira vez em quase duas semanas, senti como se estivesse caindo de novo.

— É um chamejador — respondeu ela. — De baixa potência, então é seguro usá-lo na estação. Ele não vai cortar o metal, mas vai fazer um grande estrago em praticamente qualquer tipo de matéria orgânica.

Ela o segurou pelo cano e o ofereceu para mim. Depois de um instante, eu o peguei.

— Está vendo o botão vermelho na lateral da coronha? É a trava — explicou ela. — Deslize-a para a frente.

Eu deslizei. A ponta começou a brilhar em um tom amarelo apagado.

— Certo — disse ela. — Está armado. Cuidado com o gatilho. É essa saliência perto do seu dedo indicador.

Virei a arma na minha mão.

— Não entendo — falei.

Mas então ela me deu aquele olhar triste outra vez e eu entendi.

— Essa é a sua formatura, Mickey. É hora de você provar que entende o que significa ser um prescindível.

Olhei para ela. Ela olhou de volta.

— Você não está falando sério — eu disse.

— Você vai querer que seja rápido — continuou ela. — Vire a cabeça o máximo que puder e encoste a ponta no ponto macio bem atrás da sua orelha. Tente inclinar a arma ligeiramente para cima. Está ajustada para soltar um feixe em leque. Se você fizer do jeito certo, ela vai arrancar a sua medula oblonga

inteira e uma boa parte do seu cerebelo com um tiro. Prometo que você não vai sentir nada. Se errar, talvez eu tenha que fazer a limpeza para você. Nenhum de nós quer isso.

— Jemma…

— Essa não é a sua cerimônia de formatura de verdade — disse ela. — Está mais para o seu exame final. Se não fizer isso, vai ser colocado em um ônibus de volta para Midgard pela manhã e vou ter que começar tudo de novo com um recruta amanhã. Nenhum de nós quer uma coisa dessas também. Sinto muito, Mickey, mas foi para isso que você se candidatou. A imortalidade vem com um preço.

Pensei sobre o que ela me falou. Pensei em voltar para Midgard, voltar para o meu apartamento de merda e o meu subsídio de fome. Pensei em contar para os meus amigos que não ia embora com a *Drakkar* no final das contas.

Pensei na máquina de tortura de Darius Blank.

— É como ir dormir, certo? — perguntei. — Faço isso e acordo na minha rede, novinho em folha?

— Certo — ela respondeu. — Com um pouco de ressaca, talvez, mas sim.

Ela sorriu. Eu suspirei, desviei os olhos e pus o chamejador na cabeça.

— Assim?

— Claro — confirmou ela. — Perto o suficiente.

Fechei os meus olhos, respirei fundo e soltei o ar.

Apertei o gatilho.

Não aconteceu nada.

Fiquei parado ali, paralisado e trêmulo, até que Jemma estendeu a mão e gentilmente arrancou o chamejador da minha mão.

— Parabéns — ela falou em voz baixa. — A partir de hoje, você é oficialmente Mickey1.

009

HÁ MUITA GENTE me esperando na câmara de descompressão principal. Marshall está lá junto com Dugan, da Biologia, e um bando de capangas da Segurança. Berto e Nasha estão lado a lado, a certa distância. Berto está inclinado, o rosto a centímetros do dela. Ele diz algo curto e incisivo. Ela desvia o olhar e chacoalha a cabeça.

— Ei — digo. — O que está acontecendo?

Marshall acena para mim.

— Dê uma olhada — ele fala e aponta para o monitor acima da fechadura. Eu alço os olhos. A porta externa está trancada. Há uma mancha enegrecida, aparentemente com o formato de um homem, jogada em um canto.

— Merda — olho com mais atenção. O que eu tinha pensado tratar-se de metal enegrecido na verdade é um buraco de quase dois metros de diâmetro no piso da câmara. — Onde está o assoalho?

— Já era — responde Dugan. — Alguma coisa o perfurou enquanto Gallaher estava esperando o ciclo da fechadura e começou a descascar.

— Gallaher? Você quer dizer a mancha ali no canto?

— É — confirma Marshall. — É ele. Tivemos que usar a abertura de disparo.

Posso sentir meu queixo cair.

— Vocês lançaram plasma na câmara de descompressão principal? Enquanto um dos nossos estava *lá dentro*?

— Lançamos — responde Marshall. — Gallaher estava gravemente ferido, esvaindo-se em sangue. A coisa que arrancou a primeira parte do assoalho ao mesmo tempo decepou boa parte da perna esquerda dele. A IA que controlava o perímetro de segurança tomou a decisão e não estou inclinado a contestar. Não podíamos correr o risco de invasão da cúpula.

Não sei ao certo o que dizer sobre aquilo.

— Foram rastejadores — opina Berto. — Pelo menos dois ou três deles.

Eu chacoalho a cabeça.

— Como…

— Ao que tudo indica, aquelas mandíbulas são mais afiadas do que parecem — fala ele. — Quero dizer, já vi essas mandíbulas perfurarem coisas antes…

— Coisas? — retruco. — Tipo o meu crânio?

Com isso consigo cinco segundos de um silêncio constrangedor.

— Em todo caso — interrompe Dugan —, fiquei surpreso ao descobrir que não temos dados concretos sobre essas coisas. Consegui relembrar duas descrições em relatórios de postos avançados feitos por Gomez e Adjaya, mas é basicamente isso. Foi por essa razão que te chamamos aqui.

Olho para Berto, depois de volta para Dugan.

— O Gomez falou que você tem um pouco de experiência com essas coisas — continuou. — Ele contou que você desenvolveu certa obsessão por eles, na verdade, e o comandante Marshall disse que mandou você sair para observá-los nas últimas semanas. Precisamos de mais do que isso. Temos que descobrir com o que exatamente estamos lidando. Se eles começarem a abrir buracos na cúpula, será o nosso fim.

Olho para Berto outra vez. Ele não olha nos meus olhos.

— Experiência?

— Isso — confirma Marshall. — Porque eles devoraram você.

— Verdade — comenta Berto. — Mickey é especialista em ser devorado por rastejadores.

Tanto Berto quanto Nasha estão olhando para mim agora. Eu reviro os olhos.

— Acabamos de falar sobre esse assunto. Não me lembro de nada do que aconteceu com o Seis ou com o Sete. Eu nem saberia que isso aconteceu se o Berto não tivesse me contado.

— Tem certeza, Mickey? — indaga Berto. — É importante. Você não se lembra nada de ontem à noite?

Berto fica me encarando. Nasha desvia o olhar.

— Acabei de sair do tanque hoje de manhã. Você sabe disso, Berto.

Marshall estreita os olhos.

— Está acontecendo alguma coisa que eu tenho que saber?

Berto me dirige mais um olhar desconfiado, então chacoalha a cabeça.

— Não, senhor. Está tudo bem. Mickey está certo. Como discutimos hoje de manhã, ele não fazia upload havia algum tempo quando morreu ontem à noite.

Marshall não é idiota, mas acho que ele decide que tem problemas maiores para resolver. Depois de dirigir a Berto outro longo olhar duro, ele diz:

— Que seja. Preparem-se todos vocês. Gomez e Adjaya, vocês vão dar cobertura aérea. Quero uma varredura completa com radar de penetração de solo da cúpula até um raio de dois mil metros além do perímetro. Quero saber exatamente quantas dessas coisas existem por aí e onde estão. Também quero

vocês prontos para atacar. Certifiquem-se de que seus tubos de míssil estejam cheios antes de saírem. Quando tivermos executado o que precisamos executar e retirado o nosso pessoal de lá, quero o campo inteiro livre dessas coisas em um raio de um quilômetro, pelo menos. — Ele faz uma pausa para olhar ao redor. — Os demais estejam prontos para sair pela câmara de descompressão auxiliar a pé em quinze minutos. Dugan, se quiser entender o que são essas coisas e o que elas podem fazer, precisa ter um espécime no seu laboratório. — Ele sorri, mas a expressão é mais macabra do que feliz. — Vocês, cavalheiros, vão para uma caçada.

* * *

— SABE — EU FALO —, já fiz isso antes.

— Hein?

Dugan olha para mim. Ele e eu não interagimos muito desde aquele primeiro dia na Estação Himmel. Não sou designado para a Biologia com muita frequência e, quando sou, é sobretudo para fazer coisas como limpar os laboratórios. Ele está colocando uma armadura de combate no momento, o que, em outras circunstâncias, seria meio que hilário. Para o tipo certo de cara, estar vestindo um traje de batalha pela metade faz você parecer um deus da guerra de uma daquelas histórias antigas. Dugan não é esse tipo de cara. Ele parece um frango depenado se preparando para uma festa a fantasia.

— Eu falei que já fiz isso antes. Você não vai querer essa armadura.

Ele olha ao redor. Os capangas da Segurança já estão preparados. Faz dez minutos que estou tentando lembrar o nome deles. O careca carrancudo é Robert alguma coisa (faça o que fizer, não o chame de Bob) e a mulher mais baixa é Cat Chen. A terceira tenho quase certeza de que se chama Gillian, mas não posso garantir. Eles estão andando ruidosamente pelo depósito de armas agora, assegurando-se de que seus servomecanismos estão funcionando. Esta será a primeira incursão armada que tentamos desde a aterrissagem.

— Parece que é a opinião da minoria — comenta ele.

Dou de ombros.

— Eles são da Segurança. Usariam armadura para dormir à noite se pudessem. A armadura pode fazer você sentir que é invencível, mas aqueles trajes somam quase cem quilos. Isso te deixa pesado demais para usar sapatos para a neve e você vai mesmo querer ficar em cima da neve quando for lá fora. Arrastar-se em meio a um metro ou mais de neve fresca e solta é bem, bem desagradável.

Ele me olha de cima a baixo. Estou bem agasalhado, mas só com

equipamentos para o frio. Ele tem dois chamejadores em coldres no quadril. Estou levando um acelerador linear. É mais pesado do que o que ele está levando, e muito menos versátil, e tenho certeza de que o meu pulso torcido vai reclamar amargamente se eu tiver mesmo que fazer uso dele, mas é a única arma com a qual tenho algum treinamento de verdade e, de qualquer forma, desde aquela última noite na Estação Himmel, tenho uma espécie de aversão a chamejadores.

— Agradeço o conselho — diz ele —, mas vi o que aquelas coisas na câmara de descompressão fizeram com a perna do Gallaher. Gostaria de ter algo um pouco mais substancial do que uma roupa de inverno entre eles e eu.

— Você viu o que fizeram com o Gallaher. Viu o que fizeram com o assoalho?

Ele está me olhando feio agora, passando os olhos de mim para a luva direita, a qual ele parece não conseguir deslizar até o encaixe da manga.

— Deixa comigo — ofereço. Ele ergue o braço. Viro a luva e a conexão trava.

— Obrigado — ele fala. Flexiona a mão, certifica-se de que tudo está encaixado, depois estende a mão para pegar o peitoral. — Eu entendo — ele continua enquanto encaixa a peça. — Isso não é nada de especial para você. Mas você tem que entender, Barnes: o resto de nós não tem como apenas apertar o botão de reinicialização se formos abatidos. Morto é morto para mim. Então, é, eu vou usar armadura.

Dou um sorriso.

— Botão de reinicialização, né? É isso que você acha que é uma viagem ao tanque?

— Olhe — diz ele. — Não estou tentando criar caso aqui, mas o fato é que você é prescindível, eu não. Nossos incentivos são diferentes. Eu só quero sair, coletar a nossa amostra e voltar para cá intacto.

Ergo a alça do meu acelerador sobre a cabeça. Quero que esteja solta o bastante para utilizar a arma rapidamente, mas justa o bastante para não ficar batendo nas minhas costas enquanto estou andando.

— Eu com certeza não estou disposto a discutir essa questão — respondo. — Essa coisa toda de botão de reinicialização não é tão divertida quanto você parece pensar.

Meus oculares recebem um sinal.

<Comando1>: Adjaya e Gomez estão começando a varredura. Hora de ir.

Olho ao redor. Os capangas estão se dirigindo ruidosamente para a porta. Eu vedo o meu respirador. Dugan põe o capacete e nós saímos.

* * *

A ÚLTIMA VEZ que alguma coisa nativa se opôs seriamente a uma das nossas aterrissagens foi há pouco menos de duzentos anos e talvez a cinquenta anos-luz daqui em sentido horário. O Comando da cabeça de ponte lá provavelmente deu um nome ao lugar, mas, se deram, nunca contaram ao resto de nós. Hoje em dia, o planeta se chama Roanoke.

Roanoke não é o que você chamaria de habitat ideal. Sua estrela é uma anã vermelha e o planeta em si é uma rocha com rotação sincronizada quase sem nenhuma inclinação axial, muito pouca água e um período orbital de trinta e um dias. Ele tem um polo quente de um lado, onde a temperatura ambiente raras vezes cai abaixo de oitenta graus celsius, um polo frio onde neva CO_2 e uma faixa mais ou menos habitável de perpétua meia-luz no meio dos dois circundando o planeta que talvez tenha mil quilômetros de largura. Roanoke é um planeta antigo. Especula-se que tenha abrigado vida por talvez sete bilhões de anos. E, durante esse tempo, tudo o que evoluiu lá vem lutando por uma pequena vantagem naquela faixa de mil quilômetros seca e varrida pelo vento.

Aparentemente, levar alguns milhões de litros de água líquida para um lugar como aquele é como levar uma mala cheia de grana para uma favela, porque não fazia nem uma semana que a colônia tinha aterrissado quando as coisas começaram a vir atrás deles. Havia bichinhos mordedores minúsculos que vinham com o vento, penetravam em qualquer pele exposta e causavam erupções cutâneas que coçavam, depois vesículas cheias de pus, então sepse, em seguida morte. Havia seres parecidos com estrelas do mar que se enterravam na areia com presas que perfuravam armaduras. Eles injetavam um veneno necrosante que matava em minutos. Havia espécimes semelhantes a insetos da metade do tamanho de um homem que lançavam jatos de ácido sulfúrico concentrado de glândulas na cabeça. A maioria das criaturas do planeta parecia criada com o propósito de derrotar as defesas da colônia e, embora nos pareça óbvio agora o que estava acontecendo, até onde sabemos com base nos registros que o Comando deles transmitiu antes de morrerem, eles nunca descobriram.

Quase desde o primeiro dia, o Comando de Roanoke não conseguia manter o seu pessoal vivo fora da cúpula principal por mais de uma hora. Eles os perderam de um em um e de dois em dois, semana após semana, até que finalmente, malditos sejam os tabus, tiveram que começar a fazer cópias extras do prescindível deles apenas para manter os cargos preenchidos.

Acabaram fechando o lugar e tentando se esconder e pesquisar um pouco sobre o que estava acontecendo com eles. A essa altura, porém, havia algo se reproduzindo dentro da cúpula. O Comando tentou usar meia dúzia de protocolos de esterilização mas, o que quer que fosse, continuava reaparecendo. No final, a colônia inteira era composta por cópias. O processador central ficou produzindo-os em série até se esgotar o aminoácido.

Um dos últimos prescindíveis a morrer pelo menos teve um vislumbre da verdade pouco antes do fim. O Setor de Biologia tinha soltado um bacteriófago para eliminar um dos micro-organismos que estava destruindo-os. Uma cepa resistente surgiu seis horas depois. As últimas palavras em seu diário de bordo, ditadas enquanto suas entranhas se dissolviam e saíam por todos os orifícios, foram estas: “Não estou paranoico. Alguém aqui realmente quer me pegar”.

* * *

ESTOU PENSANDO NAQUELE cara, Jerrol-duzentos-e-alguma-coisa, enquanto saímos na neve. Os habitantes de Roanoke não fizeram soar o alarme dos colonizadores de lá porque não usavam ferramentas no sentido clássico. Não produziam nenhuma emissão eletromagnética, não tinham centrais elétricas nem estradas nem carros nem cidades. Nem ao menos tinham agricultura, até onde sabemos. Mas acontece que eram ótimos engenheiros genéticos. Combine isso com a sua territorialidade e xenofobia extremas – bastante previsível, considerando que tinham passado a história evolutiva inteira lutando uns contra os outros e contra todas as outras coisas em seu planeta horrível por uma faixa estreita de território ligeiramente habitável – e você tem um resultado ruim da cabeça de ponte Roanoke.

Estou pensando em Jerrol e no meu gigantesco amigo escavador de túneis de ontem à noite. Todo mundo morreu em Roanoke porque as criaturas lá eram sencientes e os colonizadores não perceberam até ser tarde demais. Estou me perguntando se alguém como eu topou com um dos habitantes locais de Roanoke, identificou-o como senciente e depois não informou ao Comando.

Um número considerável de colônias fracassam por um motivo ou por outro. Eu odiaria que esta fracassasse por minha causa.

* * *

O ÚLTIMO BRILHO do pôr do sol está se desvanecendo no horizonte e as primeiras estrelas já estão visíveis no céu a leste. Faz dez minutos que saímos da câmara de descompressão, talvez quinhentos metros além do perímetro, e Dugan está

conversando com Berto e Nasha pelo intercomunicador sobre onde é melhor para encontrar um rastejador, não cem, quando Cat vem até mim. Lá no depósito de armas, tínhamos mais ou menos a mesma altura, mas estou no alto de quase um metro de neve agora e ela tem que esticar o pescoço para olhar para mim.

— Ei — ela diz. — Por que o acelerador linear? Achei que todos nós íamos levar chamejadores.

Demoro um segundo para me dar conta de que ela está falando da minha arma. Realmente não quero entrar em detalhes sobre a minha aversão aos chamejadores inspirada pela Jemma neste momento. Não conheço nem um pouco essa pessoa e, mesmo depois de nove anos, aquela história ainda é um ponto sensível.

— Por motivo nenhum — respondo. — Só palpite, na realidade.

— Palpite, hein? É uma boa maneira de escolher uma roupa para o primeiro encontro, mas uma maneira estranha para escolher uma arma, não é?

Certo. Ao que parece, ela não vai deixar esse assunto de lado.

— Meu palpite especificamente é que acho pouco provável que os chamejadores sejam eficazes contra os rastejadores.

— Ah. Está falando da sua experiência pessoal?

Dou de ombros. Não consigo ver o rosto dela pelo visor espelhado, mas há definitivamente um toque de preocupação em sua voz.

— Na verdade, não. Mas, quando estávamos no depósito de armas, eu me perguntei o que normalmente escolheria para uma situação dessas.

Ela inclina a cabeça para um lado.

— E então?

— Um chamejador. Com certeza um chamejador. A velocidade máxima desta coisa que estou carregando é um projétil por segundo e pesa pra caramba. Quero dizer, não pesa tanto quanto toda essa armadura idiota, mas ainda assim.

— Não estou entendendo.

Eu dou um sorriso, embora ela não possa vê-lo por trás do meu respirador.

— Fazer o que eu costumo fazer me levou a ser abatido por essas coisas duas vezes. Então, desta vez fiz o contrário.

Ela aquiesce.

— Entendi. Muito zen da sua parte, Barnes.

— Bom, eu fico reencarnando.

— Verdade — concorda ela. — Caminhando em direção ao nirvana, certo?

Parece um momento estranho para piadinhas, mas tudo bem. Eu chacoalho a cabeça.

— Acho que não. Fico esperando voltar como uma tênia ou coisa assim.

— Mas toda vez acorda como você mesmo. Talvez Mickey Barnes seja o

nível mais baixo a que você possa chegar em termos de carma.

Olho em volta. Não parece estar acontecendo nada importante.

— É — concordo. — Acho que sim.

Dugan está afundado com neve quase até a cintura a cerca de vinte metros de distância, ainda conversando com Berto. Eu poderia dizer a ele onde podemos encontrar um monte de rastejadores, ou pelo menos um bem grande, mas imagino que não ia ser bem-visto por ninguém. Ergo os olhos. Faz uma noite bonita para os padrões de Niflheim. O céu está limpo, profundo e escuro. Jorra luz suficiente da cúpula para que só algumas estrelas estejam visíveis, mas as que estão são pedaços de prata vigorosos e brilhantes.

— Sabe — comenta Cat —, acho que nunca conversamos antes, conversamos?

Olho para ela. Ela está observando Dugan, uma das mãos no chamejador.

— Não — respondo. — Não que eu me lembre.

— Que estranho, né? Você anda me evitando?

Estou prestes a dizer a ela que não, não é estranho nunca termos conversado porque metade das pessoas da *Drakkar* achava que eu era alguma espécie de abominação e metade do resto apenas me achava esquisito num geral e então, pelos últimos nove anos, nunca me aproximei de fato de ninguém que não se aproximasse de mim primeiro, o que ela aparentemente nunca tinha feito. Antes que pudesse entrar em todos esses detalhes, porém, o zunido dos gravíticos aumenta e depois desvanece quando Nasha passa por nós, talvez sessenta metros acima.

— Venham — Dugan fala pelo intercomunicador. — Vamos seguir em frente.

Nós caminhamos com dificuldade para o norte, para longe da cúpula e perto do lugar onde eu saí dos túneis hoje de manhã. O que Dugan faria se o meu amigo gigantesco aparecesse do nada à sua frente, saído da neve?

— Algo engraçado? — pergunta Cat.

— Na verdade não — respondo. — Eu só estava pensando em uma coisa.

— Me conte — ela pede. — Estou entediada.

Não posso contar para ela, claro. Também não posso lhe dizer que não posso lhe contar porque então eu teria que falar *por que* não posso contar. Mas não preciso descobrir onde isso vai parar porque nesse exato instante Dugan começa a gritar. Gritar e dançar.

— Ei — diz Cat. — O quê…

É então que Dugan tira a perna direita da neve e vejo que há um rastejador enrolado nela. Há torrões na armadura nos pontos onde os pés pontudos da coisa estão enterrados e suas mandíbulas estão roendo a costura atrás do joelho dele.

As coisas acontecem rapidamente agora. Os outros dois seguranças, que flanquearam Dugan nos últimos dez minutos, voltam seus chamejadores para a perna dele. Ele parece encorajá-los no começo, mas aí a armadura começa a brilhar e o rastejador continua mordendo e enterrando as pernas cada vez mais na armadura amolecida e, quando uma gota de vapor vivo se ergue da neve para escondê-los, os gritos de Dugan se transformam em berros, que se transformam em um urro sem palavras. Dou meia-volta. Talvez a trinta metros de distância, um pedaço de granito cinza se projeta para fora da neve. Começo a correr.

Correr usando sapatos para a neve não é muito eficaz e não é divertido. Não dou nem três passos quando tropeço e caio de cara na neve. Fico me debatendo, esperando a cada segundo sentir as mandíbulas de um rastejador penetrando na minha nuca quando uma luva motorizada me agarra pelo braço e me levanta.

— Vamos — diz Cat. — Mexa-se!

Ela me dá um empurrão nas costas e eu quase caio de novo antes de avançar aos tropeços. Posso ouvir Cat se arrastando atrás de mim e, mais afastado, os palavrões e depois os gritos dos outros dois capangas. Me arrisco a dar uma olhada. Dugan sumiu… arrastado para debaixo da neve, suponho. Os dois caras da Segurança estão de pé, mas há dois rastejadores em cima de cada um e imagino que isso não vá durar muito.

Subo na rocha com dificuldade, passo a mão por cima do ombro para pegar o acelerador e o preparo para usar, estremecendo enquanto minha mão esquerda sustenta o peso do cano. Um segundo depois, Cat sobe na pedra ao meu lado. Estamos em uma ilha de granito de talvez três metros de diâmetro uns cinquenta centímetros acima da neve. Um rastejador levanta a cabeça quase perto o suficiente para eu tocá-lo. Eu miro e atiro. O recuo do acelerador me empurra para cima de Cat e, no mesmo instante, os primeiros três segmentos do rastejador explodem em uma chuva de estilhaços.

— Merda — fala Cat. — Zen para vencer, hein?

Os outros capangas da Segurança foram derrubados, embora eu tenha a impressão de que ainda posso ouvir barulho de luta corporal sob a neve. Abro minha boca para falar, mas então um chiado crescente de gravíticos anuncia a chegada de Berto. Duas luzes nos iluminam primeiro, depois focalizam o lugar onde Dugan e os outros foram abatidos.

— Vocês conseguiram uma amostra? — Berto pergunta pelo intercomunicador.

— Um pedaço.

Eu desço da rocha e pego o que sobrou do rastejador. A garra do Berto já está descendo. Volto a subir na rocha e entrego o rastejador para Cat, depois fixo a garra à sua armadura. Ela passa um dos braços ao redor do meu peito e nós

subimos. Quando olho para baixo alguns segundos depois, o topo da rocha está cheio de rastejadores. Mal entramos no compartimento de carga de Berto quando Nasha chega gritando, em um voo baixo e rápido, os dois primeiros mísseis já lançados. A porta do compartimento se fecha e nós desviamos da primeira onda de plasma em expansão, subindo e nos afastando.

010

ENTRAR EM MISSÕES quase suicidas como as caçadas imaginárias do Marshall é praticamente rotina para mim a essa altura. Ser resgatado, por outro lado, não é. Essa parte é um pouco desorientadora. Mesmo antes de encenar a minha execução de mentira, Jemma se certificou de que estivesse cem por cento claro para mim o que esperar em situações como essa e definitivamente não era Berto chegando como meu anjo da guarda e me levando embora.

Às vezes me pergunto se Jemma não fez um trabalho bom *demais* ao me informar exatamente o que significava ser um prescindível. Depois de a *Drakkar* ter se desprendido das amarras e saído da órbita em torno de Midgard, passei as primeiras semanas da viagem vagando pelos corredores desanimado, esperando taciturno que acontecesse uma das coisas para as quais ela tinha me preparado, esperando receber ordens para subir nos motores ou sair de uma câmara de descompressão ou enfiar a minha cabeça em um liquidificador para ver se as lâminas eram afiadas o bastante.

Durante muito tempo, no entanto, não aconteceu nenhuma dessas coisas. Aquela nave representava uma fração enorme da riqueza acumulada de Midgard e os arquitetos dos sistemas tinham investido uma quantidade considerável de esforço garantindo tanto quanto possível que ela chegasse ao destino sem explodir e, apesar das minhas piores expectativas, ninguém parecia estar particularmente interessado em me matar só por diversão.

Quanto mais tempo passávamos sem desastres e quanto mais eu pensava sobre o que estávamos fazendo de fato, mais comecei a esperar que chegaria a Niflheim sem jamais ter que passar pelo tanque. Quero dizer, a única coisa que todos sabem sobre as viagens interestelares é que elas são chatas, certo? E, sobretudo quando termina a fase de arranque, que é quando os motores estão trabalhando muito e a estrutura da nave está sob tensão e você acha que qualquer coisa que possa quebrar vai quebrar, é chata mesmo. A fase de cruzeiro de uma missão colonizadora, como se constata, é terrivelmente monótona.

Até que deixa de ser, de qualquer forma..

A última coisa de que me lembro da vida no corpo com o qual eu nasci é um técnico colocando o capacete de upload na minha cabeça enquanto espasmos percorriam meus braços e pernas e sangue escorria da minha boca e do meu nariz e se acumulava sob a minha pele cheia de bolhas. Fazia pouco mais de um ano que tínhamos saído de Midgard naquela época. Tínhamos passado pelo primeiro arranque, atravessado a heliopausa do nosso sol a uma velocidade sub-relativística, acionamos os motores para um segundo arranque e, finalmente, estabilizamos em pouco menos de 0.9 da velocidade da luz para a longa jornada até Niflheim.

A vida na *Drakkar* era fácil na maior parte do tempo. No que se refere à tripulação da nave em si, o grosso dos colonizadores era basicamente bagagem durante o trajeto. Por eu não estar ligado a nenhum setor específico, isso era mais válido ainda para mim. Eu devia fazer duas horas de treinamento por dia, revezando entre os setores, para poder servir de quebra-galho para qualquer um deles se surgisse a necessidade, mas várias das pessoas que deveriam estar me treinando me achavam estranho, e alguns dos outros, como os engenheiros, estavam mesmo ocupados fazendo seu trabalho e não tinham tempo sobrando para treinar alguém sem nenhum conhecimento técnico, então, na maioria das vezes, acabou sendo algo mais como duas horas por semana. Fora isso, eu me alimentava, tirava sonecas e perambulava pelas áreas comuns com Berto jogando quebra-cabeça nos nossos tablets. Adicionando um pouco de gravidade, não teria sido tão diferente da minha vida em Midgard.

Mas, como eu estava prestes a ser lembrado, nós não estávamos em Midgard. Estávamos nos locomovendo pelo espaço interestelar a duzentos e setenta milhões de metros por segundo e, nesse tipo de velocidade, a física de altas energias assume o lugar do sr. Newton e as coisas ficam malucas.

O espaço, como Jemma cuidadosamente me explicou, não é tão vazio quanto se possa pensar. Qualquer metro cúbico daquilo em que pensamos como alto vácuo na realidade contém na ordem de cem mil átomos de hidrogênio, por exemplo. Os átomos de hidrogênio são inofensivos em repouso, mas a 0.9 da velocidade da luz são projéteis perigosos. A *Drakkar* tinha um gerador de campo no nariz que os desviava e os transformava em um fluxo contínuo de raios cósmicos pouco acima da superfície do casco enquanto seguíamos pelo meio interestelar… portanto, não configurava um problema desde que você ficasse do lado de dentro, o que todo mundo na nave, a não ser possivelmente eu, com certeza ia fazer até o fim da viagem.

O espaço interestelar também tem alguma partícula de poeira ocasional, apenas uma a cada milhão de metros cúbicos, mas cada metro quadrado da área da superfície da nave estava passando por duzentos e setenta milhões de metros

cúbicos de espaço por segundo, então topávamos com elas com bastante frequência também. A vasta maioria dessas partículas tinha carga líquida suficiente para passar pela superfície e ser desviadas pelo nosso gerador de campo. Algumas delas não, o que produzia um som contínuo de minúsculas explosões contra o cone do nariz. Mas a nave tinha sido projetada para suportar isso. A blindagem do nariz era ablativa e espessa o suficiente para sobreviver vinte anos ou mais de desgaste normal.

A blindagem, contudo, não havia sido projetada para suportar o impacto de nada muito maior do que uma partícula de poeira.

Para ser justo com as pessoas que construíram a *Drakkar,* coisas maiores do que isso são muito raras depois que você passa da heliopausa e não existe uma blindagem espessa o bastante para te proteger de um objeto grande, de fato. Uma pedra do tamanho da minha cabeça tem cem vezes a energia de uma bomba atômica à velocidade de cruzeiro da *Drakkar*.

Por sorte, a coisa que nos atingiu não era tão grande assim.

Não sabemos exatamente o que era o objeto, claro. Mas sabemos que tinha uma massa entre quinze e vinte gramas. Um dos engenheiros calculou isso com base no volume de blindagem que ele vaporizou e na quantidade de energia cinética que a nave cedeu com o impacto.

O solavanco não foi insignificante, a propósito. Nós estávamos em queda livre, então a maioria das coisas estava razoavelmente bem presa, mas tudo que não estava, inclusive um bom número de tripulantes, foi arremessado contra as anteparas da frente. Houve alguns braços quebrados e uma concussão significativa. Eu bati na beirada de uma mesa ao cair e acabei torcendo um tornozelo.

Ninguém se importou com nada disso. Havia um buraco no cone do nariz e um dos módulos de geração de campo tinha sumido. Vinte por cento do volume interior da nave de repente foi inundado por uma forte radiação.

Era a minha hora de brilhar.

A convocação veio de Maggie Ling, que era chefe da Engenharia de Sistemas durante o percurso. Ela se encontrou comigo na oficina mecânica, que era o compartimento seguro mais próximo da escotilha de acesso ao cone do nariz. Duas pessoas da equipe dela me colocaram dentro de um traje a vácuo enquanto ela me explicava exatamente o que precisava que eu fizesse.

— Achamos que o painel de energia foi destruído — disse ela. — Mas não temos certeza e não temos tempo para brincadeiras, então você vai substituir a unidade inteira. — Outro dos engenheiros tinha acabado de tirar um cubo prateado de meio metro quadrado de uma caixa de armazenamento. Ele tinha dois cabos conectores flutuantes de um lado e duas alças de manobra do outro.

— Quando você terminar, traga a unidade velha de volta para cá se conseguir.

— Se eu conseguir?

— É — falou ela. — Antes de você morrer, não é? Aquele compartimento está aberto para o espaço nesse momento. Até você conseguir fazer esta unidade funcionar, vai absorver uma dose letal de radiação pelo corpo todo a cada três segundos e meio.

Devo ter dado uma olhada para ela, porque ela revirou os olhos.

— Não se preocupe. Isso não significa que você vai morrer assim que passar pela escotilha. O corpo humano leva um tempo surpreendentemente longo para deixar de funcionar de fato, mesmo depois de ter recebido muitas vezes uma dose fatal. Contanto que não seja atingido diretamente por uma partícula de poeira, você deve ter bastante tempo para fazer o upload antes de partir e nós já estamos preparando a sua próxima instanciação no tanque.

Havia um punhado de coisas nessa curta declaração que eu queria discutir, começando pelo fato de estar muito mais preocupado com a parte da morte do que com o momento específico em que isso aconteceria ou se conseguiria fazer o upload antes, seguido pela pressuposição dela de que eu faria aquilo apesar de ninguém ter realmente me pedido.

Mas o fato é que… ela estava certa. Eu ia fazer aquilo. Jemma tinha falado sobre a importância do gerador de campo nos mínimos detalhes e eu estava perfeitamente ciente de como estávamos ferrados até que a unidade fosse substituída.

Quando terminaram de prender o meu capacete, levantei o gerador com muito, muito cuidado e o conduzi em direção à escotilha portátil que eles tinham montado sobre a escotilha de acesso.

— Cheguei a falar que estamos com um pouco de pressa? — perguntou Maggie pelo intercomunicador. Resmunguei uma resposta, mas não me locomovi nem um pouco mais rápido. Coisas pesadas não têm peso em queda livre, mas elas ainda têm massa e é muito fácil arrebentá-las se você as empurrar rápido demais. Quando entrei na escotilha, eles vedaram a porta externa atrás de mim e o meu traje ficou colado ao corpo quando esvaziaram a câmara. Quando o chiado do ar que escapava se extinguiu por completo, a escotilha se abriu.

O gerador de campo era um conjunto de seis cubos, cada um exatamente como aquele que eu carregava. Pude ver de imediato qual deles era o problema. A unidade mais próxima de mim quando entrei na câmara tinha um buraco com borda preta de talvez dois ou três centímetros de largura perfurado direto do alto. Olhei para cima. Havia um buraco ligeiramente maior no teto da câmara. Um raio de luz azulada entrava por ele e iluminava a unidade destruída como um holofote.

Foi mais ou menos nesse instante que a minha pele começou a arder.

Não foi tão ruim no começo. Como Maggie e Jemma disseram, o corpo humano é surpreendentemente lento para reagir ao envenenamento agudo por radiação. Tirei os cabos da velha unidade, abri as travas de encaixe e a ergui e desencaixei sem maiores problemas. Mas, quando estava tentando posicionar a nova unidade, minha cabeça deve ter passado por aquele raio de luz.

Cerca de dez segundos depois, eu estava cego.

A pele das minhas mãos estava formando bolhas àquela altura e não me restava muita sensação de tato. A unidade estava presa e eu tinha conseguido encaixar o primeiro cabo de acoplamento, mas, quando passei para o segundo, não conseguia descobrir onde estava a porta. Tateei a unidade por alguns segundos com o cabo na mão, cada vez mais alarmado, antes de Maggie falar ao meu ouvido.

— Barnes? Você está bem?

Eu tentei dizer *não*, porém a minha língua estava inchada demais para emitir sons e a única coisa que saiu foi um gemido.

— Pare — ela disse. — Não puxe o cabo.

Eu parei, ou tentei parar. Meu corpo tremia demais para ficar parado.

— A câmera do seu capacete ainda está funcionando por enquanto. Tente posicioná-la de modo que eu possa ver o que você está fazendo.

Tateei a borda da unidade, depois inclinei a minha cabeça em direção ao ponto onde deveria ser colocado o conector.

— Certo — falou Maggie. — Mantenha a câmera aí. Agora leve o conector para a sua esquerda. Aproximadamente dez centímetros.

Deslizei o conector pelo chão.

— Ótimo — assegurou Maggie. — Agora para a frente uns três centímetros.

— Um à direita.

— Um para trás.

— Pode colocar.

Senti um clique quando o conector encaixou no lugar.

— Perfeito — falou Maggie. — O campo foi reestabelecido. Bom trabalho, Barnes. Tente relaxar agora. Vamos mandar alguém aí para pegar você.

É surpreendentemente difícil relaxar quando o seu corpo está queimando de dentro para fora. Se eu pudesse apenas abrir as vedações do meu capacete e descomprimir naquele momento, eu teria feito isso, mas as minhas mãos estavam mais do que inúteis, meus dedos estavam inchados demais para se curvar. Então fiquei ali flutuando, tremendo e gemendo e cerrando os dentes, e esperei que alguém me levasse de volta para o mundo.

Entendo por que eles me forçaram a fazer upload antes de me deixar morrer.

Jemma abordou isso também. Conhecimento e experiência obtidos durante uma situação crítica são valiosos e não se pode permitir que morram com uma instanciação minha em particular.

Algumas coisas, porém, de fato precisam ser esquecidas.

A situação estava ligeiramente menos crítica quando saí do tanque como Mickey2. O gerador de campo estava funcionando e as condições dentro da *Drakkar* tinham basicamente voltado ao normal, pelo menos se você deixar de lado as trinta e quatro pessoas que estavam sofrendo agora de vários graus de envenenamento por radiação porque estavam nas partes erradas da nave quando o campo falhou. Nós ainda tínhamos um buraco na nossa blindagem, contudo, e a única coisa necessária para nos levar de volta à situação em que estávamos era uma partícula extraviada no ponto certo. Então, assim que eu estava consciente e funcionando, Maggie e a sua equipe me colocaram em outro traje a vácuo e me mandaram lá fora para o casco com um tanque cheio de nanomáquinas de remendos emergenciais de alta densidade e cinco minutos de instrução sobre como usá-las.

A maior intensidade no fluxo de prótons que estava sendo canalizado ao longo do casco estava a cerca de dois metros da superfície. Maggie me falou que, se permanecesse perto o bastante do casco e tivesse sorte o bastante para evitar ser apanhado por uma partícula, eu poderia até manter a minha exposição baixa o suficiente para sobreviver. Então tentei. Em vez de apenas me dar as travas de força para prender às minhas botas, como Jemma e eu usávamos quando saíamos na estação acima de Midgard, Maggie mandou que prendessem atratores menores às minhas mãos e aos meus joelhos. Saí pela escotilha frontal e me arrastei pelos cerca de cem metros até o ponto de impacto.

No começo, achei que poderia ficar bem. À medida que me aproximava do nariz, porém, o fluxo de prótons ficava cada vez mais próximo. Comecei a ver lampejos de luz a talvez uns vinte metros de distância e, quando alcancei o buraco, minha visão estava ficando turva e minha boca tinha gosto de ferro. Tirei o tanque de nanomáquinas das minhas costas, desengatei o aplicador e apertei o gatilho.

As nanomáquinas saíram em um fluxo espesso e adesivo. Elas se colaram às paredes danificadas do buraco e, enquanto eu ainda estava liberando-as, começaram a se entrelaçar formando o mesmo material hiperdenso que a blindagem ao redor.

Levou quase vinte minutos para esvaziar o tanque. Quando terminou, havia um montículo de substância pegajosa onde antes havia o buraco. Nos minutos seguintes, a substância se aplanou e se espalhou até ser necessário um microscópio eletrônico para distinguir a diferença entre o remendo e a

blindagem original.

Só sei qualquer uma dessas coisas porque, quando saí do tanque como Mickey3 na manhã seguinte, a primeira coisa que me obrigaram a fazer foi assistir à transmissão de vídeo da câmara do meu traje e ouvir a narrativa contínua que fiz até o ponto em que, a meio caminho de volta para a escotilha, parei de me mover, abri as vedações no aro do meu traje e mostrei meu rosto descoberto ao Universo.

011

— Bom — diz Berto da cabine —, poderia ter sido melhor.

Cat lhe dirige um olhar assassino. Berto nunca teve muito tato.

— Três pessoas acabaram de morrer — afirmo.

— É — comenta Berto. — Eu vi. O que diabos aconteceu lá embaixo? Parece que o pessoal da Segurança apontou os chamejadores para o Dugan.

— Eles estavam tentando salvá-lo — explica Cat.

— Que jeito de se fazer isso — fala Berto enquanto passamos por cima da cúpula e desaceleramos para flutuar sobre a pista de pouso. — Nem a armadura de combate suporta um chamejador em potência máxima por muito tempo. O que eles estavam pensando?

Olho para Cat. Seus punhos cerrados.

— Estavam pensando que Dugan tinha dois rastejadores enrolados na perna — retruca ela. — E não por nada, mas eram os meus amigos lá embaixo, idiota. E também não por nada, talvez se você tivessenos alertado que estávamos em cima de um ninho daquelas malditas coisas, a incursão toda teria corrido um pouco melhor, né?

Berto olha para trás de lá da cabine do piloto enquanto pousamos na pista. Fico ligeiramente surpreso de ver que ele parece de fato constrangido.

— Me desculpe — ele diz. — Não tive a intenção de ofender.

— Ah, pois é — responde Cat. — Mas ofendeu.

Berto desliga a nave iônica, então começa a analisar a lista de verificação de desligamento. Posso sentir meu peso se acomodar com um pouco mais de firmeza no estofamento do meu assento ejetor quando o campo gravítico se dissipa.

— Eu sinto muito mesmo pelo que aconteceu lá fora — fala Berto. — Se pudesse, teria alertado vocês. Não sei de onde vieram aquelas coisas, mas não estavam se movendo sob a neve. Não havia nada no meu radar da última vez que sobrevoei vocês e isso aconteceu a não mais do que um minuto antes do ataque.

— Que seja — retorque Cat. Não consigo ver o rosto dela através do visor,

mas consigo ouvir pela sua voz que está fazendo cara feia.

— De qualquer modo — retoma Berto —, missão cumprida, certo? — Enquanto Cat e eu abrimos os cintos, ele sai do assento e vem para o fundo se postar perto de nós. O que sobrou do rastejador está no chão. Berto o cutuca com a ponta de uma bota. Duas das pernas da criatura se mexem com um espasmo e ele quase tropeça, recolhendo a bota com um movimento brusco. — Merda! — Ele recupera o equilíbrio, faz uma careta, depois dá um passo à frente de novo e se agacha entre nós dois. A carcaça está estremecendo. Ele toca a carapaça com um dedo, mas desta vez ela não se mexe. — Hã — ele fala. — Espero que valha a pena.

* * *

— VOCÊ VAI TER que me ajudar aqui — diz Marshall. — Porque estou tendo muita dificuldade para entender como perdemos três pessoas nas últimas duas horas… quatro, se contarem Gallaher, e cinco se contarem Torricelli… e você não foi uma delas.

Cat se remexe desconfortavelmente no assento ao meu lado. Marshall se inclina para a frente, os cotovelos na mesa. Ele não parece estar tentando decidir se deve me matar ou não. Parece estar tentando decidir que método usar.

— O senhor está certo — eu falo. — Peço desculpas por sobreviver. Vou tentar fazer melhor da próxima vez.

Isso o faz se levantar.

— Não me venha com essa conversa de merda, Barnes! Você é um prescindível! Não devia se preocupar em sobreviver!

Ele volta a se sentar devagar enquanto eu enxugo a saliva dele da minha testa.

— Agora — continua ele —, quero que me explique, de forma clara e concisa, por que escolheu salvar a própria bunda quando estava lá fora em vez de prestar ajuda ao sr. Dugan. Pense um pouco no assunto, Barnes, porque, se eu não achar a sua resposta convincente, vou te empurrar eu mesmo para dentro do buraco de cadáver, começando pelas bolas.

— Senhor… — diz Cat.

— Cale a boca, Chen. Eu cuido de você quando terminar com ele.

Os dois estão olhando para mim agora, Cat com um misto de pena e preocupação, Marshall com a mesma expressão básica com que um gavião poderia dirigir a um rato do campo.

— Bem — começo, depois hesito. Ia comentar algo sobre como é muito bom e fácil dizer que eu não deveria me preocupar em sobreviver quando ele está são

e salvo no corpo com o qual nasceu enquanto sofro com a radiação ou sou devorado ou dissolvido a cada seis semanas, mas, fitando o rosto dele, de repente me dou conta de que ele pode estar falando sério sobre o buraco de cadáver. Começo outra vez.

— Bem, senhor, fomos mandados lá para fora por um motivo. O senhor mandou que pegássemos um rastejador. Considerando o que aconteceu com Torricelli e Gallaher, todos nós estávamos bem cientes de que essa era uma incursão arriscada, mas o senhor decidiu que devíamos tentar mesmo assim. Portanto, concluí que fazer o que tínhamos ido fazer lá fora era a nossa primeira prioridade. Quando percebemos o que estava acontecendo com o sr. Dugan, deduzi que não havia nada que pudéssemos ter feito para ajudá-lo. Portanto, decidi concentrar os meus esforços em cumprir a missão, a qual, vou deixar registrado, consegui cumprir.

Marshall me encara pelo que parece um longo tempo.

— Então o que você está dizendo é que o que eu vi na transmissão de vídeo do Gomez na realidade não foi você correndo em total estado de pavor para salvar sua vida, mas sim calmamente fazendo o que era necessário para favorecer a missão e proteger a colônia — argumenta ele. — Correto?

Olho para Cat. Ela encolhe os ombros.

— Ahn… é?

O silêncio se estende por longos cinco segundos. Cat abre a boca para falar, mas Marshall a silencia com um olhar.

— Você sabia, antes de sair da cúpula, que os nossos chamejadores seriam ineficazes contra aquelas coisas?

— Não — respondo. — Não com certeza.

— Então por que escolheu levar um acelerador?

— Em primeiro lugar, porque sou mais bem treinado para usar um acelerador do que para usar um chamejador. E também porque sei que levava um chamejador em duas outras ocasiões em que encontrei rastejadores e que não sobrevivi a nenhuma dessas missões. Então pensei que dessa vez poderia ser prudente mudar de tática.

Marshall franze a testa, juntando as sobrancelhas sobre a ponte do nariz, e estreita os lábios em uma linha fina e inflexível. Arrisco uma olhada para Cat. Ela está olhando direto para a frente. Marshall volta sua atenção para ela.

— E você, Chen? Pode me explicar as suas ações? Você estava lá fora para proteger o sr. Dugan, não estava?

— Sim, senhor — responde ela. — Estava.

— E o abandonou porque…

— Eu o abandonei porque podia ver o que estava acontecendo, senhor. Os

outros dois agentes de Segurança eram meus amigos. Se achasse que poderia fazer alguma coisa para ajudá-los, eu teria feito. Mas o fato é que as nossas armas não eram úteis e eu não consegui ver nenhum sentido em me deixar ser devorada por aquelas coisas junto com o sr. Dugan.

— A arma do Barnes era útil. Você poderia tê-la pegado.

— Eu poderia — pontua Cat —, mas não poderia ter feito nada de útil com ela. Um acelerador linear não é uma arma de precisão, senhor. Eu poderia ter destruído a perna do sr. Dugan, mas não poderia tê-lo salvado.

Marshall se recosta, afastando-se da mesa, e passa as mãos pelo cabelo grisalho em corte degradê.

— Olhe — diz ele. — Começamos esta expedição com cento e noventa e oito pessoas. Aterrissamos com cento e oitenta e agora caímos para cento e setenta e cinco. De uma perspectiva populacional, estamos nos aproximando rápido do limite de viabilidade para uma colônia de cabeça de ponte. Por esse motivo, eu infelizmente não posso empurrar nenhum de vocês dois para dentro do buraco de cadáver desta vez nem dar-lhes uma punição significativa, por mais que eu fosse gostar de fazer isso.

"Barnes, tenho uma forte suspeita de que você sabe mais sobre essas coisas do que está nos contando. Se for verdade, só posso te pedir para pensar com muito cuidado no que está fazendo porque, se a colônia for destruída, você vai passar os seus últimos dias como aquele coitado em Roanoke, na companhia de um carregamento inteiro de Mickey Barnes, o que, posso dizer pela minha experiência com apenas um de você, seria absolutamente insuportável.

"Chen, eu não sei mesmo o que fazer com você a essa altura. Estou começando a desconfiar que você deve ter tido alguma relação preexistente com o Barnes, o que você deveria ter revelado antes dessa incursão. No futuro, por favor lembre-se de que precisa informar ao Comando se existe a possibilidade de questões pessoais interferirem no seu desempenho na missão."

Cat abre a boca para falar, mas Marshall a interrompe outra vez com um gesto brusco com a mão.

— Não quero ouvir — fala ele. — Só quero que você pense muito bem com quem escolhe se juntar no futuro.

Ele olha para mim, em seguida para Cat, depois de volta para mim.

— Isso é tudo — declara ele. — Saiam. Serão avisados quando precisarmos de vocês de novo.

* * *

— Então — comenta Cat. — Isso foi divertido.

Estamos no refeitório, jantando no turno da noite. Há pelo menos trinta pessoas aqui reunidas em grupos de três ou quatro, inclinados sobre a mesa, as cabeças encostadas, conversando em voz baixa. Cinco mortes em um dia é uma coisa assustadora em uma colônia de cabeça de ponte e estamos essencialmente engajados no antigo costume humano de dizer uns aos outros como os recém-falecidos eram idiotas para nos convencermos de que o que aconteceu com eles não pode vir a acontecer conosco.

— É — concordo. — Ele não matou a gente. Chamo isso de vitória.

Esse comentário a faz sorrir. Cat fica muito mais bonita de macacão do que de armadura. Seu rosto é suave e tem formato de coração e seu cabelo é grosso e preto e está penteado para trás em um rabo de cavalo à altura dos ombros. Ela está beliscando um prato de tomates assados e um fibroso pernil de coelho. Eu estou tomando uma caneca meio cheia de cem calorias de pasta do reciclador. Sei que prometi ao Oito o resto da nossa ração do dia, mas quase acabei de morrer enquanto ele estava tirando uma soneca. Isso deve contar para alguma coisa, certo?

— Então — eu falo —, Marshall acha que estamos fazendo sexo, hein?

O rosto de Cat se contorce em uma carranca.

— Que se dane o Marshall.

— Uau — eu comento. — Isso foi bem rude. Não vai querer que ninguém pense que você está andando com um dispensável, né?

Ela chacoalha a cabeça.

— Não. Não sou natalista nem nada assim. No que me diz respeito, você não é diferente de nenhum dos outros esquisitos que se inscreveram para esta viagem. O que não gosto é da insinuação de que não fiz o meu trabalho porque os meus *hormônios* atrapalharam. Quero dizer, não ouvi o comandante falar esse tipo de merda para você, certo?

— Eu… — Me interrompo porque estava prestes a falar “eu não acho que ele quis dizer isso” e acaba de me ocorrer que sim, ele provavelmente quis.

— Você o quê?

— Nada — respondo. — Você está absolutamente certa. Quero que aquele cara se foda.

— Amém — ela retorque e ergue o copo de água em minha direção. — Foda-se aquele cara.

Bato minha caneca no copo dela e nós bebemos.

Enquanto está distraída com isso, pego um tomate da bandeja dela e enfio na boca antes que ela possa reagir.

— Ei — rosna ela, então estende o braço por cima da mesa e me dá um soco no ombro forte o bastante para deixar um hematoma. — Sem brincadeiras,

Barnes. Se tocar na minha comida de novo, quebro o seu braço.

— Me desculpe — digo e empurro a minha caneca de pasta na direção dela. — Pode pegar um pouco do meu se quiser.

Ela volta a fazer cara feia e a empurra de volta.

— Obrigada, estou bem. Se quer um tomate, por que não vai lá pegar um? Você comeu mesmo a sua ração do dia inteiro antes da incursão?

— É — respondo. — Praticamente. Os últimos dias foram difíceis.

— Oh — ela fala. — Certo. Esqueci que você morreu ontem à noite. Acabou de sair do tanque, né? — Ela morde, mastiga e engole. — Qual é a sensação?

— Do quê, sair do tanque?

Ela aquiesce, pega um osso de coelho e rói um pedaço de carne que tinha sobrado em torno da junta.

— É. Sempre me perguntei como é acordar e saber que acabou de morrer, que o corpo onde está era um monte de pasta de proteína no biorreciclador algumas horas antes. Qual é a sensação?

— Bem — eu explico —, você fica inconsciente no tanque. Acorda na cama. Fica desorientado e de ressaca e não se lembra de como foi parar lá. Acha que talvez tenha saído para beber na noite anterior, só que também não consegue se lembrar disso. A última coisa de que se lembra é de se conectar para fazer o upload.

Ela se recosta e assente.

— Certo. É aí que você percebe.

— É, é isso. Passei por essa experiência sete vezes agora e é um pé no saco toda vez.

Ela me dá um sorriso solidário, mas então seus olhos se concentram sobre o meu ombro esquerdo e o sorriso desvanece. Viro a cabeça e vejo Nasha do meu lado, os braços cruzados sobre o peito.

— Ei — diz ela. — Como foi com o Comando?

Deslizo para o lado para abrir espaço para ela. Ela passa a perna por cima do banco e se senta.

— Ótimo — respondo. — Bom, acho que estava mais para adequado. Marshall ameaçou me enfiar no buraco de cadáver, mas não chegou a fazer isso de verdade.

Nasha faz uma careta.

— E isso lá é ameaça para você? Depois da merda que aquele desgraçado fez com você quando aterrissamos, por que ele acha que essa ameaça te assustaria?

Cat olha para Nasha e depois de novo para mim.

— Bem — ela fala. — Ele ameaçou começar pelas bolas.

Nasha chacoalha a cabeça e desliza a mão até a minha lombar.

— Mana, você não faz ideia do que este homem já passou.

— Está falando dos experimentos médicos?

— É — responde Nasha. — Estou falando dos experimentos médicos.

Cat, então, desvia o olhar e volta a beliscar o osso de coelho. Dou um cutucão em Nasha. Cat teve um dia difícil. Ela não precisa ouvir deboches neste exato momento. Nasha suspira.

— De qualquer forma — diz ela —, sinto muito pelo que aconteceu com Gillian e Rob lá fora. Sei que vocês eram próximos.

— Obrigada — responde Cat. — Já perguntei para o Gomez, mas… vocês captaram algo antes de aquelas coisas nos atacarem? Quero dizer, elas não poderiam ter simplesmente se materializado do nada, certo?

Nasha chacoalha a cabeça.

— Não. Nada. Eu estava usando o radar visível, o infravermelho e o de penetração de solo e juro que o caminho de vocês estava cem por cento livre da última vez que passei.

— É — concorda Cat. — O Gomez disse a mesma coisa. Entre vocês dois, nós não poderíamos ter ficado expostos por mais do que trinta segundos de cada vez. Não faz sentido, faz?

— Não sei — comenta Nasha. — Eles entraram na câmara de descompressão principal por baixo, não foi? O georradar não consegue ver através do granito. Talvez sejam mineradores. Que droga, talvez tenham túneis passando bem embaixo de nós neste exato instante.

Cat olha para os próprios pés.

— Obrigada, Nasha. Odeio essa ideia.

Nasha dá um sorriso.

— Sorte a nossa todos terem tabiques no nível mais alto, certo?

— É — concorda Cat. — Sorte a nossa. — Ela cutuca sem entusiasmo as últimas sobras de pele de tomate na bandeja, depois olha para mim. — Então vocês dois estão juntos desde sempre, certo? Desde Midgard?

Eu olho para Nasha. Ela encolhe os ombros.

— Quase. Pelo menos quando ele não está sendo devorado ou incendiado ou esmagado por caixas de armazenamento que caíram. Por quê? Quer uma casquinha?

— Discutível — responde Cat. — Por quê? Valeria o esforço?

Nasha olha para mim.

— Talvez. Acho que depende do que você está a fim.

Consigo sentir meu rosto enrubescer quando as duas caem na gargalhada.

— É brincadeira — fala Nasha, e passa um braço pelo meu ombro. — Este aqui é meu. Se você tocá-lo, vou te estripar como um peixe.

Cat ergue as duas mãos em um gesto de rendição.

— Ah, não se preocupe — diz ela. — Esse ladrão de tomates aí é todo seu. Na verdade, eu já estava de saída.

Ela se afasta da mesa e pega suas coisas. Depois que ela vai embora, Nasha encosta a cabeça na minha e põe uma das mãos no meu rosto.

— Só pra você saber — acrescenta ela —, ela não seria a única que eu estriparia.

Ela me dá um beijo rápido, levanta-se e sai.

* * *

VOLTO PARA O MEU TABIQUE e encontro o Oito sentado na minha cadeira, diante da minha mesa, lendo algo no meu tablet. Ele o desliga quando me ouve entrar. Tirou a faixa de pressão do pulso não torcido.

— Ei — ele diz sem alçar os olhos. — Como foi lá?

— Ótimo — respondo. — Estamos cinco cadáveres mais perto de conseguir para você a sua própria vaga.

— Hum. — Ele guarda o tablet na gaveta da mesa, levanta-se e se alonga. — Nós sempre fomos um sociopata ou essa é mais uma das suas inovações após o upload?

— É sério? Nós sempre fomos um sociopata?

Ele sorri.

— Me desculpe. Os pronomes não foram criados para situações como esta, né?

— Não — concordo. — Acho que não. E, respondendo a sua pergunta, não, nós não somos um sociopata. O que acontece é que estamos com muita, muita fome.

Oito solta uma risada sem graça.

— Ah, não — ele fala. — Não quero ouvir nada sobre fome. Acabei de sair do tanque, lembra? Tente fazer isso passando só com pasta do reciclador.

— Sobre esse assunto — começo —, acabei de usar cem calorias. Você tem apenas duzentas agora. Sinto muito.

A expressão dele endurece.

— Chega de ser um bom moço, hein?

Eu chacoalho a cabeça.

— Não comece, Oito. Eu acabei de quase morrer enquanto você estava tirando uma soneca. Isso tem que contar para alguma coisa.

— Pode ser que eu não tenha mencionado — comenta ele —, mas estou literalmente morrendo de fome, Sete.

Ele está certo, claro. Seis e eu reclamamos incessantemente das rações quando saímos do tanque e estávamos comendo como reis comparado ao que o Oito está tendo. Tiro a camisa e a deixo cair no chão, me sento na cama e começo a desamarrar as botas. Oito se senta ao meu lado.

— Bem — retoma ele —, o que está acontecendo lá fora? A transmissão fala de quatro mortes acidentais e um desaparecido, todos fora da cúpula. Como é que isso aconteceu?

Termino de desamarrar as botas, tiro-as e me deito na cama.

— Bom — digo. — Em primeiro lugar, a rigor não estavam todos lá fora. Um deles estava na câmara de descompressão principal que, a propósito, está desativada, já que usaram a abertura de disparos.

Esse comentário fica pairando no ar por um longo e embaraçoso instante.

— A abertura de disparos — comenta Oito por fim. — Eles a usaram em quê?

Eu cruzo as mãos atrás da cabeça e fecho os olhos.

— Rastejadores.

Oito dá risada, com um pouco mais de cordialidade dessa vez.

— Tudo bem. Entendi. Você está de brincadeira comigo. Sério, o que aconteceu?

— É verdade, eles descarregaram plasma dentro da câmara para matar rastejadores que tinham aberto o assoalho e assaram um capanga da Segurança que já estava praticamente morto chamado Gallaher.

— Rastejadores são animais, Sete. Não se usa plasma carregado para matar um animal.

— Acho que você não me ouviu — eu falo. — *Eles abriram o assoalho*.

— Por “abrir” você quer dizer…

— Quero dizer que eles atravessaram o assoalho e começaram a removê-lo.

— Removê-lo? Você quer dizer que eles… o levaram?

Encolho os ombros.

— Parece que sim. Este planeta é pobre em metal, você sabe disso. Talvez precisem dele para alguma coisa.

— Hum. — Ele coça o alto da cabeça. — Chega pra lá.

Eu deslizo para abrir espaço para ele, que se deita ao meu lado. A sensação é esquisita, mas já houve tanta esquisitice na minha vida nas últimas vinte e quatro horas que mal fica registrado na mente.

— Não que alguém tenha pensado que eram inofensivos — argumenta Oito —, mas é um pouco difícil engolir um animal que seja capaz de atravessar o assoalho da nave, não é?

— Você não está errado. — Estou prestes a continuar, mas tenho que parar

para bocejar. Não durmo a não ser em períodos de duas horas desde a noite retrasada. — Não vi a parte do assoalho, para ser sincero, mas vi o buraco no chão da câmara de descompressão principal. Também vi um bando de rastejadores derrubar dois capangas completamente armados e um biólogo muito assustado. Não foi bonito.

— Você está dizendo que viu rastejadores rasgarem armaduras de dez milhões de fibras com os dentes?

— Bom — respondo. — Não isso especificamente. Eu os vi rastejarem em volta de armaduras de dez milhões de fibras e vi os caras que usavam as armaduras serem derrubados. Mas a parte de rasgá-las com os dentes em si estava bastante implícita.

Oito se soergue, apoiado no cotovelo, e se inclina sobre mim.

— Não faz sentido. As espécies não desenvolvem habilidades que não têm uso em seu ambiente. Por que um verme do gelo desenvolveria a habilidade de rasgar armaduras projetadas para um projétil de acelerador linear de dez gramas?

— Excelente pergunta — comento e bocejo de novo. — Com certeza vou te dar uma boa resposta quando eu acordar.

Oito continua falando, mas as palavras vão ficando arrastadas, transformando-se em um zumbido de fundo. A última coisa consciente de que me lembro é da cama se mexendo de leve quando ele se levantou.

* * *

QUASE TODAS AS NOITES das últimas semanas, tenho tido o mesmo… sonho? Não, é mais como uma visão, eu acho. Sempre vem quando estou adormecendo, ou só quando estou acordando. Esse é um dos motivos pelos quais não venho fazendo o upload. Estou com um pouco de receio de ter tido algum tipo de falha durante o processo de regeneração. Se tive, não quero inserir nada dela no meu registro de personalidade.

E, mais importante, não quero que alguém da psicologia perceba e sugira que talvez eles devam me descartar e tentar outra vez.

No sonho, estou de volta a Midgard, no bosque que se estende pelo topo das Montanhas Ullr. Existe uma trilha ali, oitocentos quilômetros de natureza intocada cheios de cascatas, panoramas de centenas de quilômetros e árvores que estão crescendo desde que os terraformadores originais semearam naquele lugar trezentos anos antes. Eu a percorri de uma ponta a outra quatro vezes. Há muito espaço vazio em Midgard, mas aquelas montanhas são o lugar mais vazio de um planeta praticamente vazio. Em todo o tempo que passei lá, acho que não vi mais do que dois ou três outros seres humanos.

Estou acampado para passar a noite, sentado em um tronco diante de uma pequena fogueira, contemplando as chamas. Até aí tudo bem, certo? Talvez eu só esteja com saudade de casa. Mas então ouço um barulho, como alguém pigarreando. Levanto os olhos e há uma lagarta gigantesca sentada à minha frente do outro lado da fogueira.

Sei que deveria estar surtando agora, mas não estou. É a parte de toda essa experiência que mais se parece de fato com um sonho.

A lagarta e eu conversamos… ou tentamos, pelo menos. A boca da criatura se mexe e saem sons semelhantes a palavras, mas não consigo compreendê-las. Peço a ela para parar, falar mais devagar, digo que se falar de forma um pouco mais clara, eu poderia entender o que está dizendo. Mas ela não para. Apenas continua até que ouvir faz minha cabeça começar a doer. Olho para o fogo. Está fluindo ao contrário, desfazendo o processo de queima da pilha de galhos secos que o alimenta e absorvendo de volta a fumaça que está no ar. Quando levanto os olhos de novo, a lagarta está desvanecendo, tornando-se cada vez menos substancial até restar apenas o sorriso.

Com o tempo, até o sorriso desaparece e, à medida que desaparece, passo desse meio mundo para um sonho real, um que venho tendo de tempos em tempos há anos. Sou Mickey2, estou lá fora no casco da *Drakkar* outra vez, rastejando de volta para a escotilha frontal enquanto minha pele se descama e o meu sangue começa a gotejar de veias rompidas, me cobrindo como um suor febril e escorrendo para dentro da minha boca, da minha garganta, dos meus pulmões. Eu paro e estendo a mão até os fechos no meu pescoço. Meus dedos estão como salsichas agora, inchando e rompendo-se, mas, de algum modo, consigo abrir desajeitadamente um fecho, depois o outro. O meu capacete sai voando e o alto vácuo suga tudo de dentro de mim.

Ar.

Sangue.

Merda.

Tudo.

Eu deveria estar morto agora, mas não estou, e não consigo entender por quê.

Abro minha boca rachada e puxo uma golfada de nada. Antes que eu possa usá-la para gritar, porém, acordo de repente, de olhos arregalados e suando na escuridão total.

012

MICKEY2 FOI A MINHA INSTANCIAÇÃO mais curta.

Mickey3 foi a mais longa.

Demorou um pouco para eu superar o que aconteceu com o Um. Você nunca esquece o seu primeiro beijo, certo? Bom, você também nunca esquece a sua primeira morte e a morte que o meu corpo original experimentou foi bem traumática. O fim do Dois não deveria ter sido tão assustador, em grande parte porque na realidade eu não lembrava nada sobre ser ele, mas só o fato de saber que o que ele tinha passado fora ruim o bastante para uma descompressão explosiva parecer uma boa ideia me afetou. Passei a maior parte do meu tempo naquelas primeiras semanas como Três amuado, sobressaltando-me cada vez que ouvia um barulho alto e esperando que algo ruim acontecesse.

O tempo passou, no entanto. Semanas transformaram-se em meses, meses se transformaram em boa parte de um ano inteiro cheio de nada e nada de ruim aconteceu. Engraçado. Ao que parece, mesmo esperar ansiosamente por uma morte súbita e violenta se torna enfadonho depois de um tempo.

Foi mais ou menos nessa época que o meu interesse geral por história se metamorfoseou em um interesse mórbido pelas histórias das colônias fracassadas. Ninguém diria que eles têm esse tipo de material disponível na biblioteca da nave – é ruim para o moral e tudo mais –, mas tinham. Os meus professores não falavam sobre os fracassos na escola. Eu não necessariamente chamaria de *propaganda* o que passavam para nós, mas, em todas as matérias, de biologia a história, passando por física, faziam questão de entrelaçar algo sobre a importância e a nobreza da Diáspora e a ideia de que ela tem sido um cortejo ininterrupto de sucessos à medida que a humanidade se espalhava ao longo do braço em espiral foi fortemente sugerida, mesmo que nunca afirmada de fato… então fiquei surpreso ao descobrir que houve quase tantos esforços fracassados quanto sucessos nos últimos mil anos.

Quando os colonizadores partem em uma nave como a *Drakkar*, realmente não fazem ideia do que podem encontrar no final da viagem. A física das

propulsões antimatéria dita que elas só funcionam em escala, e a produção de antimatéria é extremamente difícil e cara. Então um planeta que pretende lançar uma nave colonizadora não pode apenas mandar sondas para um punhado de estrelas prováveis para explorar as coisas antes da partida. Então se viram com o que podem observar a partir de seu sistema natal. Quando saímos de Midgard, por exemplo, sabíamos que íamos para uma estrela de classe G da sequência principal. Sabíamos que tinha pelo menos três planetas rochosos pequenos e que um deles estava na borda externa da zona habitável da estrela. Sabíamos que esse planeta, o nosso alvo, tinha vapor de água e pelo menos um pouco de oxigênio na atmosfera e a partir disso deduzimos que era quase certo que abrigasse alguma forma de vida.

Isso era tudo, para ser sincero… e porque Midgard e Niflheim na verdade não se encontram tão distantes como de costume nesses casos e também porque o nosso poder de observação melhorou substancialmente com o passar do tempo, nós sabíamos mais do que muitas naves colonizadoras. Um dos registros mais curtos que achei era de uma expedição lançada do Planeta de Asher pouco mais de cem anos atrás. O Planeta de Asher é o mais distante em direção à borda que já nos aventuramos a chegar e as estrelas são dispersas por lá. O alvo deles estava a vinte anos-luz de distância, que está no extremo do que uma nave colonizadora consegue fazer e talvez um pouco além. Os colonizadores adultos estavam velhos, cansados e realmente famintos quando terminaram a queima de desaceleração e a nave deles estava praticamente caindo aos pedaços.

Infelizmente, o planeta visado por eles não estava na órbita que esperavam. Estava ligeiramente próximo demais da sua estrela. Eles foram enganados pelo fato de terem visto espectros de absorção de O_2 na atmosfera. Havia um pouco de oxigênio lá, mas não havia água líquida porque a temperatura da superfície era alta demais para permitir sua existência. Segundo a teoria, isso não deveria ser possível, mas o universo é um lugar engraçado e era o que era. A melhor hipótese deles era a de que o planeta podia ter sido habitável – podia, na verdade, ter sido habitado por alguma coisa ou outra que fosse capaz de tirar carbono do CO_2 e produzir oxigênio livre –, mas que um efeito estufa desenfreado, algo semelhante ao que estava forçando os limites da habitabilidade em algumas partes da velha Terra nos anos anteriores à Diáspora, tinha esterilizado o lugar bem recentemente. Se estavam certos, o oxigênio residual que detectaram não tinha tido tempo para sair da atmosfera ainda.

Com cem anos para fazer a terraformação, eles talvez tivessem conseguido fazer dar certo. Mas eles não tinham cem anos. Com a condição da nave deles, provavelmente não tinham nem dez. Então comunicaram suas descobertas por

feixe ao planeta natal, depois colocaram a nave em órbita estável, doparam todo mundo que queria ser dopado e abriram as câmaras de descompressão. Como Dois poderia dizer, descompressão explosiva não é divertida, mas pelo menos é rápida.

Ler isso me fez pensar em Dois, o que me fez entrar em uma espiral que durou boa parte de um mês.

O que me tirou dessa espiral foi Nasha.

Eu já tinha visto Nasha, obviamente, voltando lá para os tempos da Estação Himmel. Quando você vive em um pote gigantesco com menos de duzentas outras pessoas, vê todo mundo uma vez ou outra. Mas eu nunca tinha conversado com ela… basicamente pelo mesmo motivo pelo qual nunca tinha conversado com a maioria das outras pessoas na *Drakkar*. Muitas delas não queriam ter nenhuma relação comigo, e eu compensava não querendo ter nenhuma relação com elas.

Nós nos conhecemos de verdade mais ou menos um ano depois da colisão que acabou matando Um e Dois. Estávamos bem avançados na fase de movimento por inércia da viagem àquela altura, seguindo pelo vácuo apenas um pouquinho abaixo de 0.9 da velocidade da luz, sem gravidade e vivendo com rações escassas e muito entediados. O Comando tinha ordenado que toda a equipe passasse pelo menos duas horas do ciclo de trabalho no carrossel, teoricamente para que ainda tivéssemos ossos e não sei o que mais quando enfim aterrissássemos, mas na verdade acho que era para tornar mais improvável que começássemos a matar uns aos outros só para quebrar a monotonia.

O carrossel era exatamente o que parece ser: um círculo que girava ao redor da cintura da nave com cento e vinte metros de diâmetro e com uma superfície interna lisa e emborrachada de cerca de seis metros de largura. Estava ligado a três rotações por minuto, que era rápido o bastante para nos dar cerca de meio g padrão, mas também lento o bastante para ficarmos eretos sem que o efeito Coriolis nos fizesse vomitar.

Nós devíamos passar o nosso tempo nesse carrossel nos exercitando, mas, contanto que ficássemos ali pelo tempo determinado, ninguém que importava parecia de fato ligar para o que fazíamos. Havia alguns pretensiosos que olhavam feio quando passavam correndo se você não estivesse fazendo agachamentos ou ioga ou krav maga, mas, até onde sei, nenhum deles nunca realmente se deu ao trabalho de fazer uma denúncia de delinquência contra ninguém.

Eu levava numa boa correr ao redor do círculo pelo menos algumas vezes todos os dias até antes da morte de Um e Dois. Depois disso, porém, a minha motivação caiu de forma bastante radical. Não faz muito sentido se preocupar

com a densidade mineral óssea e o tônus muscular quando os seus ossos e músculos têm o prazo de validade de uma embalagem de iogurte aberta, certo? Comecei a levar um tablet comigo, achar um lugar o mais longe possível dos praticantes de agachamento para me recostar em uma parede e ler os registros de outras colônias de cabeça de ponte. Foi nessa época que fiquei sabendo tudo sobre o Planeta de Asher, e Roanoke, e vários outros desastres recentes.

Nem é preciso dizer que ler esse tipo de coisa não aumentou a minha motivação para me exercitar.

Então um dia eu estava no carrossel, agachado contra a parede lendo um relato em primeira pessoa de um quase fracasso que tinha acontecido quase mil anos antes no que é agora um dos planetas mais densamente povoados da Associação. O problema lá foi um fracasso persistente da agricultura, que eles por fim ligaram a um vírus endêmico do solo. Não existiam biorrecicladores naquele tempo e o narrador fez parecer que as pessoas passaram fome antes de resolverem o problema.

Eu estava chegando na parte em que o chefe do Setor de Biologia da colônia, que também é o narrador, heroicamente salva o dia com um fago criado sob medida que abre o caminho para plantas benéficas aos seres humanos crescerem – ao mesmo tempo em que, coincidentemente, elimina o micro-organismo que possibilitava o crescimento das plantas locais e, portanto, destrói por completo o ecossistema nativo – quando uma bota empurra meu ombro com força suficiente para me deslocar até eu quase cair. Olho para cima e vejo uma mulher com o traje preto da Segurança pairando sobre mim, os braços cruzados.

— Ei — ela disse. — Você não deveria estar fazendo flexões agora?

Olhei feio para ela. Ela deu um sorriso e se agachou ao meu lado.

— Só estou brincando com você. Você é o prescindível, não é?

— Sou Mickey Barnes — respondo. — Quem é você?

— Mickey Barnes, hein? Você não quer dizer Mickey3 agora?

Ai.

— É — eu falo. — Isso.

Ela se recostou na parede. Eu suspirei, me endireitei e guardei o tablet no meu bolso do peito.

— Sou Nasha Adjaya — ela se apresentou. — Sou piloto de combate.

Olhei para ela. Suas tranças tinham caído sobre o rosto, mas eu ainda podia ver o sorriso.

— Piloto de combate, hein? Você deve conhecer o Berto.

— O Gomez? É, ele é um bom sujeito. Melhor jogador de pog-ball do que piloto, mas nos damos bem.

Dei um sorriso.

— Você não está errada. Eu me pergunto de qual dos dois vamos precisar mais quando chegarmos aonde estamos indo.

Ela se inclinou na minha direção.

— Você não está questionando a importância dos pilotos de combate para a missão, está?

— É — eu respondi. — Meio que estou. Precisam de muitos pilotos nas colônias de cabeça de ponte? Quero dizer, temos a expectativa de aterrissar em um planeta que já tem força aérea?

O sorriso dela se alargou.

— Acho que nunca se sabe, né? Só porque nunca aconteceu não significa que nunca vai acontecer.

— Existem apenas dois de vocês — comento. — Melhor torcer para que seja uma força aérea pequena, certo?

Ela riu.

— Não importa, amigo. Sou uma piloto e tanto.

— É — concordei. — Tenho certeza de que isso é verdade.

Ficamos em silêncio nesse momento. Eu estava começando a me perguntar se deveria pegar meu tablet de novo ou talvez simplesmente me levantar e ir embora quando ela se virou para olhar para mim. Eu olhei de volta. O sorriso tinha sumido e os olhos tinham se estreitado. Suas íris eram quase pretas de tão escuras.

— Então — começou ela. — Como é morrer?

Encolhi os ombros.

— É como nascer, só que ao contrário.

— Ah! Eu gosto disso. — Ela sorriu. — Sabe, você é bem bonito para um zumbi.

— Obrigado — eu disse. — Eu uso muito hidratante.

Ela tocou minha mão, depois deslizou um dedo pelo meu antebraço.

— Aposto que usa — ela falou.

Seu sorriso se transformou em um olhar lascivo.

— Aposto mesmo que… você… usa.

* * *

ERA MAIS TARDE e nós estávamos no meu tabique, seminus e enroscados um no outro na escuridão, quando ela comentou:

— Não sou uma caçadora de fantasmas, sabe.

Aquela foi a primeira vez que ouvi esse termo. Definitivamente não foi a última.

— Caçadora de fantasmas? — indaguei.

— É — confirmou ela. — Você sabe.

Esperei um pouco para que ela continuasse. Em vez disso, ela passou a mão pelas minhas costas e mordeu a minha orelha com força suficiente para me fazer recuar.

— Não — respondi. — Não sei.

— Ah — disse ela. — Bom, você sabe que há um punhado de natalistas nesta nave, não sabe?

Fiz uma careta.

— É, estou sabendo. É um dos motivos pelos quais fico quase sempre na minha.

— Bem — continuou ela —, nem todos eles querem que você fique na sua.

Eu me virei até as nossas testas quase se tocarem.

— O quê?

Ela me beijou.

— Com quantas mulheres você já esteve nesta viagem?

— Não sei — respondi. — Algumas.

Ela me beijou de novo.

— Todas elas depois da colisão, certo? Todas depois que você passou pelo tanque?

Não respondi. Estava bastante claro que ela sabia.

— Caçadoras de fantasmas — ela falou. — Para os natalistas, você é um fruto proibido. Eu os ouvi dizer.

— Mas você não é assim.

— Não — sussurrou ela. — Não sou.

* * *

É MEIO COMPLICADO namorar em uma nave colonizadora. Não há muitas opções do que fazer. Vocês podem comer juntos, mas sugar um alimento de uma ampola de plástico enquanto estão presos por um cabo às redes para não flutuar para cima de outra pessoa que também está sugando alimento de uma ampola de plástico é até menos romântico do que parece. Vocês podem fazer caminhadas juntos, mas o único lugar onde é possível fazer isso é o carrossel, e vocês passam a maior parte do tempo lá sentindo-se ligeiramente enjoados enquanto dão mais atenção a evitar os praticantes de agachamentos do que ao seu par. Vocês podem observar as estrelas nas janelas de visualização dianteiras, mas eu não conseguiria observá-las sem pensar no fluxo de prótons de alta energia passando por nós e o que eles fariam comigo – outra vez – se acontecesse alguma coisa

com uma das unidades de geração de campo. Ataques de pânico relacionados a estresse pós-traumático também não são românticos.

Então nós basicamente transávamos.

Quando não estávamos fazendo isso, passávamos bastante tempo conversando. Nasha tinha histórias para contar. Seus pais eram imigrantes, o que, dadas as despesas e o tempo colossais necessários para chegar a qualquer parte da Associação, é algo que quase ninguém pode dizer, além de colonizadores de cabeça de ponte. Eles vieram para Midgard trinta anos antes na *Esperança Perdida*, uma nave refugiada vinda de Nova Esperança, o planeta que tinha sido o vizinho mais próximo de Midgard até seus habitantes decidirem matar uns aos outros.

Você nunca pensaria que um lugar como Midgard seria difícil para imigrantes. Não é que não tivéssemos espaço ou recursos para receber algumas centenas de almas perdidas. Mas você estaria errado. Os humanos são tribais e os sotaques dos refugiados eram suficientes para marcá-los como forasteiros, mesmo desconsiderando o fato de que a maioria deles era alguns tons mais escuros do que a maior parte da população original de Midgard. Não fazia um mês que estavam em Midgard quando começaram a surgir artigos anônimos nas transmissões que argumentavam que eles traziam qualquer que fosse a insanidade que tinha tomado conta de Nova Esperança e que, se tivessem permissão para se inserirem na nossa vida social e política, arrastariam Midgard para o mesmo caminho. O governo lhes deu estipêndios básicos e lugares para morar, mas desde o início foi difícil para eles encontrarem empregos de verdade. Dois anos depois de aterrissarem, algumas dezenas deles organizaram um protesto que se transformou em um ligeiro tumulto. Depois disso, eles tiveram dificuldade até para que seus filhos fossem aceitos em escolas em geral.

Foi bem nessa época que Nasha nasceu.

Nasha nunca me contou muito sobre a sua infância, mas deixou escapar coisas suficientes aqui e ali para eu perceber que foi difícil. Mas foi bastante franca sobre o motivo de ter aprendido a voar. Sabia, desde criança, que essa missão aconteceria e queria estar nela. Não conseguiu entrar no tipo de programa acadêmico que teria terminado em um doutorado em exobiologia e não tinha as conexões que teriam lhe rendido uma vaga na Segurança ou no Comando… mas podia aprender a pilotar uma nave rasante. Matar era a única coisa em que as pessoas de Nova Esperança eram boas, certo?

— Midgard nunca foi meu lar — ela me disse uma noite enquanto nos aninhávamos um no outro em sua rede de dormir. — Nunca seria. Mas este lugar para onde vamos…

— Será bom — falei. — Brisas cálidas e praias de areia branca e nada que

queira nos devorar.

As famosas últimas palavras, certo?

* * *

EU ESTAVA COM Nasha e talvez vinte ou trinta outras pessoas na área comum dianteira quando finalmente desligamos o reator principal de plasma em tocha e passamos para os propulsores iônicos para a inserção orbital ao redor de Niflheim. Nós não pudemos fazer nenhum tipo de observação do nosso novo lar devido ao reflexo da nossa própria exaustão e todo mundo estava muito entusiasmado de ver, por fim, o lugar para onde estávamos indo. Um aviso de queda livre surgiu nos nossos oculares e então, trinta segundos depois, nosso peso se atenuou e flutuamos, separando-nos da plataforma. Após um minuto, mais ou menos, apareceu na tela da parede principal uma imagem do planeta que atravessamos oito anos-luz para colonizar.

Alguém lá na frente tentou começar uma salva de palmas, mas ela desapareceu quase antes de começar.

Não sei o que estávamos esperando. Continentes verdes e oceanos azuis? Luzes de cidade?

O que vimos era branco. Ainda estávamos a vários milhões de quilômetros de distância, mas, daquele ponto, o planeta parecia uma bola de pog-ball: lisa, branca e inexpressiva.

— Isso são… — alguém falou. — São… nuvens?

Observamos em silêncio enquanto as nossas manobras e a rotação do planeta mudavam aos poucos a nossa perspectiva. Nada mudou. Depois do que pareceram horas, mas que provavelmente tinham sido, na verdade, dez minutos, Nasha comentou:

— Não é uma cobertura de nuvens. É gelo. O planeta é uma bola de neve.

Estávamos de mãos dadas naquele momento, sobretudo para não flutuarmos para longe um do outro. Apertei os dedos dela. Ela apertou os meus de volta. Eu estava pensando em todas aquelas histórias que tinha lido sobre colônias que não tinham conseguido criar raízes por um motivo ou outro. Esse não parecia o tipo de lugar que nos receberia de braços abertos, mas talvez…

Puxei-a para perto e aproximei minha boca do seu ouvido.

— Isso é viável — falei. — A velha Terra já foi assim um dia, pouco antes de a vida deslanchar. Existe bastante água aqui e uma atmosfera de oxigênio e nitrogênio. É tudo o que precisamos de verdade.

Ela suspirou e virou a cabeça para beijar a minha bochecha.

— Espero que seja. Eu detestaria ter vindo de tão longe só para morrer.

Essas palavras ainda pairavam no ar entre nós quando recebi um sinal no meu ocular.

<Comando1>: Apresente-se ao Setor de Biologia imediatamente. Venha preparado para agir.

013

É DIFÍCIL VOLTAR a dormir na melhor das circunstâncias depois daquele sonho assustador *no lado de fora do casco*. Com Oito espremido na cama comigo se mexendo e balbuciando durante o sono, é impossível. Depois de tentar por mais ou menos uma hora, eu desisto e saio da cama, pego meu tablet da mesa e me dirijo ao refeitório para ler um pouco. Os corredores estão desertos assim tão cedo, a não ser por algum capanga ocasional da Segurança, e acho o lugar certo para mim quando chego lá. Escolho uma mesa no canto, de frente para a entrada. Na remota hipótese de mais alguém entrar enquanto estou aqui, preferiria que simplesmente me deixassem sozinho.

Meu estômago começa a roncar assim que me sento. Ao que parece, ele sabe que esse é o lugar aonde vamos para comer. Eu adoraria atendê-lo, mas meu cartão de ração está zerado e não vai ser reposto até as 8:00, o que ainda vai demorar duas horas para acontecer. O lado negativo? Posso ter digerido meu próprio fígado até lá. O lado positivo? Tenho bastante tempo agora para aprender um monte de coisa que não quero saber de verdade sobre alguma colônia que foi destruída e queimada de alguma maneira interessante em algum lugar sem ser interrompido.

Não estou no meio de nada neste momento, então passo alguns minutos consultando os arquivos. Mas nada está me chamando a atenção e, no final das contas, por curiosidade, abro um arquivo sobre Nova Esperança. Não investiguei essa história em particular desde que comecei o meu passeio pessimista pela história da Diáspora em grande parte porque, como todos que viveram em Midgard pelos últimos trinta anos, eu já tenho uma ideia geral do que aconteceu lá.

Nova Esperança fracassou cerca de vinte e cinco anos após o estabelecimento da cabeça de ponte inicial basicamente devido a uma curta e brutal guerra civil entre os colonizadores originais restantes e a primeira onda de habitantes nascidos em Nova Esperança que destruiu a maior parte da infraestrutura de que eles ainda precisavam para sobreviver em um planeta semi-

hostil. Um bando de refugiados, todos do grupo mais jovem, conseguiu chegar à nave original da colônia que os tinha levado até lá, a qual estava, assim como a nossa aqui em Niflheim, ainda em órbita em torno do planeta. Deixaram nela o mínimo necessário para sustentá-los em uma viagem de cinco anos – sem embriões, sem ferramentas de terraformação, sem Setor Agrícola –, nada além de suporte básico de vida, um reciclador e um mínimo de mantimentos, basicamente. Chegaram até a dispensar a maior parte da área útil que tinha sobrado.

Quando terminaram, a massa da nave era dez por cento menor do que a da *Drakkar* quando partiu. Entre o combustível residual que tinham deixado nos tanques da nave e a antimatéria que conseguiram pegar da central elétrica arruinada da colônia, tinham apenas o suficiente para atravessar com dificuldade a distância até Midgard, onde foram recebidos com algo menos do que braços abertos.

Quando começo a ler, aos poucos me ocorre que os detalhes que o artigo está informando dão à história uma moldura significativamente distinta daquela que aprendi na escola. Passaram por cima dos motivos da guerra e eu sempre supus que foi pelas razões que normalmente causam as guerras civis: raça, religião, recursos, filosofia política, blá-blá-blá. De acordo com esse artigo, porém, o *casus belli* mencionado era a questão sobre se uma espécie aviária nativa semelhante aos corvos era senciente e, portanto, merecia proteção e respeito, ou deliciosa e, portanto, merecia temperos secos picantes e uma hora na grelha.

Acho que consigo entender por que isso não recebeu muitas menções. Se uma colônia pode ser destruída por um motivo desses, todos nós estamos a um passo apenas do buraco de cadáver. Mas não sei ao certo qual lição devo tirar da história… a não ser a de que, quando as coisas começam a sair do controle, pode ser muito difícil de fato voltar a controlá-las.

Estou contando os últimos dez minutos para poder mostrar o meu ocular para o scanner e pegar uma caneca de pasta do reciclador com níveis iguais de ansiedade e repulsa quando recebo um sinal do RH. É o meu ciclo de trabalho do dia. Estão me transferindo para a Segurança. Preciso estar na Câmara de Descompressão Dois às 8:30, vestido e armado para a patrulha do perímetro.

Parece um trabalho para o Oito.

Estou prestes a dizer para ele quando ele me manda um sinal.

<Mickey8>: Ei, Sete. Você está a caminho da câmara de descompressão?

<Mickey8>: Na verdade, eu meio que pensei que você poderia assumir o trabalho hoje. Sabe, considerando que eu quase fui devorado

enquanto você dormia ontem.
<Mickey8>: Quero dizer, eu assumiria, mas…
<Mickey8>: Qual é, Oito. Você está me devendo essa.
<Mickey8>: Discordo, amigo. Se você se lembra bem, fui eu que generosamente não te empurrei de cabeça para d*ntro do buraco de cadáver depois que venci honestamente a nossa partida de vida ou morte de pedra, papel e tesoura. Me parece que é você que tem uma dívida a pagar. Além do mais, ainda não tive tempo de tomar o café da manhã. Você fica com essa. Fico com o que quer que atribuam para a gente amanhã.

Estou preparando uma resposta, que com certeza vai começar com *Olhe aqui, cuzão,* quando uma segunda janela se abre.

<CChen0197>: Oi, Mickey. Vi que você está na nossa escala de serviço desta manhã. Eles me colocaram na patrulha de perímetro também. Quer ser meu parceiro? Acho que formamos uma equipe muito boa ontem, certo?

Estou tentando decidir como responder a isso quando Oito aparece de novo.

<Mickey8>: Bem, isso decide as coisas, hein? Não faço ideia de que travessuras você e a Chen fizeram ontem. Cinco minutos conversando comigo e nós seríamos desmascarados, não é? Certo. Então vou voltar a dormir agora, tudo bem? Me conte como foi.

Ele fecha a janela. Penso em reabrir e também em entrar lá enfurecido e tirá-lo da cama à força e arrastá-lo até a câmara de descompressão pelos tornozelos, mas…

Mas a verdade é que ele tem razão.

<CChen0197>: Você está aí?
<Mickey8>: Oi, Cat. É, estou sim. Só estou tomando café da manhã antes de ir para lá. Te vejo em vinte minutos.

* * *

— Então — fala Cat. — Não para a armadura e sim para o acelerador, certo?

Tiro os olhos dos sapatos de neve que estou amarrando e olho para ela, chacoalho a cabeça e volto para os meus cadarços.

— Não vou dizer a você o que fazer, Cat. Dugan estava certo ontem. Vocês têm uma estrutura de incentivo diferente da minha.

— Estrutura de incentivo? — indaga Cat. — Você está falando do incentivo de não ser estraçalhada por aquelas coisas lá fora?

— É — respondo. — Esse aí.

Fico de pé, me afasto do banco onde estava sentado e bato os pés para me certificar de que os meus sapatos estão presos. Cat está equipada igual a mim, com três camadas de roupas térmicas brancas de camuflagem e um respirador erguido até a testa. As nossas armas ainda estão na estante, mas ela está certa. Em especial depois de ontem, eu definitivamente vou levar um acelerador.

— Acho que não acredito nisso — comenta ela. — Vi você ontem. Você não queria ser derrubado, da mesma maneira como o resto de nós. Sei que deveria ser imortal, mas você não age como se acreditasse na sua imortalidade.

Dirijo-lhe um longo olhar, então encolho os ombros e vou caminhando até a estante das armas.

— Você já enfiou a mão em um triturador?

Ela ri.

— O quê? Não.

Eu tiro um acelerador da parede, verifico se está carregado e checo a carga.

— Por que não? Não te mataria, e a prótese que te dariam seria mais forte do que a sua mão verdadeira. Algumas horas no Setor Médico e você ficaria novinha em folha.

— Ah — diz ela. — Entendo aonde está querendo chegar com isso.

— Você entendeu. Mesmo não acreditando que vai ser permanente, não estou interessado em morrer com mais frequência do que o necessário. Morrer dói. — Coloco o acelerador no ombro e calço as luvas. — Dito isso, tenho uma teoria sobre os rastejadores. Não acho que estão atrás de nós. Acho que estão atrás do nosso metal, assim como os nativos de Roanoke estavam atrás da água deles. Se eu estiver certo, usar uma armadura de combate lá fora é como entrar na toca de um lobo enrolado em bacon.

— Metal? — indaga Cat. — Eles são animais, Mickey. O que iam querer com metal?

Dou de ombros.

— Vai saber. Talvez eles não sejam animais.

Cat pega uma arma para si.

— Não gosto dessa ideia. Vamos voltar para a imortalidade. E você?

Olho para ela.

— Eu o quê?

Ela revira os olhos.

— Acredita que é imortal, Mickey?

Eu suspiro.

— Já ouviu falar do Navio de Teseu?

Ela faz uma pausa para pensar.

— Talvez? Foi aquele que usaram para povoar o Éden?

— Não — respondo. — Não foi. O Navio de Teseu foi um barco de madeira à vela dos tempos antigos da Terra. Ele ficou arruinado e teve que ser reconstruído… ou então não foi, eu acho, mas ainda precisava ser consertado…

— Espere — diz Cat. — Um barco à vela? Como na água?

— É. Teseu velejou pelo mundo nesse navio, que ficou arruinado ou não, mas, de um jeito ou de outro, ele precisava consertá-lo.

— Estou confusa. É um negócio tipo o gato de Schrödinger?

— Um o quê?

— Gato de Schrödinger — repete ela. — Você sabe, da caixa e do gás venenoso? Sobreposição quântica e tudo mais?

— O quê? Não. Eu te falei, é um barco, não um gato.

— Eu ouvi — retorque Cat. — Não pensei no seu navio como um gato. Só estou dizendo que é o mesmo tipo de coisa, certo?

Preciso parar e pensar no assunto. Por um segundo, parece que o que ela falou faz mesmo sentido.

Mas só por um segundo.

— Não — digo. — De jeito nenhum. Por que você pensaria isso?

Cat abre a boca para responder, mas, antes que possa, a porta interna da câmara de descompressão se abre e o capanga com cara de entediado ao lado dela faz um gesto para nós passarmos.

— Chen. Barnes. É a vez de vocês.

— Terminamos isso depois — fala Cat.

Cobrimos a boca com o respirador. Cat verifica minhas vedações e eu verifico as dela.

Cat põe a arma no ombro e saímos.

* * *

— ISSO É BOBAGEM — comenta Cat.

Eu olho para ela. Ela não está usando o intercomunicador e a combinação entre o respirador e a atmosfera de Niflheim torna sua voz mais alta do que deveria ser, áspera e metálica. Estamos percorrendo o perímetro agora, andando desajeitadamente com os nossos sapatos para neve, indo de torre em torre em busca de sinais de incursão. Há duas outras equipes aqui fora em pontos

equidistantes ao redor do círculo de um quilômetro de largura que delimita a presença humana neste planeta. Devemos continuar nos movendo em um ritmo constante, cada equipe circundando o perímetro duas vezes em um turno de seis horas. Cada vez que passamos por uma torre, ela nota a nossa presença e atualiza os nossos oculares sobre a posição das outras equipes.

— Qual parte? — pergunto. — A parte em que passamos um dia inteiro congelando a bunda andando em círculos em volta da cúpula? Ou a parte em que talvez sejamos retalhados por rastejadores sem nenhum bom motivo em especial?

— Nenhuma das duas — responde Cat. — Andar faz bem e acho que ser retalhado faz parte do trabalho quando você se inscreve no Setor de Segurança. O que é bobagem é isto. — Ela abre os braços em um gesto que abarca tudo ao nosso redor: desde a cúpula até a neve e as montanhas a distância. — Era para este lugar ser habitável, lembra? Zona habitável, atmosfera de nitrogênio e oxigênio e blá-blá-blá. — Ela chuta um torrão de neve ao ar, depois observa quando ele se rompe em uma nuvem de pó, brilhando à luz do sol amarelo baixo enquanto cai de volta ao chão. — Isto não é habitável, Mickey. Na verdade, isto é bobagem.

Abro minha boca para começar a contar sobre o lugar para onde o Planeta de Asher mandou seu povo. Pelo menos este planeta não nos matou logo de cara. Mas ela se vira e começa a andar e eu penso melhor. Não sou a pessoa mais sensível, mas estou vivo há tempo suficiente para perceber que falar para uma pessoa infeliz sobre como as coisas poderiam estar piores normalmente não é uma boa ideia.

As torres estão espaçadas a intervalos de cem metros em torno do perímetro. Quando seguimos para a próxima torre, meu ocular recebe um sinal para me avisar que estamos andando mais rápido do que as outras duas equipes e que precisamos diminuir o ritmo em dez por cento.

— Argh — diz Cat. — Como podemos ir mais devagar do que isso?

— Eles provavelmente estão usando a armadura completa — comento. — Sem sapatos para a neve. Lembra como foi divertido ontem?

— Certo. Mas mesmo assim.

Meu ocular recebe outro sinal. O Comando quer que a gente espere aqui por doze minutos antes de prosseguir. Cat suspira, recosta-se na torre e percorre a extensão do acelerador com os olhos, apontando para um monte de rocha exposta que se projeta da neve a uns cinquenta metros de distância mais ou menos.

— Não atiro com uma dessas coisas desde a época do treinamento básico — fala ela. — Espero ainda me lembrar de como funciona.

— Aponte e clique — eu explico. — O software de mira faz a maior parte do trabalho e o tamanho do buraco do ferimento faz o resto.

A arma dela zune e recua, batendo com força em seu ombro e, um instante depois, o topo da rocha explode, formando uma nuvem de granito em pó.

— É — comenta ela. — Acho que funciona.

Estou a ponto de dizer algo sobre guardar a munição para o momento em que for necessário quando os destroços em volta da rocha se assentam.

Há um rastejador agachado lá, a cabeça aparecendo exatamente onde o tiro de Cat acertou, os segmentos traseiros se estendendo pela neve. Suas mandíbulas estão bem abertas e seus cirros estão se mexendo.

— Cat? — eu digo.

— Shh — ela fala. — Estou vendo.

Ela mira com cautela e outra vez o acelerador zune e recua. Os segmentos frontais do rastejador desaparecem em uma chuva de estilhaços e o corpo cai para trás na neve.

— É — comenta ela. — Definitivamente funciona.

A neve ao redor da rocha começa a se agitar.

A movimentação se espalha como uma onda, a neve subindo e depois se acomodando, e então subindo de novo.

Ela vem em nossa direção.

— Mickey? — diz Cat.

Um rastejador emerge da neve talvez a trinta metros de distância. Cat mira e dispara, mas é um tiro assustado que ergue uma mancha de vapor e neve, mas deixa o rastejador intocado. O chamejador da torre sob a qual estamos ganha vida. Seu raio varre a neve em torno da rocha e, um instante depois, os chamejadores das torres à nossa esquerda e à nossa direita são ativados também. O vapor se ergue em nuvens escaldantes, encobrindo a minha visão da onda que se aproxima. Estou com a arma posicionada agora, mas, antes que possa atirar, meu campo de visão se divide. Meu olho direito está percorrendo a extensão do meu acelerador até o ponto de onde acho que os líderes dos rastejadores estão vindo. Meu olho esquerdo, porém, está observando a cúpula a distância. Vejo a rocha que Cat destruiu e as ondas de vapor onde os chamejadores estão vaporizando a neve. As imagens estão distorcidas, as cores estão desbotadas e os traços estão achatados.

Através de uma brecha nas nuvens de vapor, vislumbro dois bonecos de palitinho olhando de volta para mim.

Fecho meus olhos bem apertado, mas agora a única coisa que consigo ver é a imagem estilizada que chega ao meu ocular. Devo estar recebendo uma transmissão de uma das torres, talvez? Chacoalho a cabeça e dou meio passo

atrás. Meu sapato esquerdo enrosca e eu sinto meu corpo começar a cair. Na visão do meu ocular, um dos bonecos de palitinho deixa cair seu rifle de desenho e cambaleia para trás enquanto o outro vira sua cabeça de balão para olhar para mim. Estou me debatendo e tombando agora, mas meu ponto de vista não muda enquanto o boneco de palitinho desarmado desaparece na neve pixelada. O outro ergue a arma e atira repetidas vezes, cada tiro produzindo uma explosão à meia distância entre ele e eu.

Consigo ouvir vozes, mas não consigo separar os gritos através do intercomunicador da fúria vociferante de Cat e de alguma outra coisa, uma coisa mais calma e de tom mais baixo, mas não muito compreensível. O boneco de palitinho restante ergue o ponto de mira e seu rifle de desenho linear se encolhe, transformando-se em um ponto…

* * *

— ELE ESTÁ RECOBRANDO A CONSCIÊNCIA.

A voz não é familiar. Demoro um longo instante para perceber que está se referindo a mim.

— Será que ele consegue nos ouvir?

É Cat. Abro os olhos e me vejo deitado de costas em um cubo de exame em algum lugar do Setor Médico. Cat está inclinada sobre mim. Ela parece preocupada.

— Ei — diz ela. — Você está aí?

Levo alguns segundos para reunir saliva suficiente para falar.

— Estou — respondo enfim. — Estou aqui. O que aconteceu?

Cat se endireita, eu tento me sentar. Porém, mãos seguram meus ombros e delicadamente fazem eu me deitar outra vez.

— Devagar, Barnes. Vamos verificar se você está funcionando antes de tentarmos nos mexer muito.

Olho para trás e me vejo fitando as narinas com pelos brancos de um médico calvo de meia idade chamado Burke.

Não acho a presença dele muito tranquilizadora. Ele me matou várias vezes.

— Perdão — eu falo. — Há algo de errado comigo?

— Não sei — responde Burke. — Não consigo encontrar nenhum sinal de trauma físico e o seu eletroencefalograma parece normal neste momento. Mas, com base no que Chen me contou, você tombou como um saco de farinha sem nenhum motivo aparente lá fora. Geralmente esse não é um bom sinal do ponto de vista médico.

— Por que não estamos mortos? Os rastejadores estavam vindo atrás de nós,

não estavam?

— Estavam — responde Cat. — Não sei por que pararam.

— As torres — sugeri. — Elas estavam atirando, não é?

— É — confirma Cat. — Os chamejadores das torres são bem mais potentes do que os portáteis. Não havia nenhum rastejador morto por lá quando o vapor sumiu, mas talvez as armas os tenham forçado a voltar para debaixo da terra?

— Talvez — respondo. Mas, por alguma razão, não acredito nisso.

— Ou — pontua Cat — talvez eu tenha pegado o rastejador-chefe.

Mexo os ombros, me livro das mãos de Burke e me sento.

— O quê?

— Depois que as torres entraram em ação, eu não conseguia ver o que estava acontecendo na nossa frente. Vapor demais, sabe? Então levantei a cabeça e um pouco acima da encosta havia um rastejador gigantesco empinado para fora da neve.

Isso chama a minha atenção.

— De que tamanho?

Ela encolhe os ombros.

— Difícil dizer. Estava a pelo menos cem metros acima da neve. Talvez tivesse o dobro do tamanho dos outros? Talvez mais? De qualquer forma, era o único alvo em que eu conseguia mirar, então atirei nele. Alguns segundos depois, as torres desligaram e os rastejadores tinham sumido.

Coloco as pernas para fora da maca.

— Quantas mandíbulas ele tinha?

Cat franze a testa, suas sobrancelhas se encontrando sobre a ponte do nariz.

— Nenhuma, depois que eu atirei. Antes disso? Não parei para contar.

Eu me levanto. O mundo gira por um breve instante, depois volta a ter foco.

— Você deveria ficar aqui por algum tempo — fala Burke. — Acontecimentos neurológicos como esse não são brincadeira, Barnes. Eu gostaria de fazer uma tomografia. Você pode ter um tumor.

Olho para ele, então chacoalho a cabeça e pego a minha camisa da cadeira giratória onde alguém aparentemente a jogou quando me trouxeram.

— Eu não tenho um tumor — murmuro.

— Você não sabe — contesta Burke.

— Nós já tivemos essa conversa antes — digo eu. — Você não lembra? Os tumores levam tempo para crescer e faz só um dia e meio que estou vivo.

Ele se retrai. Acho que se lembra, sim.

— Tudo bem — concorda ele. — Não é tumor. Mas me deixe checar mais uma coisa.

Ele se vira para vasculhar uma gaveta e pega um bastão fino com o que

parece uma ventosa em uma extremidade e um leitor na outra. Ele se aproxima de mim enquanto estou passando a camisa pela cabeça e põe uma das mãos no meu ombro.

— Não se mexa — ele fala — e olhe para o teto.

Solto o ar em um suspiro fingido e viro os olhos para cima até onde eles conseguem chegar. Burke põe uma das mãos na minha nuca e encosta a ponta do bastão no meu olho esquerdo.

— Ai.

— Ah, não seja chorão. Vai levar só um segundo.

O bastão apita e ele o retira.

— Hum — diz ele.

Cat dá um passo à frente e espia o leitor por cima do ombro dele.

— O que isso significa?

Ele se vira para olhar para ela.

— Parece que houve um pico de energia no ocular dele em algum momento da última hora. Você deveria verificar isso, Barnes. Essas coisas têm conexão direta com o seu cérebro, sabe. Um ocular quebrado é perigoso.

— Tudo bem — concordo. — Você pode verificar?

Ele chacoalha a cabeça.

— Cuido apenas do componente humano. Você precisa de alguém do Setor de Bioeletrônica.

Claro.

— Obrigado — eu falo. — Não vou me esquecer de dar um jeito nisso.

* * *

— Então — diz Cat. — O que aconteceu com você de verdade lá fora, Mickey?

Estamos no corredor principal do primeiro andar agora, perto do reciclador. Eu entendo por que o reciclador e o Setor Médico ficam próximos, mas ainda me dá arrepios quando passamos pela entrada.

— Não faço ideia — respondo. — Eu simplesmente apaguei.

Mas será que apaguei? A lembrança de ter me visto como um boneco e Cat como uma boneca está começando a parecer cada vez mais o tipo de coisa que um cérebro em eletrochoque inventaria antes de parar de funcionar, mas…

— Eu diria que você deveria ver um médico — comenta Cat —, mas acho que acabou de ver, né? Você vai tentar falar com alguém sobre o seu ocular, como o Burke sugeriu?

— Talvez — eu falo. — Preciso cuidar de algumas coisas hoje à tarde, mas vou ver se consigo marcar um horário com alguém amanhã se eu tiver

oportunidade.

— Parece algo que talvez você devesse ver o quanto antes, mas acho que a decisão é sua.

— Obrigado — digo. — Vou pensar.

É mentira. Já pensei em tudo o que preciso pensar quanto a esse assunto. Como Burke falou, os implantes oculares estão entrelaçados aos nossos nervos óticos e interagem com os nossos cérebros em meia dúzia de outros lugares. Não dá para simplesmente tirar um e colocar outro. Qualquer outra pessoa com falha no ocular passaria por uma longa e complicada cirurgia para instalar uma unidade nova.

De algum modo, acho que eles não gastariam esse tipo de esforço comigo. É mais fácil meramente me mandar para uma viagem para o tanque.

Chegamos à escada central. Subo um degrau, depois me viro para olhar para trás. Cat não está me seguindo.

— Ainda tenho três horas de turno — ela fala. — O Amundsen disse que eu poderia verificar se você estava bem, mas tenho que voltar agora.

— Ah — eu comento. — Eles precisam de mim?

Cat me dá um meio sorriso.

— Depois do que acabou de acontecer? Não. Não agora e provavelmente não tão cedo. O Setor de Segurança não gosta muito de pessoas que desmaiam sob ataque.

Essa doeu.

— Eu não desmaiei — contesto. — Tive um bug. Eu estava captando alguma coisa…

Ela ergue uma sobrancelha.

— Captando alguma coisa?

— É — digo. — Eu estava…

De repente me ocorre que talvez eu não queira contar a Cat o que estava vendo quando caí lá fora. Não quero que ela pense que estou danificado.

Eu não quero pensar no que isso significa se *não* estiver danificado.

— Não sei — continuo. — Algo estranho aconteceu, com certeza, mas decididamente não foi apenas um desmaio.

Cat parece desconfortável agora.

— Tudo bem, Mickey. Você não seria a primeira pessoa a entrar em pânico sob ataque.

— É isso que você acha que aconteceu?

Ela desvia o olhar.

— Não importa o que eu acho, importa? Te vejo mais tarde, Mickey.

* * *

Depois de deixar Cat, paro no refeitório para pegar outra dose de pasta do reciclador, depois me dirijo para o meu tabique. O que mais posso fazer? Quando chego lá, encontro Oito sentado na cama, nosso tablet apoiado nos joelhos.

— Oi — ele cumprimenta. — Voltou cedo.

Eu me deixo cair na nossa cadeira e começo a desamarrar as botas.

— Fui atacado de novo. Quase morri de novo. Fui parar no Setor Médico desta vez. Disseram para eu ir para casa e falar para você começar a fazer a sua parte dessa porcaria de agora em diante.

Oito põe o tablet de lado, se alonga e se levanta.

— Ahn-hã. Bem, já que você voltou, vou comer alguma coisa. Quanto da nossa ração você deixou para mim?

— Não tenho certeza — respondo. — Talvez novecentas calorias?

— Ótimo — comenta ele. — Vou ficar com tudo.

Começo a protestar, mas ele já está a caminho da porta.

— Nem comece — ele retruca sem olhar para trás. — Acabei de sair do tanque.

— Ei — digo para as costas dele, que estão se afastando. — Coloque a faixa de volta no pulso, hein.

Ele ergue a manga para me mostrar. Está lá, mas está torta. Abro a boca para dizer algo, porém ele me interrompe revirando os olhos.

— Não se preocupe — ele fala. — Se alguém perguntar, digo que saro rápido.

Depois que ele sai, me enfio na cama e pego o tablet. Ele estava lendo sobre o Planeta de Asher. Passo cinco segundos admirado pelo fato de que ele está fazendo exatamente a mesma coisa que eu antes de me lembrar que seria surpreendente se não fizesse, considerando que ele basicamente sou eu, com um erro de arredondamento.

Bem, de qualquer forma, eu menos as últimas seis semanas mais ou menos. Por algum motivo, isso parece fazer uma diferença cada vez maior.

Venho pensando no assunto e eis aqui o que se passa com a expedição do Planeta de Asher: a situação deles na verdade não era tão diferente assim da nossa. O planeta-alvo deles era quente demais para abrigar vida. Este aqui não é gelado demais, mas chega perto. Uma leitura melhor dos níveis de O_2 da atmosfera poderia ter dado aos planejadores da missão lá de Midgard uma pista de que a biosfera de Niflheim está por um fio, mas acho que a uma distância de mais de sete anos-luz, você consegue o que é possível.

Não consigo deixar de me perguntar o que teríamos feito se este lugar fosse um pouquinho pior… alguns graus mais frio, um pouco menos de oxigênio, algo tóxico de fato na atmosfera, talvez? Nós trouxemos equipamento de terraformação, mas esse é um processo extremamente lento. Li sobre dezenas de colônias que enfrentaram dilemas similares. Algumas tentaram reagrupar, reabastecer e voltar-se para outro alvo. Algumas tentaram se acomodar na órbita, desembarcar seus equipamentos de terraformação e fazer aquilo funcionar.

Algumas, como o pessoal do Planeta de Asher, simplesmente desistiram e encerraram o expediente.

Entre os que continuaram tentando, eu poderia contar em uma mão quantos realmente conseguiram. Dar início a uma colônia em um planeta hospitaleiro é difícil. Em um planeta inóspito, é quase impossível.

E em um como Niflheim? O tempo dirá, eu acho.

Estou refletindo sobre essa questão e pensando no que vai significar para mim se as coisas ficarem feias aqui quando o meu ocular recebe um sinal.

<FalcãoVermelho>: Ei, Mick. Ouvi dizer que você teve um dia difícil hoje. Meu turno termina às 16:00. Quer me encontrar para jantar? É por minha conta.

A resposta é "*claro que sim*", mas, na minha cabeça, ela está competindo com "*como você tem condições de pagar o jantar?*" e, antes que eu possa resolver isso e formular uma resposta, surge outra mensagem.

<Mickey8>: Claro. Te vejo mais tarde, parceiro.

Ah, nem pensar. Abro uma janela privada.

<Mickey8>: Nem pense nisso, Oito. Esse é meu.
<Mickey8>: Fedor do tanque, Sete. Preciso de comida de verdade. Ainda tem trezentas calorias no nosso cartão para hoje. Você pode ficar com elas.
<Mickey8>: Olhe, amigo. Eu quase morri duas vezes nas últimas vinte e quatro horas e você estava dormindo nas duas ocasiões. Se quiser insistir nisso, podemos voltar a nos encontrar no reciclador em vinte minutos e resolver as coisas pra valer desta vez.
<Mickey8>: Uau. Isso escalonou vertiginosamente!
<Mickey8>: Sem brincadeira, Oito. Se você não estiver de volta até as 15:45, é hora de ir.

<Mickey8>: …
<Mickey8>: E então?
<Mickey8>: Tudo bem. Tudo bem. Fique com o seu belo jantar, bebezão. Cara, mal posso esperar para você ser devorado.

014

— Vai fundo — diz Berto. — Qualquer coisa que você quiser, camarada.

Meus olhos vagueiam até o coelho.

— Dentro do razoável — acrescenta ele. — Não sou feito de calorias, sabe.

Dou uma olhada pelo refeitório. Estamos adiantados para o jantar, então ainda não está muito cheio. Mas há um punhado de sujeitos da Segurança em uma mesa perto da porta. Um deles olha nos meus olhos. Ele fala alguma coisa para os amigos e a mesa cai na gargalhada.

Ótimo. Agora sou o prescindível que tem medo de morrer. Tenho certeza de que isso é o mais baixo que se pode descer em termos de status social por aqui.

— Ei — chama Berto. — Você ainda está prestando atenção aqui?

Volto a me virar para o balcão.

— Me dê um limite — eu falo. — Eu poderia literalmente comer tudo o que eles têm aí.

Berto olha para o balcão e coça a nuca.

— Quer saber? Escolha alguma coisa com menos de mil calorias, tudo bem?

Eu o encaro.

— Mil? Sério?

— Sério — responde ele. — Eu estava falando sério, camarada. Você é o meu melhor amigo. Eu não deveria ter mentido para você. Acho que esse é o meu jeito de pedir desculpas.

Ele continua mentindo para mim, mas, nesse momento, não me importo nem um pouco. Peço batatas fritas, grilos fritos e uma minúscula travessa de alface e tomates picados. Isso dá só setecentas calorias, então completo com uma caneca de pasta. Não se pode perder a oportunidade, certo? Quando a minha bandeja sai do dispensador automático, vejo que Berto também está fazendo seu pedido.

Ele pede o coelho.

— Berto? — digo. — O que diabos, amigo?

Ele sorri.

— Você não achou que eu ia passar fome por você, achou? Qual é, Mickey.

Eu me sinto mal, mas não a esse ponto. Não estou me flagelando. É mais algo do tipo compartilhar a riqueza.

Nosso total é de duas mil e quatrocentas calorias. Berto mostra o ocular para o scanner. O aparelho emite uma luz verde.

— É sério — eu falo. — O. Que. Diabos?

O sorriso de Berto se alarga.

— Lembra quando levei você para passear de nave monomotora?

Oh, Deus, e como me lembro.

— É — respondo. — Acho que sim.

A bandeja dele sai do dispensador. Pegamos a nossa comida e nos dirigimos para uma mesa nos fundos. Posso sentir os olhos dos capangas da Segurança na minha nuca enquanto andamos.

— Lembra quando passamos por cima daquela cordilheira a uns vinte quilômetros ao sul da cúpula?

Não me lembro muito bem da viagem inteira, na verdade, e não faço ideia do que ele está falando, mas, no intuito de fazer a conversa andar, confirmo com a cabeça. Nós nos sentamos e ele imediatamente ataca o pernil de coelho.

— Tem uma formação rochosa no alto da cordilheira — ele continua com a boca cheia de carne. — Passamos por cima dela. Lembra?

A essa altura, acho que chegamos ao limite do papo furado.

— Não — respondo. — Sinceramente, não.

Ele dá de ombros.

— Não importa. Imagine um pico de granito com talvez trinta metros de altura e outro bloco um pouco menor encostado nele. O espaço entre eles é de uns dez metros na base, diminuindo até nada no topo.

— Tudo bem — digo. — Acho que consigo imaginar isso. — Na verdade, agora que ele descreveu, acho que me lembro de ver o local de que está falando. Na época pensei que poderia ser um bom lugar para escalada em rochas.

Isso foi antes dos rastejadores, claro.

— Certo — continua Berto. — Então nas últimas semanas andei falando para quem quisesse ouvir que eu achava que conseguia fazer a nave monomotora passar pela fenda. Loucura, né? Quero dizer, mesmo inclinada a noventa graus, a distância de cada lado seria de algo como cinquenta centímetros na extremidade superior e você teria que iniciar a manobra com uma margem de talvez um décimo de segundo.

— É — concordo. — Isso parece loucura. E daí?

— Daí — responde Berto — que todo mundo também achou que era loucura. Eu venho recolhendo apostas.

Ele para nesse ponto para dar uma mordida, mas não preciso que termine o

pensamento.

— Você conseguiu?

— Consegui — ele fala com um sorriso que acho que não vejo desde que ganhou aquele maldito torneio de pog-ball. — Consegui sim. Recolhi três mil calorias de aposta, contando tudo. Legal, né?

— Você… — eu começo, então tenho que parar para me recompor. — Você poderia ter morrido, Berto.

— Poderia — responde ele. — Mas não morri.

Pouso meu garfo ao lado da minha bandeja e cerro meus punhos.

— Você arriscou a sua vida. Você arriscou a sua maldita vida por dois dias de ração.

Seu sorriso maroto desvanece.

— Ei — diz ele. — Calma aí, camarada. Não foi algo tão sério assim.

— Não foi sério? Você arriscou a sua vida por malditas *calorias*, Berto. Você não correria nenhum risco de merda por mim.

O rosto de Berto fica sério. Ele me encara. Eu encaro de volta.

Esse é o momento em que me dou conta de que acabei de contar a ele uma coisa que eu não deveria saber… ou, espere, será que contei? Ora essa, não consigo manter o controle sobre as minhas próprias mentiras a essa altura, que dirá das mentiras do Berto.

— Mickey? — fala Berto. — O que exatamente você quis dizer com isso?

Abro a minha boca para responder, então a deixo voltar a se fechar.

— Você acabou de sair do tanque — afirma ele. — Não é, Mickey?

Eu desvio o olhar. Um dos caras da Segurança está olhando para nós.

— É, Berto. Você sabe que acabei de sair de lá.

— Achei que sabia — comenta Berto. — Mas tenho que admitir, você está me fazendo pensar numas coisas.

Espeto uma batata, coloco na boca e mastigo. Esta refeição é a primeira comida sólida que consumo em mais de dois dias. É um pecado eu não estar desfrutando dela tanto quanto deveria. No decorrer de cinco segundos, decido abrir o jogo com ele e depois mudo de ideia de novo meia dúzia de vezes. Quando volto a olhar para Berto, ele está mastigando devagar e estreitando os olhos para mim. *Eu não morri*, me imagino dizendo. *Você me deixou naquela maldita fenda, mas eu não morri*. Quando ele dá outra mordida no coelho, me imagino acrescentando: *Talvez eu devesse ter te oferecido dois dias de ração para você voltar para me buscar, né?* Estou prestes a abrir a boca e dizer isso de fato quando o capanga que estava nos observando se levanta da mesa e começa a vir até a nossa.

Conheço esse cara, pelo menos vagamente. Seu nome é Darren. Ele é grande

para um colonizador, quase tão alto quanto Berto e provavelmente dez quilos mais pesado, tem cabelo escuro bem curto e um tufo esquisito de barba enrolada no queixo. Não é burro – ninguém que foi selecionado para esta expedição é –, mas ele sempre me pareceu ter o tipo de atitude que caras tontos têm quando você dá a eles um pouquinho de poder. Ele para um ou dois passos atrás de Berto, cruza os braços sobre o peito e inclina a cabeça para um lado.

— Ei — diz ele. — Os cavalheiros estão desfrutando das nossas rações hoje à noite?

Berto se vira para olhar, então leva o pernil de coelho à boca e dá uma mordida lenta e proposital.

— Estamos — ele responde com a boca ainda cheia. — Bastante, na verdade.

O rosto de Darren se contorce em uma carranca.

— Você é um babaca, Gomez. Você poderia ter se acabado e acabado com a nossa única nave monomotora funcional lá fora hoje de manhã.

Berto dá de ombros, volta a se virar para mim e dá outra mordida.

— A nave monomotora é inútil sem mim mesmo. Nasha não pilota nada que não tenha sistema gravítico. — Ele mastiga, engole e limpa a boca na manga. — De qualquer forma, se você tinha uma opinião tão forte sobre proteger os recursos da colônia, por que apostou calorias? Eu não teria feito aquilo se não existisse aposta. — O sorriso volta agora e ele olha para mim e pisca. — Ah, quem estou tentando enganar? Com certeza eu faria. Este lugar é um tédio e aquele foi um passeio e tanto.

Um passeio e tanto. Aposto que foi. Meu maxilar está tão tenso que parece que os meus dentes podem quebrar. Darren passa a olhar para mim.

— Qual é o problema com você, Barnes?

Não confio na minha voz para responder. Darren franze as sobrancelhas, que se unem sobre a ponte do nariz dele, e dá meio passo à frente.

— É sério — ele fala. — Se você tem alguma coisa a dizer, diga. Se não tiver, mude essa cara.

— Cai fora — retruca Berto. — Os últimos dias foram difíceis para o Mickey.

— É — retorque Darren. — Fiquei sabendo. Dois dos nossos morreram por causa dele ontem e hoje ele abandonou uma luta e deixou a Chen sozinha para salvar a bunda dele pela segunda vez em vinte e quatro horas. Coitadinho.

Berto pousa com cuidado o osso de coelho que estava roendo, depois põe as duas mãos espalmadas sobre a mesa. Seu sorriso malicioso desapareceu.

— Afaste-se, Darren.

— Vá se danar, Gomez. Acabei de comer pasta do reciclador no jantar e não

estou com paciência para…

Ele para por aí porque fez a escolha extremamente errada de dar um empurrão na cabeça de Berto. Como eu disse, Darren é um cara grande e é da Segurança. É provável que esteja acostumado a que as pessoas o deixem sair impune com esse tipo de coisa.

Berto, que eu saiba, nunca deixou ninguém sair impune com esse tipo de coisa.

Ele se levanta da mesa e gira apoiado na perna de trás, já em movimento quando o banco em que estava sentado bate nas canelas de Darren.

Há um motivo para Berto ser tão bom em pog-ball. Para alguém tão alto e magrelo, ele é anormalmente rápido. Darren nem sequer conseguiu levantar as mãos quando o punho de Berto atinge o lado esquerdo do seu rosto e o derruba.

A essa altura, o que era uma bobagem de ensino médio se transforma em um tumulto.

Estou de pé e contorno a mesa enquanto Darren tenta se levantar. Ele consegue se apoiar em um joelho antes de Berto colocar um pé em seu ombro e empurrá-lo de volta para o chão. O pé de Berto ainda está no ar quando o primeiro dos capangas da mesa de Darren bate nele e o faz cair de cara em cima da nossa mesa com força suficiente para eu ter que dar um pulo para trás a fim de não ser derrubado, já que, com o impacto, a mesa desliza meio metro pelo chão. Berto tenta se soltar, mas há dois outros em cima dele agora, chutando suas pernas e segurando seus braços atrás das costas. Consigo pôr a mão boa no ombro de um deles antes de alguém me agarrar pelo colarinho, me erguer, me jogar de cara no chão e meter o joelho no meio das minhas costas. A única coisa que sinto são as pontas de um taser encostarem na minha nuca.

* * *

— EXPLIQUEM-SE.

Olho para Berto. Ele está olhando para um ponto na parede atrás da cabeça de Marshall. Após cinco embaraçosos segundos de silêncio, eu digo:

— Foi um mal-entendido, senhor.

Marshall fecha os olhos e visivelmente relaxa o maxilar. Quando abre os olhos de novo, estreita-os bem.

— Um mal-entendido — repete ele. — É assim que caracterizaria os acontecimentos desta tarde, sr. Gomez?

— Não, senhor — responde Berto. — Acredito que todos os envolvidos compreendiam com bastante clareza o que estava acontecendo.

— Entendo — retorque Marshall. — E o que exatamente era essa coisa que

todos compreendiam com tanta clareza?

Berto não consegue impedir que o esboço de um sorriso surja em seu rosto.

— Basicamente que os oficiais da Segurança envolvidos estavam chateados com as consequências do seu próprio juízo errado e um deles decidiu resolver suas frustrações atacando um espectador inocente.

— Hum — fala Marshall. — O sr. Drake te atacou? Então como é que ele está no Setor Médico com uma arcada zigomática trincada enquanto você parece estar totalmente ileso?

Berto encolhe os ombros.

— Eu disse que ele me atacou, não disse que ele se saiu bem.

Marshall fica ainda mais carrancudo e se vira para mim.

— Você concorda com o jeito como Gomez está caracterizando esse incidente, sr. Barnes?

— Basicamente sim — respondo. — O Darren veio conversar com a gente por vontade própria. Não estávamos nem olhando para ele. Ele estava claramente chateado por ter que comer pasta do reciclador no jantar e parecia estar querendo começar alguma confusão comigo por causa disso. Quando as coisas começaram a acontecer, ele pareceu estar meio surpreso, mas não sei ao certo por que deveria estar. Quero dizer, ele pôs as mãos em Berto primeiro.

O rosto de Marshall se contorce em uma careta do tipo *acabei de comer bosta de cachorro*.

— Pois bem. Eu gostaria de pegar pesado com vocês, especialmente porque esta é a segunda vez que estão no meu escritório nas últimas vinte e quatro horas. Infelizmente, no entanto, as câmeras de vídeo parecem confirmar a maior parte das suas alegações. Ficou claro que Drake se aproximou de vocês sem ser chamado e parece pelo menos ter tocado Gomez antes de ser nocauteado. Com toda a sinceridade, espero mais da nossa equipe de Segurança. — Ele não esclarece se quer dizer mais bom senso ou mais habilidade na luta. Em vez disso, recosta-se na cadeira e cruza os braços. — Mas estou curioso. Por que o Drake estava comendo pasta do reciclador enquanto vocês dois estavam tendo um verdadeiro banquete? Se bem me lembro, eu reduzi a ração dos dois ontem, enquanto ele tem duas mil calorias disponíveis por dia. — Ele coça o queixo, pensativo. — E, independentemente dos motivos dele, por que raios ele responsabilizaria vocês?

Berto me dirige um rápido olhar, mas eu não tenho nenhuma desculpa.

— É difícil dizer, senhor — ele responde. — Talvez ele tenha exagerado no café da manhã.

— Entendo — comenta Marshall. — Então não teria nada a ver com isso?

Ele bate o dedo em um tablet em cima da mesa e surge um videoclipe no

meu ocular. Pisco para vê-lo. É uma visão a longa distância e com chuviscos da nave monomotora do Berto mergulhando em direção a um amontoado de rochas empilhadas no cume de uma cordilheira nevada. A formação se parece muito com a imagem de que me lembro, com dois blocos se projetando de um campo rochoso para formar um triângulo estreito. Deste ângulo, não parece haver nenhuma maneira possível de a nave monomotora passar pela fenda e, embora eu saiba o que acontece, posso sentir um aperto no estômago. Berto sobe na horizontal uns cem metros antes, ajusta ligeiramente a altitude e então gira a nave no último instante, de modo que ela passa pelas rochas sem sequer arranhar a pintura.

— Ah — diz Berto. — Vocês conseguiram gravar?

— Sim — responde Marshall. — Conseguimos. Estamos em estado de alerta máximo neste momento, Gomez. Perdemos pessoas e temos pouquíssimas. Por causa disso, estamos de olho nas coisas. Há muito pouca coisa que você possa fazer que não vamos pegar. Agora, considerando que você sabe da nossa posição precária tanto em termos de pessoal quanto de recursos materiais, se importaria de explicar por que achou necessário arriscar a própria vida e, mais importante, dois mil quilos de metal e componentes eletrônicos insubstituíveis no que parece ser uma brincadeira juvenil?

Berto fica em silêncio, os olhos fixos na parede. Marshall o encara pelo que parece bastante tempo.

— Tudo bem — diz Marshall por fim. — Estou ciente da sua aposta, obviamente. Acho que não faz sentido te explicar todos os regulamentos que você violou nos últimos dois dias porque está claro que você não se importa. — Ele se inclina para a frente, finca os cotovelos sobre a mesa e suspira. — A essa altura, não sei ao certo o que fazer com você, Gomez. Não posso me dar ao luxo de castigá-lo, que, para ser sincero, é o mínimo que você merece, e lamentavelmente o açoite não é uma técnica disciplinar aprovada no âmbito das diretrizes padrão da Associação. — Ele faz uma pausa e depois se volta para mim. — Barnes, você tem alguma sugestão?

Lanço um olhar rápido para Berto, depois de volta para Marshall.

— Eu, senhor? Não, senhor.

Marshall suspira outra vez e recosta na cadeira.

— Considerando as minhas opções limitadas, acho que o melhor que posso fazer é aumentar a sua carga de trabalho e cortar as suas rações. Você vai cobrir os turnos da Adjaya no ar, assim como fazer os seus, pelos próximos cinco dias, Gomez. Isso deve manter você longe de problemas pelo menos. Além do mais, vou reduzir as suas rações em mais dez por cento. Isso não deve incomodá-lo, já que não vai ter tempo para comer mesmo. Também vou bloquear a possibilidade

de você receber transferências de qualquer outro funcionário só para o caso de você ter mais alguma ideia para aplicar golpes nos seus colegas colonizadores.

— Senhor… — começa Berto, mas Marshall o corta antes que ele possa sequer terminar a primeira palavra.

— Não desperdice o seu fôlego, Gomez. Como eu disse, é o *mínimo* que você merece. Se você me pressionar por conta disso, posso ser forçado a avaliar soluções mais radicais para o problema que apresenta.

Berto parece ter mais coisas a dizer, mas, com um esforço visível, engole em seco, volta a fixar os olhos naquele ponto atrás da cabeça de Marshall e responde:

— Sim, senhor. Obrigado, senhor.

— Excelente — fala Marshall. — Saiam. — Enquanto nos levantamos para sair, ele acrescenta: — Ah, Barnes? Não sei qual foi o seu envolvimento nesse incidente, porém, supondo que você provavelmente teve alguma coisa a ver com aquilo, vou reduzir as suas rações em cinco por cento também.

Eu me viro para ele de novo.

— O quê? Não!

— Dez por cento — retorque Marshall. Quando abro minha boca outra vez, ele pergunta: — Quer aumentar para quinze?

Meu maxilar se fecha com um estalido perceptível.

— Não, senhor — respondo. — Obrigado, senhor.

015

— MAIS DEZ POR CENTO? Qual é, Sete! Você não pode fazer isso comigo!

— Em primeiro lugar — argumento —, não estou fazendo isso com *você*. Estou fazendo com *a gente*. E, em segundo lugar, não *sou eu* quem está fazendo. Se quiser reclamar com alguém, reclame com o Berto. Foi ele quem decidiu sacanear metade do Setor de Segurança apostando rações e depois bater em um deles no refeitório.

Oito se deixa cair na cama e mergulha o rosto nas mãos.

— Não dá para fazer isso, Sete. Nunca tive chance de me recuperar do tanque. Você sabe que este corpo ainda não comeu nem um maldito pedaço de comida sólida, né? Comer é a única coisa em que consigo pensar desde a hora em que acordo até quando vou dormir. Estamos reduzidos a que, setecentas e vinte calorias cada um? Não consigo fazer isso, caralho.

— Sinto muito — digo eu. — É sério, sei que você deve estar vivendo um inferno neste exato momento, mas olhe… não há nada que possa ser feito. A menos que a gente queira voltar para o buraco de cadáver, vamos ter que lidar com isso.

Ele olha para cima.

— Não vou mentir, Sete. O buraco de cadáver soa cada vez mais razoável agora.

Eu me deixo cair na cadeira, tiro as botas e coloco os pés em cima da cama, ao lado dele.

— Pode ser que chegue a esse ponto, amigo, mas ainda não estamos lá. Quer saber?… Você pode ficar com o que sobrou na nossa conta hoje e acho que… novecentas calorias amanhã? Ajuda?

Ele resmunga.

— Olhe — eu falo —, isso vai me deixar com apenas quinhentas e quarenta calorias nas próximas trinta e seis horas e eu nem consegui terminar a minha janta antes que o Berto começasse aquela briguinha. Sei que você está morrendo agora, mas não está sendo moleza para mim também.

Ele suspira e se deita de costas.

— Eu sei — ele diz, olhando para o teto —, sei que está sendo difícil para você também e agradeço a oferta. Você é um cara legal, Sete. Vou me sentir horrível quando finalmente acabar te estrangulando durante o seu sono e comendo o seu cadáver.

Não tenho tempo de formular uma resposta antes de receber um sinal no meu ocular.

<VespaNegra>: Ei. Você está de folga?

Começo a compor uma resposta, mas Oito é mais rápido.

<Mickey8>: Estou. Achei que você ia voar hoje à noite.
<VespaNegra>: Eu ia, mas agora não vou mais. Parece que colocaram o Berto nos meus horários pelos próximos dias por algum motivo, então estou livre até novas ordens. Quer que eu vá aí?
<Mickey8>: Claro que quero!
<VespaNegra>: Ótimo. Vejo você daqui a dez minutos.

— Sinto muito — fala Oito. — Mas você tem que sair daqui.

— Ei — eu começo, mas ele me interrompe.

— Não, Sete. Nem comece. Eu preciso disso. Eu *preciso* disso. Estava basicamente brincando sobre te estrangular durante o sono, mas, se quiser brigar comigo nesse assunto, juro que acabo com você.

A fúria que está fervendo dentro de mim agora é completamente desproporcional em relação a qualquer coisa que ele tenha dito. Reconheço esse fato.

Reconheço, mas não ligo.

— Olhe — digo. — Entendo que você esteja passando por um momento difícil, seu maldito bebezão, mas você realmente está começando a forçar a barra, sabia? Peguei dois dias de trabalho perigoso enquanto você ficou dormindo aqui em cima e acabei de te oferecer três quartos das nossas rações pelos próximos dois dias por um ato de bondade do meu coração otário. Você acabou de sair do tanque, tudo bem, está com fome, mas eu também estou e quase morri hoje e, de qualquer forma, não me lembro de nada sobre o fedor do tanque nos deixar com mais tesão. Então, se quiser continuar seguindo por esse caminho, podemos ir juntos para o escritório do Marshall agora mesmo e resolver isso de uma vez.

Ele me encara por longos cinco segundos, a boca ligeiramente aberta.

— Espere — ele diz enfim. — O quê? Você acha que isso tem a ver com sexo?

Isso me faz parar.

— Ahn… acho.

Ele resmunga, senta e esfrega o rosto com as duas mãos.

— Santo Deus, Sete. Eu não acabei de te dizer que estou morrendo de fome? Você acha que eu tenho energia para fazer sexo agora neste exato momento? Quando a Nasha vier para cá, não vou tentar tirar o macacão dela, seu idiota. Vou tentar convencê-la a me dar uma refeição. Você conseguiu a sua com o Berto, mesmo que não tenha conseguido comer tudo por alguma razão. Você tem que me deixar ficar com essa.

E, fácil assim, a raiva vai embora.

— Ah — eu falo. — Certo.

— Certo. Então?

Eu o encaro. Ele me encara de volta. Depois de alguns segundos nos encarando, ele revira os olhos e aponta para a porta.

— Certo — repito.

Coloco as botas e saio.

* * *

EIS AQUI UMA HISTÓRIA engraçada sobre passar fome. Todo mundo sabe que Éden foi a primeira colônia, certo? O primeiro lugar que a antiga Terra infectou com seus filhos. Mas nem todos sabem que a missão que deu início à cabeça de ponte em Éden foi na verdade a nossa segunda tentativa.

A primeira, uma nave chamada *Ching Shih*, partiu quase quarenta anos antes, mais ou menos vinte anos depois do final da Guerra da Bolha. Aquela missão foi a primeira tentativa desesperada da nossa espécie de nos lançar para além da nossa própria heliopausa e, como a maioria das nossas primeiras tentativas de fazer qualquer coisa, não correu muito bem. A nave não tinha reciclador e os seus motores não eram nem de perto tão eficientes quanto os nossos, e da Terra até Éden é uma grande distância mesmo para os padrões de hoje. Eles esperavam passar vinte e um anos em trânsito e esperavam se sustentar esse tempo todo com a agricultura a bordo.

Considerando o que estavam enfrentando, o estado primitivo da tecnologia deles e sua lamentável ignorância sobre o que o ambiente interestelar pode fazer com você em velocidades relativísticas, na verdade é bem impressionante que tenham chegado aonde chegaram. Até onde se poderia dizer com base em suas transmissões, eles nunca entenderam por completo o que estava acontecendo. A

melhor hipótese no relato que li foi a de que as plantas estavam sofrendo de danos cumulativos causados por radiação, agravados ao longo de múltiplas gerações até haver mutações demais para os organismos continuarem sendo viáveis. Os geradores de campo da *Ching Shih* não eram tão eficientes quanto os nossos e o Setor de Agricultura deles ficava localizado no terço frontal da nave, aparentemente baseado na teoria de que eram os humanos que precisavam, de fato, de proteção, então aquelas pobres plantas estavam levando uma surra daquelas.

A questão sobre desastres no espaço interestelar é que alguns são rápidos e alguns são lentos, mas qualquer tipo pode deixar você morto de verdade. A *Ching Shih* morreu aos poucos. Tiveram o mérito de documentar o processo inteiro, mesmo quando estava claro que a sua situação era completamente irremediável, no intuito de garantir que a missão seguinte não cometesse os mesmos erros. Passaram boa parte de um ano reduzindo progressivamente as rações. Quando ficou claro que não seria suficiente, a comandante da missão emitiu um pedido permanente por voluntários para serem convertidos de sumidouros de caloria a fontes de caloria.

A fome dói. Ela conseguiu um número surpreendente de interessados.

Demorou mais três anos até ela ter que encarar o fato de que, mesmo diminuindo a tripulação ao mínimo possível necessário para manter a nave funcionando e talvez ainda ser capazes de desempacotar os embriões armazenados ao final da viagem, eles não iam conseguir. O Setor de Agricultura não estava produzindo quase nada àquela altura e o plano da missão tinha confiado nas colheitas para realizar um bom tanto da ciclagem de carbono, além de fornecer alimento para a tripulação, então as coisas estavam desandando em múltiplos níveis. Eles ainda estavam a quatro anos-luz de distância de Éden quando os últimos doze tripulantes desligaram a nave, despiram-se, ficando apenas com as roupas íntimas, e saíram da câmara de descompressão principal.

A *Ching Shih* ainda está em algum lugar do espaço, percorrendo o vazio a cerca de 0.6 da velocidade da luz, assim como os corpos daqueles últimos doze aspirantes a colonizadores. Às vezes me pego pensando se alguém em algum lugar poderá vê-los passar algum dia e se perguntará aonde vão com tanta pressa… e por que diabos não estão usando trajes.

* * *

O PROBLEMA DE SER expulso do seu quarto quando se vive em uma cúpula que é uma toca de rato em um planeta com uma atmosfera venenosa e nativos hostis é que não há muitos lugares para ir. Não temos teatros. Não temos cafeterias. Não

temos parques, nem praças públicas, nem pontos de encontro. O que temos, basicamente, são locais de trabalho, a maioria dos quais varia de desagradáveis (tratamento de resíduos) a hostis (gabinete da Segurança). O Setor de Agricultura na verdade não é um lugar ruim para se estar se você conseguir não ficar deprimido com o estado frágil da maioria dos cultivos, mas não sou bem-vindo lá a não ser nos dias em que sou designado para trabalhar com eles, então essa possibilidade está fora de questão.

Por falta de opção melhor, vou para o refeitório.

Está um pouco tarde para o jantar agora, então não espero encontrá-lo lotado, mas, quando passo pela porta, está ainda mais vazio do que eu esperava. Há um grupo de quatro pessoas em uma mesa perto do fundo beliscando duas bandejas de batata entre eles, e um sujeito que conheço vagamente do Setor de Biologia sentado sozinho no canto oposto bebericando o que parece ser uma batida de pasta e olhando para o tablet. Seu nome é Highsmith. Ele é um tipo de entusiasta de história. Uma vez tive uma conversa divertida com ele sobre os paralelos entre a Diáspora e a expansão original da espécie humana para fora da África na antiga Terra. A maioria de suas opiniões estavam erradas, mas me diverti dizendo a ele exatamente por que estavam erradas.

Por um curto espaço de tempo – curtíssimo –, penso em perguntar se ele quer companhia antes de me dar conta de que, em primeiro lugar, a minha ração está zerada por hoje e, em segundo, seria muito esquisito me sentar de frente para ele no refeitório sem minha própria comida e tentar começar uma conversa. Em vez disso, ocupo um banco em uma mesa perto da porta, o mais longe possível dele e dos outros, pego meu próprio tablet e começo a dar uma olhada por distração.

Depois de uns dez minutos sem inspiração, decido ler algo das antigas, um artigo sobre o fracasso da colônia viking da Groenlândia, na antiga Terra. A situação deles, como se nota, não era tão diferente da nossa em muitos sentidos. Tinham tentado construir uma sociedade sustentável em um lugar gelado e inóspito onde seus cultivos alimentares tradicionais não cresciam. Tinham travado batalhas com habitantes locais hostis. Presumo que o líder deles fosse meio idiota.

Com o tempo, acabaram morrendo de fome.

Essa última parte me faz pensar em Oito, deitado na nossa cama, resmungando sobre como está digerindo o próprio fígado, e em Nasha, provavelmente indo até lá na expectativa de se divertir e, em vez disso, dando de cara com o meu duplo implorando a ela que comprasse algo para ele comer.

Algo para ele comer.

Aonde eles iriam para comprar alguma coisa para comer?

Já estou de pé antes que esse pensamento tenha a chance de terminar de se

formar. Highsmith levanta os olhos do tablet quando meu banco se vira atrás de mim e eu vou até a porta. Quanto tempo se passou? E quanto tempo levaria para Oito convencer Nasha a vir para cá? E quanto tempo eles demorariam para fazer esse percurso? Não sei a resposta para nenhuma dessas perguntas exatamente, mas não consigo deixar de pensar que é provável que cheguem logo. Mando um sinal para Oito.

<Mickey8>: Onde vocês estão?
<Mickey8>: A caminho do refeitório. Por quê?
<Mickey8>: Onde especificamente?
<Mickey8>: Ao pé da escada central. O que diabos está acontecendo, Sete?

Eles vão virar a esquina em dez segundos.

Talvez menos de dez segundos.

Tudo bem. Eu tenho tempo. Não preciso correr, na verdade, apenas descer o corredor a passos rápidos até a próxima intersecção e virar. Feito isso, me recosto contra a parede, respiro fundo e solto o ar devagar. E se o meu cérebro não tivesse entrado em ação quando entrou? O que teria acontecido se Nasha e Oito tivessem entrado no refeitório e me encontrado ali, olhando para o meu tablet?

Aliás, o que Highsmith vai pensar quando me vir aparecendo de novo pela porta vinte segundos depois de eu ter saído com tanta pressa, e com Nasha?

Argh. Com Nasha e uma camisa diferente. Com sorte, ele não é tão observador.

Melhor não pensar nisso. E, mais importante, para onde vou agora?

Não posso voltar para o meu quarto. Acho que provavelmente é seguro presumir que eles irão para lá assim que Oito tiver alguma coisa no estômago.

Penso por um breve momento em me dirigir ao tabique de Nasha, que ela compartilha com uma mulher do Setor de Agricultura chamada Trudy. Trudy é simpática. Ela provavelmente me deixaria ficar por lá se eu dissesse que estava esperando Nasha, que mais cedo ou mais tarde chegaria de fato e provavelmente se perguntaria como fui do meu tabique até lá mais rápido do que ela e o que diabos eu estava fazendo lá.

É, isso não vai funcionar.

Na realidade, só existe outro lugar público na cúpula. Por sorte, é quase certo que esse esteja vazio mais ou menos o tempo todo.

Suspiro, me endireito e me dirijo à academia.

* * *

UM CENTRO PARA TREINO não é um equipamento padrão em uma colônia de cabeça de ponte. O fato de termos um é prova da crença persistente de Hieronymus Marshall quanto à importância da condição física como componente da condição moral e ética.

O fato de ser o único espaço na cúpula que com certeza estará vazio a qualquer hora do dia ou da noite é prova de que, apesar de como Hieronymus Marshall possa se sentir em relação ao assunto, exercitar-se é a última coisa que qualquer pessoa quer fazer em um momento de escassez de comida.

A verdade é que eu nem ao menos sei exatamente onde fica a academia. Preciso abrir um mapa da cúpula no meu ocular para descobrir. Acontece que é no final do corredor onde está o reciclador, o que me parece estranhamente apropriado neste momento.

Pego o caminho longo, seguindo por um corredor que vai do eixo central ao círculo externo e depois dou meia-volta na cúpula antes de fazer o retorno com a ideia de que seria menos provável eu topar com qualquer pessoa a caminho do refeitório ou do novo turno do Setor de Agricultura. Ainda passo por meia dúzia de pessoas e tenho a sensação de que todas estão me olhando com estranheza. Paranoia? Talvez… ou talvez elas tenham acabado de ver Nasha e Oito passando por aí, descobriram exatamente o que está acontecendo e vão mandar um sinal para a Segurança assim que eu sair de vista.

Faz apenas dois dias que estamos passando por isso e já estou enlouquecendo.

Quando enfim chego à academia, abro uma fresta da porta e me esgueiro para dentro como se estivesse sendo perseguido. Bato a porta depois de entrar, fecho os olhos e encosto a testa na superfície fria do plástico.

— Algum problema?

Minha cabeça gira e meu coração dá um solavanco tão forte que, por um instante, receio estar morrendo. Essa não é exatamente uma academia, só uma série de esteiras, um banco para supino e meia dúzia de halteres em um espaço talvez duas ou três vezes maior do que o meu quarto.

Não está deserta.

Na verdade, há uma mulher em uma das esteiras. Ela está virada para mim agora, os pés nas laterais da esteira, a correia deslizando lá embaixo.

Demoro um longo segundo em um estado de pânico de deixar o coração acelerado para perceber que é Cat.

Nós nos encaramos. Ela para a esteira, desce para o assoalho e cruza os braços sobre o peito.

— O que você está fazendo aqui? — consigo dizer.

Ela revira os olhos.

— Tem certeza de que é você quem deveria fazer essa pergunta?

Fecho os olhos e respiro até o meu pulso desacelerar a algo semelhante ao ritmo normal. Quando volto a abri-los, a expressão de Cat está passando de confusão para preocupação.

— Me desculpe — eu falo. Atravesso a sala em três passos, viro e me abaixo para me sentar na última esteira da fila. — Estou tendo um dia estranho.

— É — diz ela. — Eu sei. Você precisa voltar para o Setor Médico? Parece um pouco tresloucado neste exato momento.

— Não — respondo talvez um pouco rápido demais. — Não. Estou bem. Só queria um pouco de espaço, acho, e você meio que me assustou. Nunca me passou pela cabeça que alguém poderia estar mesmo aqui embaixo malhando.

Ela sorri, deixa os braços caírem e vem se sentar ao meu lado.

— É justo.

Eu me viro para fitá-la. Seu cabelo está penteado para trás em um rabo de cavalo alto e ela está vestindo o macacão cinza justo que se usa por baixo da armadura. De algum modo, ela consegue ficar bem nele. Ela não está suando, então imagino que não faz muito tempo que está aqui.

— É sério — eu falo. — O que está fazendo aqui embaixo? Você sabe que estamos no meio de uma escassez de alimento, não sabe?

— É — responde ela. — Eu sei.

— Então?

Ela suspira.

— Gillian Branch era minha colega de quarto.

— Ah — comento. — Quem é essa?

Ela me dirige um olhar penetrante e zangado.

— Todos nós somos só capangas anônimos para você, né?

Eu me inclino para trás, as duas mãos erguidas em um gesto de rendição.

— Não! Definitivamente não tem nada a ver com vocês. Tem a ver comigo. Não socializo muito com ninguém, Cat. Muita gente por aqui acha que sou algum tipo de abominação, sabe? E muitos dos que querem conversar comigo só estão querendo realizar alguma fantasia estranha. É só mais fácil a maior parte do tempo se eu fico na minha.

— Ah — diz ela. — Caçadores de fantasmas, hein?

— É — confirmo. — Você não é…

Ela estreita os olhos.

— Como é que é?

— Me desculpe — eu falo. — É só que…

— Eu já te disse que não sou natalista, se é o que está perguntando.

— Certo — respondo. — Quero dizer, isso é bom, eu acho. O Berto me falou mais de uma vez que ser objeto de fetiche parece fantástico, mas acredite, não é.

Ela abranda a expressão e eu abaixo as mãos.

— É — ela concorda. — Eu entendo. Você pode não ter notado, mas Maggie Ling e eu somos as duas únicas mulheres em Niflheim com pregas epicânticas. Passo por um pouco disso também. — Ela sorri. — Quer saber? Não vou te objetificar se você não me objetificar.

Eu lhe ofereço a minha mão.

— Combinado.

Apertamos as mãos. Seu sorriso se alarga brevemente, depois desvanece quando ela solta a minha mão.

— Bem — ela diz —, Gillian participou da incursão de ontem.

— Ah — comento. — Certo. *Aquela* Gillian.

Ela confirma com a cabeça e desvia o olhar.

— Ah — eu falo. — Ah, me desculpe. Depois você não parecia… quero dizer…

— Não quero fazer tempestade em copo d'água — continua Cat. — Ela não era exatamente a minha melhor amiga. Dividir um espaço tão pequeno com outra pessoa não é das coisas mais fáceis. Para ser sincera, a maior parte do tempo quase nem éramos amigas.

— Mas ainda assim…

— É — concorda ela. — Mas ainda assim. Voltei para o meu tabique depois que terminou o meu turno e não…

— Conseguiu ficar lá?

Ela esfrega o rosto com as duas mãos.

— Isso. Não consegui. — Ela solta uma risada sufocada, então mergulha o rosto nas mãos quando o riso se transforma em um soluço choramingado. — Seria de se pensar que eu ficaria empolgada de ter o lugar só para mim, né?

Estendo a mão para tocar seu ombro. Ela ergue a cabeça para olhar para mim, depois vai se aproximando até estar no meio da minha esteira e os nossos quadris se tocarem. Passo o braço ao redor dela, que encosta a cabeça no meu peito.

— Me desculpe — ela diz. — Você não veio aqui para ser meu psicólogo. — Ela se endireita e se vira para me olhar. — Por que veio até aqui? Você tem um tabique individual, não tem? Se queria privacidade, por que não foi para lá?

— Boa pergunta — comento.

Ela me encara. Eu a encaro de volta. Depois do que parece uma eternidade, porém na verdade provavelmente está mais para dez segundos, ela indaga:

— Você vai responder?

Eu suspiro.

— Nasha está lá.

— Ah — ela fala. — Vocês estão…

— Ela está com outra pessoa.

Isso a faz parar por um momento.

— No seu tabique — ela diz enfim.

Eu encolho os ombros. Ela chacoalha a cabeça.

— Quer saber? Eu não quero saber.

— É — eu comento. — É uma boa escolha.

Ficamos em silêncio por um tempo. Estou começando a pensar que vou ter que perambular pelos corredores a noite inteira como o maldito fantasma de Niflheim quando ela diz:

— Pode ser que eu me arrependa, mas… tenho um quarto para dois, sabe.

Eu me viro, uma sobrancelha erguida, para olhar para ela.

— Você está me objetificando neste exato momento?

Ela ri.

— Não, não estou. A única coisa que estou fazendo neste exato momento é oferecer uma cama para uma pessoa desabrigada. Mas tenho que dizer… estou meio surpresa que você e Nasha tenham um relacionamento aberto. Ela com certeza não parecia pensar assim ontem.

Encolho os ombros.

— É complicado.

— Tudo bem — ela comenta. — É o tipo de complicado em que eu acabo estripada amanhã?

— Não — respondo. — Quero dizer, provavelmente não. Na pior das hipóteses, talvez eu seja empurrado para dentro do buraco de cadáver em algum momento.

Ela põe um dedo no queixo e finge estar em profunda reflexão.

— Sabe — ela fala por fim —, acho que é um risco que estou disposta a correr.

016

— Ei — diz Cat. — Acorde.

Eu abro os olhos. Demoro um desorientado minuto para perceber onde estou. Nós juntamos a cama da Cat com a da sua antiga colega de quarto ontem à noite, mas acabamos dormindo do lado dela, Cat por hábito, acho, e eu por uma vaga sensação de que existe algo de desrespeitoso em dormir na cama de uma pessoa recém-falecida. Cat está apoiada em um cotovelo, com o braço pressionando meu ombro e o rosto quase tocando o meu.

Para que fique claro: não houve nada remotamente sexual entre nós ontem à noite.

Pode parecer estranho ouvir isso quando acabei de dizer que nós basicamente dormimos um em cima do outro, mas, quando chegou a hora, não consegui separar o que estava sentindo em relação a Cat do que estava sentindo em relação a Nasha e Oito, e a Cat… acho que ela só precisava de um corpo quente para manter os monstros afastados.

Eu não me importei com isso. Sei como ela se sente.

— Já são quase nove — ela fala. — Você precisa estar em algum lugar?

Na verdade, essa é uma boa pergunta. Pisco para ver a escala de trabalho do dia. Parece que eu deveria estar no Setor de Hidropônicas hoje, tentando persuadir um punhado de trepadeiras meio mortas a produzir um ou dois tomates. Na realidade, era para eu estar lá cerca de uma hora atrás. Mas não recebi nenhuma notificação de ausência, então Oito deve estar lá embaixo agora, arrancando brotos e verificando os níveis de pH.

Ao que parece, eu assumo o trabalho no dia de ser devorado-por-rastejadores, e ele, quando é hora de tomar conta de plantas. Isso é algo que vamos ter que discutir.

Nesse meio-tempo, porém, parece que tenho um dia para mim praticamente pela primeira vez desde que aterrissamos. A única coisa que tenho que fazer é não chegar perto de Oito ou topar com alguém que possa tê-lo visto hoje.

Isso seria mais fácil de fazer se não vivêssemos em uma bacia de salada

invertida com menos de mil metros de largura.

— Estou de folga hoje — respondo. — E você?

Ela dá de ombros.

— Quase morri em serviço duas vezes nos últimos dois dias. Na Segurança, acho que isso te dá meio turno. Não tenho que me apresentar até o meio-dia.

Saio de baixo do braço dela e me sento, tomando o cuidado de não mexer meu pulso esquerdo ainda inchado mais do que o necessário. Ela rola para longe e se levanta. Nós dois ainda estamos vestindo as nossas roupas de baixo, camisetas e shorts cinza cobertos de áreas desbotadas por conta do excesso de suor e lavagens. Elas são tão feias que, de um modo estranho, vê-la desse jeito quase parece mais íntimo do que estar nu.

— E então? — pergunta Cat. — Quais são seus planos para hoje?

Esfrego meu rosto com as duas mãos e afasto o cabelo da minha testa. Ela abre o armário e desenterra uma blusa limpa.

— Não sei ao certo — respondo. — Faz algum tempo desde a última vez que tive uma folga.

A verdade é que o meu plano é andar sorrateiramente pela cúpula na esperança de que ninguém me veja e perceba que também estou lá embaixo no Setor Agrícola usando um conta-gotas para alimentar tomatinhos, mas não posso dizer isso. Cat veste as calças e depois se senta de novo na cama para pôr as botas.

— Bem — diz Cat —, meu plano neste momento é comer alguma coisa. Você está interessado?

Dou um sorriso.

— Claro. É por sua conta?

Ela me fita por cima do ombro, estreitando os olhos.

— Não, não é por minha conta — responde ela — e, só para você saber, se tentar tocar na minha comida outra vez, vai ter duas mãos machucadas em vez de uma.

É, isso é justo. Visto as minhas roupas e nós saímos.

* * *

Os corredores estão praticamente vazios a essa hora do dia e as poucas pessoas por quem passamos não prestam muita atenção. Cat recebe alguns ois, mas mesmo essas pessoas em sua maioria fingem não me ver. Sobretudo desde a aterrissagem, meu trabalho tem me deixado bem isolado. Por algum motivo, mesmo muitas das pessoas que não acham que eu sou um monstro sem alma parecem não querer se relacionar com alguém que está sob o que acaba por ser

uma pena de morte perpétua.

De momento, isso parece estar agindo a meu favor.

Mas ninguém quer se relacionar com alguém com o cheiro de um gigantesco pé suado, então paramos no chuveiro químico no caminho. Cat me dirige um olhar indecifrável quando chegamos lá. Será que está perguntando se quero entrar com ela? Sorrio, me inclino em uma ligeira mesura e faço um gesto para ela entrar. Ela encolhe os ombros, entra no cubículo e fecha a porta. Quando sai alguns minutos mais tarde, aproveito a minha vez. Tiro a roupa e me esfrego e me seco, e então volto a vestir as minhas roupas sujas porque, mesmo que quisesse voltar para o meu tabique, Oito está usando a minha única roupa limpa.

Isso me faz lembrar que, embora eu sinta falta de muitas coisas de Midgard em variados graus, água quente de verdade está bem perto do topo da lista. O irritante é que claramente existe bastante água em montículos de neve do lado de fora da cúpula. Os sistemas *dentro* da cúpula, no entanto, vêm direto da *Drakkar*, então ainda guardamos água como se estivéssemos presos em um deserto interestelar. Isso não vai mudar até começarmos a fazer construções locais e isso não vai acontecer a menos e até que aconteça uma lista inteira de outras coisas, começando com a fabricação de metal e terminando com a solução dos nossos problemas com os rastejadores.

Nesse meio tempo, o chuveiro químico é adequado para a higienização e definitivamente mantém o nosso odor corporal sob controle, mas não chega nem perto de ser luxuriante.

Não quando você está lá sozinho, pelo menos.

Esse pensamento me leva a Nasha e a Oito.

Melhor não pensar nisso agora.

* * *

O REFEITÓRIO PRINCIPAL está quase vazio quando chegamos lá, apenas um casal em uma mesa do lado oposto ao balcão, as cabeças bem próximas, conversando aos sussurros, e um capanga da Segurança solitário perto da entrada comendo uma pilha de grilos fritos. Ele acena com a cabeça para Cat quando passamos por ele e ela o cumprimenta em resposta agitando os dedos. Eu me aproximo do balcão e mostro meu ocular para o scanner. Ele apita e o meu saldo diário de ração aparece no canto superior esquerdo do meu campo de visão.

Ele diz que já foram gastas seiscentas calorias da ração de hoje. Parece que Oito tomou um café da manhã reforçado.

Eu queria ficar bravo, mas não posso culpá-lo. Os primeiros dois dias depois de sair do tanque são mesmo uma droga.

Estou ali parado, os braços cruzados sobre a minha barriga que está roncando, tentando decidir se esbanjo comprando um pequeno monte de batata-doce cortada para acompanhar a minha caneca de pasta do reciclador e faço dessa a minha única refeição do dia quando Cat se posiciona ao meu lado, perto o bastante para roçar o meu ombro.

— Você vai pedir alguma coisa?

Fecho a cara e aperto o ícone do dispensador de pasta.

Cat sorri, mostra o ocular e pede um mix de batata-doce e tomate. Posso sentir a minha boca começar a encher de água, mas é como se aquele monte de batata-doce em que eu estava de olho fosse um filé de carne, considerando o que sobrou do meu saldo. Faço uma careta, tomo um gole de pasta da minha caneca e depois arremato antes de virar a cabeça. Trezentas calorias. Isso significa que posso tomar pelo menos mais meia caneca antes de dormir hoje à noite.

— Não sei como você suporta essa coisa — comenta Cat enquanto sua comida sai de uma abertura na outra extremidade do balcão.

Eu olho para ela, abro a boca para dizer algo grosseiro, então penso melhor e chacoalho a cabeça.

— Se os nossos amigos do Setor de Agricultura não derem um jeito nas coisas deles logo — respondo —, acho que você provavelmente vai descobrir.

Ela dá um sorriso afetado. Pego a minha caneca de gosma e a levo para uma mesa no centro da sala. Cat vem atrás.

— Sabe — digo quando ela se senta —, você está meio que esfregando essa sua comida chique de gente rica na minha cara neste exato momento.

Ela ri, mas de um modo hesitante que deixa claro que não tem muita certeza se estou brincando.

Eu de fato não estou.

Mas nenhum dos meus problemas é culpa dela. Sorrio e ela relaxa nitidamente.

— Então — eu falo —, o que está acontecendo na Segurança hoje? Algo novo desde o fiasco com as patrulhas do perímetro?

Ela dá uma bocada nas batatas, mastiga e engole. Eu faço careta e bebo a pasta da minha caneca.

— Bom — ela responde de boca cheia. — Amundsen está bem preocupado com o lance dos rastejadores. Colocou a gente em turnos de doze horas, o que é um enorme pé no saco, e todos que estão em serviço têm que carregar um acelerador linear o tempo inteiro, o que também não é fantástico porque eles são incômodos e pesados e te deixam com os ombros doloridos ao final do trabalho. Pelo lado positivo, depois do que aconteceu nos últimos dois dias, estamos confinados à cúpula, então chega de perambular lá fora sofrendo queimaduras de

frio. — Ela faz uma pausa para engolir. — Nem sei ao certo o que ele acha que devemos fazer com um acelerador do lado de dentro. Você faz ideia do tipo de estrago que um projétil de dez gramas poderia fazer ricocheteando por aqui?

Ela olha para mim com ansiedade. Levo cinco segundos inteiros para me dar conta de que não era uma pergunta retórica.

— Ahn — respondo. — Não?

— Muito — ela diz. — É desse tipo.

Consumi quase toda a minha pasta a essa altura. Minha barriga continua parecendo vazia.

— De qualquer forma — ela continua —, esse é o meu lance. E você? Teve mais alguma ideia de como vai passar o dia de folga?

— Ah — eu falo —, você sabe. Passando o tempo. Tomando pasta do reciclador. Esperando para ficar sabendo como o Marshall vai me matar da próxima vez. Só mais um dia no paraíso, imagino.

Ela ri. A risada de Cat não é delicada. É o tipo de risada que você poderia esperar de alguém que acabou de ver você escorregar no gelo.

— Então me conte — ela diz enquanto raspa o resto do brunch —, o que fez você decidir entrar para esse negócio de prescindível?

Penso em inventar alguma asneira sobre serviço e dever, mas, por algum motivo, sinto que não deveria contar mentiras egoístas para Cat. No final das contas, encolho os ombros e lhe conto a verdade.

— Eu queria sair de Midgard. Esse era o único jeito de fazer isso acontecer.

— Ah — ela fala. — Entendi.

Aceno com a cabeça, viro a caneca e deixo os últimos resíduos granulosos escorrerem para dentro da minha boca.

— Espere — digo. — Entendeu o quê? O que você entendeu?

— O motivo de você ter se inscrito — responde Cat. — Você era criminoso, não era? Matou alguém ou algo do tipo?

Isso de novo.

— Não — eu falo. — Não matei ninguém.

— Hum, então o quê? Extorsão? Roubo à mão armada? Crimes sexuais?

— Não, não e não. Não sou criminoso. Se fosse, você acha mesmo que iam me trazer na primeira missão colonizadora de Midgard?

— Como nosso prescindível? É, talvez. Durante o treinamento ouvi dizer que estavam falando de recrutar alguém.

— É — digo. — Também ouvi isso. Meio que levanta dúvidas sobre o seu discernimento, não? Você acabou de deixar um criminoso sexual chantagista e assassino passar a noite no seu quarto.

Ela sorri.

— Eu nunca disse que era a pessoa mais inteligente.

Passo o dedo dentro da minha caneca para raspar pedaços de gosma grudados no fundo.

— Uau — comenta Cat. — Você gosta mesmo dessa coisa, hein?

Faço uma careta.

— Ah, gosto. É o que tem de melhor.

Ela raspa a bandeja para pegar os últimos pedaços de batata-doce queimada e fala:

— Nunca pensei de verdade que você fosse um assassino. Não acreditava que mandariam alguém assim em uma missão colonizadora, até porque não iam querer estragar o reservatório gênico. A maioria das pessoas com quem conversei, no entanto, achou que era mentira quando ficamos sabendo que tínhamos conseguido um voluntário. É meio difícil imaginar alguém simplesmente concordando em… você sabe… fazer o que você faz. Gillian tinha certeza de que você era um prisioneiro ou coisa assim e que estavam nos contando uma história sobre você ser voluntário para nós não te excluirmos ou seja lá o que for.

— Hum — comento. — Isso deu muito certo.

Ela revira os olhos.

— Ah, qual é. Você tem amigos. Já vi você por aí com o Gomez, e a Nasha parece gostar bastante de você. Mas você ainda não respondeu a minha pergunta. Em que estava pensando quando se inscreveu para ser o idiota oficial dos testes de impacto para uma colônia de cabeça de ponte?

Eu poderia abordar o que me levou de fato ao escritório da Gwen agora.

Poderia, mas não vou. Talvez algumas mentiras egoístas não sejam tão ruins.

— Vai saber — respondo. — Talvez eu seja um idealista. Talvez estivesse apenas procurando um jeito de fazer a minha parte pela Associação.

Ela ri de novo, ri ainda mais desta vez.

— Uau — comenta ela. — E como estão correndo as coisas para você? — Então ela fica séria, olha para a bandeja vazia e depois volta a olhar para mim. — Na verdade — continua —, estão correndo muito bem para você, né? Melhor do que para a Gillian ou para o Rob ou para o Dugan, pelo menos.

Não sei ao certo aonde ela está querendo chegar com isso, mas, por algum motivo, sinto um calafrio na nuca.

— O que estou querendo dizer — explica ela — é que existem vantagens concretas em ser impossível de morrer em um lugar como este, não existem?

— Não sou impossível de morrer — respondo. — Me matam o tempo inteiro. Esse é o objetivo principal de ser um prescindível, não é?

— E, no entanto — retoma ela —, aqui está você. Onde está a Gillian hoje?

Não tenho uma resposta para isso. Ficamos em silêncio enquanto Cat faz uma careta e toma um gole de pasta do reciclador que pegou para complementar a refeição. O Setor Médico diz que todos nós devemos tomar algumas centenas de mililitros de pasta por dia devido às vitaminas. Ao que parece, batata-doce e grilos na realidade não são uma dieta completamente balanceada. Quando termina, Cat se recosta na cadeira e volta a sorrir.

— De qualquer forma — começa ela —, não tem nada a ver, mas eu queria dizer… eu acho… obrigada, Mickey. Sei que ontem à noite foi um pouco estranho, mas…

— Não foi estranho — digo. — Eu entendo.

Ela desvia o olhar.

— É. Eu só… precisava daquilo, sabe?

Não sei bem o que dizer em resposta a isso, então estendo o braço sobre a mesa e toco a mão dela. Ela põe a outra mão sobre a minha apenas por um segundo antes de se afastar.

— Ei — ela fala —, como está o seu ciclo de trabalho hoje à noite?

Eu hesito, mas não consigo pensar em um bom motivo para mentir sobre isso.

— Acho que estou de folga hoje à noite.

Ela se inclina para a frente outra vez, se afasta da mesa e pega a bandeja.

— Sério? Você está de folga agora, certo? Como é que isso funciona?

— Sabe, eles dão um desconto quando acabo de sair do tanque — explico.

— Uau — comenta ela. — Sem brincadeira. As vantagens não param, hein?

Não consigo distinguir se ela está sorrindo ou não enquanto caminha até a lata de lixo e deposita a bandeja.

— Bem — continua ela —, me mande um sinal mais ou menos às 22:00 se estiver livre. Talvez possamos fazer algo divertido juntos.

Depois que Cat vai embora, pego meu tablet e faço uma busca sobre a história dos prescindíveis em expedições colonizadoras. Sempre presumi que eles fossem parte padrão do processo, mas, na realidade, a tecnologia só se tornou viável nos últimos duzentos e poucos anos, e mesmo nesse intervalo muitas missões não fizeram uso deles. Parece loucura do ponto de vista prático. Quando se está a seis anos-luz do ponto mais próximo de reabastecimento, com um grupo diminuto de adultos e um punhado de embriões que vão levar anos para crescer antes de se tornarem úteis, a capacidade de fazer novos colonizadores mais ou menos sob demanda deveria ser imperiosa.

Mas acontece que existem muitas objeções. As religiosas são óbvias, mesmo que não tenham muita relação comigo. Aparentemente, também existem algumas questões éticas quanto a tirar alguém das ruas ou de uma prisão e forçá-

lo a morrer para você repetidas vezes. Conseguir um voluntário muda algumas dessas considerações, claro, mas quais são as chances de isso acontecer?

É possível que eu devesse ter feito parte dessas leituras antes de dar o meu DNA para a Gwen. Não tenho certeza de que teria me dissuadido (aquela máquina de tortura foi um motivador poderoso), mas eu poderia pelo menos ter pedido um bônus maior pela inscrição.

É quase meio-dia quando termino a minha leitura e o refeitório está começando a encher. Meu estômago já está vazio e roncando e ver os meus colegas colonizadores enchendo as bandejas não está ajudando. Pisco para ver o meu cartão de ração. Eu tenho quatrocentas e cinquenta calorias de sobra para passar o dia.

Correção. *Nós temos* quatrocentas e cinquenta calorias de sobra para passar o dia. Se eu for manter meu acordo com Oito, ele tem direito a trezentas.

Esse é um grande se.

Qual é a pior coisa que poderia acontecer se consumisse a nossa ração? Oito não pode levar uma reclamação ao Comando.

Claro, eu também não posso. Se tivesse relatado essa bagunça dois dias atrás, provavelmente teria sido eu a ser desativado. A essa altura, contudo, estou seguro de que, se Marshall ficar sabendo de nós, os dois vão virar pasta.

Além do mais, Oito falou alguma coisa sobre me matar durante o sono. É melhor eu cumprir o acordo.

Isso ainda me deixa com cento e cinquenta para gastar, mas não consigo me imaginar bebendo outro copo de pasta neste momento, então decido voltar para o meu tabique e talvez tirar uma soneca para poupar energia.

Na escada central, tenho que passar por um homem e uma mulher com trajes da Biologia que estão discutindo sobre alguma coisa em voz alta e mãos agitadas. Estou dois passos à frente deles quando o homem diz:

— Ei, Barnes?

Eu me viro, torturando a minha mente para lembrar o nome dele. Ryan? Brian?

— Ei — respondo. — E aí?

— Não é o seu turno? — ele fala. — Aonde você vai?

Opa.

— Preciso pegar uma coisa no meu tabique — digo. — Volto em cinco minutos.

Ele faz cara feia.

— Volte em três. Temos um novo fago para testar nos tomates hoje à tarde. Pode ser perigoso. Vão precisar da sua ajuda na aplicação.

— Claro — respondo. — Deixe comigo.

Eles voltam a discutir. Eu hesito, então viro e continuo, subindo a escada de dois em dois degraus agora.

Depois disso, aquela coisa toda de soneca acaba se tornando um fiasco. Meu coração está batendo acelerado no peito quando chego ao meu tabique e demoro quase uma hora para me acalmar o suficiente para adormecer. Quando finalmente durmo, acabo tendo aquele sonho da lagarta de novo, mas desta vez é só um sonho normal e, em vez de conversar comigo, ela cria mandíbulas e cirros gigantescos e começa a me perseguir pela floresta. Logo a floresta desvanece e estou de volta aos túneis, correndo às cegas, tropeçando em pedras soltas enquanto o deslizar de mil pés diminutos se aproxima cada vez mais atrás de mim.

Acordo ao ouvir o som da tranca da porta girando. Oito, de volta do seu dia brincando de fazendeiro.

— Ei — digo depois de me livrar do pesadelo e de o meu coração ter voltado a um ritmo quase normal. — Como vão os tomates?

Ele chacoalha a cabeça.

— Sinceramente? Não muito bem. A maioria das videiras está morrendo e as que não estão produzem tomates que parecem mais com uvas-passas vermelhas e pesadas. Martin acha que tem alguma coisa no ar… um micro-organismo talvez, ou algum tipo de gás… que está interferindo de alguma forma na fotossíntese. Mas ele não tem nenhum suspeito real, então, neste exato momento, é tudo especulação. A única coisa que sabemos de verdade é que os nossos tomates estão doentes. — Ele tira a camiseta e a usa para limpar um ligeiro brilho de suor da testa. — Mas a verdade é que precisei de todas as minhas forças para não enfiar aquelas malditas coisas na minha boca mesmo assim.

— É — eu falo. — Entendo. Obrigado por se conter. Se tivermos outro corte disciplinar na ração, vamos definitivamente morrer de fome.

Ele dá risada, mas sem achar graça.

— Certeza que isso vai acontecer de qualquer jeito, amigo. Usei dois terços da minha ração hoje no café da manhã e estou com tanta fome agora que poderia comer o meu próprio braço. — Ele se deixa cair na cama. — Chega pra lá, né?

Ele tira as botas e então se deita com um suspiro.

— A propósito — ele diz. — Você tem andado com a Cat Chen?

Opa.

— Tenho — eu respondo. — Mais ou menos. Por quê?

— Não sei ao certo. Topei com ela quando estava voltando para cá, perto da câmara de descompressão principal. Não estamos traindo a Nasha, estamos? Porque, se estivermos, eu tenho que te dizer, acho que é muito, muito má ideia.

— Não estamos — eu falo, e tecnicamente é verdade. — Acredite em mim:

estou tão interessado quanto você em manter nossos corpos inteiros.

— Ótimo — ele comenta. — Fico feliz em ouvir isso. Mesmo deixando a Nasha de lado, a Chen pareceu um pouco estranha, para ser sincero. Ela disse algo sobre a minha mão estar excelente e pareceu muito confusa quando eu respondi que não fazia ideia do que ela estava falando.

Ele olha para a minha mão esquerda pousada sobre a minha barriga. Está firmemente enfaixada, mas ainda dá para ver o hematoma aparecendo na base do meu polegar.

A faixa dele está pendurada na parte de trás da nossa cadeira.

— Ah — ele fala. — Ah, certo. Isso. Me desculpe.

017

ME DESCULPE.

Mais uma vez, obrigado por essa, idiota.

Se você não é membro da Igreja Natalista nem estuda a história da Associação, provavelmente está se perguntando: por que estou tão preocupado com isso? Qual é o problema com os múltiplos? Quero dizer, à primeira vista, a ideia de fazer um monte de cópias do seu prescindível de uma vez parece um conceito útil, não parece? Por exemplo, o que acontece se você tiver uma missão suicida que é um trabalho para dois? Você não ia querer arriscar uma *pessoa* de verdade em uma coisa dessas, ia?

Para entender a reação visceral que a maioria dos cidadãos têm quanto à ideia de múltiplos, você precisa entender Alan Manikova e precisa estar pelo menos um pouco familiarizado com o que ele fez com Gault.

Faz apenas duzentos anos que temos prescindíveis, mas a bioimpressora na verdade foi inventada muito antes disso, mesmo antes do lançamento da *Ching Shih*. Mas, até Manikova aparecer, ela não passava de uma curiosidade. Os sistemas que eles tinham naquela época podiam escanear um corpo, armazenar o padrão e recriá-lo até o nível celular sob pedido, igualzinho à bioimpressora da qual eu saio toda vez que o Marshall me faz morrer. Com o tempo, descobriram até uma forma de reproduzir as conexões sinápticas, coisa que os sistemas modernos não se dão ao trabalho de fazer. A teoria daquele tempo dizia que isso deveria ser suficiente para reproduzir com exatidão o comportamento, quando não a consciência, mas repetidos experimentos, primeiro com animais, depois até com humanos, demonstraram com bastante clareza que sua teoria estava fundamentalmente equivocada. As coisas que saíam da bioimpressora estavam vazias, corpos de tábula rasa com menos consciência ou competência física do que um bebê recém-nascido. Eram bons para criar forragem para experimentos médicos, se fosse possível desconsiderar as evidentes questões éticas, mas não eram de maneira alguma um caminho para a imortalidade.

Para ser justo, as velhas bioimpressoras não eram totalmente inúteis. As

pessoas às vezes as usavam para trazer de volta bebês que tinham morrido no parto ou pouco depois, mas mesmo nesses casos não costumava funcionar. Na maioria das vezes, os bebês saíam do tanque respirando e com os corações batendo, mas não conseguiam mamar, não conseguiam engolir, não conseguiam chorar. Por vezes, com muito tratamento intensivo, eles sobreviviam. Mas o mais frequente era os pais acabarem enterrando outro bebê alguns dias ou semanas depois do primeiro.

Então veio Manikova.

Alan Manikova começou sua vida como o único herdeiro de uma dinastia política incrivelmente rica de Éden. Se ele desejasse – e, com toda a sinceridade, você não teria desejado? –, poderia ter terminado a vida assim também. A maioria das pessoas na posição dele teria passado os anos de escola festejando, talvez assumido um cargo de nível médio no governo a certa altura ou talvez não e, de um jeito ou de outro, vivido a vida de forma rica, gorda e feliz.

Alan Manikova, porém, não era como a maioria das pessoas. Ele foi o gênio que definiu uma era, uma mente tão ativa e inquieta que obteve doutorados em três áreas aparentemente sem relação antes de chegar aos vinte e cinco anos de idade.

Ele também era sociopata. Isso vai ser relevante mais tarde na história.

Bem na época em que Manikova decidiu parar de colecionar pós-graduações, seus pais morreram de repente de causas inexplicáveis com poucos dias de diferença um do outro. Seis meses mais tarde, depois que as autoridades locais haviam tentado ligar Manikova às mortes e fracassado, ele se tornou uma das dez pessoas mais ricas da Associação. No espaço de um ano, havia empregado cada centavo de sua herança em um empreendimento que chamou de Eternidade Universal, Inc.

A imprensa popular de Éden na época pensou que a Eternidade Universal fosse um elefante branco ou talvez alguma forma de se esquivar de impostos. Mas Manikova não tratou o empreendimento desse modo. Poderia ter mantido a empresa em ambiente virtual se a ideia fosse realizar alguma espécie de fraude financeira, porém definitivamente não fez isso. A Eternidade Universal construiu um centro de pesquisa gigantesco a dois quilômetros da cidade mais próxima, contratou um número enorme de engenheiros e cientistas e então…

Bem, e então nada. As pessoas entravam e saíam do campus, mas ninguém dizia uma palavra sobre o que acontecia lá. Havia especulações de que a companhia estava engajada em pesquisas sobre o envelhecimento ou talvez em armazenamento criogênico, mas nunca houve nenhuma evidência real para nenhuma das duas teorias. Depois de cerca de um ano, a imprensa se cansou e as pessoas pararam de prestar atenção ao que quer que Manikova estivesse fazendo

lá.

Cinco anos mais tarde, ele apareceu em um programa de entrevistas para anunciar que finalmente tinha descoberto o segredo para gravar e reproduzir a mente humana.

Aqui, mais uma vez, vemos a diferença entre Alan Manikova e a maioria das pessoas. Imediatamente após a demonstração inicial, em que produziu uma cópia da diretora de RH da sua companhia, fez a mulher falar algumas palavras aos dignitários reunidos, depois a anestesiou sem demora e a decompôs, transformando-a em pasta, o preço das ações da Eternidade Universal disparou e Manikova deixou de ser uma das dez pessoas mais ricas da Associação e passou a ser de longe o mais rico e, na opinião pública de Éden, deixou de ser um parricida assustador e passou a ser uma assustadora celebridade genial… talvez o maior gênio que a humanidade já tinha produzido. A maioria das pessoas, a essa altura, teria adquirido um palácio, talvez encontrado uma esposa ou duas como troféu e então passado o resto da vida desfrutando da adulação.

Mais uma vez, Manikova não fez nenhuma dessas coisas. Em vez disso, liquidou tudo o que tinha, inclusive a Eternidade Universal, Inc. As transações envolveram tanto dinheiro e tantas empresas de fachada que ele é uma das poucas pessoas da história que pode receber o crédito de ter causado uma recessão econômica planetária sozinho. Um ano mais tarde, ele saiu de órbita desacompanhado em um transporte interestelar feito sob medida repleto de equipamentos, provisões e a mesma unidade protótipo de replicação que tinha usado na demonstração. Não contou a ninguém para onde ia. Especulava-se que planejava tornar-se a primeira pessoa a atravessar o plano galático, reproduzindo-se conforme o necessário de modo que ainda estaria vivo ao final da viagem.

Teria sido melhor para todos se fosse isso mesmo, mas, na realidade, estava seguindo para uma colônia de cabeça de ponte recentemente fundada a cerca de sete anos-luz em sentido anti-horário de Éden, batizada de Gault pelos fundadores.

Mesmo antes de Manikova aparecer por lá, Gault era um lugar interessante. Diferente de quase todas as outras colônias bem-sucedidas da história da Associação, a expedição que a fundou não foi articulada pelo governo planetário de Éden. Foi financiada por um grupo privado composto, em grande parte, por pessoas incrivelmente abastadas que não estavam contentes com o fato de que Éden, assim como Midgard e a maioria dos planetas da Associação, taxava os donos dos sistemas automatizados que produziam quase tudo para garantir que as pessoas que não possuíam esses sistemas não morressem de fome nas ruas.

O princípio fundamental de Gault deveria ser Liberdade Radical e

Autossuficiência, o que, na prática, significava que nenhum dos cento e vinte colonizadores que aterrissaram lá tinha o mínimo interesse em contribuir com qualquer coisa para o bem comum. Eles imediatamente se dividiram em vinte e poucos grupos familiares, estabeleceram seus pequenos feudos e tentaram se virar por conta própria. Todos eles eram bem dotados de recursos no começo e Gault era, considerando todos os aspectos, um lugar bastante hospitaleiro, então a maioria conseguiu de fato se estabelecer. Os que estavam enfrentando problemas, contudo, não receberam ajuda dos vizinhos. Ao que parecia, a resposta da Liberdade Radical a "socorro, estou morrendo" era "bem, você deveria ter se preparado melhor".

O resultado de tudo isso foi que, quando Manikova chegou, ele encontrou uma sociedade fragmentada com cerca de dez mil pessoas, a maior parte das quais estava razoavelmente bem estabelecida e não corria risco imediato de morrer de fome, mas que não estava se saindo particularmente bem. De início, ele foi recebido meio como um salvador. Levou muitas coisas consigo, coisas que nenhum dos grupos individuais de Gault tinha conseguido produzir por conta própria. Caiu nas graças de um dos clãs menores, deu a eles comida e sementes e um pouco de tecnologia novíssima que tinha sido desenvolvida em Éden nos cerca de duzentos anos desde que tinham partido. Eles lhe deram um lugar para morar e uma base de operações.

Quando estava estabelecido com segurança, ele se pôs obstinadamente a criar mais Alan Manikovas.

Como Marshall enfatizou para mim mais de uma vez, construir um ser humano do zero consome muitos recursos. Em especial, é preciso muito cálcio e muita proteína, mas existe um punhado de outras coisas que entram na mistura também. Você pode encher o reservatório de uma bioimpressora com elementos básicos, mas é necessária uma pilha enorme de trigo e carne e laranjas para conseguir tudo o que precisa para o trabalho e o processo produz uma quantidade pavorosa de resíduos se você não estiver interessado em transformar as sobras em alimento para uma colônia que está passando fome.

A fonte ideal de matéria-prima, claro, é um corpo humano preexistente.

Manikova levou nove meses para consumir o suprimento de matéria-prima que tinha levado consigo para Gault. A essa altura, ele tinha quase cem cópias de si mesmo à solta e tinha construído duas unidades de replicação adicionais. Levou mais alguns meses até alguém perceber que pessoas estavam sumindo. Ele tinha começado o projeto sequestrando indigentes e reclusos, dos quais Gault, por sua natureza, tinha um monte, mas com o tempo esgotou essas opções e teve que começar a sequestrar pessoas que tinham família e amigos para sentir sua falta. A suspeita, como sempre, recaiu sobre o cara novo na cidade. O clã

que o estava hospedando mandou forças de segurança ao complexo dele para buscá-lo para um interrogatório cortês.

Foi nesse momento que descobriram que, embora Manikova tivesse sido generoso com as sementes e as bugigangas, não havia compartilhado a tecnologia militar avançada que havia trazido consigo.

Em um planeta mais razoável – não necessariamente um que tivesse um único governo unificado, mas talvez um onde as diferentes entidades políticas pelo menos conversassem por vezes umas com as outras –, Manikova poderia ter sido detido. Quando ficou claro o que estava tramando, ele ainda estava em desvantagem numérica de vinte para um no planeta. Gault, infelizmente, não era um planeta razoável. Manikova empurrou todos os cidadãos do clã que o acolheu para dentro do reservatório, transformou-os em cópias de si mesmo, armou-as e então lançou um ataque ao vizinho mais próximo. Levou quase um ano até que os clãs remanescentes considerassem organizar uma reação unificada contra ele. A essa altura, Manikova formava a maioria absoluta dos seres humanos do planeta. Os últimos poucos clãs acabaram se unindo no final, mas era tarde demais. A única coisa útil que conseguiram realizar foi mandar uma última e desesperada mensagem para Éden descrevendo o que havia acontecido com eles e implorando ajuda do planeta natal.

A ajuda não ia chegar logo, claro. Demorou sete anos para a mensagem chegar a Éden e, quando chegou, as autoridades de lá demoraram quase dois anos para decidir se deviam fazer algo sobre o assunto e o que fazer. As pessoas que partiram para fundar Gault não foram particularmente bem-vistas em Éden quando zarparam, e os anos que se seguiram não melhoraram a sua reputação. A opinião pública tendia fortemente a “não é problema nosso” e “é bem-feito”. No final das contas, porém, o parlamento de Éden concluiu que Manikova poderia, em algum momento, representar uma ameaça a outros planetas e então seria necessário dar um jeito nele.

Essa foi a origem da primeira e, até agora, única expedição militar interestelar da Associação.

Muito se pensou em como exatamente deveria ser o aspecto de uma invasão cruzando sete anos-luz. A ideia de tropas terrestres era absurda, óbvio. Éden era um planeta imensamente rico, mas seu orçamento seria esticado quase ao limite apenas para organizar e abastecer algo semelhante a uma nave colonizadora. Eles não precisavam se preocupar em levar equipamentos de terraformação ou fetos, claro, mas equipamentos militares também são pesados. No final, optaram por uma nave colonizadora ligeiramente armada a qual chamaram de *Justiça de Éden*. Ela saiu do sistema de Éden quatro anos após a chegada da mensagem de Gault levando duzentos tripulantes, meia dúzia de aeronaves de bombardeio e

um número enorme de bombas de fusão. A ideia era que eles entrariam em órbita ao redor de Gault, fariam contato com Manikova, determinariam quais eram suas intenções com relação ao resto da Associação em geral e a Éden em particular e então, se necessário, acabariam com o planeta.

Você já deve estar vendo as falhas aqui.

Em primeiro lugar, quando chegaram a Gault, Manikova já havia tido quase dezoito anos para consolidar seu domínio sobre o sistema, criar cada vez mais cópias de si mesmo e entrincheirar-se.

Em segundo lugar, uma chegada sorrateira simplesmente não era uma opção para a *Justiça de Éden*. O facho de luz da desaceleração da astronave é visível a um ano-luz e não existe de fato uma maneira de disfarçá-lo.

Em terceiro lugar, e provavelmente mais importante, Alan Manikova não era o tipo de pessoa inclinada a esperar que a luta viesse até ele.

O resultado de tudo isso foi que a Batalha de Gault durou algo na ordem de doze segundos. A *Justiça de Éden* ainda estava desacelerando, cega pelo próprio facho de luz para ver o que estava vindo, quando cerca de doze mísseis com ogivas nucleares a atingiram, lançados de uma base que Manikova tinha construído na segunda lua de Gault. Seu comandante nem sequer conseguiu disparar um lançamento de retaliação.

Infelizmente para Alan Manikova, mas provavelmente felizmente para o resto da Associação, Éden não foi o único planeta a receber as últimas mensagens de Gault. Elas também foram captadas pelo vizinho mais próximo de Gault, uma colônia de segunda geração muito mais recente e mais pobre chamada Farhome. O governo de lá ficou, pelo contrário, mais alarmado do que o de Éden. No entanto, eles não tinham nem a ambição nem os recursos para organizar o tipo de expedição que Éden havia tentado.

A reação deles foi muito mais simples, mais direta e muito, muito mais barata. Eles a chamaram de *A Bala*.

O detalhe crítico sobre as viagens interestelares é este: energia cinética é igual à massa de um objeto vezes a sua velocidade ao quadrado. Isso torna o processo muito caro. Também o torna muito perigoso. A *Justiça de Éden* foi traída pelo seu facho de luz de desaceleração. *A Bala* evitou esse problema ao nunca tentar desacelerar. Quando um objeto se locomove a 0.97 da velocidade da luz, como estava *A Bala* ao atingir Gault três meses após a destruição da *Justiça de Éden*, não precisa ser tão maciço para abrir um planeta como a casca de um ovo. Melhor ainda, não existe nenhuma forma prática de se defender contra um ataque relativístico porque as ondas de luz que anunciam a vinda dele chegam uma mera fração de segundo antes do próprio ataque. *A Bala* descarregou energia equivalente a duzentas mil bombas de fusão no ecossistema de Gault em

um intervalo de cerca de um picossegundo.

Você simplesmente não sobrevive a uma coisa dessas.

Como mostra o fato de que estamos tentando fazer dar certo em Niflheim, não existem muitos planetas habitáveis por aí esperando por nós. Transformar um deles em uma bola de escória derretida é considerado o único grande crime da história da Associação.

Mas ninguém culpa Farhome por isso. Eles culpam Manikova e, desde então, na maioria das partes da Associação, na mente das pessoas é melhor você ser um sequestrador de crianças ou um colecionador de cabeças humanas do que ser um múltiplo.

018

Chegam as 22:00. Eu não mando um sinal para Cat. Será que ela sabe com certeza o que está acontecendo comigo e com Oito? Talvez não, mas depois do seu encontro com ele hoje à tarde, ela definitivamente sabe que está acontecendo alguma coisa e, de algum modo, acho que não é o tipo de pessoa que deixaria passar uma abominação. Estou começando a sentir que a minha melhor chance de não ser transformado em pasta de proteína a esta altura é evitá-la pelo maior tempo possível e esperar que ela seja devorada por rastejadores nesse intervalo.

O plano não dura muito. Cat me manda um sinal às 22:02.

<CChen0197>: Então, você está livre?

— Ficar longe dela já era — diz Oito. — Você vai responder?

Eu me viro para fitá-lo. Ele está estendido na cama com as mãos cruzadas atrás da cabeça. Eu estou na cadeira giratória, os pés sobre a mesa. Estava lendo a respeito de outro desastre colonial – este de uma colônia de cabeça de ponte que sucumbiu devido a uma insurreição e a uma guerra civil antes mesmo de ter a chance de ganhar um nome de verdade –, mas a narrativa não estava me cativando. Basicamente, venho pensando fixamente na ideia de ser empurrado para dentro do buraco de cadáver.

— É — eu falo. — Acho que vou ter que responder, não vou?

<Mickey8>: Oi, Cat. Eu estava só colocando algumas coisas em dia, mas sim, estou livre.

Quanto mais me vejo identificado como Mickey8, mais estranha é a sensação. O mau pressentimento que evoca o número oito no final do meu nome neste exato momento é mais ou menos o que uma pessoa comum poderia sentir se passasse por uma lápide com o seu nome.

<CChen0197>: Ótimo. Precisamos conversar.
<Mickey8>: Te encontro no seu tabique?
<CChen0197>: …
<CChen0197>: Acho que não, Mickey. Vamos de academia outra vez, tá? Me encontre lá em dez minutos.
<Mickey8>: Ahn… claro. Te vejo lá.

— A academia? — pergunta Oito. — O que há com a academia?

Encolho os ombros.

— É sério — ele fala. — Quem malha em um período de fome?

— Foi uma coisa que aconteceu — respondo. — Topei com ela lá ontem à noite, quando eu estava com receio de voltar para cá porque achei que você estivesse com Nasha.

— Eu estava, só para constar.

Olho feio para ele. Ele cruza as pernas à altura do tornozelo e sorri.

— De qualquer forma — ele diz. — Tome cuidado. Há algo de estranho com ela.

— Não importa — eu falo. — Se ela me matar, você vai ter rações completas, certo?

O sorriso dele se alarga.

— Boa observação. Ei, o que você vai fazer a respeito dessa mão?

Olho para baixo. O inchaço praticamente desapareceu, mas ela ainda está enfaixada.

— Não sei — respondo. — Eu poderia tirar a faixa, talvez?

— Eu não tiraria. Ainda está roxa. Apenas… sei lá, mantenha a mão no bolso?

Chacoalho a cabeça.

— Acho que não. Sinceramente, dói só de pensar em fazer isso. Talvez você devesse ir no meu lugar?

— Não — ele discorda. — Nem pensar. Vocês dois têm uma história. E se ela quiser conversar sobre o que quer que tenha acontecido entre vocês ontem à noite?

Infelizmente, é um bom argumento.

— Bem — continua ele —, eu trabalhei de verdade hoje e estou cansado. Divirta-se.

Ele fecha os olhos. Abro a boca para responder, mas não tenho nada a dizer. Me levanto e saio.

Estou a meio caminho da academia quando meu ocular recebe um sinal.

<Mickey8>: Ar qui**?

Que porra é essa?

<Mickey8>: Oito?
<Mickey8>: O quê?
<Mickey8>: Co m … ren?
<Mickey8>: Que porra é essa, Sete?
<Mickey8>: Volte a dormir, Oito. Não tenho tempo para isso.
<Mickey8>: Mol**an inv?

Que se dane. Interrompo a conexão.

* * *

— Ei — diz Cat. — Por que você não me mandou um sinal?

Ela está sentada em uma das esteiras. Não parece estar vestida para correr desta vez.

— Eu ia mandar — respondo. — Você não me deu uns minutinhos.

Ela dá de ombros.

— Não importa. Tudo bem. Sente-se.

Ela dá uma batidinha na outra esteira. Eu hesito, depois decido que, se ela planeja me matar, não precisa me convencer a me sentar em uma esteira para fazer isso. Eu me sento.

— Então — eu falo. — Ahn… nós vamos malhar?

Ela me encara pelo que parece um longo instante.

— Não — ela responde enfim. — Não vamos malhar. Estamos na academia porque eu queria conversar com você em particular e este é o último lugar aonde qualquer pessoa desta colônia além de mim viria por vontade própria.

— Poderíamos ter nos encontrado no seu quarto.

Ela desvia o olhar.

— Não acho uma boa ideia. Não até resolvermos algumas coisas, pelo menos. Entendido?

— É — digo. — Entendido. Então… sobre o que vamos conversar?

Ela me olha longamente outra vez.

— Como está a sua mão, Mickey?

Eu suspiro.

— Melhorando. Obrigado por perguntar.

Ela aquiesce.

— Estava mais do que melhor hoje à tarde.

Não faz sentido arrastar essa conversa.

— Olhe — eu falo. — Me diga por que estamos aqui.

— Tudo bem — concorda ela. — Cartas na mesa. Existem dois Mickeys. Você é aquele com quem tomei café da manhã hoje. Você é quem estava na minha cama ontem à noite. Você está com a mão machucada e estava de folga hoje. O outro, que encontrei no corredor algumas horas atrás, não está com a mão machucada e passou o dia cultivando tomates. Não sei como nem o porquê, mas você é um múltiplo.

E eu sabia que ela sabia disso, mas mesmo assim me dá um aperto no estômago e de repente sinto meu coração saltando pela boca.

— Você falou com o Comando?

Ela consegue parecer ofendida.

— Sério? Você meio que salvou a minha vida anteontem e eu salvei a sua ontem. *Você dormiu na minha cama*. Depois de tudo isso, você acha mesmo que eu ia simplesmente te entregar sem conversar primeiro?

Fecho meus olhos e o aperto na minha barriga ameniza um pouco.

— Não me entenda mal — ela diz. — Eu definitivamente tenho um problema sério com o que você está fazendo. Como diabos você conseguiu que o Setor de Biologia fizesse um múltiplo seu, afinal? É uma ofensa capital para todos os envolvidos, não é?

Chacoalho a cabeça.

— Não *consegui* que eles fizessem um múltiplo meu. Sei o que diz a lei e não tenho nenhum interesse em ser transformado em pasta. Foi um engano.

Ela ergue uma sobrancelha.

— Um engano? Como se alguém tivesse tropeçado e caído sobre a bioimpressora e você saiu do outro lado?

— Claro — respondo. — Algo assim.

Ela abre a boca, hesita, então chacoalha a cabeça.

— Quer saber? Eu não quero saber. Se essa merda estourar na sua cara, não quero ser envolvida. Esse é o outro motivo pelo qual não queria você no meu quarto. Mas vou te falar uma coisa: não vai demorar muito até alguém que *quer* saber descubra que está acontecendo alguma coisa com você e, quando descobrirem, você vai querer ter uma história melhor para contar do que “foi um engano”.

— É — eu digo. — Você provavelmente está certa.

Ficamos um tempo sentados em silêncio. Eu queria perguntar por que ela tinha me trazido até aqui. Ela não parece querer me matar e não deu nenhuma indicação de chantagem ainda. Minha única outra hipótese era que ela queria

continuar de onde tínhamos parado de manhã, mas “definitivamente tenho um problema sério com o que você está fazendo” pareceu excluir essa hipótese. Estou pensando em desejar boa noite para ela e voltar para o meu tabique quando ela pergunta:

— Você acha que é imortal?

Eu não esperava por isso.

— O quê?

— Você acha que é imortal? Mataram você o que, sete vezes?

— Seis — corrijo. — Só seis até agora. Essa é meio que a raiz do problema.

— Que seja. Você é a mesma pessoa que era quando embarcou no ônibus espacial que saiu de Midgard?

Preciso pensar nessa questão.

— Bem — começo enfim. — Este não é o mesmo corpo, obviamente.

— Certo — fala Cat. — Não era isso que eu estava perguntando.

— É — digo —, eu sei. Então, é, eu me lembro de ser Mickey Barnes em Midgard. Me lembro do apartamento onde ele cresceu. Me lembro do primeiro beijo dele. Me lembro da última vez que ele viu a mãe. Me lembro da inscrição para esta expedição estúpida. Me lembro de tudo isso como se eu tivesse feito, não outra pessoa. Mas será que significa que *sou* Mickey Barnes? — Eu encolho os ombros. — Vai saber.

Cat está me encarando. Ela estreitou os olhos e eu sinto aquele calafrio de hoje de manhã descendo a minha nuca outra vez.

— Pesquisei aquela coisa do Navio de Teseu. Você descreveu muito mal.

— É — concordo —, eu sei. É uma dessas coisas que achei que me lembrava do treinamento, mas depois, quando comecei a falar, percebi que, na verdade, não me lembrava de forma alguma.

— Estou surpresa. É uma analogia forte para a sua vida. Seria de se pensar que você guardaria na memória.

Encolho os ombros.

— Sinto muito.

— É um argumento inquestionável, você não acha?

Começo a responder, então chacoalho a minha cabeça e começo de novo.

— Estou confuso, Cat. Aonde você quer chegar com isso?

— Aonde eu quero chegar é: quero saber se você é Mickey Barnes ou se é só outro cara andando por aí com a roupa dele.

— Eu já te falei — respondo. — Não sei. Sei o que a Jemma me disse lá na Estação Himmel e sei que me *sinto* como a mesma pessoa que era em Midgard, mas… não sei. Esse é o lado inverso do argumento, não é? O fato de que não faz nenhuma diferença mensurável se sou a mesma pessoa ou não significa que é

impossível eu saber com certeza. É uma pergunta irrespondível.

— No entanto — retoma ela —, você não sabe que *não* é ele, certo?

— Não — digo. — Acho que não.

Ela não responde. Ficamos em silêncio por um tempo. Estou prestes a perguntar se terminamos quando ela fala:

— Sabe, venho pensando muito nesses últimos dois dias.

— Hum — comento. — Certo. Sobre o quê?

— Morrer. Venho pensando sobre morrer. Eu só tenho trinta e quatro anos. Não deveria ter que pensar em morrer por mais cinquenta anos, mas aqui estamos nós.

Colônias de cabeça de ponte são perigosas. Eu me pergunto se deram tanta ênfase a esse ponto no treinamento dela quanto deram no meu. No entanto, não tenho chance de perguntar porque, aparentemente, ela ouviu tudo o que precisava ouvir. Ela se põe de pé e me oferece uma das mãos para me ajudar a me levantar.

— Olhe — ela diz. — Eu gosto de você, Mickey.

— Obrigado — respondo. — Também gosto de você.

— Você é um cara legal, eu acho. Se não fosse por essa coisa toda de múltiplo…

Se não fosse por isso, eu teria passado a noite anterior com Nasha em vez de ter passado com ela, mas esse provavelmente não é o momento para dizer isso. Estou ali parado tentando encontrar alguma coisa que *possa* dizer quando ela fica na ponta dos pés e me dá um beijo na bochecha. Ela se afasta, me dá um sorriso triste e abre a porta.

— Fale para o seu outro eu que mandei oi, tá?

Fico olhando com a boca ligeiramente aberta enquanto ela vai embora.

* * *

A PORTA DO MEU QUARTO está trancada quando chego lá. Mostro meu ocular, espero o clique da trava se abrindo e então a abro. Está escuro, mas, sob o foco de luz que vem do corredor, posso ver que há duas pessoas deitadas na minha cama.

Duas pessoas nuas.

Uma delas é Oito. A outra é Nasha.

Fico ali, paralisado. Não faço ideia do que deveria estar sentindo agora. Ciúmes? Raiva?

Pavor absoluto?

— Venha para cá — fala Oito. — Feche a porta.

— Mas você… — gaguejo. — Que merda, Oito? Que merda é essa?

— Me desculpe — ele responde. — Achei que você ia passar a noite com a Chen de novo. Ou, em todo caso, que estaria morto.

Nasha se soergue, apoiando-se em um cotovelo.

— Você dormiu com outra pessoa?

— Não — eu digo. — Quero dizer, sim, dormi no quarto dela, mas nós não…

— Ah — comenta ela. — Vocês só ficaram abraçados?

Abro a boca para protestar antes de perceber que ela está rindo de mim.

— Me desculpe — eu falo. — Você estava com o Oito.

— Oito? — indaga Nasha. — É assim que vocês estão chamando um ao outro? Sete e Oito?

— É — Oito confirma. — Você tem ideia melhor?

— Não — responde ela. — É meio que bonitinho, eu acho.

— Oito — digo.

— Sete — ele diz. — Feche a porta.

Eu fecho. Fica escuro o bastante agora a ponto de o meu ocular passar para o infravermelho. Oito aparece em um alaranjado opaco. Nasha aparece em vermelho vivo e brilhante. Eu me deixo cair na cadeira e mergulho a cabeça nas mãos.

— Então — fala Oito. — Como foi com a Chen?

Olho para ele.

— O quê? Quem se importa com a Chen? O que você está fazendo aqui, Oito?

— É sério? — pergunta Oito. — Achei que estivesse bastante claro.

— Não! — respondo. — O que eu quero dizer é… vá se ferrar! Você sabe exatamente o que quero dizer!

— O que Oito está fazendo — diz Nasha, sua voz um ronco baixo e felino — é roubando a sua mulher. O que vai fazer quanto a isso?

— Oito — eu falo —, nós conversamos sobre esse assunto. Por que você não me perguntou antes de envolver Nasha?

— Ah, relaxa — pede Nasha. — Não vou entregar os dois pervertidos para o Comando.

— Não somos pervertidos — contesto. — Foi um acidente.

— Contei para ela o que aconteceu — explica Oito. — Ela só está brincando com você. Mas, sério, o que aconteceu com a Chen? Ela tentou te matar?

— Chen? — indaga Nasha. — Cat Chen, da Segurança?

— É — confirmo. — Você falou ontem que a estriparia como um peixe, lembra?

— Só se ela te tocasse. Ela te tocou, Mickey?

— Não — respondo. — Quero dizer, sim, mais ou menos, mas ela não está interessada nisso, acho que não… especialmente agora. Ela pareceu sentir aversão por toda essa coisa de múltiplo.

— Não me surpreende — comenta Nasha. — Todos esses tipos da Segurança são rigorosos.

— Volte um pouco — fala Oito. — Ela sabe?

— É — respondo. — Ela sabe. A coisa toda da mão que milagrosamente se cura e piora chamou a atenção dela. Além disso, ao que parece, você disse para ela que esteve no Setor de Agricultura hoje, enquanto eu falei que estava de folga.

— Hum — comenta Oito. — Isso não é bom. Como ficaram as coisas?

Eu suspiro.

— Sinceramente, não tenho ideia. Ela não falou que ia nos entregar, então imagino que isso seja bom. Mas também não falou exatamente que não ia, então imagino que não seja tão bom.

— Você pensou em estripá-la? — pergunta Nasha. — Em deixá-la do lado de fora da câmara de descompressão principal, dizer que um rastejador a pegou? Problema resolvido, certo?

Oito dá uma risada sarcástica.

— Se alguém fosse ser estripado hoje à noite, não seria Chen.

— Verdade — concordo. — Mas não sei do que você está rindo. Se eu for parar dentro do buraco de cadáver, você vai comigo, lembra?

— Ninguém vai passar pelo buraco de cadáver — declara Nasha. — A Chen não vai entregar vocês.

— É mesmo? — indago. — Por que não?

Quero dizer, também acho que não, mas estou supondo que os motivos de Nasha para pensar isso são muito diferentes dos meus.

— Porque — ela responde — ela não vai querer lidar com o contragolpe.

— Contragolpe? — indaga Oito.

— Eu — explica Nasha. — Eu sou o contragolpe.

Esse é um bom argumento, na verdade. Eu não bateria de frente com ela.

Claro, também não bateria de frente com Cat. Os capangas da Segurança são estranhos.

— Olhe — diz Nasha —, vai ficar tudo bem. Vocês só precisam ser discretos até um dos dois ser morto fazendo alguma tarefa suicida idiota. Aí podemos registrar qualquer um de vocês que ainda estiver vivo como Mickey9 e todo mundo vai viver feliz para sempre.

— Bom — fala Oito. — Quase todo mundo.

— Certo — concorda Nasha. — Quase todo mundo.

— Não sei — eu comento. — Faz só dois dias que Oito saiu do tanque e duas pessoas já sabem sobre nós. Nesse ritmo, a colônia inteira vai saber em duas semanas. Não sei ao certo se posso morrer tão rápido assim.

Nasha dá risada.

— Quer saber, Mickey? Você pensa demais. Tire essa roupa e venha para cá. Você precisa exercitar outras partes além do cérebro por um tempo.

Eu a encaro.

— Vamos lá, Sete — diz Oito. — Já somos pervertidos, certo? E, com ou sem contragolpe, não estou tão confiante de que não vamos acabar passando pelo buraco de cadáver em breve. É melhor nos divertirmos enquanto estamos aqui.

* * *

AS DUAS HORAS seguintes são estranhas. Acho que não quero falar sobre elas.

Mas só para deixar claro: não me arrependo de nada.

* * *

NÓS TRÊS ESTAMOS acabando de nos acomodar em uma posição suave e calma, depois de toda a agitação, comigo de um lado da cama, Oito do outro e Nasha espremida no meio dos dois, quando alguém bate à porta. Nasha estava dizendo alguma coisa a Oito sobre como íamos nos divertir até um de nós ser reciclado, mas se interrompe no meio da frase com um chiado de respiração inalada.

A batida se repete.

— Devo responder? — eu sussurro. — Eu poderia tentar me livrar de quem for.

Oito passa o braço por cima de Nasha para me dar um tapinha na lateral da cabeça.

— Cale a boca — sussurra ele. — Deve ser o Berto. Se ficarmos quietos, ele vai embora.

— Mickey? Você está aí?

Ah, merda. Não é o Berto.

Nasha se mexe até sua boca chegar perto do meu ouvido.

— Você configurou a trava de segurança, certo?

A tranca abre com um estalido baixo e uma fresta de luz aparece ao redor da porta.

— Não — respondo. — Não configurei.

— Mickey?

Droga. Droga, droga, droga.

A porta se abre.

— Ei — diz Oito. — Chen, certo? Bom te ver.

Cat nos encara, mexendo a boca sem emitir nenhum som.

— Cat? — eu falo. — Feche a porta. Podemos conversar sobre isso.

Ela chacoalha a cabeça.

— Cat?

Eu me sento e estendo a mão para ela. Ela dá meio passo atrás.

— O que você está fazendo, Mickey?

— O que parece? — responde Nasha. — Entre ou saia, Chen. De um jeito ou de outro, feche a porta.

Cat dá meia-volta e sai em disparada, deixando a porta aberta após a sua passagem.

— É melhor você fechar — diz Nasha.

Eu saio da cama e fecho a porta. Desta vez, me lembro do bloqueio de privacidade.

— Isso é ruim — comento e me deixo cair na cadeira.

— Ela já sabia sobre nós — fala Oito. — Você disse isso, certo? Então não mudou nada.

Quase faz sentido. Então por que o meu coração está querendo sair do peito?

— Está tudo bem — diz Nasha. — Volte para a cama, Mickey.

Eu respiro fundo, seguro a respiração e então solto o ar outra vez. Talvez eles estejam certos…

Eles não estão certos. Sei que não estão.

Mas não há nada a fazer quanto a isso agora. Puxo o lençol de novo e volto para a cama. Nasha se vira para me beijar.

— Relaxe, Mickey. Vamos dormir um pouco.

* * *

ACORDO NO MEIO da escuridão com o estalido da trava de privacidade sendo desativada. Depois disso vem uma onda de luz e então uma voz masculina grave diz:

— Tá de brincadeira comigo.

Aperto os olhos na direção da claridade que vem do corredor. Dois capangas da Segurança entraram no meu quarto. Os dois estão portando chamejadores.

— Puta merda — fala o mais baixo. — O que há de errado com vocês?

O outro chacoalha a cabeça.

— Não importa. Levantem-se os três e por favor vistam alguma roupa. Vocês têm um encontro com o reciclador.

019

ESTOU PERDENDO O CONTROLE.

O fato de estar perdendo o controle faz eu me sentir ainda pior do que a perda de controle em si.

Nasha tem todo o direito de estar surtando neste exato momento. Ela nunca foi conduzida para a própria execução antes. Mas eu não tenho desculpa. Isso é praticamente rotina para mim. Certa vez, tive três execuções em duas semanas.

* * *

UMA NAVE COLONIZADORA não aterrissa simplesmente quando chega ao seu destino. A maior parte daquilo que nos leva de uma estrela a outra é construído apenas para o espaço. É volumoso e frágil demais para sobreviver à entrada na atmosfera ou a uma exposição a um campo gravitacional. Uma colônia desce da órbita em fragmentos e partes.

A primeira parte a descer para a superfície de Niflheim poucas horas depois de entrarmos em órbita foi um aterrissador pilotado por Nasha contendo uma câmara de isolamento biológico, uma equipe do Setor Médico, uma equipe do Setor de Biologia e eu.

Nós já sabíamos, àquela altura, que estávamos mais ou menos ferrados no que se referia ao clima e à composição atmosférica do nosso novo lar. Marshall na verdade pensou em seguir para um alvo secundário quando percebeu que não seríamos capazes de sobreviver do lado de fora sem respiradores, mas, após muita discussão e um bom tanto de gritaria, Dugan e alguns outros da Biologia o convenceram de que, depois que introduzíssemos algumas algas modificadas no ecossistema, conseguiríamos aumentar a pressão parcial do oxigênio na atmosfera para níveis viáveis de sobrevivência em um intervalo de tempo razoável, razoável nesse caso significando não necessariamente dentro do tempo de vida de nenhum dos membros adultos da expedição, mas possivelmente do tempo de vida de alguns dos embriões que trazíamos no bagageiro.

Como acho que mencionei, as probabilidades de uma expedição como a nossa chegar a um segundo alvo são não-exatamente-mas-quase nulas, então, no final, decidimos dar uma chance a Niflheim.

A primeira tarefa de uma nova colônia é determinar se existe alguma coisa na microbiota local que poderia representar perigo para a saúde humana.

Só para constar, sempre existe alguma coisa na microbiota local que não apenas poderia, mas, na verdade, definitivamente vai representar perigo para a saúde humana.

Naturalmente, a forma como isso é determinado é expondo o prescindível da expedição a toda e qualquer coisa que possa ser isolada do meio ambiente local e depois esperar para ver o que acontece.

Fazia menos de um dia que estávamos na superfície quando Nasha me deu um último beijo e pôs a mão na minha bochecha e então um técnico do Setor Médico chamado Arkady me conduziu para a câmara de isolamento. A última coisa que ele fez antes de me deixar lá foi colocar em mim um capacete de escaneamento para upload contínuo. Quando perguntei a ele para que era aquilo, ele respondeu:

— Imagino que podem querer te perguntar o que achou disso mais tarde.

— Sério? — indaguei. — Você vai me infectar com super-herpes? Tudo bem. É o meu trabalho. Preciso mesmo me lembrar do que vai acontecer aqui?

Ele encolheu os ombros, saiu da câmara e fechou a porta.

* * *

A CÂMARA DE ISOLAMENTO era um cilindro não muito largo, de modo que eu quase podia tocar ambas as laterais se estendesse os braços, e não muito alta, de modo que eu podia ficar de pé sem bater a cabeça. Havia uma cadeira de metal no centro que também servia como privada se você empurrasse para trás uma tampa sobre o assento, uma saída de ar no teto e um conjunto de gavetas fixo na parede do lado oposto à porta onde deixaram alguns lanches para mim caso eu não morresse de imediato. Eu tinha acabado de me sentar quando a saída de ar começou a produzir um chiado.

— Respire fundo algumas vezes — disse Arkady pelo intercomunicador. — Respire pela boca, se não se importar.

Na realidade, não respirei pela boca porque o que quer que estivesse saindo da abertura tinha cheiro de peido de cachorro.

Também tinha gosto de peido de cachorro.

Depois de mais ou menos um minuto disso, a abertura se fechou com um estalido audível.

— Obrigado — falou Arkady. — Fique à vontade. Pode levar um tempo.

Tive que conter o impulso de dizer a ele que odiava causar-lhe esse incômodo e que tentaria morrer o mais rápido possível.

Alguns minutos depois, o rosto de Nasha apareceu na minúscula janela da porta.

— Ei — ela falou. — Como estão indo as coisas aí dentro?

Fiz uma careta.

— Ótimas. — Fiz um gesto apontando as gavetas atrás de mim. — Me deram lanche.

Ela sorriu.

— Sorte sua. A única coisa que temos aqui fora é pasta do reciclador e água.

Dei meia-volta e vasculhei a gaveta, encontrei uma barra de proteína e abri a embalagem.

— Bem — comentei e dei uma mordida. — Nada além do melhor para o porco que vai ser sacrificado, certo?

— Cordeiro — ela corrigiu.

— O quê?

— Cordeiro, Mickey. Você sacrifica um cordeiro. Porcos são nojentos. Você não sacrifica porcos, só come.

Eu suspirei.

— De qualquer maneira, eles acabam mortos do mesmo jeito.

* * *

NASHA TENTOU. Juro por Deus, ela tentou. Ela provavelmente sabia desde o nosso primeiro beijo que algum dia teria que me ver morrer, mas, depois de oito anos, estava acontecendo de verdade, e acho que ela não sabia o que fazer. Acho que não sabia o que *sentir*. Então ficou do lado de fora daquela janela durante quatro horas e ficou conversando comigo. Falou sobre como era o planeta através das telas. Falou sobre como Arkady era um idiota. Falou sobre algum teledrama que estava vendo a respeito de uma família de idiotas podres de ricos de Midgard.

Falou sobre as coisas que podíamos fazer juntos quando aquilo terminasse, quando eu saísse do tanque de novo.

Eu também tentei porque ela estava tentando e não queria que ela se sentisse pior do que provavelmente já estava se sentindo. Depois de duas horas, porém, eu não estava me sentindo muito bem. No começo, achei que podia ser psicossomático. Quem já ouviu falar de um vírus fazendo efeito assim tão rápido, certo? Mas em pouco tempo ficou bem claro que eu estava com febre. Arkady voltou para me fazer algumas perguntas sobre como estava me sentindo.

Eu disse a ele que pareciam as primeiras etapas de uma gripe. Ele aquiesceu e saiu outra vez. A tosse começou três horas após a exposição. Tossi sangue pela primeira vez com três horas e meia. Nasha basicamente tinha parado de falar àquela altura, mas ainda estava lá, me observando pela janela, uma das mãos encostada no vidro perto do rosto dela.

À marca das quatro horas, consegui reunir fôlego suficiente para dizer a ela que fosse embora. Não queria que ela visse o que estava por vir.

Ela não foi. Quando ficou claro o que estava acontecendo, ela obrigou Arkady a colocá-la em um traje de proteção contra riscos biológicos a fim de poder entrar na câmara comigo. Eu não a queria lá de início. Mas, quando as coisas ficaram muito ruins de verdade, quando comecei a tossir com tanta força que quebrei uma costela e expeli pedaços de tecido, ela segurou a minha mão e aninhou a minha cabeça em sua barriga e ficou conversando comigo durante todo o processo. Foi horrível o que ela fez, e também foi lindo e, se eu viver mais mil anos, nunca vou deixar de ser grato por isso.

Durei cerca de uma hora depois disso. Para referências futuras: se você tiver alguma escolha sobre a forma como vai deixar esta vida, tente ficar longe de hemorragias pulmonares. Acho que posso falar sobre esse assunto com propriedade. Essa não é a maneira como você quer morrer.

* * *

Acordei nu e coberto de gosma, deitado no chão ao lado do tanque portátil que tinham trazido no aterrissador.

— Sério? — questiono quando termino de tossir o resto do fluido para fora dos meus pulmões, que não estão mais sangrando. — Não ganho nem sequer uma cama?

Burke, meu amigo do Setor Médico, me joga uma toalha.

— Você estava coberto de sujeira — ele responde. — Eu não queria lavar a roupa de cama.

Tirei tanta imundície de mim quanto foi possível, depois vesti o macacão cinza que ele me entregou.

— Coma alguma coisa — aconselhou ele. — Você tem pelo menos vinte e quatro horas antes de voltar a trabalhar.

* * *

— Então — falou Nasha. — Isso foi difícil.

Olhei para ela por cima da mesa comum. Ela não me olhava nos olhos.

— É — concordei. — Foi difícil. Obrigado por ficar comigo.

Ela olhava para o teto, depois para as mãos, para qualquer lugar, menos para mim.

— Mickey… — disse ela.

Esperei que ela continuasse, mas, quando ficou bem claro que não continuaria, eu a dispensei da responsabilidade.

— Você não precisa fazer isso de novo — declarei. — Ninguém deveria ter que ver alguém que…

— Ama — completou ela.

Mesmo contra a minha vontade, eu sorri. Fazia oito anos que estávamos juntos àquela altura, mas era a primeira vez que qualquer um dos dois usava a palavra.

— Você não deveria ter que me ver morrer mais do que uma vez.

— Não — disse ela. — Vou estar lá. Morrer… mesmo que seja temporário, você não deveria ter que passar por isso sem ninguém por perto para te fazer companhia além daquele sacana do Arkady.

Estendi o braço por cima da mesa. Nossos dedos se entrelaçaram.

— Bom — continuou ela —, alguém tem que estar lá para garantir que você não fuja.

* * *

DEMOROU QUASE UMA SEMANA até me mandarem de volta para a câmara. Passei a maior parte desse tempo com Nasha. Conversamos algumas vezes, jogamos algumas partidas de um jogo de cartas que ela tinha trazido da *Drakkar.* Mas na maior parte do tempo ficamos abraçados. Não havia muito mais o que fazer.

Depois de quatro dias, Burke entrou no minúsculo refúgio acortinado onde eu dormia, me fez erguer a manga e me deu meia dúzia de injeções com agulhas que pareciam canos de água serrados. No meio do procedimento, ele teve que trocar de braço porque o meu ombro esquerdo já estava ficando roxo. Quando perguntei o que eram aquelas injeções, ele me dirigiu um olhar que dizia claramente que não achava que tinha que dar explicações a uma cobaia. Mas, quando voltei a perguntar, ele revirou os olhos e respondeu:

— As duas primeiras eram reforços imunológicos. As outras quatro eram vacinas contra os micro-organismos que mataram a sua última iteração. Vamos dar dois dias para elas fazerem efeito e então tentar de novo.

— Ótimo — falei. — Então você acha que tenho chance desta vez?

Ele olhou para mim, encolheu os ombros e virou as costas.

— Nunca se sabe — respondeu ele, depois acrescentou ao passar pela

cortina: —, mas é provável que não.

* * *

NÃO ME LEMBRO do que aconteceu com Mickey4. Sei que ele morreu nos braços de Nasha, mais ou menos como Mickey3, porque me fizeram assistir ao vídeo de vigilância depois. Mas não me lembro disso porque a primeira coisa que ele fez quando abriram as saídas de ar da câmara de isolamento foi desconectar os cabos do capacete de escaneamento e tirá-lo.

— Ei — falou Arkady. — O que diabos você está fazendo?

Ele revirou os olhos.

— O que parece?

— Você precisa colocar isso de volta — disse Arkady. — Você está quebrando o protocolo.

Quatro chacoalhou a cabeça.

— Sinto muito, Arkady. Se as inoculações funcionarem, podemos fazer um registro completo assim que você me deixar sair daqui. Se não funcionarem…

— Se não funcionarem, vamos perder dados valiosos.

Ele revirou os olhos.

— Dados valiosos? Do que diabos você está falando? Você não fez uma única pergunta sobre o que aconteceu com Três.

— Nós sabemos o que aconteceu com a sua última iteração, Barnes. Seus pulmões sangraram até a morte. Não precisamos fazer nenhuma pergunta sobre isso. E se o que acontecer com você for mais interessante?

Quatro o encarou através daquela janelinha durante dez segundos inteiros, então caiu na gargalhada.

— Interessante? — indagou ele quando parou de rir. — Interessante? Quer saber, idiota? Se alguma coisa *interessante* acontecer comigo enquanto estou aqui, com certeza vou te contar. Tá bom para você?

— Barnes — falou Arkady. — Coloque o capacete de volta.

Quatro cruzou os braços sobre o peito e deu um sorriso malicioso.

— Aqueles trajes de proteção contra riscos biológicos são frágeis — comentei. — Seria bem fácil fazer um buraco em um deles, não seria? Pense um pouco nisso e depois entre aqui e me obrigue.

* * *

COMO SE CONSTATOU, o que aconteceu com Quatro não foi particularmente interessante. Ele durou mais tempo do que Três, mais de vinte e quatro horas

antes de começar a demonstrar qualquer sintoma. Quando o vírus que o matou entrou em ação, no entanto, foi rápido. O vírus esvaziou o seu trato gastrointestinal primeiro, com fluidos vertendo das duas extremidades em grandes torrentes cheias de sangue. Quando não havia mais nada a ser feito nessa área, ele foi atacar o fígado e os rins. Teve sepse com trinta e duas horas e ficou inconsciente com trinta e seis. Ao chegar às quarenta horas, estava morto.

* * *

ACORDEI NO CHÃO DE NOVO. Desta vez, havia onze agulhas esperando por mim.

— Uau — comentei. — Isso foi rápido.

— Na verdade não — explicou Burke. — Faz oito dias desde o último teste. Dugan falou para não te trazermos de volta até estarmos prontos com a próxima rodada de inoculações. Não faz sentido desperdiçar recursos te alimentando quando você vai voltar para a tremonha mesmo, não é?

Ele aplicou as injeções. Quatro no ombro direito, três no esquerdo e o resto na coxa direita.

— Ah — ele disse quando terminou. — Dugan também pediu para te informar que o Marshall falou que você vai usar o capacete desta vez.

— Não — contestei. — Não vou não.

— É — comentou ele. — Ele achou que você poderia dizer isso. Ele também mandou te falar que, se não usar, estamos autorizados a jogar a sua próxima iteração na câmara sem nenhuma injeção e continuar fazendo a mesma coisa quantas vezes forem necessárias até você entender o programa.

Então ele foi embora e me deixou nu, sentado na beirada do tanque, para refletir sobre o que era pior: um ciclo infinito de tormento do qual você não lembra nada ou uma única morte ruim que fica gravada na sua mente para sempre.

* * *

NO FINAL, COLOQUEI o capacete. Nasha veio se despedir de mim novamente. Nessa ocasião, quando me beijou, me abraçou e não soltou até Arkady afastá-la.

— Vai ser desta vez — ela disse quando entrei na câmara. — Você vai sair daí.

— O que você acha? — perguntei para Arkady enquanto ele conectava os cabos ao capacete. — Vai ser desta vez?

Ele encolheu os ombros.

— Coisas mais estranhas já aconteceram.

* * *

Depois de um dia na câmara, eu estava me sentindo bem.

* * *

Depois de dois dias, eu estava me sentindo bem.

* * *

Depois de três dias, eu estava mal-humorado e enrijecido de tentar dormir naquela cadeira estúpida e os lanches da minha gaveta estavam acabando. Mas, fora isso, me sentia bem.

* * *

Na manhã do oitavo dia, Arkady me mandou tirar a roupa, ficar com as pernas e os braços abertos, prender a respiração e fechar os olhos. Durante os trinta segundos que se seguiram, fui encharcado com uma série de jatos cada vez mais corrosivos e quase definitivamente tóxicos.

— Respire — falou Arkady quando aquilo terminou —, mas mantenha os olhos fechados.

Mesmo através de pálpebras bem fechadas, o brilho do sistema desinfetante com luz ultravioleta era incômodo.

Esse ciclo se repetiu três vezes.

Quando terminou, eu estava vermelho-sangue dos pés à cabeça e me sentia como se tivessem me esfolado vivo.

Mas estava vivo.

Pela primeira vez, saí da câmara de isolamento.

— Vista-se — disse Arkady — e vá ao Setor Médico. Você ainda não está fora de risco, amigo.

— Ei — Nasha falou. — Posso ir junto?

Arkady olhou para ela por um longo instante, então chacoalhou a cabeça.

— Melhor não. Se ele sair de lá, você pode mandar ver. Até lá, ele ainda é um vetor em potencial.

* * *

Meus exames estavam quase perfeitos.

Quase.

Hemograma, exame de sangue, cultura de pele, cultura de garganta, cultura das cavidades nasais, todos bons. A última coisa que fizeram foi uma ressonância magnética do corpo todo.

— Só para garantir — disse Burke.

Famosas últimas palavras.

Eu estava de volta ao refeitório, sentado de frente para Nasha enquanto ela tomava um frapê de pasta e repassava em gloriosos detalhes todas as coisas que ia fazer comigo assim que tivesse permissão para me tocar quando parou no meio de uma frase para olhar por cima do meu ombro. Eu me virei. Era Burke. Ele estava segurando um tablet.

— Vocês dois já compartilharam fluidos?

— Ainda não — respondeu Nasha. — Mas definitivamente vamos compartilhar.

— Não — disse Burke. — Não vão.

Ele virou o tablet para que nós dois pudéssemos ver. Havia uma imagem nele, uma foto de uma noz cortada ao meio, matéria cinzenta envolta por matéria branca envolta por…

— O que é isso? — perguntei, embora estivesse bastante seguro de já saber a resposta.

— É o seu cérebro — respondeu Burke.

— Não me diga — comentou Nasha. Ela se inclinou sobre a mesa e bateu com um dedo em uma curva escura no centro da imagem. — O que diabos é *isso aqui*, idiota?

— É um tumor — falei. — Eu tenho um tumor no cérebro, não tenho?

— Não — discordou Burke. — Você definitivamente não tem um tumor no cérebro. Seu corpo não tem nem uma semana de idade. Tumores cerebrais não crescem tão rápido assim.

— Tudo bem — eu disse. — Então o que é?

— Não sei — respondeu Burke —, mas você vai voltar para a câmara até descobrirmos.

* * *

ENTÃO LEMBRA QUE eu falei que você não ia querer morrer de hemorragia pulmonar? Bem, eis aqui outra coisa para acrescentar à sua lista de mortes a evitar: ter o seu cérebro devorado de dentro para fora por vermes parasitários.

Levou quase um mês para os vermes acabarem comigo, mas na última semana mais ou menos eu era basicamente uma casca vazia. As semanas dois e três, porém, não foram nada divertidas. Começou com dores de cabeça, em

seguida convulsões, depois demência progressiva. No final, as paredes estavam falando comigo, me dizendo que Nasha não me amava de verdade, que todas as minhas outras iterações estavam no inferno esperando por mim, que os parasitas iam simplesmente continuar devorando e devorando e não me deixariam morrer.

Em todo caso, isso era mentira. Eles me deixaram morrer.

Quando acabou, as larvas começaram a sair da minha boca e do meu nariz e dos meus ouvidos, prontas para passar para qualquer que fosse a próxima etapa do seu ciclo de vida. Nunca descobrimos qual poderia ser porque Arkady acabou com tudo, esterilizou e depois jogou aquela coisa toda na tremonha para fazer um novo eu.

* * *

ENTÃO, DEPOIS DE TUDO isso, ninguém imaginaria que o que quer que Marshall tenha planejado para mim agora me assustaria, né?

Ninguém imaginaria… mas, por alguma merda de motivo, assusta.

020

ELES NOS CONDUZEM por um corredor em espiral em direção ao centro em fila única, com o capanga menor à frente, o maior atrás e Nasha, Oito e eu no meio. Quando começamos a descer a escada central, sinto um aperto no estômago ao me perguntar subitamente se vamos mesmo direto para o reciclador. Ao que parece, Nasha pensa a mesma coisa porque, ao passarmos pelo segundo andar, ela fala:

— Vocês sabem que não podem tomar nenhuma medida disciplinar contra nós até conseguirem uma decisão judicial, certo?

— Ah, por favor — responde o capanga maior de lá de trás. — Depois do que acabamos de ver, vocês têm sorte de não termos queimado os três imediatamente.

— Vai se foder — diz Oito. — O que você é, um natalista?

— Sou — confirma ele —, e o Marshall também. Vocês estão ferrados.

— Ele não está errado — acrescenta o capanga da frente sem se virar.

— Esta colônia não recebeu o estatuto de teocracia — salienta Nasha. — Vocês não podem simplesmente queimar a gente na fogueira.

O capanga dá de ombros.

— Acho que isso depende do Marshall.

Quando chegamos ao térreo, eles não nos levam ao reciclador. Também não nos levam para o calabouço porque não temos um. Não temos sequer uma cela, até onde sei. Em vez disso, eles nos levam para o gabinete da Segurança. É uma escolha estranha porque existem armários lá cheios de armaduras e armas. Há também um minirrefeitório. Poderíamos começar uma insurreição armada ali e também comer um bom lanche. Parece mesmo um planejamento inadequado por parte da Segurança.

— Esperem aqui — fala o capanga maior antes de fechar o cerco. — Mantenham as mãos longe dos equipamentos e nem pensem em pedir comida.

— Ou o quê? — pergunta Nasha.

Ele a encara por um longo instante, então chacoalha a cabeça e diz:

— Apenas esperem aqui.

Depois que ele sai, Nasha vai até um dos armários e mostra seu ocular para o scanner. A luz do mostrador fica vermelha.

— Ah, bem — comenta ela. — Valia a pena tentar.

— Ótimo — diz Oito. — O que você faria se abrisse?

Ela dá de ombros.

— Conquistaria minha liberdade a tiros, eu acho.

Se conseguíssemos acesso aos armários, o que faríamos? É uma pergunta interessante, na verdade. Não estamos sequer trancados aqui. Mesmo sem conseguir pegar as armas, poderíamos correr. Poderíamos tentar atacar um dos capangas quando voltassem para nos buscar. Poderíamos fazer muitas coisas. Mas onde isso nos levaria? Esta cúpula é o único lugar do planeta que não vai nos matar em um curto espaço de tempo. Quando começo a pensar no assunto, me dou conta de que, de certo modo, Niflheim em si é apenas uma prisão muito grande e muito fria.

Há um sofá no meio da sala e uma mesa de café baixa. Oito se deixa cair em uma das extremidades, inclina a cabeça para trás e fecha os olhos. Um minuto mais tarde, ocupo a outra. Nasha se senta entre nós dois, nos puxa para perto dela e passa os braços ao redor dos nossos ombros.

— Sabem — ela fala —, se vocês tivessem me perguntado antes de sairmos de Midgard como eu achava que ia morrer, jogada no buraco de cadáver por crimes sexuais não estaria no topo da minha lista.

— Você não vai morrer hoje — assegura Oito sem abrir os olhos. — Só temos dois pilotos atmosféricos e você é um deles. Marshall vai encontrar uma maneira de fazer você sofrer por causa disso, mas ele não pode te matar.

— Não sei — diz Nasha. — Ele pode pensar assim agora, mas e depois que eu matar a Chen?

Oito encolhe os ombros.

— Acho que depende do quanto você vai se esforçar para fazer parecer um acidente.

Então ficamos calados por um tempo, nós três, os olhos fechados e as cabeças encostadas. Oito provavelmente está certo em dizer que Marshall não vai matar Nasha. Mas com certeza vai matar a nós dois e, a esta altura, estou bastante seguro de que, quando Nove sair do tanque mais tarde, não serei eu olhando através dos olhos dele, que se dane o Navio de Teseu.

Enfim. Pelo menos estou em boa companhia.

Talvez tenha se passado uma hora quando o menor dos capangas que nos trouxe para cá volta.

— Barnes — ele chama —, vamos. — Ele faz uma careta. — Vocês dois.

Adjaya… você fica aqui por enquanto.

Nasha ainda está abraçada a nós. Ela beija Oito, depois se vira para me beijar. O capanga vira de costas.

— O que diabos, Adjaya? É sério. O que diabos?

— Vá se danar — retruca ela.

Oito suspira.

— Sabe — comenta ele —, você não está ajudando.

Ele provavelmente está certo. Por outro lado, da nossa perspectiva pelo menos, é quase impossível piorar as coisas. Nós nos levantamos e saímos.

* * *

ELE NÃO NOS leva ao reciclador, mas sim a quatro portas corredor abaixo e nos põe em outra sala, mais ou menos do tamanho de uma despensa.

— O que é isto? — pergunto.

Ele encolhe os ombros.

— Uma despensa.

Ele nos empurra para dentro, então fecha a porta. A sala está escura. Meu ocular passa para infravermelho, mas eu só queria dormir um pouco a esta altura, então volto à visão normal. Me agacho em um canto e apoio a testa nos joelhos. Estou caindo no sono quando uma janela de bate-papo se abre.

<Mickey8>: Au**s**t* ent*n*e?

Passo meu ocular para infravermelho outra vez e olho para Oito. Ele está no canto oposto, agachado como eu. Já está roncando.

<Mickey8>: Ent*n*e

Argh. Ele está mandando mensagens enquanto dorme. Pisco para fechar a janela de texto, desativo meu ocular e fecho os olhos.

* * *

NÃO FAÇO IDEIA de quanto tempo se passou quando acordo devido a uma torrente de luz que entra pela porta aberta. Um novo capanga veio nos buscar. Este eu reconheço. Seu nome é Lucas. Eu costumava vê-lo no carrossel praticando alguma espécie de arte marcial em câmera superlenta. Uma vez lhe perguntei qual era a utilidade. Quero dizer, a chave para ganhar uma luta não é ser mais rápido do que o outro cara? Ele sorriu e chacoalhou a cabeça e seguiu para o

movimento seguinte.

Ele sempre me pareceu um sujeito decente, mas não parece feliz de estar lidando com a gente esta manhã.

— Ei — diz ele. — Você está em apuros aqui, Mickey.

— É — responde Oito. — Nós percebemos.

— O que aconteceu, camaradas? Como diabos acabaram se tornando um múltiplo?

— Longa história — eu falo. — Mas a resposta curta é que é tudo culpa do Berto.

Ele ri.

— Eu devia saber. O Gomez é uma peça. Nunca entendi por que vocês passam tanto tempo com ele.

— É — concorda Oito. — Andei pensando a mesma coisa ultimamente.

— Bom — diz Lucas. — É melhor se levantarem agora. O chefe quer ver vocês.

* * *

— SANTO DEUS, BARNES — fala Marshall. — Apesar de tudo, eu não quis acreditar.

Decido não perguntar o que ele quer dizer com “apesar de tudo”.

Estamos outra vez no escritório dele, sentados nas mesmas pequenas cadeiras que Berto e eu ocupamos dois dias atrás. As últimas quarenta e oito horas não parecem ter melhorado o humor do Marshall.

— Olhe — começa Oito. — Sei que isso parece ruim, senhor, mas não precisa ser o fim do mundo. Entendo que não deveria haver dois de nós agora, mas o senhor sabe que não fizemos de propósito. E, em todo caso, em alguns aspectos é uma coisa boa. A colônia mal está em fase de viabilidade do jeito como está e nós dois podemos ser duas vezes mais úteis. No final das contas, o senhor precisa de nós. Precisa deixar essa passar.

O rosto de Marshall enrubesce e ele mexe o maxilar em silêncio por dois longos segundos antes de se levantar e esmurrar a mesa com os punhos.

— Escute aqui, sua maldita abominação! Não dou a *mínima* que não tenha sido de propósito! Deixando de lado o fato de que você roubou setenta quilos de cálcio e proteínas vitais de uma colônia que está a ponto de passar fome. Deixando de lado o fato de que um de vocês deveria ter voltado para o reciclador no maldito *segundo* em que perceberam que tinham se tornado um múltiplo. Pelo amor de tudo o que é sagrado, Barnes, vocês estavam tendo *relações* um com o outro. Eu não… eu…

Ele balbucia até parar, então se deixa cair outra vez na cadeira. Respira fundo, fecha os olhos e depois solta o ar lentamente. Quando volta a abrir os olhos, sua expressão está tão neutra quanto a de um manequim.

— Vocês são um monstro — diz Marshall, a voz baixa e uniforme —, e os dois vão para o reciclador. O único motivo desta discussão, as únicas perguntas que estamos tentando responder, são se haverá uma nona iteração sua e se Adjaya deveria ir para o buraco de cadáver com vocês.

O rosto de Oito fica sério e posso sentir meus olhos se arregalarem.

— Senhor — pede Oito. — Por favor.

— Nasha não sabia — eu falo. — Quero dizer, ela não sabia até eu pegá-la em flagrante com Oito, pouco antes de a Segurança aparecer para nos levar embora. O senhor não pode condená-la. Ela não tem culpa.

— Já conversei com a Adjaya — revela Marshall. — Na verdade, ela alega que sabia. Alega que percebeu que havia algo de estranho com vocês dois dias atrás. Também me informou que o que ela estava fazendo com vocês dois não é da minha maldita conta e que eu posso enfiar o meu maldito moralismo natalista no meu cu de atravessado. — Ele faz uma pausa para outra respiração profunda e purificadora. — Se ela não fosse um dos nossos dois pilotos de combate qualificados e se não estivéssemos enfrentando atualmente a possibilidade de combate contra sencientes nativos hostis, ela já teria ido.

— Espere — fala Oito. — O quê?

— O prêmio que vocês trouxeram para casa da sua caçada duas noites atrás — explica Marshall — não era inteiramente biológico. As coisas que vocês vêm chamando de “rastejadores” parecem ser, na realidade, algum tipo de tecnologia militar híbrida. Já suspeitávamos disso, claro, com base no que conseguiram fazer com o assoalho da câmara de descompressão principal, mas o exame do espécime confirmou. Estamos agora em pé de guerra, o que significa que vou ter que pensar muito bem sobre o que fazer com Adjaya. — Ele se recosta na cadeira, aperta bem os olhos e pinça a ponte do nariz com os dedos. — Por sorte, não tenho preocupações semelhantes com vocês dois. — Ele faz um gesto para Lucas, que estava esperando na entrada. — Leve-os para a detenção, por favor. Há mais algumas pessoas com quem preciso conversar. Vamos resolver o que fazer com eles quando eu terminar.

* * *

ENTÃO, UM DADO curioso: nós temos uma prisão.

* * *

— Bem — comenta Oito. — Em todo caso, foram bons esses poucos dias.

Eu me levanto e dou dois passos do banco à cama. Não fazia ideia, até nos jogarem aqui, que esta colônia sequer tinha uma cela de detenção – ao que parece, os capangas que nos arrastaram para fora do nosso quarto também não, ou não teriam arriscado nos deixar perto da máquina de lanches deles –, mas acho que tem. Estamos em um cômodo padrão de dois por três. A única diferença entre este lugar e todos os outros cômodos padrão de dois por três debaixo da cúpula é que a porta deste é trancada por fora.

Até onde sei, somos os dois primeiros ocupantes que a sala já teve desde que partimos de Midgard.

— Acho que o plano original estava certo, né? — Eu me deixo cair na cama, me deito e fecho os olhos. — Você deveria ter me empurrado para dentro do buraco de cadáver quando teve a chance. Pelo menos eu teria entrado começando pela cabeça.

— É, imagino que você esteja certo quanto a isso. Você acha que ele vai mesmo matar os dois?

— Parece que sim.

Nós ficamos em silêncio então. É estranho… de certo modo, tudo isso vem quase como um alívio. Desde quando entrei no nosso quarto e encontrei Oito na minha cama coberto de gosma do tanque, sinto um aperto de pavor visceral no estômago. Eu sabia que não íamos conseguir manter isso em segredo para sempre e estava morrendo de medo do que ia acontecer quando descobrissem. Agora que foi descoberto e eu sei mais ou menos o que vai ocorrer e quando, na verdade me sinto um pouco mais calmo. De fato, estou quase caindo no sono quando Oito volta a falar.

— Ele comentou que talvez não vá tirar Nove do tanque. Você não acha que ele faria isso, acha? Quero dizer, a colônia precisa de um prescindível.

Abro os olhos e viro a cabeça para fitá-lo.

— O Marshall parecia estar ligando?

Ele começa a responder, hesita e depois chacoalha a cabeça.

— Não. Acho que não.

Fecho os olhos de novo.

— Eis aqui uma pergunta melhor: tem importância?

— O que diabos você quer dizer com isso?

Eu suspiro, me sento e me viro para encará-lo.

— Você não sou eu, Oito. Não ficou claro?

Ele me encara por longos cinco segundos antes de perguntar:

— Aonde você quer chegar?

— Estou dizendo que todas aquelas coisas que a Jemma pôs na nossa cabeça

lá na Estação Himmel, todas as partes sobre imortalidade pelo menos, tudo aquilo era bobagem. É isso. As últimas seis semanas são a única vida que vou ter e os últimos dois dias são a única vida que você vai ter. Somos malditas libélulas e, quando Marshall nos empurrar para dentro do buraco de cadáver, acabou para nós. Não me importo se ele vai tirar Nove do tanque ou não porque, mesmo que tirar, *Nove não será eu*. Ele vai ser só outro cara que dorme na minha cama e come as minhas rações e põe as mãos nas minhas coisas.

Oito chacoalha a cabeça.

— Não. Eu não caio nessa. Você se lembra daquele negócio de Navio de Teseu? Se lembra de Kant? Se ele achar que sou eu e todos em volta acharem que ele sou eu e não existir nenhuma maneira de provar que não é, então *ele sou eu*. Isso que você está fazendo neste exato momento? É exatamente por isso que não permitem múltiplos.

Eu reviro os olhos.

— Não permitem múltiplos porque Alan Manikova tentou dominar o universo.

— Tanto faz.

Então ele relaxa no banco, cruza os braços e fecha os olhos.

O tempo se passa. Caio no sono e acordo, caio no sono e acordo. Oito fica em posição ereta no banco, os olhos meio abertos na maior parte do tempo, as mãos cruzadas sobre o colo. Me ocorre a certa altura que estou dormindo as últimas horas da minha existência, mas não consigo me dar o trabalho de me importar.

Por fim, a trava é destrancada com um estalido e a porta se abre. Um capanga chamado Garrison entra. Ele é baixo e magro e não está portando chamejador e, por um estúpido segundo, penso em atacá-lo, dominá-lo e fugir correndo.

Mas correr para onde? Idiota.

— Ei — diz ele. — Qual de vocês é o Sete?

Olho para Oito. Ele dá de ombros. Eu resmungo, me sento e ergo uma das mãos.

— Ótimo — ele fala. — Vamos.

Fico de pé. Oito me dá um meio sorriso.

— Te vejo do outro lado, irmão.

— É — respondo. Nós dois sabemos que o outro lado no nosso caso é a caneca de pasta de alguém, mas pelo menos parece que ele me perdoou por estourar sua bolha de imortalidade. Garrison dá um passo atrás e aponta para o corredor com um gesto. Eu o sigo.

O reciclador fica no térreo, no centro da cúpula. Logo fica claro que não é

para lá que estamos indo. Quando chegamos ao escritório de Marshall, começo a me perguntar se talvez possa viver mais algumas horas afinal.

Só quando Garrison está batendo à porta é que me passa pela cabeça que talvez Marshall só queira atirar em mim ele mesmo.

— Entre — diz Marshall. A porta se abre e Garrison faz um sinal para eu entrar. Passo ao lado dele. A porta se fecha depois que eu entro.

— Sente-se — fala Marshall.

Chacoalho a cabeça.

— Acho que prefiro ficar de pé.

Ele suspira, deixa os olhos injetados se fecharem em uma longa piscada, depois os abre outra vez.

— Como quiser, Barnes.

Ele se recosta na cadeira, deixa as mãos caírem sobre o colo e olha para mim.

— Andei conversando com o Gomez. Preciso que me conte o que sabe sobre aquelas coisas lá fora.

— Coisas, senhor? Quer dizer os rastejadores?

— Isso. No relatório inicial dele sobre a sua suposta perda, Gomez informou que você foi morto por eles. No relatório alterado após nossa entrevista há três dias, ele falou que você morreu em uma queda. Uma hora atrás, ele alterou ainda mais essa explicação para declarar que você caiu, de fato, através da neve em algum tipo de caverna ou sistema de túneis, mas que ainda estava vivo e consciente quando ele o deixou lá. Ele calculou que você devia estar até cem metros abaixo da superfície. Achou que você fosse morrer lá, mas claramente você conseguiu encontrar o caminho de volta, não foi?

Eu confirmo com a cabeça.

— Foi o que causou esta confusão, senhor. Berto me deu como desaparecido e, quando voltei para a cúpula, Oito já tinha saído do tanque.

Ele me interrompe com um gesto.

— Não me importo com esse detalhe neste exato momento, Barnes. Me importo com esses túneis. Eles não deveriam estar lá. Nossas pesquisas orbitais indicaram que a área toda era completamente estável geologicamente. Sem atividade vulcânica, sem falhas, sem montanhas, sem rochas brandas. Não existe nada aqui que explicaria um sistema de cavernas extenso.

— Sim, senhor — digo. — Eu pensava a mesma coisa.

— Certo. Qual foi a sua impressão enquanto esteve lá embaixo? Parecia ser uma formação geológica natural? Havia alguma coisa no que você viu que parecia artificial?

Eu hesito. Quanto devo contar? Como Marshall reagiria se soubesse que

existem rastejadores lá embaixo grandes o bastante para romper a parede da cúpula se quisessem?

Na verdade, não preciso pensar sobre isso. Sei como ele reagiria. Ele mataria todos, se conseguisse pensar em uma forma de fazê-lo.

Marshall controla a potência de um motor de astronave.

Ele definitivamente pensaria em uma forma de fazer isso.

Eu me pergunto se alguém em Roanoke teve ideias parecidas em determinado momento.

— Os túneis não me pareciam naturais, senhor. Pareciam construídos propositalmente.

Ele franze a testa, as sobrancelhas se juntando sobre a ponte do nariz.

— Entendo. E quando, exatamente, estava pensando em contar isso para alguém?

Eu não respondo. Ele obviamente sabe a resposta. Após cinco segundos constrangedores, ele faz um gesto retirando a pergunta.

— Tudo bem. Acho que entendo a sua hesitação em se apresentar, dadas as circunstâncias. Você viu algum ser vivo lá embaixo?

E esse é o momento da verdade, não é? Penso no rastejador gigantesco me carregando por aquele túnel, me libertando no jardim. Penso nas visões que venho tendo sobre a lagarta com o sorriso do gato de Cheshire.

Penso em Dugan sendo puxado para debaixo da neve.

Penso em Roanoke.

Fecho os olhos, inspiro, expiro.

Conto tudo para ele.

021

OITO ERGUE A CABEÇA de repente quando a porta se abre. Seu queixo cai quando vê que sou eu.

— Ei — digo. — Sentiu minha falta?

Garrison volta a nos trancar. Eu me sento na cama.

Oito inclina a cabeça para um lado.

— Explique.

Dou de ombros.

— De momento, parece que o Marshall está mais preocupado com a possibilidade de esta colônia ser devorada por rastejadores do que com o fato de ter um múltiplo pervertido andando por aí.

— Hum — comenta ele. — Isso é surpreendentemente sensato.

— Só para deixar claro, ele não disse que não vai nos matar. Ainda está pensando, eu acho. Contei para ele o que aconteceu comigo depois que o Berto me abandonou. Acho que ele ficou assustado.

— O que *aconteceu* com você? Você nunca me contou.

— Digamos apenas que não fiquei surpreso quando Marshall nos falou que estamos lidando com sencientes. Além do mais, só para a sua informação, o tipo de rastejadores que vimos não é o único que existe. Existem outros aí fora grandes o suficiente para comer uma nave monomotora e ainda sobrar espaço para a sobremesa.

— E eles têm tecnologia militar.

— Aparentemente.

— E nós estamos entrando em estado de guerra.

— É o que o Marshall diz.

Ele se inclina para a frente, apoia os cotovelos nos joelhos e esfrega o rosto com as duas mãos.

— Isso não é bom, Sete. Não estamos equipados para uma guerra terrestre com uma espécie tecnológica. Somos só cento e oitenta pessoas.

— Só cento e setenta e seis. Perdemos cinco dos demais, mas temos dois de

nós.

Ele olha para mim e faz cara feia.

— Que seja. Precisávamos saber disso antes de aterrissar com a colônia.

Para que pudéssemos ter bombardeado os rastejadores da órbita, ele quer dizer. Para que pudéssemos ter cometido genocídio antes de nos colocarmos em perigo.

Tenho que me lembrar, a esta altura, que Oito sou eu menos cerca de seis semanas. Como posso ficar tão horrorizado com o que ele está dizendo? Será que os rastejadores mexeram tanto assim comigo?

— Não importa — eu falo. — Nós não sabíamos e é tarde demais para fazer qualquer coisa quanto a isso.

Ele se recosta e cruza os braços.

— Será que é mesmo?

E essa é a questão, claro. Talvez não seja. Como eu disse antes: Marshall tem a produção total de energia de um motor de espaçonave à sua disposição. Podemos não estar mais em vantagem, mas ainda temos uma quantidade insana de energia disponível.

— De qualquer forma — comento —, o que quer que aconteça, acho que nenhum de nós vai estar por perto para se preocupar com isso.

— Não sei — discorda Oito. — Ele ainda não matou a gente, né?

Volto a me deitar na cama, cruzo as mãos atrás da nuca e fecho os olhos.

— Não fique muito empolgado, Oito. Tenho bastante certeza de que este é um indulto temporário.

* * *

POR ALGUM MOTIVO, enquanto estou ali deitado na cela de detenção esperando Marshall decidir o que fazer comigo e torcendo para que, se ele decidir me reciclar, pelo menos tenha a decência de me matar primeiro, me vejo pensando em Seis.

Não me lembro de todas as minhas mortes, claro. Quatro se recusou a fazer upload antes de morrer e nem sequer me lembro de ser Dois. Mas sei exatamente o que aconteceu com eles. Vi os vídeos de segurança do final de cada um. Ainda não sei ao certo o que é pior, para ser sincero: lembrar-se da própria morte ou vê-la em um vídeo. Mas Seis… pensei que soubesse o que tinha acontecido com ele. Berto me falou que ele foi dilacerado por rastejadores.

Berto me falou que *eu* fui dilacerado por rastejadores.

Berto demonstrou de forma bem clara que não merece confiança no que se refere a mim e às minhas mortes.

Agora fico me perguntando: será que Seis terminou abandonado nos túneis também? Será que ele simplesmente nunca conseguiu encontrar a saída? Se algum dia eu tiver a chance de ver Berto de novo, vou arrancar a verdade dele.

Mesmo que isso me mate.

Ainda estou pensando nesse assunto quando o meu ocular abre uma janela de bate-papo.

<Mickey8>: Int**nde b*m?

Viro a cabeça e olho para Oito.

— Qual é — diz ele. — Outra vez essa porcaria?

<Mickey8>: C*a*o? F**co?

Eu me sento.

— O que você está fazendo, Oito?

— Eu? O que é que *você* está fazendo? Que falatório é esse?

Chacoalho a minha cabeça.

— Não sou eu. Achei que você estava escrevendo enquanto dormia.

O rosto dele passa de irritado para confuso.

— Escrevendo enquanto durmo? É possível?

— Talvez?

<Mickey8>: Ent**nde b*m?

Pisco os olhos para fechar a janela.

— Se não é você e não sou eu, então quem é?

Oito encolhe os ombros.

— É uma falha técnica, obviamente. Não deveriam existir dois pontos separados no sistema com nomes idênticos. Deve haver algum tipo de feedback acontecendo entre nós.

— Ah, por favor — contesto. — Você está inventando isso. Sabe tanto quanto eu sobre a rede e não faço ideia se o que está dizendo é no mínimo plausível.

— Quer saber — ele fala —, depois que o Marshall te empurrar para dentro do buraco de cadáver, vou ver se ele espera um tempo para eu ter certeza de que você está mesmo morrendo. Vai ser um experimento interessante.

Eu suspiro.

— Obrigado, Oito. Você é um amigão.

* * *

A ESTA ALTURA, você pode estar com a impressão de que todas as colônias que já tentaram se estabelecer fracassaram miseravelmente. Isso não é nem de longe verdade, claro. Venho insistindo nos fracassos porque é o que tem passado pela minha mente desde que entramos na órbita ao redor de Niflheim, mas houve diversos sucessos estrondosos. Pegue o planeta de Bergen, por exemplo.

O planeta de Bergen era composto por florestas de polo a polo quando chegou a primeira nave colonizadora. Tinha dois continentes, um enorme e um menor, os dois cruzando o equador em lados opostos do planeta, com oceanos azuis e cálidos, uma grande quantidade de ilhas cobertas de selva, uma atmosfera rica em oxigênio e carregada de CO_2 e uma biosfera que poderia ser mais bem descrita como maníaca. Não havia sencientes nem nada que fosse assustadoramente grande, mas os animais eram rápidos e fortes e temperamentais, as árvores eram carnívoras e semimóveis e a microbiota era adaptativa, infecciosa e onipresente. O Comando lançou uma pequena equipe exploratória da órbita só para sondar o terreno.

Mesmo com armaduras e armas pesadas, eles não duraram um dia.

A falta de hospitalidade do lugar colocou o Comando do planeta de Bergen em uma situação difícil. Como mencionei, naves colonizadoras na verdade não têm a opção de arrumar as coisas e se dirigir a um novo destino depois de terem se estabelecido. Então eles fizeram o melhor que puderam.

Esterilizaram o continente menor. Queimaram tudo até bem perto do leito de rocha.

Agora é um lugar tranquilo. Praticamente um paraíso, com base em tudo o que li.

Então, não é verdade que toda vez que aterrissamos em um planeta novo acabamos morrendo.

Quero dizer, *alguém* quase sempre morre.

Só que não necessariamente nós.

* * *

É QUASE MEIO-DIA quando a porta volta a se abrir. É um capanga diferente desta vez: um cara maior, de pele escura e cabeça raspada. Seu nome é Tonio. Tenho quase certeza de que foi ele que me atingiu com o taser no refeitório dois dias atrás.

— De pé — ele diz. — Vamos.

— Qual de nós? — pergunta Oito.

— Os dois.

Olho para Oito. Ele encolhe os ombros. Nós nos levantamos e saímos.

É engraçado como funcionam as expectativas. Quatro horas atrás, saí da cela esperando ir para o reciclador. Eu não estava com medo, na verdade. Sabia o que ia acontecer e sabia que não havia nada que pudesse fazer. Isso traz certa paz.

Desta vez, saio da cela supondo que estamos nos dirigindo de volta ao escritório do Marshall para falar sobre os rastejadores. Mas não estamos. Passamos por aquele corredor e continuamos andando. Meu coração cambaleia e um nó doloroso se forma no meu estômago.

Desta vez, estamos mesmo indo para o reciclador.

Marshall está lá esperando por nós quando chegamos, junto com Nasha, Cat e dois outros capangas. Esses estão portando chamejadores.

O buraco de cadáver está aberto. Minúsculos lampejos de luz dançam em sua superfície.

— Então — diz Marshall. — Antes de começarmos, tenho algumas perguntas.

— Ah, tenha dó — murmura Oito.

Marshall estreita os olhos.

— Como é?

— Olhe — fala Oito. — Eu te conheço, Marshall. Venho me matando pelo senhor faz nove anos. Apesar disso, em geral, você é um cara decente. É rigoroso a maior parte do tempo, mas não é nenhum vilão de videodrama e não sei por que está tentando agir como um agora. Você não quer um múltiplo perambulando pela sua colônia. Tudo bem. Mate um de nós e o empurre para dentro do buraco. Problema resolvido. Ou mate os dois e tire um novo de dentro do tanque, se é assim que quer. Mas faça isso logo, pare de ficar enrolando.

— Bem — responde Marshall. — Só para deixar claro: se os dois acabarem passando pelo buraco hoje, jamais existirá outro de vocês. A sua personalidade será apagada do servidor, assim como o seu padrão corporal. O que está contemplando não é uma ida ao tanque neste exato momento, Barnes. Está contemplando uma sentença de morte.

Oito chacoalha a cabeça.

— Bobagem. Restam apenas cento e setenta e seis de nós e estamos entrando em pé de guerra. Você precisa de todos os corpos que puder ter neste exato momento. Você com certeza não pode descartar o seu único prescindível.

— É verdade — concorda Marshall com um sorrisinho de boca fechada. — O que não é verdade é que você seja a única pessoa desta colônia disposta a desempenhar o papel de prescindível e apta para isso. Na realidade, a soldado Chen cortesmente se ofereceu para ocupar a sua vaga se e quando se fizer

necessário.

Oito abre a boca, fecha, então abre de novo, tudo sem falar. Eu me viro para fitar Cat e seus colegas da Segurança. Os outros dois estão de olho em mim, os dedos tateando os gatilhos dos chamejadores, mas Cat está olhando para o chão à sua frente.

— Cat?

— Sinto muito — diz ela sem alçar o olhar. — Não é nada pessoal, Mickey. É pelo bem da colônia.

Eu solto uma risada curta e aguda.

— Pelo bem da colônia? Certo. Era disso que você estava falando na outra noite, não era? Se eu acho que sou imortal? Acho que você conseguiu a resposta para essa pergunta agora, né?

Ela me olha nos olhos. A angústia em seu rosto dissipa a minha raiva.

— Por favor, Mickey. Eu não queria que tudo isso acontecesse.

— Você *fez* tudo isso acontecer, Cat.

Uma lágrima escorre do canto do seu olho e desce pela bochecha.

— Me desculpe — ela fala. — Eu só…

— Cale a boca — interrompe Nasha. — É sério, Chen. Apenas feche essa matraca.

— Chega! — diz Marshall. — Não faz sentido agir como se isso fosse algum tipo de traição, Barnes. Pelo que entendi, Chen ficou sabendo da sua situação pelas suas ações, não pelas dela. Quando isso aconteceu, ela foi compelida pelo dever a informar o Comando. Se ela não tivesse informado, estaria do seu lado neste exato momento esperando para descer pelo buraco. Além do mais, a decisão dela de se oferecer para substituí-lo não tem nenhuma relação com o que será feito de você. Se eu decidir apagar você, vamos encontrar um voluntário para substituí-lo ou recrutar um. — Ele faz uma pausa para esperar que essas palavras sejam assimiladas antes de continuar. — O importante agora, porém, é que vocês ainda têm uma oportunidade de garantir que isso não aconteça.

A sala fica em silêncio. Às nossas costas, um dos capangas aciona a trava do chamejador com um estalido audível.

Oito é o primeiro a falar.

— O que temos que fazer?

— Nada fora do comum — responde Marshall. — A única coisa que precisam fazer para não serem jogados naquele buraco é cumprir o seu dever. Tenho uma missão para vocês.

Eu reviro os olhos.

— Uma missão que vai terminar com os dois mortos, suponho.

Marshall se vira para mim e seu sorriso assume uma expressão maliciosa.

— Preciso remetê-lo à descrição do seu trabalho, sr. Barnes?
Eu suspiro.
— Me diga qual é a missão.
E então ele diz.

022

A ANTIMATÉRIA, CASO você esteja se perguntando, é uma coisa fantástica.

Quando está isolada, ela se comporta basicamente como a matéria comum. Se houvesse surgido um pouco mais de antimatéria durante o Big Bang e um pouco menos de matéria comum, poderíamos ter um universo de antimatéria perfeitamente funcional neste exato momento. Mas não surgiu. Por conta disso, temos um universo de matéria comum e, quando a antimatéria é trazida para ele, coisas ruins acontecem. Não é bem verdade que você consegue uma conversão pura de massa quando a matéria comum e a antimatéria interagem, mas, dependendo de qual tipo exato de partícula está interagindo, de qual era o estado de suas energias antes de se encontrarem e do tipo de ambiente onde estão, você pode obter qualquer coisa desde uma onda de raios gama até uma saraivada maciça de partículas subatômicas ricocheteando por aí a uma fração significativa da velocidade da luz.

Como Um ou Dois ficariam felizes em informar, como organismo vivo, você não ia querer estar perto de nenhuma dessas coisas.

A antimatéria foi descoberta lá na antiga Terra antes da Diáspora, muito antes que a *Ching Shih* fosse um lampejo no autoCAD de alguém. Mas por muito tempo ela foi apenas uma curiosidade. Eles não descobriram como sintetizá-la ou contê-la em quantias significativas até pouco antes da evasão. Na verdade, a maioria das pessoas diria que o Processo Chugunkin foi o avanço extraordinário que levou mais diretamente à Diáspora.

Em parte, isso se dá porque a antimatéria é absolutamente essencial para a viagem interestelar. Nada mais que a nossa física tenha descoberto contém energia suficiente em uma forma compacta o suficiente para nos fazer chegar perto das velocidades necessárias para atravessar os golfos entre as estrelas. No entanto, mesmo que isso não fosse verdade – se, por exemplo, algum dos conceitos propulsão sem reação com os quais eles estavam brincando antes que Chugunkin fizesse sua parte houvesse de fato dado resultado –, parece provável que a Diáspora não tivesse acontecido sem a capacidade de criar antimatéria aos

montes.

Deveria estar claro a esta altura que lançar uma missão colonizadora é, em muitos aspectos, um ato desesperado. É cara, tem uma alta probabilidade de fracassar e, mesmo que seja bem-sucedida, é provável que o lugar para onde você está indo seja significativamente pior do que o lugar de onde você veio durante o intervalo de ao menos algumas existências. Para dar um salto desses, você precisa estar correndo *em direção a* algo grandioso ou fugindo *de* algo realmente assustador. Para os antigos micronésios, a coisa da qual estavam fugindo era o esgotamento dos recursos e a fome.

A coisa da qual estamos fugindo é a Guerra da Bolha.

É banal comentar que todo avanço tecnológico da história humana foi aplicado primeiro para promover os interesses dos tarados. A prensa móvel? Algumas Bíblias, em grande parte pornografia. Os antibióticos? Perfeitos para tratar as ISTs. Os oculares? Não me faça falar sobre a finalidade com que foram usados em princípio. Mas a produção de antimatéria em larga escala não se encaixava nesse modelo. Não há nada remotamente sexy em uma nuvem de quarks e glúons de alta velocidade que se expande rápido.

A segunda área em que toda tecnologia nova é aplicada, claro, é a guerra.

Nesse campo, a antimatéria funcionou atrozmente bem.

Para ser justo, os nossos ancestrais gastaram cerca de dez segundos pensando em como a antimatéria poderia ser usada para coisas como produção de energia e propulsão de espaçonaves antes de voltarem sua atenção para as formas como poderia ser usada para transformar outros seres humanos em poeira radioativa. Mas imagino que o principal motivo para isso foi que, até a invenção da bolha de monopolo magnético, não existia um modo prático de usar a antimatéria como ferramenta de genocídio. Você não pode simplesmente fabricar uma bomba antimatéria da mesma maneira como constrói uma bomba termonuclear, por exemplo. Precisa de uma forma de manter o núcleo da antimatéria completamente isolado de qualquer interação com a matéria comum até você querer que ele faça o seu trabalho e, sem uma esfera magnética de cinco mil quilos e uma câmara a vácuo para mantê-lo lá dentro, é muito difícil fazer isso.

A bolha de monopolo magnético resolveu perfeitamente o problema. Como Jemma me explicou, cada uma é uma espécie de nó no espaço-tempo, com o interior e o exterior em essência existindo em universos separados. Embale uma pequena porção de antimatéria em uma delas e você tem uma grande quantidade de energia em potencial guardada em um pacote compacto e relativamente seguro de manipular. Foi assim que a *Drakkar* armazenou seu combustível. Quando ela estava em aceleração, um fluxo constante de bolhas de monopolo cheias de antimatéria passava da contenção para a câmara de reação, onde se

misturava com bolhas de polaridade oposta cheias de matéria comum.

Então, de duas em duas, as bolhas estouraram. Ocorreu a aniquilação e lá fomos nós.

Você provavelmente consegue ver para onde isso está caminhando.

A bomba de bolha é uma coisa muito simples. Você só embala um punhado de bolhas de monopolo cheias de antimatéria em algum tipo de dispositivo. Quando o dispositivo explode em cima do alvo, as bolhas são levadas pelo vento, forçadas a se separarem umas das outras pela mútua repulsão magnética. Após um intervalo de tempo fixo, elas estouram.

Dependendo de quanta dispersão você permitiu e de qual tipo específico de antimatéria você embalou na sua bolha, o resultado pode variar de uma explosão que abre um buraco na estratosfera a uma chuva de radiação dura e partículas quânticas que matam todos os seres vivos na zona-alvo até o nível viral, mas deixa os edifícios e outras infraestruturas completamente intactas.

Foi essa parte que chamou a atenção dos planejadores da guerra na antiga Terra. Eles tinham armas termonucleares havia um bom tempo àquela altura, mas não tinham descoberto um modo de torná-las úteis para qualquer outra coisa que não fosse um pacto suicida apocalíptico. O problema era que, se você usasse uma quantidade suficiente delas para dar um golpe final, as consequências ambientais em termos de chuva radioativa, lixo lançado à estratosfera, radiação ambiente prolongada, etc., etc., significavam que você acabava matando não só o alvo, mas também os vizinhos dele, os vizinhos dos vizinhos dele, os vizinhos dos vizinhos dos vizinhos e assim por diante, provavelmente até chegar a você mesmo… isso pressupondo que as suas vítimas não tivessem o seu próprio arsenal do dia do juízo final para contra-atacar, o que provavelmente tinham se você estava contemplando esse tipo de agravamento contra eles para começar.

A bomba de bolha resolveu todos aqueles problemas. Estruturada e empregada corretamente, ela permitia esterilizar vastas áreas do território do seu inimigo quase sem nenhum efeito colateral prolongado. Era possível fabricar bombas pequenas e leves e lançá-las de forma sorrateira o bastante para que o seu inimigo não soubesse que você estava chegando até já estar morto. Era possível matar tudo e todos e então avançar e assumir o controle no dia seguinte, se quisesse. Não era necessário sequer se preocupar com o fedor dos corpos porque não haveria nenhuma bactéria viável por perto para decompô-los. Da perspectiva de um combatente, era a arma perfeita.

Da perspectiva de um ser humano, claro, era um pesadelo.

O contexto crítico aqui é que a antiga Terra estava passando por uma crise ambiental na época em que tudo isso estava acontecendo. A densidade populacional era quase cem vezes maior do que a de Éden agora, que é algo em

torno de mil vezes a densidade média da maioria da Diáspora, e a indústria e a agricultura deles era muito mais ineficiente e desorganizada do que a nossa. Como consequência, eles estavam basicamente se afogando nos próprios resíduos. No decorrer de algumas centenas de anos, haviam alterado a química atmosférica a ponto de áreas inteiras do planeta, que um dia haviam sido densamente povoadas, estarem se tornando inabitáveis a passos rápidos e estarem tendo problemas sérios com a distribuição tanto de água quanto de comida. Combine isso com a sua completa fragmentação política – havia quase duzentas entidades políticas independentes reivindicando direitos soberanos sobre uma parte do planeta ou outra – e acrescente o súbito aparecimento de uma arma que permitia a uma dessas entidades eliminar a população de outra por completo e, na sequência, dominar seu território recém-esvaziado e você obviamente tem os ingredientes de uma situação muito ruim.

É provável que os registros da Guerra da Bolha não sejam particularmente confiáveis, uma vez que foram escritos quase por inteiro por pessoas que atacaram primeiro e com mais força e, portanto, sobreviveram, mas há algumas coisas que sabemos com certeza. Apenas uma meia dúzia dessas entidades políticas independentes participaram. Só terminou quando o suprimento de antimatéria do planeta se esgotou.

Mas o mais importante foi que deixou mais de metade da população da antiga Terra morta ou quase morta.

A maioria dos historiadores acha que o lançamento da *Ching Shih*, que aconteceu menos de vinte anos depois, foi uma reação direta à Guerra da Bolha. O que mais poderia explicar a Diáspora? O que mais poderia explicar o fato de que deixamos o único planeta de toda a criação que realmente evoluímos para habitar, o único que não requeria terraformação, nem inoculações, nem guerras com sencientes nativos por… bem, por lugares como Niflheim? Estava claro para aquelas pessoas que, se a humanidade permanecesse em um lugar, acabaríamos matando uns aos outros, e é quase certo que tivessem razão. Ninguém teve notícias da antiga Terra em mais de seiscentos anos.

Nossa única esperança para uma sobrevivência em longo prazo foi nos espalharmos.

Também ficou claro para eles que a Diáspora seria fútil se as armas de antimatéria fossem junto. Condenamos a antiga Terra ao ostracismo desde o início da Associação e, a esta altura, nem ao menos sabemos se há alguém vivo lá. Gostamos de pensar que somos diferentes deles, que somos mais esclarecidos ou evoluídos ou alguma besteira dessas.

Mas não é verdade. No final das contas, as pessoas da Associação não são diferentes das da antiga Terra. Ainda discutimos uns com os outros. Às vezes

ainda lutamos.

Mas não com antimatéria. Essa é a única regra absoluta, ainda mais profundamente arraigada na nossa psique do que a proibição dos múltiplos cumprida por todos os planetas da Associação.

Essa é a única regra que, se for infringida e um dos planetas vizinhos descobrir, lhe garantirá uma *Bala*.

023

— É ESTE O LUGAR, não é? — pergunta Berto da cabine.

A porta do compartimento se abre e eu olho para baixo. Estamos flutuando sobre uma fenda. É muito parecida com todas as outras fendas neste lugar desolado. Foi aqui que eu caí?

— Talvez — respondo. — Vai saber.

— Vou considerar isso um sim — retorque Berto.

O guincho para nos baixar usa dois metros de cabo. Oito põe a mochila e se prende.

— Te vejo lá embaixo — diz ele e pisa no vazio.

Pego a minha mochila enquanto o cabo se desenrola. Não está tão pesada quanto eu esperava.

É difícil acreditar que leva força destrutiva suficiente para esterilizar uma cidade.

Em pouco tempo, o cabo é puxado de volta. Quando a ponta aparece, porém, eu hesito.

— Ei — eu falo. — Berto? Antes de eu fazer isso, tem uma coisa que gostaria muito que você esclarecesse. O que aconteceu de verdade com o Seis?

Berto suspira.

— Rastejadores o pegaram, Mickey. Eu te contei a primeira vez que você perguntou, assim que saiu do tanque.

— Eu não acredito — retruco. — Você me falou que rastejadores me devoraram, lembra?

— Não falei que eles o *devoraram* — pontua Berto. — Falei que o *pegaram*. Você deduziu a parte do devorar. Ele estava trabalhando em outra fenda não muito longe daqui. Eles saíram da neve, exatamente como eu contei. Mas não o destroçaram. Ele foi arrastado para dentro de um buraco. Levou quinze minutos para eu perder o sinal dele. Não dizia coisa com coisa nos últimos dez. Fiquei com a impressão…

— De quê? — indago.

— Tenho quase certeza de que estavam fazendo o que fizemos com aquele rastejador que vocês capturaram — continuou Berto. — Estavam desmontando-o para ver como ele funcionava.

— Pegaram o ocular dele — comento. — Pegaram o *meu* ocular.

— Talvez — diz Berto. — Não que pudessem fazer alguma coisa com ele.

Até os últimos dias, eu teria concordado. Mas agora?

— Você mentiu para mim — eu falo. — Você mentiu para o *Comando*. Você deve ter percebido que os rastejadores são sencientes antes de mim. Você poderia ter sido reciclado por isso, Berto. No que você estava pensando?

Ele não responde. Eu espero longos dez segundos, então chacoalho a cabeça e estendo a mão para pegar o cabo.

— Senti medo — revela Berto.

Eu me viro para encará-lo. Ele não me olha nos olhos.

— Medo de quê? Até falsificar os seus relatórios, você não tinha feito nada de errado. O que aconteceu comigo não foi culpa sua.

— Não — diz ele. — Eu não estava com medo do Comando. Estava com medo daqueles malditos rastejadores. Eu provavelmente poderia ter te salvado. Poderia ter te puxado para fora daquele buraco. Talvez pudesse até ter salvado o Seis se tivesse pousado rápido o bastante e trazido um acelerador. Mas não salvei. Não salvei porque tive medo.

E agora, de repente, tudo faz sentido.

— Você é o Berto Gomez — argumento. — Você é o cara que voa com uma nave monomotora por uma brecha de três metros a uma velocidade de duzentos metros por segundo. Você não tem medo de nada.

Ele suspira e aquiesce.

— Você correu o risco de ser reciclado porque não conseguia admitir isso para mim, para o Marshall… para si mesmo? Você não podia deixar ninguém saber que existe alguma coisa aí fora que te dá medo.

Ele se vira de volta para os controles.

— Oito está esperando você, Mickey.

— Sabe — eu falo —, se alguma parte de mim de algum modo chegar até o Nove, vou fazer questão de te dar uma surra.

Ele não tem nada a dizer em resposta.

Eu me prendo e vou.

* * *

— Então — diz Oito quando me desprendo lá embaixo. — É *este* o lugar?

Olho ao redor. O chão da fenda tem talvez seis metros de largura. Trinta

metros de gelo se erguem dos dois lados. Na metade de uma das paredes, uma rocha que parece um pouco com a cabeça de um macaco se projeta para fora do gelo.

— É — respondo. — Acho que sim. Mas na verdade não importa. Tenho quase certeza de que toda essa área está comprometida. Se não for esse o ponto exato onde caí antes, só precisamos encontrar outra entrada para os túneis.

O cabo desaparece e, pouco depois, ouvimos o zumbido dos gravíticos da nave transportadora do Berto se afastar em velocidade. Nós começamos a andar. Logo após passar pela rocha, vejo a borda do buraco. Ao que parece, não nevou o suficiente nos últimos dias para cobri-lo.

— Ali — eu falo. — Foi onde eu caí.

Nós caminhamos até a borda e vemos um túnel íngreme e inclinado de paredes rochosas de pouco mais de um metro de largura.

— Parece que dá para escalar — comenta Oito.

— Oito — digo. — Não deveríamos fazer isso.

Ele se vira para olhar para mim.

— Você acha que existe um jeito melhor de entrar?

— Não — respondo. — Não é disso que estou falando. Quero dizer que não deveríamos fazer isso.

— Deveríamos — contesta ele. — Deveríamos sim.

— Os rastejadores — pontuo. — Eles são sencientes. — Aponto para a minha mochila com um polegar. — E estas coisas são crimes de guerra. Se Midgard descobrir que fizemos isso, vão nos transformar no próximo Gault.

Cada uma das nossas mochilas, para todos os efeitos, contém uma bomba de bolha em miniatura: cinquenta mil minúsculas pepitas de antimatéria tiradas do que sobrou dos estoques de combustível da *Drakkar*, cada uma isolada em uma bolha de monopolo magnético. Quando as soltarmos, elas vão se dispersar, flutuando pelo ar como fogos fátuos.

No final, as bolhas vão estourar.

O que estou carregando nas costas neste exato momento me arrepia.

— Sei que eles são sencientes — fala Oito. — É por esse motivo que temos que fazer isso… e só é crime de guerra se usarmos estas armas contra humanos. Vale tudo em uma colônia de cabeça de ponte. Nossos terraformadores esterilizaram continentes inteiros para abrir espaço para nós onde foi necessário. Você sabe disso. — Ele se senta na borda do buraco e se inclina para a frente. — Me dê uma mão aí. É uma queda e tanto até a primeira saliência.

— Um deles me salvou — digo.

Ele alça o olhar para mim.

— O quê?

— Quatro dias atrás — conto. — Quando me perdi nesses túneis e o Berto achou que eu estava morto. Um dos rastejadores me salvou. Ele me pegou e me carregou quase de volta até a cúpula. Ele me deixou ir embora.

— Então você está dizendo que toda essa merda que está acontecendo com a gente na verdade é culpa *deles* — comenta Oito.

Tudo bem. Imagino que seja uma maneira de ver as coisas.

— De qualquer forma — continua Oito —, não importa. Você ouviu o que o Marshall falou. Se não fizermos isso, vamos para o reciclador e não saímos mais. Ele apaga a nossa personalidade do servidor e a maldita *Chen* toma o nosso lugar. — Ele se inclina um pouco mais e olha para baixo de novo. — Quer saber? Pode deixar comigo. — Ele apoia uma mão em cada lado da abertura, ergue-se e deixa as pernas penduradas. — Me encontre lá embaixo, tá?

Ele desce pelo buraco e desaparece.

Fico parado, olhando para o buraco, por um bom tempo. Eu poderia simplesmente ir embora, imagino… vagar pela neve, abrir as vedações do meu respirador e acabar com isso.

Não faria diferença, faria? Eles mandariam Berto ou Nasha para encontrar o meu corpo, recuperar a mochila e mandar Nove para os túneis com ela, supondo que Oito ainda não tivesse terminado o trabalho.

Por fim, meu ocular recebe um sinal.

<Mickey8>: Vamos, Sete. Temos coisas a fazer.

Eu suspiro, aperto a correia da minha mochila e o sigo lá para baixo.

* * *

— NÓS DEVÍAMOS NOS SEPARAR — propõe Oito. — Ir o mais longe possível um do outro, depois puxar o gatilho simultaneamente. Assim podemos conseguir dispersão máxima e não teríamos que nos preocupar com a detonação de uma das nossas armas atrapalhando o padrão de dispersão da outra.

— Oito… — começo, mas ele chacoalha a cabeça.

— Não — interrompe ele. — Não quero ouvir. Comece a andar. Mantenha o canal de voz aberto. Quando estiver pronto para detonar, me avise. E se encontrar o seu amigo do outro dia… — Ele vira de costas. — Não sei. Diga a ele que sentimos muito.

Fico parado vendo sua assinatura térmica desvanecer muito depois de ele ter desaparecido dentro de um dos túneis laterais. Talvez eu pense que ele vá voltar? Mas ele não volta. No final, escolho um túnel, ajusto as correias da minha

mochila até os ombros e começo a andar.

* * *

— SETE? VOCÊ ESTÁ AÍ?

— É, estou.

— Está vendo alguma coisa? Estes túneis parecem bem vazios.

— Não. Mas estou ouvindo algum barulho de vez em quando.

— É, eu também. Algo arranhando atrás das paredes, né?

— É. Eu diria que são os nossos amigos.

— Você acha que eles sabem que nós estamos aqui?

Reviro os olhos, embora saiba que ele não pode ver.

— Esta é a casa deles, Oito. Quanto tempo a gente levaria para descobrir que um deles entrou na cúpula?

O silêncio se prolonga até eu começar a me perguntar se ele interrompeu a conexão.

— Você acha que eles sabem o que viemos fazer aqui?

* * *

DEZ MINUTOS SE passaram e estou em uma intersecção tentando decidir se devo pegar o caminho que se inclina para cima ou o que desce em espiral quando meu intercomunicador pisca. Surge uma imagem no canto esquerdo superior do meu campo de visão. É uma caverna ampla e profunda vista de cima.

Cada metro quadrado está coberto de rastejadores.

São aqueles menores, do tipo que derrubou o Dugan e perfurou o assoalho da câmara de descompressão principal.

Deve haver milhares deles.

Dezenas de milhares.

— Sete! Sete, você está vendo isso?

— Estou — respondo. — Oito, escute…

Então paro de falar. Escutar o quê? Penso de novo naquela aranha que soltei no jardim da minha mãe muitos anos atrás. Se ela tivesse voltado para dentro de casa, será que eu a teria salvado de novo ou será que a teria esmagado e acabado com aquilo?

E se eu achasse um ninho de aranhas lá fora, centenas delas, e percebesse que elas tinham vindo colonizar o jardim?

— Oito?

Oito não responde.

— Oito? Você está aí?

Uma última imagem aparece no meu cache. Está quase borrada demais para interpretar. Imagino que a maioria das pessoas que visse isso não faria ideia do que estava olhando.

Mas eu reconheço. É a mandíbula e os cirros de um rastejador gigantesco, visto a uma distância de não mais de dois metros.

É aí que me dou conta de que Oito está morto.

E agora? Não faço ideia de onde ele estava, não faço ideia se o berçário está muito longe ou não.

Não faço ideia se ele teve tempo de puxar o gatilho antes que o pegassem.

Estes túneis são um labirinto cego. Eu poderia estar a quilômetros de onde Oito morreu ou o local poderia estar depois da próxima curva.

Eu poderia tentar encontrá-lo.

Poderia puxar o gatilho agora e pronto.

Fecho os olhos, começo a levar a mão ao fio, então hesito.

Diante de mim está a fogueira queimando ao contrário, engolindo fumaça e transformando cinza em madeira.

Diante de mim está a lagarta. Mas o sorriso sumiu. Ela estreitou os olhos e seu sorriso é uma linha fina e rígida.

Uma janela de bate-papo se abre no canto do meu campo de visão.

<Mickey8>: Enten*e?

Abro os olhos.

Algo se mexe no escuro.

Algo que quase preenche o túnel.

<Mickey8>: Você entende?

Eu pisco, passo a língua pelos dentes e engulo em seco. Minha mão repousa levemente sobre o fio do gatilho.

<Mickey8>: Sim, entendo.
<Mickey8>: Você é Primordial?

Tudo bem, essa eu não entendo. O rastejador se aproxima. Os dois pares de mandíbula estão bem abertos. Isso tem que ser uma postura de ameaça, certo? Dou um passo involuntário para trás e a minha mão se fecha ao redor do fio.

<Mickey8>: Você é Primordial?

Eu chacoalho a cabeça. Idiota. Mesmo que compreendesse a linguagem corporal humana, essa coisa provavelmente não tem olhos.

<Mickey8>: Nós destruímos o seu ancilar. Você é Primordial?

Primordial? Ancilar?
Está falando de Oito.
Eu poderia puxar o gatilho neste exato momento.
Poderia, mas não puxo.
Em vez disso, dou um voto de confiança.

<Mickey8>: Sim, eu sou Primordial.

A cabeça do rastejador se acomoda no chão do túnel e as mandíbulas se fecham devagar, as internas primeiro, depois as externas.

<Mickey8>: Sou Primordial também. Conversar?

E então conversamos.

024

EM TODAS AS CENTENAS de planetas que constituem a Associação, só existe um onde humanos e sencientes nativos conseguiram coexistir. É um pequeno e solitário planeta anão que orbita um gigante gasoso, o qual orbita, por sua vez, uma estrela de classe M na extremidade do braço em espiral a quase vinte anos-luz de distância da colônia mais próxima. A missão que levou o nosso povo para lá foi a única bem-sucedida entre os maiores saltos que conseguimos. Eles batizaram o planeta de Aposta Arriscada.

Existe toda uma história por trás.

Os nativos de Aposta Arriscada são cefalópodes que vivem em árvores. Assisti a vídeos deles passando de um galho a outro, mudando as cores durante o voo para se misturarem à copa de maneira tão eficiente que você de fato só consegue vê-los no infravermelho. Sua população se concentra nas montanhas centrais do único continente do planeta. À época da aterrissagem, eles eram cultural e cientificamente avançados mas, materialmente, não muito à frente do que estavam os humanos antes do desenvolvimento da agricultura. Houve muita especulação sobre o motivo exato disso. A melhor explicação que vi sobre a razão pela qual os humanos acabaram desenvolvendo lanças e casas e naves monomotoras e espaçonaves é que nós éramos péssimos em ser animais comuns.

Os nativos de Aposta Arriscada não eram péssimos em ser animais comuns. Eles haviam dominado seu ambiente por completo e não tinham precisado de rifles para fazer isso. Ignoraram os colonizadores quando aterrissaram porque a cabeça de ponte ficava na costa, a centenas de quilômetros das suas montanhas. Os colonizadores os ignoraram porque os nativos eram tímidos, localizados e quase invisíveis e, durante os primeiros vinte anos depois do pouso, nós não fazíamos ideia de que eles estavam lá.

As histórias não dizem muito sobre por que esse encontro se revelou tão diferente de todos os outros. Mas eu tenho uma teoria: quando eles enfim toparam um com o outro, os colonizadores estavam suficientemente bem estabelecidos para deixar de estar sempre com medo.

Tempo. Essa é a chave.
Nós só precisamos de tempo.

025

PELA SEGUNDA VEZ, por motivos que ainda não entendo e provavelmente jamais entenderei, eu saio vivo dos túneis dos rastejadores em direção ao sol baixo do inverno.

É uma manhã bonita para os padrões de Niflheim. O céu tem um tom ocre claro e luminoso com apenas uma pitada de azul e o sol faz a neve entre a fenda e a cúpula parecer um campo de diamantes. Eu respiro fundo, levanto a mochila e começo a andar.

A neve chega à altura do joelho, com montes que batem na minha cintura e, mesmo com o respirador, não estou conseguindo tirar da atmosfera de Niflheim o tanto de oxigênio que os meus músculos estão exigindo, então tenho um bom tempo para pensar como é provável que se desenrolem as coisas enquanto percorro com dificuldade cerca de um quilômetro de volta até o perímetro. Penso em avisá-los que estou chegando. Chego, inclusive, a abrir uma janela de bate-papo antes de perceber que isso poderia instigar Marshall a tentar me impedir. Se ele desse a ordem, será que Nasha ou Berto estariam dispostos a jogar uma bomba de plasma na minha cabeça?

Nasha não. Estou seguro disso. Mas o Berto?

Eu sinceramente não tenho ideia do que aconteceria com o embrulho de morte nas minhas costas se ele jogasse.

Provavelmente é melhor para todos se não descobrirmos.

Dou a volta de forma a me aproximar, tanto quanto possível, exatamente do meio de duas torres. Gostaria de percorrer todo o trajeto até a cúpula antes de ser questionado, mas, considerando que o lugar está em alerta máximo contra invasões de rastejadores, suponho que seja uma esperança perdida. Por coincidência, ainda estou a cem metros do perímetro propriamente dito quando as duas torres mais próximas são acionadas. Continuo andando enquanto luzes se acendem ao redor de suas bases e os chamejadores se erguem no topo e giram para apontar para mim.

— Não — eu falo pelo canal de comunicação geral e levanto o fio do gatilho

na minha mão direita. — Por favor, não quero puxar isto.

Os chamejadores não se retraem, mas também não atiram. Depois do que parecem horas, mas que na verdade provavelmente são trinta segundos, a voz de Marshall soa em meu ouvido.

— Tire a mochila, Barnes. Coloque-a no chão com cuidado e afaste-se.

Minha mão que segura o fio começa a tremer e preciso abafar uma risada que vem subindo pela garganta.

— Não — respondo quando consigo controlar minha voz. — Acho que não vou fazer isso.

O comunicador fica mudo, desta vez por quase um minuto. Quando abrem a linha outra vez, posso ouvir a fúria mal contida na voz de Marshall.

— Qual dos dois é você?

— Sete — digo. — Eu sou Mickey7.

— Onde está Oito?

— Morto.

— Ele acionou a arma dele?

— Não — respondo. — Ele não acionou.

O comunicador fica mudo de novo. Olho para a torre mais próxima. Há um brilho vermelho opaco no centro do cano. Nunca tinha visto essa luz antes, o que significa dizer, imagino, que eu nunca tinha olhado para a boca de um chamejador carregado antes.

O que aconteceria se abrisse fogo contra mim? Com um chamejador portátil, estou seguro de que teria tempo de puxar o gatilho antes de morrer, mesmo que atingisse bem o meu rosto. Mas com esta coisa?

Não importa. Ainda que a minha morte fosse instantânea, meu braço poderia ter um espasmo. Eles não podem correr esse risco.

Podem?

Estou pensando nessa pergunta quando uma janela de bate-papo se abre.

<FalcãoVermelho>: Mickey? O que diabos você está fazendo, cara?

Ah, bom. Pelo menos ele não está na cabine neste exato momento, preparando-se para lançar um projétil em mim.

<Mickey8>: Ei, Berto. Está surpreso em me ver?
<FalcãoVermelho>: Sério, Mickey. Você ficou completamente louco? O que está tentando fazer?
<Mickey8>: Fazer o Marshall vir aqui fora. Precisamos conversar.
<FalcãoVermelho>: …

<Mickey8>: Não estou brincando, Berto. Mande-o sair.
<FalcãoVermelho>: Qual é, Mickey. Você sabe que isso não vai acontecer.
<Mickey8>: Vai sim, Berto.
<FalcãoVermelho>: Tire a mochila, Mick. Essa coisa que você está carregando… é crime de guerra. Se você puxar esse gatilho, vai matar todos os humanos que restaram neste planeta. Você não quer fazer isso.
<Mickey8>: É. Tenho quase certeza de que comecei com "eu não quero fazer isso". Não quero te matar. Bem, na verdade eu meio que quero te matar. Mas não quero matar a Nasha, nem a Cat, nem aquele idiota do Tonio da Segurança. Não quero matar ninguém a não ser talvez você. O que eu quero é conversar com o Marshall cara a cara. Mande-o. Sair.

A janela se fecha e eu fico contemplando os chamejadores das torres outra vez.

Eles me deixam ali parado quase uma hora, olhando para aquele brilho vermelho opaco enquanto o frio se infiltra pelas camadas do meu traje térmico e atravessa a minha pele e os meus músculos e, por fim, chega direto aos meus ossos. Eis aqui a verdade nua e crua: se te deixam parado por determinado tempo em um clima abaixo de zero, você vai acabar sentindo um frio terrível, insuportável, de chacoalhar os ossos, não importa quantas camadas de roupa de alta tecnologia para retenção de calor esteja vestindo. Após quarenta minutos mais ou menos, me pego desejando que eles simplesmente seguissem adiante e abrissem fogo contra mim com os chamejadores para que pelo menos eu pudesse morrer aquecido.

Eles não abrem, no entanto. Em vez disso, só quando estou quase decidido a puxar o fio e acabar com aquela situação, a trava secundária dos circuitos da cúpula abrem a duzentos metros de distância e Marshall sai pisando forte.

Em todo caso, acho que é o Marshall. Está um pouco difícil de distinguir através do respirador e dos óculos e da meia dúzia de camadas de equipamentos para clima frio. Mas a altura é aproximadamente a mesma e ele é seguido por dois capangas com armadura completa de combate ao passar pela escotilha, então, quando tudo isso termina, tenho quase certeza de que é ele. Abro um canal de comunicação.

— Sério? Para que a escolta, Marshall? Você já tem dois canhões apontados para mim. Quanto poder de fogo mais acha que precisa?

— Os oficiais da Segurança — ele responde, sua voz um rosnado baixo — estão aqui porque tenho uma forte suspeita de que pode ser algum tipo de

emboscada.

Quase dou risada ao ouvir isso.

— Uma emboscada? Da parte de quem?

— Estamos em guerra — retorque Marshall. — E, por motivos que sinceramente não consigo compreender, você parece ter ficado do lado do inimigo.

Não tenho nada a dizer em resposta a esse comentário, então fico calado e tremendo e o vejo avançar com dificuldade pela neve em minha direção. Os dois capangas param meio passo atrás dele.

— E então? — diz Marshall. — Estou aqui, Barnes. Faça o que veio fazer.

Eu me pergunto o que ele espera agora. Que eu agite os braços, suponho, e convoque um exército de rastejadores a sair da neve para devorá-lo. Apenas por um instante penso de fato em gritar "peguem-no" só para ver o que ele faria, mas os dois capangas têm aceleradores em punho e provavelmente estão nervosos. Este não é o momento para diversão.

— Eu não fui adiante — digo. — Não puxei o gatilho.

— Estou vendo — comenta Marshall. — E o seu… amigo?

— Você quer dizer Oito?

— Sim. Oito. Ele acionou o dispositivo?

— Não — respondo. — Eu já disse que ele não acionou. Ele foi morto antes de ter a chance.

— Entendo — replica Marshall. — O que aconteceu com o dispositivo dele?

— Os rastejadores estão com a mochila.

O silêncio que se segue a essa informação se estende pelo que parece uma eternidade.

— Eles sabem o que têm em mãos? — pergunta Marshall enfim. Há um tremor em sua voz que não estava lá antes.

— Sim — respondo. — Sabem.

— Como você sabe disso? — indaga Marshall.

— Porque eu contei para eles o que era e como funciona.

Marshall se vira para o capanga à sua esquerda e diz:

— Mate-o.

— Senhor?

É a Cat. Eu deveria ter reconhecido a armadura dela. Marshall ergue uma mão trêmula para apontar para mim.

— Este homem traiu a nossa colônia, soldado Chen. Ele traiu a Associação. Traiu a humanidade. Não tenho dúvidas de que, a esta altura, o tempo que nos resta neste planeta será medido em horas, se não minutos, mas antes que se esgote, quero vê-lo morto. Mate-o.

— Não é uma boa ideia — pontua o capanga do outro lado do Marshall. É Lucas, eu acho, mas é difícil distinguir a voz dele pelo intercomunicador. — Ele está carregando uma bomba de bolha, senhor.

— Escute — digo. — Eu tive que contar para eles o que tinham em mãos. Caso contrário, poderiam ter tentado desmontá-la, tentado ver o que a faz funcionar. Se tivessem feito isso…

— Se tivessem feito isso — interrompe Marshall —, este problema teria se resolvido sozinho.

— A menos que decidissem fazer isso debaixo da cúpula — argumenta Cat. — É o que eu teria feito se fosse eles.

— Não importa o que você teria feito — retruca Marshall. — Não importa quais justificativas Barnes tenha sonhado para o que já fez. Este homem conspirou com o inimigo em tempos de guerra. Não existe crime maior.

— E genocídio? — pergunto. — É um grande crime. Não foi uma conspiração com o inimigo que nos levou a abandonar a antiga Terra, sabe. Além do mais, não é por nada, mas nós não estamos em guerra.

Marshall se vira de novo para mim.

— Aquelas coisas lá fora mataram cinco do meu pessoal, seu monstro! Que diabos, eles mataram *você* duas vezes agora. Nós os matamos também. Se não estamos em guerra, estamos em quê?

Eu chacoalho a cabeça.

— Você está pensando como um humano. Os rastejadores não veem as coisas dessa forma. Eles não parecem ter uma concepção muito clara de vida individual. Até onde posso dizer, são uma inteligência coletiva. Não se importam nem um pouco com os rastejadores que matamos e não têm noção do porquê nos importaríamos com as pessoas que eles pegaram. A ideia de que dissecar alguns ancilares seria considerado um ato de agressão está além da compreensão deles. No que se refere a eles, o que fizemos até agora foi intercambiar um pouco de informação.

— Ancilares? — indaga Cat.

— É — confirmo. — É a minha melhor tradução para o nome que dão aos pequenos que vimos em volta da cúpula. Esses são apenas partes do todo, não são coisas inteligentes. Vêm pressupondo que humanos individuais são a mesma coisa.

— Ótimo — comenta Cat. — Você pelo menos corrigiu essa parte?

— Eu tentei. A compreensão que eles têm da língua é surpreendentemente boa, considerando que aprenderam tudo o que sabem bisbilhotando meus intercomunicadores, mas, quando os conceitos não existem, não há muito que você possa fazer para traduzir. De qualquer modo, eles disseram que sentem

muito.

Cat começa a dizer mais alguma coisa, mas Marshall a interrompe.

— Já chega! Fique quieta, Chen, ou por Deus você vai para o buraco de cadáver junto com ele.

— Eu não vou para o buraco de cadáver — declaro.

— Ah, vai sim. A menos que uma explosão mande todos nós para o inferno primeiro, você definitivamente vai para o buraco de cadáver e eu não me importo nem um pouco se vai estar vivo ou morto quando isso acontecer. Você vai ter que tirar essa mochila em algum momento, Barnes, e, assim que tirar, eu mesmo vou te meter uma bala.

— Não querendo criticar — fala Lucas —, mas o senhor não está dando muito incentivo para ele não matar todo mundo neste exato momento.

Marshall se vira para olhar feio para ele, depois para Chen, depois de novo para mim.

— Você não pode me matar — digo. — Por mais que queira, não pode. Sou sua única ligação com os rastejadores e eles têm uma arma antimatéria agora, assim como nós.

— Graças a você — rebate ele. — Obrigado, Barnes. Você matou todos nós, seu desgraçado.

Eu chacoalho a cabeça.

— Mandar uma arma do juízo final para os túneis deles não foi ideia minha e não foi minha culpa que eles pegaram Oito antes que ele puxasse o gatilho. Isso é por sua conta, Marshall.

— Mas você poderia ter acabado com isso — argumenta Marshall. — Se tivesse feito o seu maldito trabalho, isso já teria terminado. Você é um prescindível, seu covarde, e ficou com medo de morrer.

Eu suspiro e deixo meus olhos se fecharem. Quando os abro outra vez, Cat e Lucas colocaram as armas nos ombros.

— Talvez — respondo. — Talvez eu não quisesse morrer… ou talvez apenas não quisesse ter um genocídio na minha consciência quando morresse. Entendo que acredite que eu devesse ter apenas puxado o fio e matado os rastejadores e morrido… mas não puxei e agora temos que seguir em frente a partir deste ponto. Existe outra espécie inteligente neste planeta e você acabou de entregar uma arma de antimatéria para ela. Você precisa desesperadamente de diplomacia e eu sou o seu único diplomata. Acha mesmo que me matar é a melhor opção para alguém a estas alturas?

Marshall me encara durante trinta segundos inteiros. Suas mãos tremem e posso vê-lo mexendo o maxilar sob o respirador, mas ele não diz uma palavra. No final, dá meia-volta e sai pisando duro em direção à escotilha. Cat e Lucas

ficam observando-o ir embora.

— E então? — pergunto quando os circuitos da porta externa se fecham após a entrada dele. — Está tudo bem?

Cat olha para Lucas. Ele se vira para observar a torre mais próxima. Enquanto observamos, o chamejador se apaga e se retrai para a sua base.

— É — responde Cat. — Acho que sim. Por enquanto, pelo menos.

Ela percorre a distância entre nós e me oferece uma das mãos. Eu guardo o fio do gatilho, pego a mão dela e a puxo para um abraço.

— Sinto muito — ela fala, e posso ouvir as lágrimas em sua voz.

— Eu sei — eu digo. — Tudo bem, Cat. Você fez o que tinha que fazer.

Nós ficamos assim por mais dez segundos até ela comentar:

— Abraçar usando armadura é esquisito.

Ela não deixa de ter razão.

Eu a solto e nós três voltamos juntos para a cúpula.

* * *

ESTOU DE VOLTA ao meu tabique, estendido na cama com os olhos fechados e as mãos cruzadas atrás da cabeça, apenas pensando em adormecer, quando a morte de Oito enfim me abala. Não faz sentido por tantos motivos… quero dizer, fora o fato de que, se eu fosse ficar, ele tinha que ir e também o fato de que ele era meio irritante a maior parte do tempo e de que eu só o conhecia há alguns dias, ele não se foi de verdade, não é? Afinal, eu sou ele e ele sou eu. É como estar de luto pelo seu reflexo quando você quebrou o espelho.

Não importa. Talvez seja por ele, ou talvez seja por mim, ou talvez eu esteja apenas colocando para fora tudo o que vinha se acumulando dentro de mim desde que caí naquele maldito buraco, mas, no intervalo de cinco segundos, deixo de estar totalmente bem e caio em um choro descontrolado.

Isso continua por um tempo.

Estou me acalmando quando alguém bate à porta.

— Entre — eu falo, depois me sento, ponho os pés no chão e limpo o rosto com a parte da frente da camiseta. Quando levanto os olhos, Nasha está fechando a porta depois de entrar.

— Ei — ela diz baixinho. — Bem-vindo de volta.

— Obrigado. — Eu me mexo para abrir espaço e ela se senta ao meu lado. — Sinto muito que seja só eu desta vez.

Ela ri, então passa o braço pelo meu ombro e encosta a cabeça na minha.

— Foi ruim, o que aconteceu com Oito?

Eu encolho os ombros.

— Não sei. Nos separamos. Ele encontrou um… ninho, eu acho. Milhares de rastejadores se arrastando uns sobre os outros em uma enorme caverna abobadada. Ele estava me mandando fotos dela quando o sinal foi interrompido. — Consigo senti-la estremecendo contra o meu corpo. — Em todo caso, deve ter sido rápido. Ele estava decidido a puxar o gatilho. O que quer que tenha acontecido com ele, foi repentino o suficiente para ele não ter tido a chance.

Eu realmente não sei disso, claro. Ele era eu, afinal. Talvez tenha mudado de opinião no último minuto. Talvez pudesse ter puxado o gatilho, mas escolheu não fazê-lo.

Nasha dá uma fungada, depois ri.

— Me desculpe — ela fala. — Não faço ideia do que sentir neste exato momento.

Passo meu braço por sua cintura. Ela suspira, se recosta em mim e me empurra, me fazendo deitar.

— Sabe — comenta ela ao repousar a cabeça no meu peito —, o Marshall tentou me dar ordens para bombardear os seus amigos lá fora.

— Hum — digo enquanto meus olhos já vão se fechando. — O que você falou?

Ela ri outra vez, suavemente, e desliza uma perna sobre a minha.

— Eu falei que, se o que você nos contou fosse verdade, eles estão enterrados debaixo de cem ou mais metros de estrato rochoso e nós não temos nada no nosso arsenal a esta altura que seja potente o bastante para sequer tirar o pó dos candelabros deles. O máximo que poderíamos esperar fazer seria irritá-los e isso não parece uma boa ideia neste exato momento.

— Boa decisão. Como ele recebeu isso?

Ela desliza a mão pelo meu peito, segura a minha bochecha e puxa a minha cabeça o suficiente para me beijar.

— Mais ou menos como seria de se esperar.

Ela se acomoda de novo, depois estende a mão para acariciar a minha bochecha.

— É verdade?

Beijo sua mão, depois a coloco de volta no meu peito.

— O que é verdade?

— O que você nos falou — responde ela. — Sobre os rastejadores. Eles vão mesmo nos deixar em paz?

Encolho os ombros.

— Acho que sim. Mas a verdade é que não sei ao certo quanto qualquer um de nós entendeu o que o outro estava falando. Disseram que vão nos deixar em paz desde que a gente fique longe dos túneis deles e não tente construir nada no

sopé das colinas ao sul da cúpula. Mas será que eles sabem mesmo o que significa “cúpula”? Será que entenderam bem o fato de que nos deixar em paz envolve não pegar um humano ocasional e destroçá-lo? Vai saber.

— Uau — comenta ela. — Você é um negociador e tanto, hein?

— Sinto muito — eu falo. — Fiz o melhor que pude, sabe?

Ela se apoia em um cotovelo, beija o meu rosto e então puxa meu braço para envolvê-la de novo e aninha a cabeça no espaço entre o meu ombro e o meu pescoço.

— Sei que você fez, meu bem. — Ela suspira e me puxa para mais perto. — Sei que fez.

Em não mais do que um ou dois minutos, ela está dormindo. Estou caindo no sono também. Fecho meus olhos e logo entro no sonho da lagarta. Estamos de volta a Midgard, sentados de frente um para o outro diante da fogueira que queima ao contrário, observando a fumaça descer de um céu escuro e limpo.

— Isto é um término — pergunta a lagarta — ou um começo?

Eu levanto os olhos da fogueira.

— Você consegue falar agora?

— Sempre consegui falar. Era você quem não conseguia entender.

Encolho os ombros. É justo.

— Acho que as duas coisas — digo. — Espero que seja as duas coisas.

Isso parece satisfazer a criatura. Ficamos ali então, em um silêncio amigável, até a lagarta desvanecer pouco a pouco.

026

QUANDO ACORDO, Nasha já foi embora. Mas deixou uma mensagem no meu tablet.

Tenho que voar hoje. Te vejo quando voltar?

Isso me faz sorrir. Saio da cama, me higienizo rapidamente e visto meu último conjunto de roupas quase limpas.

Não consigo definir muito bem, mas algo está diferente hoje.

Tenho uma estranha sensação de… leveza? Não sei. Eu só…

E então compreendo. Pela primeira vez em não faço ideia de quanto tempo, *não estou com medo*.

Estou saboreando essa sensação, mergulhando nela, deixando-a ensopar os meus ossos, quando meu ocular recebe um sinal.

<Comando1>: Você está sendo convocado a comparecer ao escrit*rio do comandante imediatamente.
<Comando1>: Não comparecer até as 9:00 será considerado deserção.

Ah, bem. Lá se vai esse momento.

Demoro para responder a convocação de Marshall. Faço uma boa ideia do que ele está querendo me dizer e não quero ouvir.

São 08:59 quando abro a porta do escritório de Marshall. Ele está recostado na cadeira atrás da mesa, as mãos cruzadas sobre a barriga com o que quase poderia ser um meio sorriso sutil no rosto.

Hum. Não era isso que eu estava esperando.

— Barnes — diz ele. — Sente-se.

Entro no escritório, fecho a porta e aproximo a cadeira da mesa.

— Bom dia. O senhor pediu para me ver?

— É — confirma ele. — Pedi. Basicamente, eu queria pedir desculpas para você.

Isso *de fato* não era o que eu estava esperando.

— Parece — continua ele — que avaliei mal a situação ontem. Quando fiquei sabendo que você deixou o seu dispositivo com aquelas criaturas, quando fiquei sabendo que você contou a elas o que era, bem…

— Como expliquei — interrompo —, eu não deixei o dispositivo com eles. Eles o tomaram do Oito quando o mataram. Tive que explicar o que era e como funcionava, ou poderiam tê-lo acionado de forma acidental.

Ele aquiesce.

— Você mencionou isso. Naturalmente, presumi que eles usariam de imediato a nossa arma contra nós. No entanto, o fato de estarmos aqui sentados tendo esta conversa me diz que eu estava errado. Eu estava errado e você estava certo. Então, mais uma vez, peço desculpas. Não deveria ter reagido da maneira como reagi ontem.

— Quer dizer quando tentou fazer Cat e Lucas me matarem?

O olho direito dele estremece, mas, fora isso, ele mantém a compostura.

— É, Barnes. Aquilo foi errado. Sinto muito.

— Hum. Bem. Desculpas aceitas, eu acho.

— Excelente — ele fala. — Você é um homem melhor do que muitos.

Ele se inclina para a frente e estende o braço sobre a mesa para me dar a mão. Depois de um momento de hesitação, eu a aperto.

— Então — digo quando ele me solta e volta a se recostar. — Hum… é só isso, senhor?

— Bom — responde ele, e o sorriso volta, um pouquinho maior desta vez. — Não exatamente. Agora que, com sorte, as coisas estão voltando ao normal, temos um trabalho para você.

Certo. Aí vamos nós.

— Um trabalho, senhor?

— É — confirma ele. — Presumindo que os nossos amigos vão ficar nos seus túneis e longe da nossa cúpula no futuro, e espero que possamos presumir isso, está na hora de voltarmos a nos ocupar da sobrevivência desta colônia, você não acha?

Me recosto na minha própria cadeira e cruzo os braços sobre o peito.

— Sim, senhor. Suponho que sim.

— Ótimo. Ótimo. Bem, como tenho certeza de que você pode imaginar, produzir aqueles dois dispositivos ontem reduziu perigosamente o resto do nosso estoque de antimatéria. Nós não temos nenhuma perspectiva de conseguir produzir novos estoques de combustível em um futuro próximo e tenho certeza de que não preciso dizer o que acontece com todos nós se a nossa central elétrica parar de funcionar.

— Não — eu falo. — Tenho certeza de que não precisa.

Ele se inclina para a frente agora e finca os dois cotovelos na mesa, parecendo um vendedor de naves monomotoras que tenta fechar um acordo.

— Metade do combustível que pegamos está perdida, claro. Não há nada a fazer quanto a isso. Contudo, é vital que a antimatéria contida no dispositivo que você trouxe de volta retorne ao núcleo.

Ah, raios o partam.

— Vocês a tiraram — respondo. — Apenas façam o que fizeram antes, só que ao contrário.

Ele tenta assumir uma expressão de pesar agora, mas não está funcionando.

— Infelizmente, não é possível. Extraímos aquele combustível usando o acionamento normal do mecanismo alimentador. Como tenho certeza de que você sabe, ele só funciona em uma direção. Não existe nenhum mecanismo para reinserir elementos combustíveis individuais no núcleo. Receio que terá que ser feito manualmente, pelo lado de dentro.

Fecho os olhos, respiro fundo e solto o ar aos poucos.

Qual é o fluxo de nêutrons em um núcleo ativo de antimatéria? Acho que Jemma nunca abordou isso, mas suponho que seja grande.

— Não se preocupe — ele fala. — Não vou pedir para você fazer upload antes nem depois. Não vai precisar se lembrar de nada dessas coisas.

— Não vou precisar fazer upload?

Ele chacoalha a cabeça.

— De modo algum.

— Não faço upload desde que saí do tanque, sabe. Se eu fizer isso, vai ser como se essa parte de mim nunca tivesse existido.

— Bobagem — comenta ele. — Essa parte de você, como você diz, terá salvado a colônia. Nós lembraremos, mesmo que não lembre. — Ele olha para as mãos, depois de volta para mim com o que poderia até ser emoção sincera. — Sei que não falo isso com muita frequência, mas a verdade é que você já salvou esta colônia mais de uma vez e tenho certeza de que vai fazer isso de novo no futuro. É uma dívida que não pode ser paga. Em nome de todos nós, obrigado, Mickey. A sua coragem é uma inspiração.

Mickey. Pela primeira vez em nove malditos anos, ele me chamou de Mickey.

A minha coragem é uma inspiração.

Vá se ferrar, Marshall.

Afasto a minha cadeira e me levanto.

— Não.

A sinceridade cai do rosto dele como uma máscara, substituída quase que instantaneamente por pura ira.

— O quê?

— Não — eu digo. — Não vou fazer isso. O senhor obviamente tinha planos para a colônia sobreviver sem aquele combustível quando me mandou para aqueles túneis. Use esses planos. Ou queime um drone levando o seu crime de guerra de volta para o núcleo. Ou faça o senhor mesmo. Eu não vou fazer.

Ele se põe de pé agora, o rosto tornando-se sombrio e os olhos estreitando-se.

— Você vai fazer — ele chia. — Vai fazer ou, Deus é testemunha, vou apagar o seu padrão e os seus registros dos servidores e vou empurrar eu mesmo a sua última instanciação para dentro do buraco de cadáver.

Agora que a decisão está tomada, consigo sentir saindo dos meus ombros um peso que eu não tinha percebido que estava lá. A sensação é a de quase voar.

— Pode apagar os servidores, Marshall. Na verdade, por favor apague porque, de agora em diante, eu me demito da função de prescindível desta colônia. Encontre um substituto. Sinceramente não me importo. Mas não vai me matar porque sou a sua única ligação com os rastejadores e o senhor foi estúpido o bastante para entregar uma bomba antimatéria para eles ontem. Mande o seu pessoal encostar a mão em mim e eu digo aos rastejadores que a trégua acabou.

A boca do comandante abre, fecha, depois abre outra vez.

Não posso evitar. Caio na gargalhada.

— Você não se atreveria — ele consegue comentar enfim quando estou saindo pela porta.

— Eu morri sete malditas vezes — digo por cima do ombro. — São seis vezes mais do que qualquer um deveria morrer. Não me diga o que eu não me atreveria a fazer.

Não me dou ao trabalho de fechar a porta depois de sair.

* * *

— Ei, camarada. Como vão as coisas?

Tiro os olhos do meu mexido de grilo e batata-doce. Berto pousa a bandeja na mesa de frente para a minha e se deixa cair no banco.

— Ah — comento. — É você.

— É — ele fala. — Ouvi dizer que você pediu demissão.

Dou de ombros.

— É o que parece.

— Loucura — diz ele. — Eu não sabia que era possível fazer isso.

— Não é — declaro. — Não a menos que você coloque uma bomba antimatéria sobre a cabeça do Marshall, pelo menos.

Ele dá uma mordida, mastiga e engole. Estou voltando a minha atenção para a minha própria comida quando ele fala:

— De volta à dieta sólida, hein?

— É — respondo. — Não estou mais compartilhando ração, né?

— Ah — comenta ele. — Certo.

— É.

Comemos em silêncio durante um minuto inteiro, tempo suficiente para causar desconforto se eu me importasse com esse tipo de coisa neste exato momento.

— Fico feliz que você tenha conseguido voltar — diz ele por fim.

Levanto os olhos.

— Obrigado, eu acho. Não estava com vontade de inventar alguma história sobre o que aconteceu comigo para o Nove, hein?

Em todo caso, isso o faz estremecer.

— Ai. Eu falei antes que sentia muito por isso.

— É — concordo. — Você falou.

Aturamos mais trinta segundos de silêncio. Estou quase terminando de comer agora, mas Berto mal tocou na comida dele.

— Então — começa ele. — Está tudo bem, ahn… entre nós?

Fecho os olhos, respiro fundo e solto o ar. Quando volto a abri-los, ele está me observando, ansioso. Me inclino sobre a mesa em sua direção. Ele se inclina para a frente em resposta.

Acerto em cheio seu olho, com força suficiente para rachar o nó dos meus dedos e jogar a cabeça dele para trás.

— É — respondo. — Está tudo bem.

Eu me levanto, pego a minha bandeja e saio. Quando olho para trás enquanto a porta para o corredor se abre, ele está me encarando, a boca ligeiramente aberta, as mãos espalmadas na mesa à sua frente. O olho já está ficando bem roxo.

Sei que é clichê, mas não ligo. Este é o primeiro dia do resto da minha vida.

027

Então, ao que parece, existe primavera em Niflheim. Quem diria?

Mais ou menos um ano após a aterrissagem, a temperatura começa a subir e a neve começa a derreter. Conseguimos ver pela primeira vez o solo exposto algumas semanas mais tarde. Um mês depois disso, o terreno está coberto de líquen.

Ninguém parece ter uma explicação clara sobre por que isso está acontecendo. A órbita de Niflheim é quase circular e sua inclinação axial é insignificante. Não deveríamos ter estações de nenhum tipo aqui, em tese. A melhor hipótese em que alguém conseguiu pensar para o que está acontecendo é a de que o nosso sol na verdade é uma estrela ligeiramente variável e seu ciclo está no auge.

É o tipo de coisa que seria de pensar que os planejadores da missão lá em Midgard saberiam, não é? Quero dizer, eles observaram este lugar por quase trinta anos antes de nós partirmos. Depois de um pouco de pesquisa, descubro que eles observaram uma oscilação periódica na irradiância estelar observada aqui. Estava bem documentada. Porém, eles não a atribuíram à estrela porque ninguém tinha uma teoria decente sobre como isso funcionaria do ponto de vista da física estelar. Em vez disso, concluíram que devia estar relacionada às nuvens de poeira no meio interestelar e depois arquivaram a questão. Foi por esse motivo que pensaram que ficaríamos aquecidos e felizes aqui. Acharam que as marcas altas da irradiância estelar fossem a informação verdadeira e os pontos baixos se devessem a interferências.

Opa.

De início, todos estão bem contentes com a mudança no clima, até que um cara do Setor de Física pensa em se perguntar se vamos passar de um extremo ao outro e acabar cozinhando nos nossos próprios fluidos.

Ideia assustadora, mas não cozinhamos. Depois de alguns meses, as coisas se equilibram entre ameno e revigorante e, com o tempo, o pessoal da Agricultura consegue fazer um lote experimental produzir do lado de fora da cúpula.

É mais ou menos nesta época, quando os nossos colegas colonizadores estão enfim começando a passar um pouco de tempo ao ar livre e estão conversando sobre pegar os primeiros embriões e todo mundo a não ser eu e Marshall parece basicamente ter se esquecido dos rastejadores, que eu pergunto a Nasha se ela gostaria de dar uma volta.

Nós ainda precisamos de respiradores. A pressão parcial do oxigênio vem aumentando, lenta, porém perceptivelmente, desde que as plantas começaram a crescer, mas a mudança não será suficiente para manter um de nós vivo sem ajuda por um bom tempo ainda… se algum dia chegar a ser, claro. Não fazemos ideia de quanto tempo esta estação vai durar. Poderiam ser anos. Poderia acabar amanhã.

Enquanto isso, porém, é um bom dia para uma caminhada.

— Para onde vamos? — pergunta Nasha depois que Lucas acenou para nós enquanto atravessávamos o perímetro.

— Para longe da cúpula. Não é o bastante?

Ela toma a minha mão e caminhamos.

Lá em Midgard, havia um deserto enorme que cobria o equador e se estendia por quase toda a largura do único continente. Vastas áreas de terra que podiam passar anos sem ver uma quantidade significativa de chuva. Muito de vez em quando, contudo, quando as condições do tempo eram adequadas, uma grande tempestade caía e despejava sobre aquelas planícies e arroios completamente secos a água de um ano inteiro em um ou dois dias. As plantas praticamente saltavam para fora da lama e os animais saíam da hibernação para comer, beber, caçar e se acasalar.

A biosfera de Niflheim parece ser um pouco assim. Faz apenas dois meses que a neve se foi, mas o líquen já deu espaço a algo que poderia ser grama, e há inclusive alguns arbustos aparentemente lenhosos surgindo aqui e ali. Há animais também, em sua maioria seres pequenos que rastejam e guardam uma semelhança impressionante com os rastejadores, mas, a cerca de um quilômetro da cúpula, avisto o que parece um réptil de oito patas tomando sol em uma plataforma exposta de pedra.

Quando eu o mostro para Nasha, ela faz cara feia e põe uma das mãos no chamejador que trouxe consigo, porque é claro que ela trouxe um.

— Fala sério — digo. — É bonitinho.

Ela me olha de soslaio, então chacoalha a cabeça e deixa a mão repousar na lateral do corpo.

Nós continuamos andando.

Depois de mais uns cinco minutos, tenho que parar para me orientar. Já faz muito tempo agora e tudo parece tão diferente sem a neve. Nasha dá meio passo

atrás, cruza os braços sobre o peito e inclina a cabeça para um lado.

— Isto não é só um passeio, é?

Dou um sorriso por trás do meu respirador.

— Não exatamente. Eu preciso verificar uma coisa.

Achei o meu ponto de referência agora. Começamos a subir uma colina, depois descemos um barranco que nos tira do campo de visão da cúpula.

— Tem certeza? — pergunta Nasha. Eu olho para trás. Ela voltou a pôr a mão no chamejador. — Isto parece território de rastejadores.

— É — confirmo. — Na verdade estamos bem perto de uma entrada para o sistema de túneis deles.

— Tudo bem — comenta ela. — Por quê?

— Eu já te falei — respondo. — Preciso verificar uma coisa.

Erro o lugar a princípio. A rocha que tomei como sinalizadora deve ter sido mantida no lugar devido ao gelo, ou talvez tenha sido empurrada encosta abaixo pelo escoamento. Em todo caso, ela desceu vinte metros ou mais pelo barranco em relação ao lugar em que costumava estar. Mas finalmente a reconheço e, uma vez que a identifico, não é difícil localizar a pequena plataforma onde ela estava quando saí dos túneis. Sob aquela plataforma há um amontoado de pedras menores. Eu me ajoelho e começo a tirá-las de lá.

— Mickey? Você quer me contar o que estamos fazendo aqui? — pergunta Nasha.

Eu contaria, mas não preciso porque a esta altura já tirei seixos suficientes do caminho para expor o espaço vazio sob a plataforma de pedra.

— Puta merda — diz Nasha.

Eu me viro para fitá-la, para avaliar sua reação. Ela está surpresa, mas não horrorizada nem com uma expressão sanguinária. Tomo isso como um bom sinal. Com cuidado, coloco as mãos no espaço escuro e tiro a mochila de Oito para fora.

— Seu merdinha traiçoeiro — ela fala.

Dou risada.

— Você não achou que eu deixaria mesmo isto aqui com os rastejadores, achou?

Ela se agacha ao meu lado, estende o braço e passa uma das mãos sobre o topo da mochila.

— Como?

— Como o quê? Como consegui recuperar esta atrocidade dos rastejadores depois que mataram Oito?

Nasha se vira para me encarar. Posso dizer pelos seus olhos que ela não está sorrindo por trás do respirador.

— É, Mickey.

Encolho os ombros.

— Eu pedi.

Ela chacoalha a cabeça, depois volta sua atenção para a bomba.

— Está carregada?

— Bem, há antimatéria suficiente aqui para esterilizar uma cidade de porte médio, se é isso que você quis dizer.

Ela recolhe a mão.

— Não se preocupe — digo. — Contanto que as bolhas estejam intactas, a antimatéria basicamente está em um universo diferente. Ela não pode nos tocar.

— E se algumas delas não estiverem intactas?

Dou risada.

— Confie em mim. Você saberia.

— Por que, Mickey?

— Por que o quê? Por que deixei uma arma do juízo final enterrada aqui igual a um tesouro de pirata?

— É — confirma ela. — Isso.

Eu me balanço sobre os calcanhares e me viro para olhar para ela.

— Bom, é o seguinte. Se eu tivesse mesmo deixado a arma com os rastejadores como falei para o Marshall, eles poderiam, com o tempo, acabar colocando na cabeça a ideia de usá-la. Eu sinceramente não estava nem aí para a maioria das pessoas naquela cúpula àquela altura, mas…

Ela sorri.

— Mas o que, Mickey?

— Você sabe — respondo. — Eu preferiria deixar o Marshall me empurrar para dentro do buraco de cadáver do que correr o risco de alguma coisa acontecer com você.

— Tudo bem — ela fala. — Eu entendo isso. Então por que a trouxe de volta?

— Ah, essa é fácil. Se eu tivesse entregado as duas bombas para o Marshall, ele definitivamente teria me matado na hora e depois teria mandado o Nove para os túneis para terminar o genocídio dele. O único motivo para eu ainda estar vivo e o único motivo para os rastejadores ainda estarem vivos é que ele acha que sou a única coisa impedindo os rastejadores de detonarem esta coisa debaixo da cúpula.

— Imagino que você provavelmente esteja certo sobre isso — comenta ela. — Mas a parte que não entendo é por que os rastejadores deixaram você ir embora com as duas bombas. Eles não ficaram preocupados com intimidações ou qualquer coisa assim?

Dou risada de novo, mais desta vez.

— Sério? Você acha que eu contei mesmo o que nós estávamos levando? Você acha que contei para eles que entramos na casa deles com a intenção de cometer genocídio? Poxa vida, Nasha. Não sou nenhum gênio, mas não sou tão burro *assim*.

Ela parece ter sido pega de surpresa. Ao que parece, achou mesmo que eu fosse tão burro assim.

— Então o que você falou para eles?

— Quero dizer, a linguagem foi um grande obstáculo, mas tentei falar para eles que somos emissários. Eles nunca perguntaram sobre as mochilas. Elas não parecem armas do juízo final, parecem?

— Não — concorda Nasha. — Acho que não.

Meto a mochila de volta no espaço vazio e então cuidadosamente coloco as pedras de volta no lugar até ela ficar invisível de novo. Quando termino, me levanto e dou meia dúzia de passos atrás para examinar o meu trabalho.

— O que você acha? — pergunto para Nasha. — Vai permanecer escondida aí?

Ela encolhe os ombros.

— Talvez por enquanto. Provavelmente não para sempre. Você tem um plano para longo prazo ou vai ficar apenas esperando até alguém topar com este lugar e matar todos nós acidentalmente?

Eu suspiro.

— Meu plano era esperar o Marshall morrer, depois voltar aqui e pegar a mochila e dizer para quem quer que seja o novo comandante que os rastejadores decidiram devolver a bomba como gesto de boa vontade.

— Sério?

— É, sério. Se tiver um plano melhor, eu adoraria ouvir.

Ela me encara de volta por um longo instante, então chacoalha a cabeça.

— Não tenho nenhum. Mas quando você espera que isso ocorra? O Marshall está doente?

— Não que eu saiba.

Ela toma a minha mão.

— Você tem um plano reserva caso ele não morra?

— Não tenho.

Ela põe a mão livre no meu rosto, depois ergue o respirador e se inclina para me beijar.

— Você não é mesmo um gênio — comenta ela, então deixa a minha mão cair e se vira pra começar a subir o barranco. — Ainda bem que é bonito.

Eu me viro para olhar de novo para o esconderijo da bomba. Parece apenas

um amontoado de pedras, nada diferente dos demais amontoados de pedra que cobrem noventa por cento deste planeta.

Vai ser bom o bastante?

Marshall parece bastante saudável.

Imagino que terá que ser.

Com uma última olhada para trás, deixo o nosso crime de guerra em potencial para trás.

Sigo Nasha para fora das sombras, para cima do barranco e em direção ao sol.

AGRADECIMENTOS

A lista de pessoas que contribuíram para este livro é grande. Provavelmente vou me esquecer de algumas delas. Se você for um dos esquecidos, espero que me perdoe. Como você provavelmente sabe, não sou nem de longe tão inteligente quanto pareço.

Em primeiro lugar, o óbvio: meus mais profundos agradecimentos a Paul Lucas e às boas pessoas da Janklow & Nesbit, sem cuja orientação e encorajamento é quase certo que eu teria desistido deste ramo há muito tempo, e também a Michael Rowley, da Rebellion Publishing, e a Michael Homler, da St. Martin's Press, que estavam dispostos a dar uma chance a um livrinho estranho escrito por um autor extremamente desconhecido. Um pouquinho menos óbvio, também gostaria de manifestar meus sinceros e profundos agradecimentos a Navah Wolfe, que leu esta história quando era uma novela moderadamente depressiva e me incentivou a transformá-la em um romance muito menos depressivo. Se você ler isto, Navah, espero que veja o seu dedo no produto final e que aprove.

Meu sincero obrigado também vai para (sem uma ordem específica):

Kira e Claire, por suas críticas duras, porém justas, quanto aos primeiros esboços desta história.

Heather, por comprar infinitos chais para mim com o meu próprio cartão de crédito.

Anthony Taboni, por ser o futuro presidente do meu fã-clube nascente.

Therese, Craig, Kim, Aaron e Gary, por ler múltiplas versões deste manuscrito sem jamais me dizer para parar por ali.

Karen Fish, por me ensinar o que significa ser escritor.

John, por ser meu porto seguro confiável sobre todas as coisas literárias.

Mickey, por não ficar bravo depois que o coloquei em um livro e então o matei várias vezes.

Jack, por manter meu ego sob controle quando era mais necessário.

Jen, por finalmente ler um dos meus manuscritos pré-publicação.

Max e Freya, por nunca me deixarem esquecer o que é realmente importante na vida.

Como eu disse, esta é uma lista parcial. Este livro não seria o que é sem qualquer uma dessas pessoas e provavelmente mais um monte de outras. Obrigado, amigos. Agora é seguir para o próximo, certo?

EDWARD ASHTON é autor dos romances *Three Days in April e The End of Ordinary*, bem como de contos que apareceram em publicações que vão desde o boletim de uma fabricante italiana de linguiças até *Escape Pod, Analog e Fireside Fiction*. Ele vive no norte do estado de Nova York, nos Estados Unidos, em uma cabana na floresta (não aquela cabana na floresta) com a esposa, um número variável de filhas e um adorável e melancólico cachorro chamado Max. Em seu tempo livre, gosta de pesquisar sobre câncer, de ensinar física quântica a alunos mal-humorados de pós-graduação e de esculpir em madeira.

Saiba mais sobre o autor em:
edwardashton.com
ou em sua conta no
Twitter @edashtonwriting

#acreditamosnoslivros